

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Tamara Chéquer Cotrim**

**Festivais e Mostras de cinema na Bahia contemporânea: Memória e processos de formação cultural**

Vitória da Conquista - Bahia  
Fevereiro de 2017

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Tamara Chéquer Cotrim**

**Festivais e Mostras de cinema na Bahia contemporânea: Memória e processos de formação cultural**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação

Orientadora: Profa. Dra. Milene de Cássia Silveira Gusmão

Vitória da Conquista - Bahia  
Fevereiro de 2017

C764f Cotrim, Tamara Chequer.

Festivais e mostras de cinema na Bahia contemporânea: memória e processos de formação cultural. / Tamara Chequer Cotrim, 2017. Orientador (a): Dra. Milene de Cássia Silveira Gusmão.  
210f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagens e Sociedade, Vitória da Conquista, 2017.

1 Cinema - Festivais e mostras. 2. Processos de formação cultural. 3. Gênese. 4. Cineclubes. I. Gusmão, Milene de Cássia Silveira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa em Memória: Linguagens e Sociedade. T. III.

CDD: 791.43

Título em inglês: Festivals and film shows in contemporary Bahia: memory and processes of Cultural formation.

Palavras-chaves em inglês: Festivals and movie shows. Cultural Training Processes. Genesis. Cineclubes.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Profa. Dra. Milene de Cássia Silveira Gusmão (Presidente), Profa. Dra. Maria Salete de Souza Nery (Titular), Prof. Dr. Elder Patrick Maia Alves (Titular).

Data da Defesa: 16 de fevereiro de 2017

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

**FOLHA DE APROVAÇÃO****Tamara Chéquer Cotrim****Festivais e mostras de cinema na Bahia contemporânea: memória e processos de formação cultural**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Data da aprovação: 16 de fevereiro de 2017.

**Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Milene de Cássia Silveira Gusmão  
(Presidente)  
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria Salete de Souza Nery  
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Elder Patrick Maia Alves  
Instituição: UFAL

Ass.: 

## AGRADECIMENTOS

Ao programa de pós-graduação Memória: Linguagem e Sociedade e todos os envolvidos pela dedicação ao trabalho que gera oportunidades como estas.

Ao Curso de Cinema e Audiovisual e ao Janela Indiscreta, e todos que fazem parte desses espaços, por terem me fornecido o alicerce dessa minha nova caminhada.

A Milene Gusmão, minha orientadora, que com toda a generosidade que pauta sua vida, abre oportunidades a todos ao seu redor. Obrigada pela paciência, disponibilidade e, acima de tudo, sensibilidade. Nada disso seria possível sem você, Mila!

A minha mãe, Norilza Chéquer, pelo apoio incondicional às minhas escolhas, pelas palavras acolhedoras e confortantes nos momentos mais difíceis.

Aos amigos Verena Macedo, pelo companheirismo nessa empreitada. Júlio César Buery, pelas maravilhosas cordas puladas e pelo abrigo, em diversos momentos, tão necessário. Ialu Chéquer, pelo apoio e companhia no início dessa jornada. Raissa Coelho, amiga irmã que encontrei nessa fase de minha vida, que tanto tenho afinidades, pelas discussões tão engrandecedoras. Raquel Costa, pela ajuda na abertura dos caminhos para a concepção do projeto. A Manuela Sande pela última pincelada no trabalho, pelo cuidado e disponibilidade. Obrigada!

A Lucas Dantas, por ter sido, diversas vezes, meu alicerce emocional e intelectual. Por toda a paciência e, principalmente, o respeito com que conseguimos estabelecer nossa relação de amizade. Pela sensibilidade que tem e enxerga no outro, que realmente o faz estar perto e ajudar. Todos esses anos de convivência só me trouxeram aprendizados que não mais poderão ser apagados. Obrigado pela leitura desse texto, sem isso, muito possivelmente, as pessoas iam ter dificuldades de ler esse trabalho.

## RESUMO

A dissertação investiga as possibilidades de realização, de estruturação e de permanência no tempo de dois eventos baianos que promovem exibições cinematográficas alternativas ao setor comercial dos grandes complexos exibidores – festivais e mostras de cinema, a *Mostra Cinema Conquista*, que acontece na cidade de Vitória da Conquista e do *Panorama Internacional Coisa de Cinema*, que acontece em Salvador, inicialmente realizados nos anos de 2004 e 2002, respectivamente. Diante desse intento, investigamos as condições materiais e também simbólicas, que dizem respeito às transformações estruturais, econômica, política e social, ocorridas a partir da retomada do cinema brasileiro, que influenciaram a dinâmica da produção e exibição, e quais os arranjos e as oportunidades seguidas pelos realizadores dessas práticas. Olhando sob o viés da memória, e tomando como referência a teoria simbólica do sociólogo Norbert Elias e o conceito de *habitus* do também sociólogo Pierre Bourdieu, considerando a reflexão sobre a gênese daquelas exibições, observa-se também as relações travadas e o conhecimento gerado de maneira processual, histórico e social, ao longo dos anos que informam o perfil dessas práticas.

**Palavras-Chave:** Festivais e mostras de cinema. Processos de Formação Cultural. Gênese. Cineclubes.

## ABSTRACT

This paper investigates the possibilities of realization, structuring and permanence in the time of two Bahian events that promote alternative cinematographic exhibitions to the commercial sector - Festivals and Film Shows, *Mostra Cinema Conquista*, that happens in the city of Vitoria da Conquista and the *Panorama Internacional Coisa de Cinema*, that happens in Salvador, initially carried out in 2004 and 2002, respectively. In view of this attempt, we investigated the material and symbolic conditions that was related to the structural, economic, political and social transformations occurred after the resumption of Brazilian cinema, which has influenced the dynamics of production and exhibition, and the arrangements and opportunities followed by the executors of these practices. Looking at the bias of memory, and taking as a reference the symbolic theory of sociologist Norbert Elias and the concept of habitus of the sociologist Pierre Bourdieu, it is considered the reflection on the genesis of those alternative exhibitions, taking into account also the relations waged by the executors and the knowledge generated in a procedural, historical and social way, over the years that inform the profile of these practices.

**Keywords:** Festivals and movie shows. Cultural Training Processes. Genesis. Cineclubes.

## ÍNDICE DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> - Panfleto da 10ª edição da Mostra Cinema Conquista. ....	53
<b>Imagem 2</b> - Logomarca do Janela Indiscreta Cine-Vídeo .....	59
<b>Imagem 3</b> - Esmon Primo montando folheto do Janela Indiscreta na década de 1990. ....	61
<b>Imagem 4</b> - Registro da vinda da produção do filme Central do Brasil em Vitória da Conquista / BA .....	62
<b>Imagem 5</b> - Esmon Primo, Jorge Melquisedeque e Valter Salles – 1997.....	63
<b>Imagem 6</b> - Registro do projeto Glauber Rocha e o Século do Cinema.....	64
<b>Imagem 7</b> - Marcelo Lopes, Luiz Orlando, Milene Gusmão e Cláudio Marques na primeira Mostra Cinema Conquista - 2004.....	67
<b>Imagem 8</b> - Atividades acadêmicas no Teatro Glauber Rocha - UESB na quarta edição da Mostra Cinema Conquista. ....	71
<b>Imagem 9</b> - João Sampaio e Esmon Primo - 2012. ....	72
<b>Imagem 10</b> - Logomarca do Panorama Internacional Coisa de Cinema – 10ª edição.....	80
<b>Imagem 11</b> - Cláudio Marques no Foyeur do Cine Glauber Rocha. ....	84
<b>Imagem 12</b> - Logomarca Coisa de Cinema .....	86
<b>Imagem 13</b> - Cláudio Marques e Marília Hughes na premiação do filme Depois da Chuva no Festival de Brasília – 2013. ....	87
<b>Imagem 14</b> - Vista frontal do Cine Glauber Rocha durante a 8ª edição do Panorama – 2012. ....	92
<b>Imagem 15</b> - Registro da 12ª edição do Panorama, realizado em Cachoeira, BA.....	97



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 FESTIVAIS E MOSTRAS DE CINEMA NO BRASIL E NA BAHIA – GÊNESE E CONTEXTO DE SURGIMENTO</b> .....	24
2.1 A DINÂMICA DO CONTEXTO DE SURGIMENTO: TENSÕES DA ATUALIDADE	25
2.1.2 A retomada do cinema brasileiro: uma perspectiva processual.....	28
2.1.3 Novos delineamentos para o cinema e o audiovisual: as políticas públicas de incentivo .....	36
2.1.4 O circuito alternativo de exibição baiano – festivais e mostras de cinema .....	40
2.2 OS CINECLUBES - A GÊNESE DA PRÁTICA SOCIAL DE EXIBIÇÕES ALTERNATIVAS – FESTIVAIS E MOSTRAS DE CINEMA .....	43
<b>3 A MOSTRA CINEMA CONQUISTA: APRENDIZADOS, OPORTUNIDADES E AÇÕES</b> .....	51
3.1 A MOSTRA CINEMA CONQUISTA.....	53
<b>4 O PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA: O INDIVÍDUO, O MOVIMENTO DO SOCIAL E A AÇÃO</b> .....	78
4.1 O PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA.....	80
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	100
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	103
<b>ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ESMON PRIMO</b> .....	107
<b>ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM CLÁUDIO MARQUES</b> .....	120
<b>ANEXO C – PROGRAMAÇÕES MOSTRA CINEMA CONQUISTA</b> .....	131
<b>ANEXO D – PROGRAMAÇÕES PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA</b> .....	157

## 1 INTRODUÇÃO

Creio que escolher como objeto de estudo os festivais e mostras de cinema era algo inevitável. O ingresso no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no ano de 2010, em minha cidade natal, depois de ter passado cerca de oito anos fora da cidade inclusive cursando uma outra graduação, trouxe para minha vida acadêmica um universo de possibilidades, tanto com relação à atuação profissional quanto ao estudo de diversos fenômenos que dizem respeito ao mundo social, tendo como ponto de partida as artes, mais especificamente, o cinema.

Mesmo fazendo parte da primeira turma do curso de Cinema e Audiovisual daquela universidade, fato que traz consigo a inevitável insegurança de estar participando do início da formação de um curso de graduação numa universidade pública, pairava em mim a certeza de que, apesar das dificuldades ou digamos das limitações que existiriam no meu processo de formação, era daquele ambiente e dos estudos e discussões ali desenvolvidos que sairiam temas de estudo que tomariam vários anos de minha vida. Desejava me aproximar da técnica, mas acima de tudo queria pesquisar sobre cinema, sobre o fazer artístico que o envolve - a linguagem e a estética, mas também conseguir elaborar as conexões que o relacionam à vida das pessoas enquanto seres sociais, às suas formações humana/cultural, fazendo parte dessa “bagagem” sociocultural que informa as práticas sociais e por elas é informado, aprofundando as discussões travadas por alguns teóricos que tinha conhecimento na área das ciências humanas, e conhecendo vários outros. A pesquisa na área das exibições cinematográficas alternativas ao circuito exibidor comercial, o circuito dos festivais e mostras de cinema, logo apareceria em meu trajeto acadêmico, como consequência desses anseios e possibilitada pelo curso de uma maneira geral, através das atividades por ele apoiadas e pelas pessoas que nesse ambiente estavam engajadas.

O cinema já fazia parte de minha vida, e se traduzia na minha ânsia como espectadora de fitas VHS que assistia em casa, nas tardes livres após o colégio, bem como no costume criado em ir ao cinema de rua da cidade – o Madrigal, ritual que se repetia quase todas as semanas. Já morando em Salvador, as locadoras de DVD e as salas de cinema de arte e do tipo Multiplex da cidade eram ambientes que não deixavam de estar presentes em meus momentos de entretenimento, além das aulas de filosofia da faculdade, que muitas vezes eram ministradas tendo como base leituras de filmes, que logo se tornariam as minhas preferidas. Todavia, até o momento, as mostras e festivais de cinema que faziam parte de minha

realidade, só eram aqueles internacionais já consagrados, grandes premiações ligadas à indústria cinematográfica internacional, principalmente estadunidense e europeia.

Após o ingresso no curso de Cinema e Audiovisual, minha primeira experiência em uma mostra de cinema se deu em janeiro do ano de 2011, quando pude estar presente na *14ª Mostra de Cinema de Tiradentes*, cidade do interior do Estado de Minas Gerais, uma das mostras referência no Brasil, que inaugura a temporada audiovisual anual. Assistir aos filmes selecionados em praça pública, viver a movimentação da cidade, que girava em torno da arte cinematográfica, foi uma vivência única, que marcaria meu percurso nessa seara, hoje aqui sendo relatado.

No ano de 2012, tive a oportunidade, através dos estágios administrativos proporcionados pela própria universidade, de estagiar no programa continuado de extensão *Janela Indiscreta Cine-Vídeo*<sup>1</sup>, que tem suas atividades sendo desenvolvidas ininterruptamente há cerca de 24 anos na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sempre voltadas para as áreas do cinema e do audiovisual.

Quando lá estava estagiando, percebi que não era totalmente alheia ao programa. Saltando no tempo pude me lembrar de que, ainda na década de 90, meus pais frequentavam as sessões de filmes promovidas pelo programa na UESB, levados por amigos que, segundo Gusmão (2008), fizeram parte do cineclubes *Clube de Cinema Glauber Rocha* que funcionou em Vitória da Conquista até o início da década de 1980, Pedro Bittencourt e Fernando Martins (este ainda tendo feito parte do cineclubes *Clube de Cinema da Bahia* em Salvador). Todos convidados por um amigo em comum e uma pessoa importante para o cinema na instituição e na cidade, um dos fundadores da produtora de vídeo - *PróVídeo* da universidade, do próprio *Janela Indiscreta* e que sonhava com uma mostra de cinema na cidade, Jorge Melquisedeque.

Estagiar no Janela trouxe diversas possibilidades de atuação, pois era um lugar que executava variados projetos na área do cinema e audiovisual, possibilitando com que minha atuação pudesse ser diversificada e dinâmica. O trabalho envolvia os afazeres administrativos, a produção das atividades que ocorriam de maneira quase ininterrupta como as sessões do projeto *Cinema na UESB*, que promove exposições semanais e debates de filmes, de sessões

---

<sup>1</sup> Sua origem remete a ideia de cineclubes, onde pessoas interessadas em cinema, amigos que compartilhavam essa paixão, juntavam-se para ver, ouvir e falar de cinema, assim como expressa o *slogan* do programa. O projeto foi ganhando corpo no decorrer dos anos, as ações foram aumentando (contando com cursos, seminários, encontros, mostras de filmes entre outros) e se expandindo para muitos outros espaços, ultrapassando o campus universitário e a cidade, levando a exibição, a reflexão, o debate e a formação para o cinema e o audiovisual a públicos de vários lugares da Bahia.

especiais para turmas de colégios da rede pública municipal por ele produzidas, até a participação de projetos maiores, inclusive com financiamento captado externamente, como a *Mostrinha de Cinema Infantil*, mostra competitiva de filmes infantis estruturada com eixos de exibição e formação de alunos de escolas municipais, iniciada no ano de 2010, contando com 5 edições no ano de 2014, que pude contribuir como assistente de produção de uma oficina promovida pela 3ª edição da mostra, no ano de 2012.

Em decorrência de minha vinculação com o *Janela Indiscreta Cine-Vídeo*, tive também a possibilidade de trabalhar na produção da 9ª edição, ano de 2013, de outro projeto de grande porte – a *Mostra Cinema Conquista*, cuidando especialmente da programação dos curtas-metragens selecionados pelo curador do evento, o crítico de cinema João Sampaio. A realização da *Mostra Cinema Conquista* sempre esteve ancorada, em certa medida, no programa *Janela Indiscreta*, principalmente por poder contar com seu pertencimento a uma universidade estadual, que lhe fornecia o suporte técnico em diversas áreas, dispondo da aparelhagem institucional, de uma certa maneira, indispensável para a execução do evento. Aliás, falar da *Mostra Cinema Conquista* implica ter muito a dizer do programa *Janela Indiscreta Cine-Vídeo*, por ter em mente que a própria ideia de fazer uma mostra de filmes na cidade lá teve berço, de um desejo do cinéfilo Jorge Melquesedeque até a efetiva realização do evento, após sua morte, por Esmon Primo no ano de 2004, servidor público à disposição da instituição, que trabalhava juntamente com o primeiro.

No ano de 2014, último ano do curso, tive novamente a oportunidade de participar da produção, dessa vez do outro eixo da *Mostra Cinema Conquista*, o acadêmico, cuidando das atividades de formação que incluía oficinas e conferências com profissionais da área do cinema, mesas redondas com os realizadores das obras exibidas, todas elas ocorrendo dentro da universidade, somente a exibição dos filmes acontecia em um outro local da cidade, um centro de convenções. Essa nova experiência me levou enxergar a *Mostra* sobre este outro ponto de vista, tendo que lidar com convidados vindos de todo o país, importantes nomes que, em diversos casos, dedicam suas vidas para pensar e fazer cinema.

Paralelo a estas atividades que me envolvia, ainda no ano de 2012, pude fazer parte desde o início, de maneira voluntária, do projeto de pesquisa proposto pela professora e então coordenadora do curso de cinema e do programa de extensão *Janela Indiscreta Cine-Vídeo UESB*, Milene Gusmão, que se intitulava *Circuitos alternativos de exibição: um mapeamento a partir das políticas de incentivo para cineclubes, mostras e festivais de cinema na Bahia contemporânea*, que pretendia localizar aquelas atividades em todo o estado da Bahia, a partir de consultas de diversos documentos, como o resultado de editais de financiamento e páginas

de portais digitais, além da observação participante em parte destas atividades, com a realização de entrevistas semiestruturadas com os realizadores, registradas em áudio, fato que proporcionou a ida de participantes da pesquisa a pelo menos uma mostra ou festival de cinema da Bahia durante o período da pesquisa, no meu caso, a ida para o 6º *Arraial Cine Fest* no ano de 2013, festival competitivo de cinema que tem sua realização nas cidades de Arraial D’Ajuda e Porto Seguro, localizadas na região sul do estado.

Com a pesquisa, mapeamos quantos e quais eram as mostras e festivais de cinema do estado da Bahia entre os anos de 2003 a 2014, descrevemos seus perfis e características, se foram em alguma edição financiadas pelo poder público, e sistematizamos um painel inédito, possibilitando um olhar analítico sobre essas práticas do qual brotou as inquietações que resultaram na pesquisa ora desenvolvida.

À essa altura, as mostras e festivais de cinema já faziam parte de meus anseios de pesquisa e, com o percurso realizado até então, observei que houve uma expansão do número de mostras e festivais de cinema na Bahia, realidade também brasileira, entre os anos de 2003 e 2014, e, em decorrência da pesquisa ter como um de seus recortes mapeá-las a partir das políticas de incentivo, percebi que esse aumento quantitativo tinha como uma das condições para ter ocorrido, a implementação do fomento por meio de financiamentos vindos do governo brasileiro, como produto de remanejamentos iniciados, iminentemente, a partir do ano de 2003.

O crescimento, em termos quantitativos, das referidas práticas na Bahia foi ainda maior a partir do ano de 2007, com a mudança política e a vigência do governo de Jaques Wagner (2007-2011) e dos secretários de cultura Márcio Meirelles (2007-2010) e Albino Rubim (2011-2014), quando pode-se observar medidas que sinalizavam uma reorganização do setor da cultura no estado, com a implementação das políticas culturais que vinham sendo desenvolvidas em âmbito federal.

Analisando as práticas de exibição que conseguiram se realizar anualmente, estruturando uma certa permanência na agenda cultural do estado, constatamos que o número cresce significativamente no ano de 2007 para 7 eventos realizados, esse número se ampliando para 12 eventos realizados no ano de 2012, sem contar os eventos pontuais (que aconteceram no máximo duas edições sendo que alguns deles estão na sua primeira edição, outros são realizados de forma descontinuada e outros com um grande hiato) e ainda nos eventos de caráter universitário, que também surgiram de maneira crescente neste período de tempo, chegando a somar mais de 30 eventos realizados ao todo, mapeados até o ano de 2014.

Se o fomento do governo brasileiro, federal e estadual, para as mostras e festivais de cinema possibilitou financeiramente inaugurar suas realizações na Bahia do século XXI, foi possível observar que ele foi preponderante para que elas pudessem perdurar no tempo, contado com os editais públicos estaduais que previam incentivos públicos – o Setorial Audiovisual, Demanda Espontânea e, principalmente, o de Eventos Calendarizados por ter como objetivo possibilitar uma maior estabilidade aos eventos conhecidos como regulares e periodicamente promovidos no estado, sendo importante, garantir suas realizações para a consolidação do calendário cultural baiano. Lançado pela primeira vez no ano de 2012, garante a execução dos eventos selecionados, durante 3 anos (prorrogáveis por mais dois) com investimentos que vão de R\$ 99.940,00 a R\$ 300.000,00 por ano de realização.

Segundo os dados da pesquisa realizada, todas as mostras e festivais de cinema que foram aprovados no citado edital já tinham 5 anos ou mais de realização, porém não de forma contínua, e, desde que receberam os incentivos estaduais provenientes desta modalidade de financiamento público, não mais deixaram de acontecer, conseguindo manter suas periodicidades anuais.

Ainda refletindo sobre os dados da pesquisa, percebemos que, apesar dos festivais terem surgido em um mesmo período no tempo e de terem características gerais parecidas, seus perfis se diferenciavam de maneira visível, o que indicava os diferentes percursos formativos de seus realizadores, que se deram ao longo de suas vidas.

Esse foi o mote para que eu me interessasse em entender as possibilidades de surgimento dos festivais e mostras de cinema da Bahia nesse período, com o recorte dado para a análise de dois eventos de exibição que surgiram nos anos 2002 e 2004, que se destacam pela relevância, por terem mais de 10 edições, surgidas em um mesmo período, porém apresentando perfis tão diferentes, quais sejam: *Panorama Internacional Coisa de Cinema* que acontece na cidade de Salvador e a *Mostra Cinema Conquista* que acontece na cidade de Vitória da Conquista.

De acordo com as pesquisas, esses são eventos cujas histórias se entrelaçam por meio de seus realizadores, Claudio Marques e Esmon Primo, que, mesmo pretendendo inaugurar eventos de exibição na Bahia com quase nenhum aporte financeiro público, já que as políticas culturais de financiamentos ainda começavam a ser implementadas no âmbito federal, só chegando na Bahia no ano de 2007, juntaram seus esforços para que cada um daqueles eventos pudesse acontecer.

Pelo fato de já conhecer a história, especialmente da *Mostra Cinema Conquista*, da sua vinculação com a UESB e o *Janela Indiscreta*, percebendo que a sua possibilidade de

realização esteve mais fortemente ligada as articulações feitas pelo seu realizador dentro da UESB, do que por ter conseguido um pontual financiamento público, considerando que o fomento advindo do Estado brasileiro significava somente um dos fatores de influência na possibilidade de sua realização, pareceu-me inevitável ponderar aquelas articulações, ou melhor, as escolhas e as estratégias criadas pelo seu realizador, frente as limitações e as oportunidades advindas do contexto social em que se inseria, que efetivamente possibilitaram a realização da prática acima citada.

Assim, a reflexão acerca de aspectos estruturais, políticos e econômicos, do contexto social de surgimento das referidas mostras e festivais de cinema da Bahia não me parecia suficiente para entender a questão de pesquisa que começava a se delinear, ou seja, quais foram as relações que se estabeleceram, e o conhecimento gerado por meio delas, para que fosse possível a realização de mostras e festivais de cinema no estado da Bahia no século XXI, pensando nas condições materiais e também simbólicas de realização e estruturação?

Isso porque, levo em consideração a historicidade dessas práticas, por perceber que as práticas de exibição de filmes – festivais e mostras de cinema, parecem ter sua gênese nas exposições feitas nos cineclubes, sabendo que o percurso dos festivais e mostras de cinema da Bahia foi iniciado desde o *Clube de Cinema da Bahia*, cineclubes fundado pelo advogado baiano Walter da Silveira ainda na década de 1950, ambiente que possibilitou a realização do primeiro festival de cinema no Brasil, o *Primeiro Festival de Cinema da Bahia*, ocorrido em Salvador, no ano de 1951, por iniciativa de Walter da Silveira juntamente com Carlos Coqueijo Costa (GUSMÃO, 2008).

Posteriormente, um dos frequentadores do cineclubes, o documentarista Guido Araújo, logo após a morte de Walter da Silveira e com apoio da UFBA – Universidade Federal da Bahia, inaugurou a realização da *Jornada Internacional de Cinema da Bahia*, um dos festivais mais tradicionais do calendário cultural brasileiro, iniciada em 1972 com o nome de *Jornada Baiana de Curta-Metragem*, festival de cinema que conseguiu se realizar até o ano de 2012, contando com 39 edições.

Outra ponto diz respeito, como explicita Gusmão (2008), à constituição da dinâmica de cinema na Bahia, “a parte significativa dessa história que resultou das experiências vivenciadas entre agentes interessados nos saberes e fazeres de cinema, entre os anos de 1940 e 1960”, quando pode-se ressaltar “trajetórias e práticas tecidas pelos aprendizados intergeracionais de cinema” (GUSMÃO, 2008, p.10), que traz à tona a questão da relação entre as ações desenvolvidas, desde os anos 1950, por Walter da Silveira, Glauber Rocha, Guido Araújo, com as atuações no âmbito público de nomes como Gilberto Gil e Orlando

Senna no Ministério da Cultura e Secretaria do Audiovisual respectivamente, a partir dos anos 2000.

Acredita-se, portanto, que esse ambiente cultural baiano foi importante para a formação de diversas pessoas ligadas ao cinema no Brasil e na Bahia, pois as experiências vividas acabaram sendo transmitidas de maneira geracional, expressando uma certa continuidade nos discursos e práticas na atualidade de pessoas que àquele grupo e universo estiveram de alguma forma ligados.

Tomando como referência a significativa história das mostras e festivais de cinema na Bahia, focando na relação entre o *Clube de Cinema da Bahia* e a *Jornada Internacional de Cinema da Bahia*, penso em refletir acerca dos citados eventos realizados na contemporaneidade, segundo fio de continuidade que mantém com o passado, mediante os símbolos que informam as ações de seus realizadores, mas que se transformam ao se depararem com as demandas estruturais do contexto que se inserem, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes deles, para uma rede que eles ajudaram a formar. (ELIAS, 1994a, p.30).

Neste ensejo, destaco alguns delineamentos da pesquisa, frutos de reflexões feitas sob um viés histórico e processual: alguns indícios assinalavam para a reflexão de que as mostras e festivais de cinema da Bahia contemporânea, o *Panorama* e a *Mostra Conquista*, tinham uma vinculação com a prática cineclubista, inclusive poderem ter sido formadas a partir deles, assim como a *Jornada Internacional de Cinema da Bahia* que nasceu de articulações feitas no interior do *Clube de Cinema da Bahia*.

Essa associação possibilita conjecturar a influência da lógica cineclubista na maneira como eles se estruturam ou se organizam, que ultrapassa apenas a difusão cinematográfica, já que a reflexão do que era visto também fazia parte da dinâmica, esta que proporcionava, inevitavelmente, a formação cultural daqueles que deles participavam de maneira interessada.

Uma outra questão diz respeito as mudanças estruturais ocorridas no âmbito do cinema no Brasil e na Bahia, no decorrer desses mais de quarenta anos, o que me leva a refletir sobre as práticas cinematográficas aqui enfocadas por um outro viés, já que passaram a ser informadas pelo crescimento da produção cinematográfica, que vinha ganhando força desde a segunda metade da década de 90, momento chamado como retomada do cinema brasileiro, fervilhando no início dos anos 2000 e continuando a crescer nos próximos anos.

Também informados pelo processo que possibilitou o que posso chamar de hibridização do cinema com o audiovisual, este iniciado desde a década de 80, com a chegada das atuais tecnologias de comunicação e de informação, potencializada pela rapidez com que



se dá a dinâmica tecnológica, que traz mutações em diversos aspectos do âmbito cinematográfico. A entrada em cena dos aparelhos digitais proporcionou a filmagem não profissional de vídeos em larga escala e democratizaram os meios tecnológicos que fazem parte do fazer cinematográfico, matizando a própria concepção do conceito de filme e, por consequência, trazendo a necessidade de remanejamentos no setor das mostras e festivais de cinema da contemporaneidade.

Mais uma questão se mostra ao analisar a escolha do governo brasileiro de fazer o fomento direto, a partir do ano de 2003, e não por meio de isenções fiscais via empresas particulares como era feito em governos anteriores, possibilitada pelo encontro do presidente Lula (2003-2011), ministro da cultura Gilberto Gil (2003-2008) e secretário do audiovisual Orlando Senna (2003-2007), estes dois últimos baianos, nos altos cargos na hierarquia governamental, que pautavam suas escolhas no âmbito público tendo como base entendimentos acerca da cultura no Brasil que escapavam a uma lógica preexistente, o que proporcionou a construção de um alicerce institucional e legislativo que sustentasse esse outro projeto para a cultura no país.

A pauta, nesse momento, era a do reconhecimento da cultura como direito básico do cidadão, um direito fundamental, entrelaçada com a democracia recém promulgada no Brasil e informada pelas recomendações da UNESCO relacionadas a questão da diversidade cultural, destacando a necessidade de incorporar a cultura como elemento estratégico das políticas de desenvolvimento nacionais e internacionais. Também de enxergá-la de maneira entrelaçada com o desenvolvimento do país, ou seja, declarando-a sob um viés multimodal, na sua articulação com o âmbito social e econômico e vice-versa.

Em um primeiro instante, ancorado nos estudos do supracitado autor Norbert Elias, estou interessada em compreender o que fazemos com o conhecimento aprendido mediante às relações que travamos, gerado a partir das trocas e das experiências vivenciadas com outras pessoas, já que somos capazes de orientar nossos comportamentos através do conhecimento aprendido (ELIAS, 1994c), considerando que somos seres que, não só transmitimos símbolos, como também os recebemos e os armazenamos, fazendo síntese e, portanto, produzindo conhecimento.

Mobilizo uma concepção social do passado, levando em consideração que armazenamos símbolos que nos orientam, que inclui não só o conhecimento como também os padrões de comportamento e de sentimento, e que é na relação com os outros que podemos “lembrar” do que ficou armazenado, acionando algo que ficou latente, ligando-os no decorrer de um processo de composição que é disparado, ou seja, de transformação.

Pensando assim, tendo como base a pesquisa, pretendo tratar sobre tema da memória no que diz respeito ao processo relacional de aprendizagem, sobre a transmissão de conhecimento no âmbito do cinema e do audiovisual na Bahia, investigando como a inserção de Cláudio Marques e Esmon Primo numa certa configuração social possibilitou aos mesmos a incorporação de disposições sociais que acredito terem contribuído para que tornasse possível a realização dos eventos citados.

Tomo as programações do *Panorama* e da *Mostra*, da primeira até a décima edição de cada um deles, além das pesquisas documentais e entrevistas com os realizadores, para poder pensar sobre os processos de aprendizagem nos quais seus realizadores estão imersos, por acreditar que através delas é possível vislumbrar os saberes aprendidos. Isso porque, percebo que elas estão informadas por símbolos incorporados pelos seus realizadores, a partir de uma transmissão intergeracional de experiências e saberes, apesar de suas ações também serem determinadas pelas condições políticas e econômicas do contexto de surgimento dessas práticas, que cria o espaço dos possíveis e os tenciona nas suas escolhas.

Neste ensejo, minha escolha teórica para a orientação dessa pesquisa se fundamenta na construção de um arranjo metodológico, trazendo como referência a sociologia dos processos e das figurações de Norbert Elias e a teoria da ação ou praxiológica de Pierre Bourdieu inicialmente por serem autores que apresentam teorias que visam o estudo da vida cotidiana que seja mais próximo da realidade vivenciada pelas pessoas, que não separa o indivíduo da sociedade da qual ele faz parte, preconizando o entendimento do mundo social levando em consideração tanto as relações objetivas juntamente com o subjetivo, retornando para a prática (BOURDIEU, 2009), e voltando-se para a compreensão de que os indivíduos fazem parte da sociedade e não podem ser vistos como se dela fossem distantes (ELIAS, 1980).

Compreendo a sociedade inspirada pela ideia desenvolvida por Norbert Elias (1994c, p.51), que ela não seria constituída por um “amontoado de ações individuais comparável a um monte de areia”, nem “um formigueiro de indivíduos programados no sentido de uma cooperação mecânica”, acima de tudo “uma teia de pessoas vivas” que vivem de diversas formas, mas que são interdependentes, ou seja, estão uns em relação aos outros, cada uma dessas pessoas fazendo parte de um determinado lugar, exercendo uma determinada função. A sociedade seria um fluxo contínuo, aberto para o passado e para o futuro, “nele, só com grande dificuldade o olhar consegue discernir um ponto fixo” (ELIAS, 1994a, p.18). Neste ensejo, a prática social, sempre históricas e sociais, seria o “lugar da dialética do *opus*

*operatum* e do *modus operandi*, dos produtos objetivados e dos produtos incorporados da prática histórica, das estruturas e dos *habitus*. ” (BOURDIEU, 2009, p.87).

Tomo como base o conceito de figuração elaborado por Elias (1994a), que estaria pautado nas relações de interdependência e funcionalidade que fazem com que cada pessoa dependa funcionalmente de outras, como elos que as ligam socialmente, apesar de manterem uma certa liberdade de agir. São teias complexas de interdependência construídas pelos indivíduos quando se relacionam uns com os outros, que “formam o nexo do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes.” (ELIAS, 1994b, p.249).

Atento para os processos de interação humana no âmbito da sociedade apreendida por esse autor, nas relações de interdependência que são travadas em um seio social específico, com suas próprias regras, mas que não limitam os indivíduos que fazem parte dela de terem suas próprias estratégias. O autor utiliza a metáfora do jogo de cartas para deixar mais claro o conceito:

Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas ações são interdependentes. Neste caso, ainda é possível curvarmo-nos perante a tradição e falarmos do jogo como se este tivesse uma existência própria. É possível dizer: « O jogo hoje à noite está muito lento!». Porém, apesar de todas as expressões que tendem a objetivá-lo, neste caso o decurso tomado pelo jogo será obviamente o resultado das acções de um grupo e indivíduos interdependentes. Mostrámos que o decurso do jogo é relativamente autónomo de cada um dos jogadores individuais, dado que todos os jogadores têm aproximadamente a mesma força. Mas este decurso não tem substância, não tem ser, não tem uma existência independente dos jogadores, como poderia ser sugerido pelo termo «jogo». Nem o jogo é uma ideia ou um «tipo ideal», construído por um observador sociológico através da consideração do comportamento individual de cada um dos jogadores, da abstracção das características particulares que os vários jogadores têm em comum e da dedução que destas se faz de um padrão regular de comportamento individual (ELIAS, 1980, p. 141/142).

O jogo é um sistema de interdependência que esclarece o conceito de figuração, citado anteriormente. Considera os grupos humanos de maneira relacional, porque não só expressa as regras do jogo previamente dispostas, mas também as combinações formadas entre os jogadores. Por não conseguirem jogar sozinhos, constroem suas táticas diante das representações que têm das regras do jogo, ou seja, o que se entende das regras, o que elas ditam, e como deve-se agir em função delas, sempre no intuito de vencer o jogo.

Neste sentido, o conceito de figuração é entendido como “o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores – não só pelos seus intelectos mas pelo que eles são em seu todo,

a totalidade de suas ações nas relações que sustentam uns com os outros” (ELIAS, 1980, p.142), mutáveis porque há um equilíbrio flutuante e elástico de poder, característica basilar do fluxo de cada figuração.

Proponho um olhar cuidadoso sobre os processos de aprendizado social que formam as pessoas no decorrer de suas vidas, os quais permitem aos seres humanos aprenderem com as experiências vividas pelas pessoas que fazem parte de seu grupo, transmitidas por uma linha de gerações antecedentes (ELIAS, 1994c), e que são capazes de conformar suas ações no presente. O autor esclarece, ao refletir como os indivíduos orientam seus pensamentos, ideias e ações na esfera social, que a grande vantagem que o ser humano dispõe, em comparação aos outros animais, é a capacidade de orientarem o seu comportamento por meio do conhecimento aprendido, algo que sem dúvidas garantiria a sobrevivência dos grupos humanos ao longo dos tempos. A constituição biológica humana permite que seus membros aprendam, armazenem e ajam de acordo a experiências vividas e transmitidas pelo grupo através de gerações, possibilitando o desenvolvimento desta espécie animal, da síntese que é feita dos símbolos que foram apreendidos, síntese esta geradora de conhecimento.

Seguindo esse raciocínio, ocupo-me em focar na análise de como se deu a incorporação, por Esmon Primo e Claudio Marques, dos aprendizados gerados das relações que se estabeleceram ao longo do tempo no âmbito do cinema e audiovisual, especialmente na Bahia, tendo em mente a importância de se analisar as trajetórias sociais desses realizadores, observando-os sistemicamente em contexto social, que se constrói na dinâmica estabelecida entre as escolhas diante das oportunidades e das possibilidades que se apresentaram ao longo de suas vidas.

O conceito de *habitus*, desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), é trazido para servir de orientação para compreender de maneira mais pormenorizada, como o indivíduo incorpora esse saber social transmitido de modo geracional pelos indivíduos de um mesmo grupo, sempre histórico para o agente, e como esse processo repercute nas práticas por eles executadas, já que o agente social não se apresenta apenas como o executor das estruturas sociais, algo objetivamente programado que lhe é exterior.

Isso porque, as ações dos agentes e as estruturas constitutivas do campo fazem parte de uma mesma dinâmica, que resultam em práticas sociais que extrapolam as estruturas objetivas por si só, porque também são formadas na subjetividade dos agentes, fato que permite a criação de novidade e a transformação social. Um indivíduo seria como um corpo socializado em ação, “um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a

percepção desse mundo como a ação nesse mundo” (BOURDIEU, 2008, p.144), que traduz modos de pensar e agir, respondendo às solicitações do meio social.

Neste contexto, Bourdieu (2009) apresenta o seu conceito de *habitus*, que seria um sistema de disposições, constituídas historicamente, predispostas a funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas, “princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (BOURDIEU, 2008, p.22), que é posto em constante dialética com o meio que se vive e com as possibilidades que o agente dispõe, mesmo que esse processo não seja consciente para eles:

Ele garante a presença ativa das experiências passadas que, depositada em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, de forma mais segura que todas as regras formais e todas as normas explícitas, a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo. (BOURDIEU, 2009, p.90)

Bourdieu (2009) explica que o *habitus* é produto de uma determinada classe de regularidades, uma quase natureza possibilitada pelo inconsciente quando se realiza as estruturas objetivas; história incorporada e naturalizada. É através do *habitus*, que a estrutura governa a prática através de coerções e limites:

Porque o *habitus* é uma capacidade infinita de engendrar, com total liberdade (controlada) produtos - pensamentos, percepções, expressões, ações - que sempre têm como limites as condições historicamente e socialmente situadas de sua produção, a liberdade condicionada e condicional que ele garante está tão distante de uma criação de imprevisível novidade quanto de uma simples reprodução mecânica dos condicionamentos iniciais. (BOURDIEU, 2009, p.91)

Assim, o mundo prático seria constituído do *habitus*, as disposições históricas e sociais incorporadas pelos agentes - “sistema adquirido de esquemas generativos” (ORTIZ, 1983, p.89), somado a uma situação pela qual enfrentam no presente, fundando “uma teoria da prática que leve em consideração tanto as necessidades dos agentes quanto a objetividade da sociedade.” (ORTIZ, 1983, p.19).

O interesse está nos percursos de memória que construíram os modos particulares de pensar e agir das pessoas aqui tratadas, no momento de concretização de suas ações na esfera social, com a realização e estruturação ao longo das edições, do *Panorama Internacional Coisa de Cinema* e da *Mostra Cinema Conquista*, estes como expressões de seus *habitus*, abordando a formação cultural proporcionada pelo cinema e o percurso de vida desses agentes.

O tratamento do tema da memória proposto pelo trabalho diz respeito, como explana Elias (1994c, p.52), à capacidade dos organismos, que foi aumentando ao longo do tempo, de “adaptarem o seu comportamento a situações diferentes, à luz das experiências adquiridas pela aprendizagem individual e armazenadas no espaço da memória”, onde se daria as sínteses que tornam possíveis a formulação de conceitos novos, transformados de acordo as relações que se estabelecem no presente.

A percepção é a de que o mundo social existe, esse fluxo processual incessante que caracteriza a dinâmica social de desenvolvimento, em certa medida, em decorrência da concepção de que somos seres de memória e por vivermos no próprio processo da memória, ou seja, vivemos em um mundo social que, ao mesmo tempo que tem uma continuidade histórica, também se transforma e se desenvolve. Nele, a atuação dos indivíduos é capaz de possibilitar a transformação, a resignificação de conhecimentos incorporados através de processos de aprendizagem, que são expressos nas práticas, isto é, incorporação e síntese que assegura a realização da ação considerada. Esta, produto de uma relação dinâmica entre o *habitus* dos agentes, de disposições que funcionam como princípios geradores e organizadores de práticas sociais (BOURDIEU, 2009), com o sistema de estruturas sociais objetivas, e vice-versa.

Para analisar o objeto aqui apresentado, a dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo foi pensado de acordo com o objetivo apresentar o mapeamento feito das mostras e festivais de cinema do Brasil e da Bahia que surgiram ao longo do século XX e XXI, focando no estado da Bahia, destacando o contexto social, econômico e político que possibilitou o surgimento dos festivais e mostras de cinema no período.

Considero as condições estruturais do contexto de surgimento das práticas destacadas, como se apresenta o mercado cinematográfico, focando no setor de produção e exibição cinematográfica, perpassando pelas ideias e entendimentos que pautaram a atuação do governo brasileiro no fomento de atividades culturais a partir do ano de 2003, alicerçada em bases democráticas e de diversidade e entrelaçada com as políticas de desenvolvimento do país, ou seja, ligando o social com o econômico. Não deixo de lado, por também julgar importante, a análise da interdependência formada entre o cinema com o audiovisual, frente as modificações tecnológicas que vinham ocorrendo e que impactam diretamente o âmbito do cinema, incluindo, portanto, o seu setor de exibição.

Destaco as trajetórias sociais de dois baianos, Gilberto Gil que figurou como Ministro da Cultura entre 2003 e 2008 e Orlando Senna como Secretário do Audiovisual de 2003 a 2007, por entender que suas ações estavam informadas por saberes e aprendizados

constituídos por discussões e vivências fruídas em comum e com outros diversos baianos, principalmente da ambiência cultural do estado nas décadas de 1950 e 1960, que possibilitaram atuações políticas e escolhas específicas na seara cultural institucionalizada.

Seguindo os indícios da pesquisa, pensando em conceber os cineclubes como a gênese das práticas de exibições cinematográficas e audiovisuais alternativas àquelas executadas pelos grandes complexos exibidores no país, considero não só a própria dinâmica a eles inerente, de assistir ao filme e depois refletir acerca do que foi visto, ou seja, a lógica formadora que os acompanha, inclusive como berço da crítica cinematográfica, mas também o fato de serem ambientes que a influência e o prestígio de alguns de seus membros, a rede que ajudaram a estabelecer, e o apoio que lhes era dado, principalmente por universidades públicas e outras instituições, revela sobre as possibilidades de realização das práticas nesta pesquisa estudadas.

O destaque é dado para as experiências e saberes vivenciados por pessoas de outras gerações ligadas ao cinema, quer dizer, o conhecimento simbólico produzido, incorporado e compartilhado ao longo do tempo, mesmo que de maneira indireta, que informa as práticas de exibições cinematográficas – festivais e mostras de cinema da Bahia na contemporaneidade.

Assim, adentro nesse ambiente emanador de saberes, o *Clube de Cinema da Bahia*, nas relações que foram sendo estabelecidas no decorrer dos anos, entre as pessoas que dele fizeram parte com outras, que acredito terem possibilitado a realização tanto da *Jornada Internacional de Cinema da Bahia* quanto destas da contemporaneidade, o *Panorama* e a *Mostra Conquista*. Analiso esse entrelaçado de ações que se dá de maneira relacional e processual, tendo em mente que as experiências e saberes produzidos naquele ambiente puderam perdurar no tempo, potencializados pelos encontros, e informam os modos de pensar e agir das pessoas inseridas no contexto de realização daquelas práticas na Bahia contemporânea.

No segundo e terceiro capítulo a investigação volta-se, de maneira mais próxima, para as possibilidades de realização da *Mostra Cinema Conquista* e do *Panorama Internacional Coisa de Cinema* respectivamente, com a intenção de descrever as práticas, observando-as no decorrer dos anos de realização, também analisar os percursos de vida dos seus realizadores até o momento de realização dos eventos que coordenam, uma vez que, parto da compreensão de que através dos agentes sociais, de suas histórias de vida no ambiente em que se inserem, é possível analisar uma prática social em si, esta que diz muito de seu tempo histórico e da estrutura que a possibilitou, mas também dos posicionamentos dos agentes que as realizam, de suas escolhas consoantes as oportunidades apresentadas.

O intuito é o de conceber que essas práticas trazem símbolos que são alargados enquanto as estruturas se modificam, em decorrência das tensões estabelecidas, já que essas contingências moldam, de uma certa forma, como as práticas surgem, se estruturam e se organizam ao longo do tempo, atualizando seus perfis de acordo às demandas, forçando seus realizadores a se adaptarem estrategicamente à elas, para que os eventos possam ocorrer e perdurar no mundo social.

O estudo, feito de maneira compreensiva e interpretativa, está voltado para as práticas destacadas, por conceber que é justamente na observação das práticas, como elas são organizadas e estruturadas, que é possível vislumbrar como as articulações e interdependências foram sendo tecidas ao longo do tempo na seara do cinema e do audiovisual que as informam. Considero as programações do *Panorama Internacional Coisa de Cinema* e da *Mostra Cinema Conquista*, como instrumentos importantes para compreender empiricamente o processo de aprendizado pelo qual os realizadores estão inseridos, isto é, a formação cultural adquirida ao longo dos anos que se traduz nas práticas por eles realizadas, também, a dinâmica própria da adaptação feita por eles na estrutura do evento, demandados pelas tensões afloradas, incessantemente, no contexto social.



## 2 FESTIVAIS E MOSTRAS DE CINEMA NO BRASIL E NA BAHIA – GÊNESE E CONTEXTO DE SURGIMENTO

Mas, se não a harmonia, ao menos a palavra “todo” evoca-nos a idéia de alguma coisa completa em si, de uma formação de contornos nítidos, de uma forma perceptível e uma estrutura discernível e mais ou menos visível. As sociedades, porém, não têm essa forma perceptível. Não possuem estruturas passíveis de serem vistas, ouvidas ou diretamente tocadas no espaço. Consideradas como totalidades, são sempre mais ou menos incompletas: de onde quer que sejam vistas, continuam em aberto na esfera temporal em direção ao passado e ao futuro. Os pais, filhos de pais, são seguidos por filhos e as mães, por filhas. Trata-se, na verdade, de um fluxo contínuo, uma mudança mais rápida ou mais lenta das formas vivas; nele, só com grande dificuldade o olhar consegue discernir um ponto fixo. (ELIAS, Norbert. *A sociedade dos Indivíduos*, 1994a, p.18).

Busco, através desse estudo, refletir sobre os festivais e mostras de cinema da Bahia contemporânea, consideradas exhibições cinematográficas alternativas ao setor comercial comandado pelos grandes complexos exibidores, com o recorte para os dois eventos que foram realizados nos anos 2000 na Bahia, tendo como ponto de partida uma abordagem processual e relacional, sem perder de vista, portanto suas historicidades.

O que se tem em mente é que os indivíduos, imersos nesse fluxo incessante e relacional que é a sociedade, são capazes de orientar seus pensamentos, sentimentos e ações no mundo social de acordo a aprendizados que são transmitidos de forma intergeracional. Segundo Elias (1994a), a sociedade poderia ser comparada a uma teia formada pelas relações entre as pessoas que a constituem e que, na dinâmica de longo prazo, sintetizam aprendizados e saberes, gerando o conhecimento que possibilita a transformação e o desenvolvimento social através das práticas por eles realizadas.

Os pensamentos, comportamentos e escolhas, compostos no intelecto humano a partir do conhecimento adquirido, são estimados diante das potencialidades objetivas que estão inscritas de maneira direta no presente, sendo um cálculo estratégico que torna o mundo sem fins já projetados. (BOURDIEU, 2009).

Importante dizer que o tema da memória, visto fundamentalmente sob um viés social, constrói-se relacionalmente, passeando pelas experiências e saberes aprendidos e pela criação humana, na síntese geradora de conhecimento. Assim, seu movimento de existência está traduzido nas próprias práticas sociais executadas pelos agentes de uma sociedade, que afloram desse processo em que o ser social é protagonista.

Nesse capítulo, reflito, a partir da sociologia, acerca do contexto de surgimento dos festivais e mostras de cinema dos anos 2000 no Brasil, pormenorizadamente na Bahia, apresentando tanto elementos da dinâmica conjuntural que possibilitaram seus surgimentos, que determinaram certas condições materiais, como aqueles que dizem respeito a dimensão simbólica da vida social, mediadora de toda ação humana em contexto social.

Assim, ao traçar o panorama do mercado cinematográfico e audiovisual do Brasil, que determina o contexto de surgimento dos festivais e mostras realizados contemporaneamente, buscando compreender sua gênese na prática cineclubista, pretende-se iniciar uma análise que aos poucos vai imergindo para enxergar os aspectos que muitas vezes permanecem subsumidos nas análises feitas sobre o mundo social.

A escolha desse percurso metodológico de maneira nenhuma está ligada ao fato de se conceber uma separação entre o objetivo e o subjetivo no estudo das práticas sociais destacadas, assim pensada quando se concebe que as estruturas sociais têm atributos coercitivos considerados fora dos indivíduos. Ao contrário, analisá-los conjuntamente traria a possibilidade de conhecer melhor as práticas, de maneira que mais se aproxime da realidade vivida, iniciando a partir desse momento a análise de uma figuração tendo como referência os estudos do sociólogo Norbert Elias, que será melhor aclarada no final desse percurso.

Reconhecendo a dificuldade dessa empreitada, o anseio de se conseguir sistematizar um percurso analítico coeso e claro, longe de querer ordenar os acontecimentos sociais porque nem a própria dinâmica do mundo social assim o é, impulsiona a tendência de seguir uma argumentação dedutiva ao analisar as práticas aqui estudadas.

## 2.1 A DINÂMICA DO CONTEXTO DE SURGIMENTO: TENSÕES DA ATUALIDADE

Para o melhor desenvolvimento da pesquisa, a fim de dar conta da pretensão de falar sobre festivais e mostras de cinema da Bahia contemporânea, as possibilidades de realização e de estruturação ao longo das edições do *Panorama Internacional Coisa de Cinema* e da *Mostra Cinema Conquista*, opto pelo percurso analítico que se inicia com uma reflexão dos anos anteriores ao surgimento dos citados eventos, que apresentasse um breve panorama nacional acerca da conjuntura que se formava e que englobava toda a cadeia produtiva do cinema e do audiovisual no país.

Isso porque, como explana Elias (1995), ter uma visão posterior sobre o acontecimento social, tende a nos levar a afirmar certas percepções, avaliando inclusive o sucesso e o fracasso de uma pessoa ou de uma prática social em determinado meio, com a

pretensão que esconde os processos históricos e “também impede nossa compreensão do significado que, num tempo passado, o curso dos eventos tinha para os próprios seres humanos que os viviam.” (ELIAS, 1995, p.16).

Os anos 2000 foram bastante significativos no que diz respeito aos festivais e mostras de cinema. Foi no decorrer desses anos que houve uma expansão no número de eventos de exibição nunca antes vista, com festivais e mostras acontecendo em diversos lugares do país, realizados sob as bases de um contexto social específico, aliás, bastante propício, uma vez que, estavam se destacando como importantes para a estruturação da cadeia do cinema e audiovisual brasileiro, sobretudo em decorrência do crescimento da produção. Inclusive com reconhecimento do governo como importantes para àquela seara, merecendo incentivos financeiros públicos para acontecerem.

Os dados do único documento que mapeou essas ações no âmbito nacional até o momento, o *Painel Setorial dos Festivais Audiovisuais* (2011), expõe essa realidade, uma vez que, relata que no ano de 1999, no Brasil, existiam 38 eventos sendo realizados, chegando a 243 eventos em 2009. Nesse contexto, testemunha-se também a eclosão de festivais e mostras de cinema nas cidades do interior do país, algo, até então, pouco comum, além do fato de alguns estarem se vinculando a temas específicos tratados nas obras selecionadas para exibição, no caso de festival, ou convidadas, no caso de mostras, como por exemplo a temática ambiental, a LGBT, as animações, entre outros, demonstrando não só o crescimento do número de eventos no período citado, mas também a diversidade e democratização dos mesmos.

Anteriormente a esse período, até o início da década de 1990 no Brasil, só haviam ocorrido, de acordo a pesquisas bibliográficas e documentais feitas nos últimos anos, cerca de 10 festivais de cinema, dois deles ocorridos ainda na década de 1950 e os outros nas décadas sucessivas. O festival que inaugurou essa prática no país ocorreu justamente no estado da Bahia, em Salvador no ano de 1951, o *Primeiro Festival de Cinema da Bahia*, como explicita Gusmão (2008), por iniciativa do advogado baiano Walter da Silveira juntamente com Carlos Coqueijo Costa, no período de 28 de abril a 06 de maio. Logo após, no ano de 1954, ocorreu na cidade de São Paulo, na Fimoteca do MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo, embrião da Cinemateca Brasileira criada oficialmente em 1956, o *I Festival Internacional de Cinema do Brasil*, tendo como um dos principais articuladores para que esta prática pudesse acontecer, uma pessoa importante para o cinema brasileiro, Paulo Emílio Sales Gomes.

Ainda na Bahia, em Salvador, entre os dias 22 e 28 de outubro do ano de 1962 acontece, como explica Gusmão (2008), no mesmo momento do lançamento do filme do

cinasta baiano Roberto Pires, *Tocaia no Asfalto*, o *I Festival de Cinema da Bahia*, realizado mediante a parceria entre o Departamento de Turismo, os Cinemas de Salvador S.A., a Associação de Críticos de Cinema da Bahia (ACCB) e a Fratelli Vita, em homenagem ao jubileu de ouro do jornal *À Tarde*.

Poucos anos depois, surge um outro festival de cinema, o *Festival de Brasília do Cinema Brasileiro* que aconteceu em 1965, tendo como embrião as Semanas de Cinema Brasileiro promovidas na Universidade de Brasília - UNB, pensado por professores da universidade, Jean Claude Bernadet, Vladimir Carvalho e por Paulo Emílio Sales Gomes entre outros, que em 2014 realizou sua 47ª edição. No mesmo ano, na ocasião do IV centenário da cidade do Rio de Janeiro, há uma tentativa de criação de um festival internacional do cinema, o FIC-Rio, segundo a Enciclopédia do Cinema Brasileiro (RAMOS; MIRANDA, 2000), de caráter competitivo, mas que só conseguiu se realizar, mais uma vez, no ano de 1969.

Após, ocorreu a *Jornada Internacional de Cinema da Bahia* que aconteceu em 1972 com o nome de *Jornada Baiana de Curta-Metragem* organizada pelo documentarista baiano Guido Araújo que encerrou suas atividades no ano de 2012 na 39ª edição; o *Festival do Cinema Brasileiro de Gramado* em 1973 com articulação feita pela própria prefeitura da cidade de Gramado, com 42 edições em 2014; o *Festival SESC Melhores Filmes* promovido pelo próprio Serviço Social do Comércio na cidade de São Paulo em 1974, completando 40 edições em 2014; a *Mostra Internacional de Cinema de São Paulo* criada em 1977 e promovida pelo crítico de cinema Leon Cakoff (1948-2011) com 38 edições em 2014 e o *Festival Guarnicê de Cinema* no estado do Maranhão, ocorrida pela primeira vez em 1977 com o nome *Jornada Maranhense de Super 8*, organizada pelo Departamento de Assuntos Culturais da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que em 2014 teve sua 37ª edição.

Em 1984, o produtor cinematográfico Nei Sroulevich criou o *FestRio – Festival Internacional de Cinema e Vídeo do Rio de Janeiro* ou *Rio Cine Festival*, que teve seis edições, a última, em 1989, ocorrendo no Ceará (RAMOS; MIRANDA, 2000). Agrupa suas atividades com a *Mostra Banco Nacional de Cinema*, surgida em 1988, encabeçada por Adhemar Oliveira, um nome marcante no cineclubismo carioca, compondo o hoje visto *Festival do Rio* na cidade Rio de Janeiro.

De antemão, de acordo com as pesquisas feitas, cabe salientar que os festivais e mostras de cinema deste período surgiram muito em consequência do apoio que tiveram de instituições que proporcionavam uma estrutura capaz, tanto de ajudar no financiamento, quanto de fornecer mão de obra e condições físicas para a produção do evento, como o MAM

de São Paulo, ICBA - Instituto Cultural Brasil – Alemanha/ Instituto Goethe em Salvador, as universidades da Bahia, de Brasília, do Maranhão, o MASP em São Paulo e a Prefeitura de Gramado. O apoio de instituições culturais e de ensino ainda são marcantes na viabilização dos festivais e mostras de cinema da atualidade, em graus diferentes a depender do evento, respaldo que muitas vezes é imprescindível para as suas realizações.

Então, constata-se que foi significativo o aumento do número de festivais e mostras de cinema no Brasil. E com a análise do contexto de surgimento deles, podemos perceber quais os aspectos estruturais que os informam, no sentido de terem contribuído para tornar possível suas realizações, de maneira crescente, nos anos 2000.

Partindo do entendimento de que os principais setores da cadeia do cinema e do audiovisual: a produção, a distribuição e a exibição de obras cinematográficas e audiovisuais são interdependentes, que formam um entrelaçado de relações que os forçam a serem analisados em conjunto, sob pena de mais obscurecer do que revelar os fenômenos subjacentes, as práticas aqui estudadas, o contexto no qual estão inseridas, está fortemente informado pelo aumento da produção cinematográfica juntamente com a de obras audiovisuais, desde o momento chamado de retomada do cinema brasileiro, com início por volta do ano de 1995.

Portanto, a ampliação do circuito alternativo – o circuito dos festivais como é chamado, está diretamente vinculado ao aumento e/ou ressurgimento da produção cinematográfica e audiovisual no país. A lógica é a de que, quanto maior o número de produções nacionais, maior é a necessidade da existência de janelas de exibição para que elas conseguissem chegar ao público espectador, para muitos pensado como o fim do fazer cinematográfico, para outros, o momento que a obra se completa e se ressignifica, quando a expressão artística do realizador encontra no público o sentido de sua existência.

### 2.1.2 A retomada do cinema brasileiro: uma perspectiva processual

Então, é preciso voltar um pouco no tempo para que se possa compreender esse contexto ou conjuntura estabelecida, partindo da primeira metade dos anos 1990 até chegar nos anos 2000, no intuito de perceber as significativas transformações que proporcionaram com que a produção cinematográfica e audiovisual crescesse significativamente nesse período, e ao longo dos anos que se sucederam, no Brasil.

Isso porque os anos 1980 e o início dos anos 1990 foi um período muito difícil para o cinema no país, com a produção ficando praticamente estagnada e as salas de cinema de rua

fechando em massa. Sérias questões políticas e econômicas constituíam o cenário desse período pelo qual passava o país, momento de redemocratização e da lógica da liberalização da economia composta pela abertura comercial e financeira somada à não participação do Estado na economia, praticadas pelo governo Fernando Collor (1990-1992) e seguintes.

Esse governo, com uma só lei de número 8.029, extinguiu órgãos da administração pública federal ligados à cultura, tais como: o próprio Ministério da Cultura passando a ser apenas uma Secretaria de Cultura; a FUNARTE – Fundação Nacional de Arte, FCB – Fundação do Cinema Brasileiro, CONCINE – Conselho Nacional do Cinema e EMBRAFILME – Empresa Brasileira de Filmes S/A, empresa estatal que era competente pelo fomento da produção e distribuição de filmes nacionais, criada em 1969 e extinta em 1990, e reforçou os tempos difíceis para o cinema e o audiovisual do país.

Porém, a fim de tentar manobrar a crise do setor, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura número 8.313 de 1991, institui o Plano Nacional de Apoio à Cultura – PRONAC e alguns mecanismos de financiamento como o Fundo Nacional de Cultura – FNC e o mecenato, com a finalidade de captar e canalizar recursos para o setor cultural. A Lei Rouanet, como ficou conhecida e que está em vigência até hoje, juntamente com outras medidas políticas que também ajudaram nesse processo, formaram o alicerce para o renascimento do setor cultural, também cinematográfico e audiovisual no Brasil.

Outras medidas governamentais que marcaram a seara cultural foram tomadas no governo de Itamar Franco (1992-1995), trazendo de volta o Ministério da Cultura autônomo e subdivisões voltadas para o cinema e audiovisual, com competências ligadas ao Ministério, como a Secretaria de Desenvolvimento do Audiovisual e a Comissão de Cinema. Sancionou a lei 8.685 em julho de 1993, conhecida como Lei do Audiovisual, um mecanismo primevo de fomento no período, particularmente, para a produção audiovisual, baseada na isenção fiscal, assim como a lei Rouanet criada no governo anterior, essa, porém, voltada para incentivos a projetos culturais de maneira geral.

Foi por volta do ano de 1995, momento conhecido como da retomada do cinema brasileiro, que as produções nacionais começam a novamente ganhar as locações de filmagens e as telas dos cinemas, pelas questões acima mencionadas entre outras, em meio à implementação de mecanismos de incentivos para a cultura, portanto, também para o cinema e audiovisual, trabalhando com a possibilidade de fomento de projetos através de isenções do imposto obrigatório das pessoas jurídicas de iniciativa privada.

Nada obstante, no decorrer do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), sob o slogan “Cultura é um bom negócio”, apregoada pela gestão do cientista político

Francisco Weffort (1994-2002) na pasta de Cultura, segundo Calabre (2005), foram imensamente diminuídos os investimentos públicos na área cultural, transferindo quase que totalmente para a iniciativa privada a competência para decidir sobre os rumos da produção cultural no país, pois a elas cabia a decisão de quem iria patrocinar,

Independente desse fato, mesmo que ainda não se tivesse uma preocupação em conceber a cultura como importante para o desenvolvimento do país, entrelaçada com as questões sociais e econômicas, o que pôde ser observado posteriormente, a partir do governo Lula (2003-2011) e ministro da cultura Gilberto Gil (2003-2008), que merecesse um efetivo tratamento regulatório por parte do Estado brasileiro, os incentivos públicos via isenções fiscais possibilitaram, em grande medida, o crescimento da produção cinematográfica na década de 90.

Não se pode deixar de atentar que as possibilidades de produção de grande parte desses filmes e/ou de se tornarem sucessos de bilheteria, também podem ser atribuídos ao fato de estarem respaldados em grandes empresas do ramo das comunicações e mídia, também das empresas do setor publicitário, segmento de mercado àquele fortemente vinculado. Estrelavam artistas atuantes na televisão, de telenovelas e programas de humor e infantis que detinham um nível de audiência alto, especialmente porque chegavam no conforto da casa dos espectadores.

A Rede Globo, um dos maiores grupos do país de iniciativa privada do ramo da comunicação, com participação em diversas outras empresas, chega a criar no ano de 1998 um braço de suas atividades empresariais, no intuito de alcançar sistematicamente o mercado cinematográfico, a Globo Filmes, transformando a empresa em um conglomerado que consegue interconectar as cadeias cinematográficas e do audiovisual, obtendo uma certa liderança nesse mercado.

Os dados informados pelo OCA – Observatório Brasileiro de Cinema e Audiovisual, ligado à ANCINE – Agência Nacional do Cinema, que sistematiza dados do mercado do cinema e do audiovisual no país, comprovam esse panorama, quando mostram que em 1995 foram lançados 14 filmes longas-metragens, documentários e ficções, entre eles filmes como *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil* de Carla Camurati e *O Quatrilho* de Fábio Barreto, estrelando atores já bem conhecidos na teledramaturgia nacional como Gloria Pires, Patrícia Pillar e Cecil Thiré, chegando a serem exibidos em 64 salas com público de mais de quatro milhões de pessoas.

No ano de 1996, o número de produções nacionais continua a crescer para 18 filmes, destacando o filme *Tieta do Agreste* de Cacá Diegues, quase uma continuação da novela

exibida na Rede Globo entre os meses de agosto de 1989 e março de 1990, que passou em 133 salas com público de cerca de quinhentas mil pessoas. Em 1997, a soma foi de 21 filmes exibidos, com destaque para o filme do grupo de comédia ligada a Rede Globo – Os Trapalhões, *O Noviço Rebelde* de Tizuka Yamazaki sendo exibidos em 174 salas com público superior a um milhão de pessoas. Em 1998, foram 23 filmes sendo que *Central do Brasil* do diretor Walter Salles exibido em 79 salas e *Simão, o Fantasma Trapalhão* chegando a passar em 246 salas, os dois com mais de um milhão de público. Já no ano de 1999, foram produzidos 28 filmes, focando no filme *Xuxa Requebra*, apresentadora também ligada ao grupo do setor de comunicações Globo, que foi exibido em 218 salas e com público espectador de mais de dois milhões de pessoas.

A partir do ano de 2000, o número de obras cinematográficas nacionais produzidas oscila, cai para 23 filmes e volta a subir no ano seguinte com 30 filmes, caindo de novo para 29 filmes no ano de 2002 e voltando aos 30 filmes em 2003. O salto acontece exatamente nesse momento, pois em 2004 chegaram a ser produzidos no Brasil 49 filmes, 71 em 2006, 78 no ano 2007, 79 filmes produzidos em 2008, chegando a 84 obras em 2009 e 74 filmes em 2010, 100 filmes em 2011, 83 filmes em 2012, 129 filmes em 2013 e em 2014 foram produzidos 114 filmes. Esse crescimento no número de produções brasileiras acontece diante da nova configuração feita para o setor da cultura do Brasil a partir do ano de 2003, como citado anteriormente.

Os anos 1980 e 1990 também foram palco para transformações tecnológicas significativas, destacando o surgimento dos aparelhos de filmagem e gravadores de som portáteis que oportunizou qualquer pessoa a produzir obras audiovisuais, naquele momento chamado de *videomakers*, em suportes fáceis de transportar, de serem reproduzidos e também de serem copiados. Diante dessa realidade, se torna congruente elocubrar sobre aquelas obras, que se pressupõe inúmeras, principalmente as elaboradas com técnicas próprias do setor do audiovisual, que não conseguiram chegar nas salas de cinema comercial e, por isso, não temos conhecimento delas, produzidas por pessoas particulares e também por grupos de pessoas dentro de universidades, das escolas e outras instituições que, de uma certa forma, são ambientes que possuem uma estrutura favorável e possibilitam o encontro de pessoas interessadas em criar e produzir no âmbito do cinema e do audiovisual no Brasil.

Logo, o mercado se reiniciava sob uma estrutura governamental tencionada por alguns grupos, porém pouco preocupada em formular um plano que integrasse as esferas da cadeia do cinema nacional e muito menos esta, a cadeia do audiovisual, tendo, conseqüentemente, uma visão estratégica para o setor. Isso significava que mesmo que o



número das produções nacionais estivesse crescendo e, assim, produtos nacionais se encontrassem aptos a serem exibidos para um maior número de espectadores possível, a pouca gerência do Estado e uma cadeia mercadológica débil, continuava permitindo com que os filmes estrangeiros entrassem livremente no país, estabelecendo uma concorrência desleal frente às obras nacionais, por diversos fatores.

Pouco espaço restava para as produções nacionais, diante do mercado ainda frágil como o brasileiro, de adentrar no circuito comercial de exibição, dificuldade que acompanha a própria história do cinema do país, podendo ser vista até os dias atuais. Isso porque, a dinâmica do mercado é pautada na existência de uma indústria constituída de conglomerados de mídia detentores de estrutura e conhecimento gerados ao longo do tempo de atuação, geralmente originárias de países com uma importante e vasta cinematografia, que conseguem produzir muito e que tem condições de articular os elos da cadeia de forma bastante ativa e competitiva, de abrangência mundial.

O que determinados conglomerados de mídia sempre conseguiram fazer, a exemplo da indústria do cinema e do audiovisual estadunidense, foi proporcionar qualidade técnica de suas obras, com apelo feito por meio de roteiros fáceis de serem entendidos, que cativam o espectador sem necessariamente expandir um conteúdo formador àqueles que os assistem, também formular fortes campanhas de *marketing* elaboradas para a escala mundial, chegando na “indústria das celebridades” que fabrica musas e estrelas de cinema que, ao frequentarem os tapetes vermelhos dos festivais de cinema de todo o mundo, fazerem comerciais e outras atividades de promoção delas e de seus trabalhos, agregam capital à obra, ajudando vigorosamente a determinar a escolha do espectador de ver um filme e qual ele será.

O fato é que, sem querer esgotar esse assunto que diz respeito à formação de gosto e das escolhas dos espectadores na hora de irem ao cinema ver determinado filme, por também saber que os fatores extrapolam aspectos meramente subjetivos, levando em consideração as estratégias criadas pelas empresas que lideram o setor, quando vamos ao cinema, em diversas cidades do país e em complexos exibidores diferentes, é fácil observar apenas um ou dois filmes brasileiros em cartaz, contraposto com oito a dez filmes estrangeiros.

Mesmo com o fechamento dos cinemas de rua e as salas de exibição aos poucos se fixando nos *shoppings centers* com a formação de complexos exibidores do tipo Multiplex, movimento iniciado desde a década de 80 e os anos 90 em todo o país, o parque exibidor brasileiro cresceu no período aqui analisado, segundo dados do OCA – Observatório Brasileiro de Cinema e Audiovisual, passando de 1.033 salas em 1995, para 1.817 em 2003, 2.206 salas de cinema em 2010, 2.517 em 2012, chegando a 2.833 salas de cinema no ano de

2014. Apesar disso, os filmes brasileiros enfrentavam e ainda enfrentam dificuldades na questão da exibição, por serem preteridos aos dos grandes estúdios estrangeiros.

Neste ensejo, a reflexão é a de que as normas regulatórias exaradas pelo governo brasileiro e os mecanismos presentes nas leis de incentivo estavam voltados quase que totalmente para a produção cinematográfica, não estabelecendo uma articulação entre os setores da cadeia produtiva: a infraestrutura de serviços que circunda toda a cadeia, a distribuição ou comercialização e a exibição das obras realizadas, conseqüentemente, não adentrando no processo de composição de um mercado que fosse integrado e, portanto, autossustentável.

Nem mesmo o entrelaçamento de fato entre a televisão, a publicidade e o cinema, em conformidade com os fatos acima mencionados, das obras desenvolvidas a partir das técnicas do audiovisual e daquelas próprias do fazer cinematográfico, que culmina na percepção que temos hoje, de que não parece mais que se tenha uma diferença substancial entre o filme e o vídeo, foi considerado para que se manifestasse no âmbito institucional e legislativo uma vinculação entre esses meios, com a construção de uma política que os interligassem, sem embargo dos esforços feitos por pessoas que estavam no meio e tinham uma visão mais ampla sobre o assunto.

O exemplo mais contundente dessa reflexão, comprovando que essa discussão se arrasta no tempo sem ser dirimida, diz respeito à tentativa fracassada de criação da *Agência do Cinema e do Audiovisual - ANCINAV* no ano de 2004, segundo Gusmão (2008), projeto de lei encaminhado pelo Ministério da Cultura para o Congresso Brasileiro de Cinema e posteriormente para consulta pública. Teria como competência a regulação e fiscalização tanto das atividades audiovisuais como as cinematográficas, com finalidade precípua de universalizar o acesso a obras produzidas, no entendimento da cultura como um direito de todos, reunindo institucionalmente os setores envolvidos, que seriam geridos conjuntamente.

O projeto não foi levado adiante com a crítica principal de que o Estado estava intervindo demasiadamente na cadeia do cinema e do audiovisual, que por natureza se mostrava dinâmica e competitiva. Porém, diversas outras tensões surgiram quando os grandes conglomerados das telecomunicações no Brasil viram-se prestes a fazerem parte de um mercado que tentava ser autossustentável em benefício de uma estratégia de formação identitária da nação, contrapondo com seus interesses próprios que coadunavam com os daqueles que estavam vinculados à indústria de mídia internacionais, no interesse que houvesse pouca taxaçoão de sua atividade e também pouca regulação e controle do Estado.

O início do século XXI, mais precisamente a partir do ano de 2003, ao contrário de outros momentos políticos brasileiros, como o governo de Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, e a opção por fomentar a cultura, e mais especificadamente o audiovisual, não diretamente, mas através de leis de incentivo fiscais, o governo de Lula (2003-2011) desde a campanha presidencial de 2002, mostra a intenção de incluir com maior veemência a cultura dentro da área das políticas públicas, como pode-se observar no documento “A Imaginação a Serviço do Brasil - Programa de políticas públicas de cultura” parte do programa de governo. No seu teor, coadunava “com documentos e estudos internacionais nos quais a cultura é considerada como um direito básico, propondo que as políticas culturais estejam voltadas para o desenvolvimento e o fortalecimento da democracia” (CALABRE, 2014, p.143), aventando a recuperação do papel do Estado como fomentador e regulador da produção e difusão cultural, a formação do gosto e a qualificação dos artistas.

A percepção era de que as portas estavam abertas para a invenção de uma política cultural que fosse democrática, ampla e complexa, com preocupação voltada para a disponibilização do acesso à cultura, tanto no âmbito da expressão quanto da sua fruição, cabendo ao Estado promover a estrutura para que isso pudesse acontecer.

Para colocar em prática este projeto, o presidente Lula convidou o baiano, cantor e compositor marcante para o movimento Tropicalista no final dos anos 60, Gilberto Gil para ser o ministro da cultura. Em seu discurso de posse, deixa claro seus objetivos no período que estivesse investido no cargo de ministro da cultura, partindo do entendimento de que o Estado faz cultura quando formula políticas públicas para a cultura e, assim, cria condições de acesso universal aos bens simbólicos, condições necessárias para a criação e a produção de bens culturais sejam eles quais forem, promovendo o desenvolvimento cultural geral da sociedade. Já que o acesso à cultura estava sendo considerado como um direito básico do cidadão: um direito humano fundamental, o Estado brasileiro não poderia ser omissos com relação à formulação e execução de políticas públicas para a cultura, à regulação dessa atividade, pois tornaria impossível utilizá-la como instrumento de diminuição dos desníveis sociais, “apostando sempre na realização plena do humano.” (GIL, 2003).

O Estado brasileiro, portanto, passa a se afinar melhor com as recomendações da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Segundo Silva e Dutra (2012, p.10) “acabamos por cunhar um ‘modelo integral’ para a cultura”, anuindo com a *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*, do ano de 2001 e a *Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais* da UNESCO de 2005, mostrando-se preocupado com a questão da diversidade cultural e

destacando a necessidade de incorporar a cultura como elemento estratégico das políticas de desenvolvimento nacionais e internacionais, entre outras determinações relacionadas ao assunto. A UNESCO “foi o principal organismo multilateral responsável por inocular esse novo ideário da relação entre cultura e desenvolvimento em escala global.” (VIEIRA, 2009, p.68).

Neste momento, a cultura estava sendo pensada “nas três dimensões básicas de sua existência: a dimensão simbólica, a dimensão de cidadania e inclusão, e a dimensão econômica” (GIL, 2004), levando em consideração que falar de cultura implica em pensá-la de maneira transversal, na sua articulação com o âmbito social e econômico e vice-versa. E que acima de tudo, ao poder público cabia regular e promover esta seara, assim como fazia quando se tratava dos direitos sociais como o direito à saúde, à moradia e à educação, se apresentando de uma maneira muito mais ativa no cenário cultural, indo além das políticas de incentivo baseada somente nas isenções fiscais.

Esta nova concepção do papel do Estado com relação à cultura alcança o cinema e audiovisual, inclusive com o deslocamento institucional da ANCINE – *Agência Nacional do Cinema* para a jurisdição do Ministério da Cultura esboçando o interesse do Estado em se organizar institucionalmente, reconhecendo as mais diversas manifestações culturais. A agência fora criada em 2001 e tem como atribuições o fomento, a regulação e a fiscalização do mercado do cinema e do audiovisual no Brasil, incentivando investimentos privados, não fomentando diretamente nenhum setor da cadeia produtiva cinematográfica, incluindo as mostras e festivais de cinema, porém tendo um papel crucial na regulação deste setor.

Foi consoante a essa conjuntura, a partir do governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), com o Ministério da Cultura exercido por Gilberto Gil (2003-2008) e Orlando Senna<sup>2</sup> (2003-2007) na diretoria da Secretaria do Audiovisual - SAV, vinculada ao Ministério, estes últimos baianos, que os incentivos públicos, operados diretamente e não via incentivos fiscais

---

<sup>2</sup> Orlando Senna nasceu no município de Lençóis, no interior da Bahia, e logo na adolescência foi estudar em Salvador, cidade que fez o colegial, quando conhece o também adolescente Glauber Rocha, posteriormente ingressando no curso de Direito. Segundo Leal (2008), o momento era a década de 60, diversas convulsões culturais arrebataram a Bahia, Orlando participa do movimento estudantil da UNE – União dos Estudantes – se engaja na política estudantil e começa a dirigir peças de teatro e documentários politizados. Larga a faculdade de direito, ingressa no cinema profissional sendo assistente de Roberto Pires, reconhecido cineasta baiano que ajudou a impulsionar o Ciclo Baiano de Cinema (1959-1963) marco da efervescência do cinema no estado e que deu substância ao movimento Cinema Novo. Com o golpe militar ocorrido no ano de 1964, ele passa para a clandestinidade. Voltando-se agora para a área do jornalismo, sai da Bahia, sem deixar de produzir filmes, roteiros, livros.

No momento que estava fora do Brasil, na década de 1990, esclarece Leal (2008) participou da elaboração da Escola Internacional de Cinema e Televisão de *San Antonio de los Baños* em Cuba, ao lado de Gabriel García Márquez e Fernando Birri, da qual foi diretor de 1991 a 1994, aumentando seu prestígio intelectual, o que o levou a possibilidade de criar diversas escolas de cinema, fazer oficinas e cursos por toda a América Latina.

de pessoas jurídicas privadas, para a seara do cinema e audiovisual e, assim, para festivais e mostras, começaram a fazer parte de uma agenda cultural do Estado brasileiro. Os efeitos dessa configuração nos altos cargos hierárquicos do governo brasileiro podem ser visualizados na dinâmica pulsante com a qual se apresenta o setor na contemporaneidade.

### 2.1.3 Novos delineamentos para o cinema e o audiovisual: as políticas públicas de incentivo

A Secretaria do Audiovisual ganha força e uma maior autonomia a partir desse período, tornando-se importante neste momento, pois serviu para articular as necessidades do audiovisual nacional, influenciando na construção das políticas públicas que começavam a ser emanadas do governo federal.

O órgão foi criado no ano de 1992, com o advento da lei 8.490 sob o nome de Secretaria de Desenvolvimento Audiovisual, no governo do então presidente da república Itamar Franco, que aliás traz de volta o próprio Ministério, extinto em 1990. Suas competências envolvem a formação, a produção inclusiva, a regionalização, a difusão não-comercial, a democratização do acesso e a preservação dos conteúdos audiovisuais brasileiros, respeitadas as diretrizes da política nacional do cinema e do audiovisual e do Plano Nacional de Cultura, atuando na articulação dos setores que envolvem o processo produtivo do audiovisual.

E como descrito no relatório da SAV (2003-2006), seguindo as diretrizes do governo e do Ministério da Cultura, ela visa “garantir a democratização da produção e da acessibilidade dos produtos audiovisuais.” (SAV, p. 6). A partir do ano de 2003, com a reestruturação institucional do Ministério da Cultura, o legado legislativo erigido desde os anos de 1992 até então, a SAV coloca seu foco essencialmente na difusão e no fortalecimento da vertente cultural do audiovisual brasileiro.

Até o ano de 2002, a SAV estimulou a difusão audiovisual brasileira “através de convênios com recursos do Fundo Nacional da Cultura” (SAV, 1995-2002, p.37), que permitiram o apoio à realização de festivais nacionais consagrados e outros novos, buscando contribuir para aumentar a visibilidade das obras nacionais, segundo o relatório da SAV 1995-2002:

Possibilitando a ampliação de eventos tradicionais, como os Festivais de Cinema de Gramado, Brasília e Rio de Janeiro, o fortalecimento de festivais regionais, como o Festival Guarnicê, o Cine Ceará, o Vitória Cine Vídeo, o Festival de Recife, Festival da Bahia e o Festival de Natal e o surgimento de novos, como o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental e os

Festivais do Mercosul /Florianópolis, Curitiba, João Pessoa, Teresina e Tiradentes/MG. (SAV, 1995-2002, p.38).

Orlando foi, sem dúvidas, uma figura importante para a estruturação da SAV, carregando com ele toda a experiência e conhecimento adquiridos pelo engajamento com as questões da cultura, as experiências vividas na área e os relacionamentos travados ao longo de sua vida, pôde ser pensado por Gil como aquele que ajudaria na condução do audiovisual brasileiro na busca de novos espaços e de novas definições. Segundo Leal (2008):

Foi uma das cabeças pensantes na Bahia dentro do movimento que gerou o Cinema Novo, o Cinema Marginal e a Tropicália. Orlando estava imerso nesse caldeirão produzindo teatro, cinema, jornalismo e música, junto com figuras que marcaram as artes para sempre, como Caetano Veloso, Glauber Rocha, Jorge Amado, Tom Zé, Gilberto Gil, entre uma infinidade de amigos e parceiros. Uma turma que se conheceu na juventude e gerou uma efervescência sem precedentes na cultura brasileira nos últimos 40 anos. (LEAL, 2008, p.11)

Durante o seu exercício como secretário, “já traz consigo um projeto de política para o audiovisual nacional elaborado em parceria com associações de classe e grupos de produtores, distribuidores e exibidores. ” (MOREIRA; BEZERRA; ROCHA, 2010, p.133), propondo a reorganização da secretaria na ambição de dar maior amplitude a sua atuação, articulando os setores que envolvem o processo produtivo do audiovisual e se aproximando da ANCINE – Agência Nacional do Cinema. Como aclara Moreira; Bezerra; Rocha (2010, p.134), “a ANCINE, órgão oficial de regulação dos mercados cinematográficos e ideográficos, deveria formar, junto com a SAV e o Conselho Superior de Cinema aquilo que Gilberto Gil chamou de ‘tripé’ de formulação e execução da política audiovisual. ”

Logo nos primeiros meses de 2003, a SAV formulou e lançou o Programa Brasileiro de Cinema e Audiovisual: *Brasil, um País de Todas as Telas*, que pretendia tornar o audiovisual brasileiro mais ativo, atuando de acordo a conjuntura contemporânea, partindo, como elucida o Relatório da SAV do primeiro governo Lula (2003-2006), do fato de que há “uma radical reconfiguração da dimensão simbólica do mundo contemporâneo” que se traduz em uma “forte concentração do mercado global da mídia/entretenimento, que gira em torno somente de seis a oito megacompanhias”. Destaca também o “caráter assimétrico dos processos de circulação e de produção dos bens simbólicos na arena internacional”, o que sugere, conforme explica Moreira; Bezerra; Rocha (2010, p.134), uma tentativa de suplantar o abismo existente entre as políticas de comunicação e da cultura, pretendendo “contemplar tanto a natureza política/cultural/simbólica do audiovisual quanto seu caráter

industrial/tecnológico/mercadológico”, objetivando o fomento de uma indústria audiovisual nacional.

O Programa visava conjugar os eixos que constituem a cadeia produtiva do audiovisual: produção/criação, difusão, formação profissional/preservação da memória e política externa, refletindo uma mudança do modelo até então usado, uma vez que, as políticas advindas do poder público com relação ao audiovisual estavam focadas, iminentemente, no fomento à produção, “mesmo que este setor ainda concentre a maior parte dos projetos e dos gastos da SAv. ” (MOREIRA; BEZERRA; ROCHA, 2010 p.135).

O eixo de Fomento à Difusão, segundo o Relatório SAv (2003-2006, p.25) tem como objetivo promover iniciativas para situar o produto brasileiro no mercado internacional e também nacional, reconhecendo este desafio para as cinematografias dos países em desenvolvimento, ou seja, “abrir espaços de exibição para seu próprio produto audiovisual”. Ainda explica o Relatório quando fala dos dados relativos a este setor:

O Brasil possui hoje cerca de 2.041 salas de cinema<sup>3</sup>, distribuídas nos grandes centros urbanos<sup>4</sup>, conformando um circuito que exclui a maioria da população brasileira, em decorrência dos altos preços dos ingressos e da própria localização das salas, distantes dos bairros populares. (SAv, 2003-2006, p.25).

Além do desequilíbrio existente na estrutura de exibição nacional, explica ainda o citado relatório, o mercado interno é controlado por distribuidoras multinacionais, que dão prioridade aos filmes estadunidenses, prática que impacta de maneira negativa na balança comercial brasileira “na medida em que levam para fora do país os lucros obtidos no mercado brasileiro. ” (p.25). Ainda continua:

Para se ter idéia da presença destas empresas no mercado interno de cinema, no ranking de público, a partir de 1995 - ano do que se costumou definir como “a retomada” - apenas um dos vinte filmes melhores colocados em bilheterias está nas mãos de empresa brasileira, o Central do Brasil (Walter Salles)<sup>5</sup>, cuja distribuição foi feita numa parceria entre Rio Filme/Severiano Ribeiro.

<sup>3</sup> Dados que, segundo o Relatório SAv 2003-2006, foram fornecidos pela Filme B, portal da internet dedicado ao mercado do cinema no Brasil.

<sup>4</sup> Segundo consta no Relatório SAv 2003-2006: “Segundo o IBGE, apenas 7% dos municípios brasileiros possuem salas de cinema, concentradas na região Sudeste, onde chegam a aproximadamente 20% dos municípios.

<sup>5</sup> O filme Central do Brasil foi visto por cerca de 1 milhão 600 mil pessoas, e ocupa 19ª colocação do referido ranking, segundo dados da Filme B.

Mesmo contando com instrumentos como a cota de tela<sup>6</sup>, que é o instrumento jurídico que assegura a presença dos produtos nacionais nas salas de exibição comerciais do país, a Secretaria do Audiovisual – SAV, segundo ainda o citado relatório, promoveu uma série de iniciativas no intuito de abrir novos espaços de exibição:

O Programa de Fomento envolve ações de diversas naturezas, desde iniciativas relacionadas diretamente com o negócio do audiovisual, como a criação de uma linha de crédito especial no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), para fomentar a ampliação da infraestrutura de exibição; e a promoção de vendas do conteúdo nacional no mercado externo, como os Programas Setoriais de Exportação de Tv e Cinema, até ações de cunho cultural, de apoio a festivais nacionais e internacionais, incluindo a viabilização da participação de realizadores nacionais nos referidos espaços de difusão.

A Secretaria do Audiovisual iniciou a implantação de um circuito de exibição alternativo, com o financiamento de cem pontos digitais, selecionados através de editais públicos. Estes espaços seriam alimentados por conteúdos distribuídos pela Programadora Brasil que visava disponibilizar o conteúdo nacional a novos espaços de exibição, “no sentido de garantir o consumo de conteúdos brasileiros pelo maior número possível de cidadãos”, democratizando o acesso às produções nacionais com a criação de uma nova forma de circulação e exibição desses produtos. (SAV, 2003-2006, p.26).

Assim, sua ação se expande, acontecendo a participação no campo dos festivais de três formas: “apoio através de convênios, com o repasse de recursos diretos; através de autorização de captação pela Lei Rouanet e ainda através de liberação de passagens áreas para os realizadores. ” (SAV, 2003-2006, p.31). A SAV divulga que seus investimentos diretos em ações desenvolvidas pelo Programa de Fomento à Difusão de conteúdo nacional, tanto interno quanto externamente, somaram, de 2003 até 23 de agosto de 2006, R\$ 18.451.365,00.

Esses encaminhamentos políticos, legislativos e jurídicos construídos no âmbito federal brasileiro considerados nas reflexões ora apresentadas, que traduzem disposições forjadas pelas condições objetivas (BOURDIEU, 2007), tem seus espectros refletidos no modo como as pessoas pautavam seus planos e metas para poderem exercer atividades na seara do cinema e audiovisual brasileiro. Acredito que não seria possível analisar as condutas e as escolhas dos indivíduos sem que se apresentasse o espaço dessas possibilidades, ou melhor, “as regras do jogo”, inspirada nos estudos do já citado, Norbert Elias (1980).

---

<sup>6</sup> Estabelecida anualmente pela Agência Nacional do Cinema – ANCINE, em 2006 a cota de tela ficou em 65 dias.



Foi essa conjuntura, desde a mudança de concepção acerca dos direitos culturais no Brasil até as efetivas implementações das políticas públicas resultados desta mudança, acompanhadas do fortalecimento institucional de órgãos públicos como o Ministério da Cultura, ANCINE e Secretaria do Audiovisual, que acredita-se ter possibilitado, refletindo principalmente sob as circunstâncias materiais de realização, o crescimento do número de festivais e mostras de cinema no Brasil.

Os festivais e mostras de cinema ganham força, em consonância a esse cenário, na compreensão da importância dos mesmos para a expansão e fortalecimento do mercado audiovisual interno, estratégico para o país, por estarem voltados para a difusão e promoção das obras cinematográficas, principalmente as nacionais, além de serem espaços cujas atividades tem uma potente capacidade de formação técnica e humana/cultural, também profissionalizante, das pessoas que deles participam de maneira interessada.

#### 2.1.4 O circuito alternativo de exibição baiano – festivais e mostras de cinema

Focando o olhar para o estado da Bahia, de acordo com os resultados do mapeamento das mostras e festivais de cinema na Bahia contemporânea, estudo realizado no âmbito da Iniciação Científica do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, e que teve como recorte as políticas de incentivo, entre os anos de 2003 e 2014, o estado foi palco da realização anual de 12 eventos de exibição, que conseguiram estruturar uma certa permanência na agenda cultural do estado. Também surgiram mais 14 eventos chamados de pontuais, ou seja, que aconteceram no máximo duas edições, sendo que alguns deles estão na sua primeira edição, outros são realizados de forma descontinuada e outros com um grande hiato. Contando com os eventos de caráter universitário, totalizou-se cerca de 30 eventos realizados.

Seguindo as análises dos dados da pesquisa, observa-se que a Bahia viu surgir dois eventos cinematográficos nos anos 2002 e 2004, ainda no início das implantações dos novos encaminhamentos para a cultura e o cinema e o audiovisual do país, que se destacam pela relevância e por terem mais de dez anos, quais sejam: *Panorama Internacional Coisa de Cinema* que acontece na cidade de Salvador e a *Mostra Cinema Conquista* que acontece na cidade de Vitória da Conquista. Entre os anos de 2002 e 2006, dois outros eventos surgiram no circuito, o *CineFuturo*, em 2005, que também acontece na cidade de Salvador capital do estado e *Arraial CineFest*, em 2006, na cidade de Arraial D'Ajuda, região sul do estado da Bahia.

A partir do ano de 2007, com a mudança política que ocorreu no Estado da Bahia, com a vigência do governo de Jaques Wagner (2007-2011) e o secretário de cultura Márcio Meirelles (2007-2010) e depois com Albino Rubim (2011-2014), há uma reorganização do setor da cultura no estado inclusive com a criação de um órgão específico para lidar com o setor da cultura – a Secretaria de Cultura do Estado. Nessa esteira, a Bahia iniciou seu tratamento com relação à cultura percebendo a importância de se valorizar e promover todas as formas de expressão cultural do estado, de todas as suas regiões, corroborando com os entendimentos e as determinações do governo federal, e para isso passou a trabalhar com os chamados “territórios de identidade”, subdivisões territoriais que vão além de um espaço geográfico delimitado por regras político-administrativas, sendo formados por um conjunto de elementos diversos: ambientais, sociais, culturais, econômicos e políticos.

Verificou-se na Bahia a implementação das políticas culturais que vinham sendo desenvolvidas em âmbito federal, e nesta oportunidade vieram os incentivos para o cinema e audiovisual de maneira geral, também para o circuito alternativo de exibição – festivais e mostras de cinema. Os editais públicos estaduais, que previam financiamento à esfera do cinema e do audiovisual, começaram a ser lançados (Setorial Audiovisual, Demanda Espontânea e de Eventos Calendarizados) e nunca antes houve no estado tamanha movimentação no campo cultural, já que agora os produtores culturais tinham maior possibilidade de ver seus projetos saindo do papel, com incentivos distribuídos pelos diferentes territórios culturais e para diferentes manifestações culturais de maneira mais equânime e dita imparcial e merecedora.

Assim, a resposta a estas medidas e entendimentos formados ao longo desse tempo é a de que o número de eventos de exibição começa a crescer significativamente a partir do ano de 2007 no estado, com o surgimento do *Festival Nacional de Curtas-Metragens do Vale do São Francisco - Vale Curtas* que acontece na cidade de Juazeiro – BA e em Petrolina – PE, em 2007 e a *Mostra Possíveis Sexualidades* que acontece em Salvador, no ano de 2008. Nos anos de 2010 e 2011, os eventos continuaram surgindo, ocorrendo o *Festival de Documentários de Cachoeira - CachoeiraDoc* realizado em Cachoeira – BA; a *Mostrinha de Cinema Infantil* na cidade de Vitória da Conquista – BA e o *FECIBA – Festival de Cinema Baiano*, no ano de 2011, que acontece na cidade de Ilhéus. Isso sem contar os eventos pontuais e os universitários citados anteriormente, que também surgiram de maneira crescente neste período de tempo, mapeados até o ano de 2014.

Os festivais e mostras de cinema também começam a ter uma melhor distribuição nas regiões do estado, sintonizando com os ideais democráticos ligados à cultura como um direito

de todos proveniente da esfera federal, visto que no ano de 2010 os eventos principais que acontecem no interior do estado sobem para 5, ultrapassando o número que acontecem na capital do estado que são de 4 eventos permanecendo essa vantagem quantitativa do interior até o ano de 2014, fato bastante significativo, pois tradicionalmente os recursos e, conseqüentemente, as atividades culturais como as aqui tratadas se concentravam grandemente na capital do estado.

Com o estudo pormenorizado das formas de financiamento e do valor arrecadado por estes eventos audiovisuais para que conseguissem acontecer, verificou-se que os eventos que tinham maior periodicidade e maior número de edições foram aqueles que receberam incentivos advindos do poder público – seja no âmbito federal, estadual ou municipal. Todos os eventos, que estruturaram uma certa permanência no calendário cultural do estado, tiveram incentivos públicos para se realizarem pelo menos em alguma edição. As políticas públicas e os incentivos advindos do Estado brasileiro foram preponderantes para que os festivais e mostras da Bahia pudessem existir e perdurar no tempo.

Antes dos anos 2000, os festivais e mostras de cinema que existiram no estado eram somente os já citados *I Festival de Cinema do Brasil* realizado em 1951, o *I Festival de Cinema da Bahia* em 1962, a *Jornada Internacional de Cinema da Bahia* que foi realizada pela primeira vez em 1972. Em 1994 houve o surgimento do *Festival 5 minutos*, que promove a exibição de produções audiovisuais com duração de até 5 minutos, organizado pela FUNCEB – Fundação Cultural do estado da Bahia, órgão criado em 1974 durante a ditadura militar (1964-1985). A *Jornada* encerrou suas atividades na 39ª edição no ano de 2012, enquanto o último se realiza até os dias atuais, somando 16 edições no ano de 2014.

Todos os eventos que se realizam no estado da Bahia possuem alguns aspectos que os aproximam, como as suas estruturas ou a forma como eles se organizam, divididos em dois grandes eixos: o de difusão e o de formação. O uso dessas denominações de nenhuma maneira serve para subjugar ou anular o conhecido potencial formador intrínseco ao ato de ver um filme, porém para que se possa diferenciar esses dois vieses predominantes nas práticas de exibição aqui tratadas, quando se fala em eixo de formação, deve-se entender aquele que abarca as outras atividades desenvolvidas nos eventos que não a de exibição, que dizem respeito as questões técnicas e práticas, como as oficinas, discussões sobre os filmes vistos e outras discussões teóricas que consideram o cinema e o audiovisual na dinâmica do mundo social.

Em alguns deles, o eixo de formação é menor em comparação ao eixo de exibição fílmica, fato que tem relação também com o aporte financeiro envolvido na realização deles, todavia em todos eles essa seção não deixa de existir.

Pondero que, não somente com relação às condições materiais de realização dos eventos aqui estudados, mas também às que correspondem ao universo dos símbolos, podem ser melhor revelados quando pensamos que a gênese da prática de exibição alternativa cinematográfica e audiovisual – dos festivais e mostras de cinema, seria um outro espaço de exibição, pioneiras nesse ambiente, os cineclubes, onde ver, ouvir e refletir sobre o cinema era o que motivava as pessoas que lá se encontravam para aprender uns com os outros, formando uma teia de conhecimentos que perduram no tempo, incorporados, ressignificados e refletidos nas ações dos indivíduos.

## 2.2 OS CINECLUBES - A GÊNESE DA PRÁTICA SOCIAL DE EXIBIÇÕES ALTERNATIVAS – FESTIVAIS E MOSTRAS DE CINEMA

Com os cineclubes, uma outra janela de exibição cinematográfica se abriu, uma janela alternativa às salas de exibição comerciais, vinculadas a grandes complexos exibidores e recheadas de filmes estrangeiros populares, voltados para aqueles que buscavam principalmente entretenimento. Os filmes exibidos naquele ambiente, em geral, eram considerados clássicos das cinematografias de diversos diretores de todo o mundo e instigavam o pensamento crítico sobre os aspectos intrínsecos e extrínsecos à arte cinematográfica.

Os cineclubes iniciaram as exposições cinematográficas alternativas ao circuito comercial formado pelas já conhecidas salas de cinema comerciais e, em grande medida, favoreceu a tessitura de uma teia relacional de pessoas, redes humanas geradoras de conhecimento que formam-se de modo processual e intergeracional. Elias (1994a, p.30), quando fala dessas relações interpessoais diz que podem ser melhor expressas “se imaginarmos a rede em constante movimento, como um tecer e destecer ininterrupto das ligações”, da qual as “ideias, convicções, afetos, necessidades e traços de caráter” expressam “a rede de relações de que ele emergiu e na qual penetra. ” (ELIAS, 1994a, p.30).

O pensamento é o de que as pessoas que estão à frente da produção dos festivais e mostras de cinema da Bahia contemporânea, com o recorte feito para Claudio Marques e Esmon Primo realizadores do *Panorama Internacional Coisa de Cinema* e *Mostra Cinema Conquista* respectivamente, tem inscritos em seus percursos de vida, em diversos âmbitos e

aspectos de suas formações culturais, determinados símbolos aprendidos no decorrer de suas vivências e encontros ocorridos no ambiente do cinema que, mesmo que de maneira indireta, remetem ao conhecimento gerado na ambiência dos cineclubes, esses surgidos desde os primórdios do cinema no Brasil e no mundo.

Quando aqui se considera pensar acerca da gênese de uma prática social, considerando as pessoas que a realizaram, é com a pretensão de analisá-la segundo os diversos vieses que a informam, as diversas teias relacionais que vão se formando ao longo do tempo, que a torna possível de acontecer, pois atinge-se com maior precisão os aspectos simbólicos de aprendizados intergeracionais, que acredito serem imprescindíveis para a sua compreensão.

Isso porque sabe-se, das reflexões suscitadas pelos estudos de Elias (1994c, p.32), que “os seres humanos são capazes de transmitir conhecimento de geração para geração sobretudo através de símbolos”, então, acredita-se que as práticas aqui estudadas, foram possíveis de serem executadas também por estarem informadas de certos símbolos que, uma vez incorporados pelos seus realizadores, nas experiências compartilhadas ao longo do tempo geradoras de conhecimento, parecem estar presentes nos seus pensamentos e nas suas ações, ajudando a formar suas personalidades e a maneira com que se portam no mundo.

O estudo da sociedade e, portanto, dos inúmeros indivíduos que a compõe, está aqui sendo elaborado não apenas com a reflexão acerca dos aspectos estruturais da dinâmica do contexto social, político e econômico de surgimento dos festivais e mostras de cinema, como se pensássemos que a sociedade não fosse constituída de seres humanos como nós mesmos. Isso porque, acredita-se que cabe refletir acerca das práticas aqui analisadas também sob o ponto de vista do humano, o que pensa, sente e age no mundo social sempre em tensão com o mundo exterior, visto como um “entrelaçamento incessante e irredutível de seres individuais” (ELIAS, 1994a, p.29). Certos elementos que são simbólicos, que compõe sistemas que orientam grande parte da atividade humana, porque processadas e sintetizadas nos intelectos dos indivíduos, nesse estudo serão levados em consideração, por não se conceber uma análise que seja o mais perto da realidade vivida, sem que eles sejam arrazoados.

Essa reflexão parte da observação dos festivais e mostras de cinema da Bahia que tiveram suas realizações nos anos 2000, do que podemos chamar de “lógica cineclubista”, cuja ideia de formação pelo e através do cinema está presente na forma como eles se estruturam ou se organizam, que ultrapassa apenas a difusão cinematográfica descompromissada, já que no seio dos cineclubes a reflexão do que era visto também fazia

parte da dinâmica, a que proporcionava, inevitavelmente, a formação cultural daqueles que deles participavam de maneira interessada.

Também pelo fato de que alguns festivais e mostras de cinema serem decorrentes das discussões travadas nesse ambiente, assim como das atividades por eles desenvolvidas, portanto praticamente nascidos no seio dos cineclubes. Destaco o *Clube de Cinema da Bahia*, criado em 1950, e o *Clube de Cinema de São Paulo*, ainda na década de 1940, por ter sido a partir deles, do ambiente que ajudaram grandemente a formar, com a reflexão e a discussão acerca do cinema, tanto em termos estéticos quanto do seu caráter cultural mais amplo, e pela rede que constituíram, que foi possível ter surgido os dois primeiros festivais de cinema no Brasil, ainda na década de 1950.

Na dinâmica própria dessa prática estava contida a percepção de que assistir filmes não eram apenas entretenimento, mas antes de tudo, que ver filmes formava culturalmente as pessoas, contribuindo fortemente para a formação de gostos e do conhecimento acerca do cinema. Chegados no Brasil na década de 1920, eram tidos pelos amantes do cinema como espaços de formação, pois propiciavam as trocas de saberes nas discussões intelectuais acerca dos filmes que eram vistos, possibilitando a formação de um pensamento teórico sobre os mesmos, calcado na ideia de que não bastava somente assistir ao filme, pois desejava-se também “prolongar sua experiência pela fala, pela conversa, pela escrita”, uma vez que, segundo Baecque (2010, p.33), “cada uma dessas lembranças confere verdadeiro valor ao filme.”

O ambiente dos clubes de cinema fora constituído justamente pelos anseios de um público especializado do cinema, que queria mais do que a mera fruição dos filmes, queriam filmes diferenciados, de valor artístico elevado, para com eles formar-se como espectadores críticos, algo que não lograria êxito tendo em mente o circuito comercial de exibição instaurado no país, que trabalhava com filmes, na maioria das vezes, voltados para o mero entretenimento. Era somente nos cineclubes que esse público tinha a oportunidade de ver filmes com um apelo estético e de linguagem diferenciados, com roteiros e temas que proporcionavam raciocínios que iam para além da simples diversão, que instigavam análises e reflexões amplas, tornando esse lugar um importante espaço para ver, falar e pensar sobre cinema.

Assim, como explicita Gusmão (2008), o público que se formava a partir do ambiente cinematográfico nacional das décadas iniciais do século XX, apontava à percepção de duas tendências, uma que formava maioria, referia-se àqueles que assistiam os filmes por puro entretenimento e a outra, predominantemente formado por pessoas que consumiam

cinema de maneira diferenciada, possivelmente com um maior nível de formação educacional, que estava preocupada em treinar o olhar para a sétima arte, citando como exemplo jornalistas e os primeiros críticos de cinema.

Além da distinta apreciação para com o cinema e das discussões políticas que o circundavam, este universo possibilitou com que fossem suscitadas questões também sobre a preservação do patrimônio audiovisual, e tiveram uma significativa contribuição para a concepção e consolidação, por exemplo, da Cinemateca Nacional (CORREA JR, 2007).

Na Bahia, o *Clube de Cinema da Bahia* foi o berço, como já citado, do surgimento do *Primeiro Festival de Cinema da Bahia* (SILVEIRA, 2006) logo em 1951, festival pioneiro no Brasil, e a propósito também da *Jornada de Cinema da Bahia*, realizado pela primeira vez em 1972, tendo como realizador o documentarista Guido Araújo, entre outros colaboradores, que inclusive frequentou o cineclube e assumiu sua coordenação após a morte de Walter da Silveira, em 1970.

O cineclube baiano foi um ambiente que fomentou diversas atividades, na cidade de Salvador, de suma importância para o cinema na Bahia, executando atividades intrínsecas a atividade cineclubista, de assistir aos filmes considerados clássicos e relevantes para a cinematografia mundial, e discutir sobre o que foi visto, demonstrando, desde já, a influência que exerceu no desenvolvimento da sensibilidade para com a arte cinematográfica, da técnica a estética, de inúmeras pessoas, ao longo dos anos que esteve funcionando.

Além dessas, promovia atividades como cursos e, de maneira ampla, propiciava encontros bastantes frutíferos entre as pessoas engajadas no mundo do cinema, reunidas pelo interesse comum em fazer e pensar cinema, ajudando a fomentar uma conjuntura favorável para o cinema no estado e fornecendo uma vasta formação àqueles que dele participaram.

Guido Araújo destaca-se nesse percurso histórico e processual, de onde o conhecimento brota e é transmitido, sem deixar de lado outras várias pessoas que também figuravam nesse período e ambiente, pois participou ativamente da ambiência do cinema na cidade de Salvador desde a década de 1950, frequentando os cineclubes, produzindo filmes, conhecendo pessoas. Começou a realizar exposições cinematográficas, efetivamente, desde de 1971, um ano após a morte de Walter da Silveira, momento que organizou uma retrospectiva dos “10 anos de Cinema Baiano”, durante uma semana, no Cine Bahia, que conseguiu reunir diversas pessoas ligadas ao cinema no estado. Segundo Gusmão (2008) e de acordo com depoimento do próprio Guido, “foi do sucesso do encontro propiciado pela retrospectiva que surgiu a ideia de realizar a primeira edição da *Jornada Baiana de Curta Metragem*. ” (GUSMÃO, 2008, p.214).

Percebe-se que as experiências proporcionadas por aquele ambiente, que por ele foram diretamente vivenciadas, de uma certa forma, levaram, mesmo que de maneira imperceptível e despropositada, às suas ações posteriores. Assim, explana Gusmão (2008):

Observa-se nesse percurso que o trabalho realizado nessa rede que se desenvolveu com o ingresso de Walter da Silveira no âmbito cinematográfico na Bahia dos anos 1950, por meio das sessões do Clube de Cinema e da crítica cinematográfica publicada nos diversos jornais e revistas da cidade e até do país, possibilitou desdobramentos que vão desde a influência na formação cinematográfica da geração baiana do cinema novo, como na continuidade das atividades realizadas no âmbito do cinema em Salvador depois de sua morte, nos anos 1970, quando Guido Araújo já retornara da Tchecoslováquia e assumira a rearticulação das sessões do Clube de Cinema, e depois, instituindo a Jornada Internacional de Cinema da Bahia. (GUSMÃO, 2008, p.254).

Em decorrência desse trânsito que foi possível de ser feito por Guido Araújo, e do aprendizado por ele incorporado nas experiências vividas ou transmitidas pelas pessoas que figuravam no grupo que ele estava inserido (ELIAS, 1994c), é que foi possível, em janeiro de 1972, realizar a *I Jornada Baiana de Curtas-Metragens*, optando por focar no formato de filmes curtos, especialmente de bitolas de 16mm e super-8, por serem mais baratos e por demandarem equipamentos mais leves e dinâmicos, o que condizia com as dificuldades do período.

Segundo Melo (2009), essa escolha foi em decorrência daquele ser um momento de estagnação da produção fílmica na Bahia e de censura das obras pelo governo militar vigente, relacionando, portanto, a escolha por curtas-metragens não somente as escassas condições materiais do período, como também às possibilidades subversivas da obra de arte, já que era com aquele formato que muitos cineastas driblavam a forte censura do período do governo militar da década de 1970. Com esse formato de obra cinematográfica foi possível incentivar os jovens a se expressarem artisticamente através do cinema, o que contribuiu para o crescimento da produção na Bahia e no Brasil. (MELO, 2009).

Em grande parte, em decorrência da trajetória de Guido Araújo, as *Jornadas* sempre tiveram alicerçadas por instituições públicas e particulares, com apoio imprescindível para que pudessem se realizar, algo que já acontecia com relação às atividades do *Clube de Cinema da Bahia*, com as portas sendo abertas, principalmente, por Walter da Silveira. As edições iniciais tiveram como instituição promotora a UFBA – Universidade Federal da Bahia, segundo Melo (2009), através do *GEC - Grupo Experimental de Cinema*, criado por Guido Araújo e Walter da Silveira em 1968, ligado a Coordenação de Extensão da instituição.



Também as exposições aconteceram na Biblioteca Central do Estado, nos Barris, na Reitoria da UFBA e no ICBA - *Instituto Cultural Brasil – Alemanha/ Instituto Goethe*.

Em 1973, a *Jornada* amplia sua abrangência para a região Nordeste do país e com as dificuldades de realização frente ao cenário político nacional, Guido Araújo contou com o apoio da *Cinemateca do Museu de Arte Moderna* do Rio de Janeiro, na pessoa do então diretor, Cosme Alves Neto, do ICBA - Instituto Cultural Brasil-Alemanha, e também da *Bahiatursa*, criada em 1968 e atualmente ligada a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, “que só fez uma exigência para colaborar: a transferência do evento do período de alta estação para a baixa estação quando se tinha poucos turistas em Salvador e por isso pouca ocupação do parque hoteleiro da cidade.” (GUSMÃO, 2008, p. 253-254). O ICBA - *Instituto Cultural Brasil – Alemanha/ Instituto Goethe* teve um relevante papel no apoio que dava a realização das *Jornadas*, principalmente a partir da retirada do apoio da UFBA, em 1978 (MELO, 2009, p.62), e porque tinha “uma suposta imunidade diplomática” proporcionando com que os debates e exposições pudessem se realizar numa aparente liberdade, apesar de haver censores, a repressão mais ostensiva só poderia existir com a autorização do diretor do instituto. (MELO, 2009).

De acordo a esse contexto, é possível perceber o potencial formador desses ambientes, tanto do cineclubes quanto, posteriormente, das *Jornadas*, pelo conhecimento gerado e transmitido nas relações humanas por eles potencializadas, nos encontros que disparam processos constantes de geração de conhecimento, que fluem ao longo do tempo e influenciam como as pessoas agem no mundo social. Os conhecimentos aprendidos por Guido Araújo entre outras pessoas, as experiências vividas na ambiência do cinema da Bahia nesse período, de uma certa forma, condicionaram a sua maneira de pensar e de agir no âmbito social, tramando certas continuidades, traduzidas nas práticas por ele realizadas.

O *Clube de Cinema da Bahia* contribuiu para a formação ampla de grande parte das pessoas que estavam envolvidas no âmbito do cinema na Bahia nas décadas seguintes, possibilitando a existência da crítica cinematográfica (MELO, 2009) e as realizações das *Jornadas de Cinema na Bahia* (GUSMÃO, 2008). Considera-se, portanto, as atividades desenvolvidas através do *Clube de Cinema da Bahia*, como potencialmente geradoras de outras várias que se sucederam no âmbito do cinema na Bahia no decorrer dos anos.

Foi a ambiência dos cineclubes que proporcionou um certo desenvolvimento da crítica de cinema, prática estreitamente ligada ao cineclubismo, que rompe com textos e artigos publicados em revistas e jornais, sobre produções, aspectos do filme como diretores e atores, discussões estéticas e até relacionadas à situação do cinema no Brasil. Como as críticas

já tinham constituído um razoável espaço nos jornais e revistas, agora passam a ser personalizadas, com indicação dos nomes de seus autores, promovendo diversos e interessantes debates entre os estudiosos da sétima arte, gerando conhecimento especializado. Entre os anos de 1950 e 1970 na Bahia, destacam-se nomes tais como: Carlos Coelho, Vivaldo Cairo, Walter da Silveira, Carlos Coqueijo Costa, José Augusto Berbert de Castro, Frederico Edelweiss, Orlando Senna, José Olímpio da Rocha, Hamilton Correia e Glauber Rocha entre outros que, reunidos, possibilitaram a criação da ACCB - Associação dos Cronistas Cinematográficos da Bahia. (GUSMÃO, 2008).

Atenta-se para o contexto fecundo, de intensa movimentação cultural, que ocorreu entre as décadas de 1950 e 1960 na Bahia e no Brasil, de onde emergiram diversas pessoas que marcaram, através de suas ações, o âmbito da cultura, em diversos lugares do mundo, inclusive em Salvador. Esse fervilhar cultural não só teve estreitas implicações para o âmbito do cinema, mas para as artes em geral, tornando possível o surgimento de movimentos culturais no Brasil que propunham uma nova linguagem artística, como a Bossa Nova no âmbito da música, destacando nessa seara o movimento da Tropicália, surgido no final dos anos 60, por ter como seus expoentes os baianos Gilberto Gil e Caetano Veloso; o Grupo Oficina de teatro em São Paulo e nas artes plásticas com trabalhos de Lygia Clark e Hélio Oiticica expostos na Bienal de São Paulo, entre muitos outros.

Essa ambiência fértil e dinâmica no âmbito da cultura nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil e na Bahia foi gerada também pela “presença de representantes de gerações influenciadas pelo cineclubismo” (GUSMÃO, 2008, p.149), visto o cineclubismo como uma das principais marcas desse período de importantes inovações artísticas. O que podemos ver é que não foi por acaso o surgimento de pessoas tais como Vinícius de Moraes, Glauber Rocha, Jean Claude Bernadet, Leon Hirszman, Gustavo Dahl, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Helena Ignês, Anecy Rocha, Maria Bethânia, Orlando Senna, João Batista de Andrade, Walter Lima Júnior, Anselmo Duarte, Othon Bastos, Nelson Pereira dos Santos, Guido Araújo e Rex Schindler, pois acredita-se que esse ambiente que se formou, que abarca as atividades cineclubistas iniciadas por Walter da Silveira, na Bahia, possibilitou o desencadear de ações inovadoras no campo das artes e, principalmente, do cinema, por aquelas pessoas que transitaram nesse potente espaço de formação. (GUSMÃO, 2008).

Da mesma forma que salta aos olhos, após o percurso de metodológico até esse momento desenvolvido e em consonância ao que foi refletido anteriormente, que as possibilidades de realização dos festivais e mostras de cinema da Bahia, principalmente aquelas que dizem respeito aos aspectos materiais de execução, estavam fortemente

associadas à conjuntura do cinema e do audiovisual no Brasil, em todas as estâncias de sua cadeia produtiva, certas condições para suas realizações fazem parte de uma outra dimensão, a do sistemas de símbolos. Estes, em um complexo processamento a partir do ser humano, modelam, de uma certa forma, a atuação do ser social, parametrada por pensamentos e sentimentos em meio às tensões relacionais do presente imediato.

### **3 A MOSTRA CINEMA CONQUISTA: APRENDIZADOS, OPORTUNIDADES E AÇÕES**

“A sociedade é uma teia mitológica que cria condições muito reais para as vidas de seres humanos nela imersos. De fato, esses seres humanos estão engajados em construir e reconstruir essa teia e exercitam sua liberdade de ação para criar os circunscritores que orientam seu próprio existir.” (BOESCH, 1997, 1998a citado por VALSINER, 2012, p. 67)

Seguindo o raciocínio, de acordo aos termos acima relacionados, parto do entendimento de que o surgimento de uma prática social, não se dá somente por causa de determinações estatais, de inovações tecnológicas do meio ou do conseqüente surgimento de novas necessidades humanas, mas, acima de tudo, como a junção de todas elas, junção efetuada por indivíduos que se relacionam, estabelecendo tensões uns com os outros, que promovem mudanças nas próprias estruturas sociais que conduzem o desenvolvimento da prática social.

É possível tratar os festivais e mostras de cinema de maneira descritiva, também através das pessoas que os realizaram de maneira pioneira, mas o propósito deste trabalho é a compreensão dessas práticas segundo as relações que as permeiam, na observância delas por dentro, como foram pensadas e estruturadas pelas pessoas que figuravam neste meio, juntamente com as relações que se estabelecem advindas das contingências das searas institucional, econômica, política e social, do ambiente que elas se inserem e que são imprescindíveis para seu entendimento.

Tomando como referência a teoria desenvolvida pelo sociólogo Norbert Elias (1897-1990), que parte de uma base empírica para estudar as relações humanas de forma processual, o trabalho científico não seria somente uma mera descrição do mundo, importante se faz “destruir os mitos”, procurando distanciar da sociedade para melhor analisá-la, fugindo das crenças sociais que levam as pessoas a perceberem e interpretarem as relações entre os acontecimentos que ocorrem na natureza, “de um modo muito diferente das suas experiências pessoais imediatas”. (ELIAS, 1980, p. 59/60).

Os estudos deste sociólogo voltam-se para a compreensão de que os indivíduos fazem parte da sociedade e não podem ser enxergados como se dela fossem distantes, quebrando a tradicional concepção do indivíduo que vive em um mundo fechado em si, existindo independentemente do mundo externo da sociedade, o *homo clausus*, sendo superada em nome de um estudo sociológico que pretende-se mais adequado para conseguir

pensar a dinâmica social, reconhecendo seu fluxo contínuo no tempo e as relações sociais que a constituem.

A intenção está voltada para compreender, de acordo a Elias (1994a, p.12), “que tipo de formação é essa, ‘sociedade’, que compomos em conjunto, que não foi pretendida ou planejada por nenhum de nós, nem tampouco por todos nós juntos? ”. A seu ver, para se chegar mais perto da realidade social e compreende-la levando em consideração suas nuances, é preciso ter uma visão universalista, que ultrapassasse a dicotomia do tratamento centrado no indivíduo/sociedade, interdisciplinar, no esforço da superação dos limites impostos a cada área de conhecimento, e interdependente, evidenciando o entrelaçamento das relações entre as pessoas que está em constante dinâmica, esta capaz de gerar fenômenos sociais.

Deve-se atentar para os processos de interação humana no âmbito da sociedade, nas relações de interdependência que são travadas em um seio social específico, com suas próprias regras, mas que não limitam os indivíduos que fazem parte dela de terem suas próprias estratégias. Em última instância é tentar compreender “como os seres humanos vivem em uma sociedade e de como a sociedade ‘vive no interior’ dos seres humanos. ” (VALSINER, 2012, p.67).

Neste contexto, tendo como referência o conceito de figuração, elaborado por Elias (1994a), que seria caracterizado por relações de interdependência e funcionalidade que fazem com que cada pessoa dependa funcionalmente de outras, sendo elos nas cadeias relacionais que as ligam socialmente, apesar de manterem uma certa liberdade de agir. São teias complexas de interdependência construídas pelos indivíduos quando se relacionam uns com os outros e que “formam o nexo do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. ” (ELIAS, 1994b, p.249).

A análise de uma figuração social não pode ser reduzida ao estudo de apenas um elemento isoladamente, porque não basta que sejam compreendidos aspectos derivados das ações ou do comportamento das pessoas de maneira individualizada, acima de tudo, não é possível esquecer das interdependências, condição prévia para que se formem as figurações, contidas nas relações que umas pessoas travam com as outras.

### 3.1 A MOSTRA CINEMA CONQUISTA



Imagem 1 - Panfleto da 10ª edição da Mostra Cinema Conquista.

A *Mostra Cinema Conquista* surgiu no ano de 2004 na cidade de Vitória da Conquista – Bahia, completando, no ano de 2014, 10 edições, só não podendo ser realizada no ano de 2005<sup>7</sup>, segundo o seu realizador Esmon Primo<sup>8</sup>, por falta de recursos financeiros. Desse longo percurso, diversas ações foram derivadas, nascidas e possibilitadas pelas relações que foram se estabelecendo nesse ambiente, assim como a *Mostra*, por outro lado, também acontece derivada desse mesmo fluxo que remete a aprendizados que foram sendo construídos, ao longo do tempo, no âmbito do cinema e audiovisual, especialmente, baiano.

Ela surge com um formato mais enxuto que se amplia gradativamente, de acordo as possibilidades que vão sendo apresentadas, mas sempre contendo dois grandes braços que seriam o de exibição de filmes e a parte de formação, que é constituída por oficinas, seminários, conferências entre outras. As exibições de filmes da *Mostra*, entre os anos de 2004 e 2007, portanto, durante três edições, aconteceram no *Cine Madrigal*, extinto cinema de rua da cidade de Vitória da Conquista que funcionou desde o ano de 1968 até 2007, quando

<sup>7</sup> Também no ano de 2016 a *Mostra Cinema Conquista* não foi realizada em decorrência de certos desarranjos formais com relação a não adequação às exigências da Secretaria de Cultura do Estado para os eventos vinculados ao edital de calendarizados da Bahia. Todavia, participa desse edital lançado no mesmo ano e, por ter sido aprovado (juntamente com apenas mais um festival, o *Panorama Internacional Coisa de Cinema*), garante sua realização por mais três anos.

<sup>8</sup> Entrevista feita nos dias dia 12 de setembro de 2016 e 11 de outubro de 2016, em espaços diversos na cidade de Vitória da Conquista.

houve o seu derradeiro fechamento, sendo o último cinema de rua da cidade a fechar suas portas motivado, principalmente, pela falta de público. A partir da segunda edição, no ano de 2006, as exibições também passam a ser feitas em praças públicas da cidade, em parceria com a Prefeitura Municipal com o projeto *Cine-Cidadão Itinerante*.

Do ano de 2008, ou seja, na 4ª edição, até o ano de 2013 – 9ª edição, elas aconteceram no *Centro de Cultura Camilo de Jesus Lima*, mas com a interdição desse espaço no ano de 2013, Esmon foi, mais uma vez, forçado a buscar outro lugar que pudesse receber a *Mostra*, um lugar que valesse a pena em termos materiais, migrando, então, para o *Centro de Convenções Divaldo Franco*, espaço pertencente a um grupo privado, onde ocorreu a 10ª edição. Esmon negocia com o então Secretário de Cultura Nagib Barroso<sup>9</sup> no intuito de que a prefeitura arque com o pagamento das altas taxas cobradas pelo espaço e consegue o respaldo financeiro da instituição.

Nas edições iniciais, os filmes vinham em rolos de película 35mm, nas latas e, à medida que a tecnologia foi sendo modificada, passa para o formato DVD, recebido através do correio. Com as modificações tecnológicas ocorridas nesse interstício, nas últimas edições, contratou-se uma empresa especializada em exibição de filmes, conhecida em diversos festivais e mostras de cinema do Brasil, passando a exibir filmes com formato HD ou superior, trazidos via CPU. Esta empresa também é responsável por disponibilizar o projetor, que devia ser preparado para exibir em tela grande os filmes em alta qualidade. O som sempre fora contratado com empresas da própria cidade e, como explica Esmon, são testados e equalizados segundo as exigências e padrões cinematográficos.

As atividades de formação sempre ocorreram na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, respaldado pela infraestrutura, pelo pessoal e por todas as facilidades que uma instituição pública com muitos anos de existência pode proporcionar. Tanto a prefeitura municipal quanto a UESB foram imprescindíveis para a realização da primeira edição da *Mostra*. E mesmo após os incentivos públicos começarem a ser captados, apoiaram as ações desenvolvidas no que era possível, seja com o pagamento das despesas relativas à hospedagem dos convidados, como no caso da Prefeitura, seja liberando vale-alimentação, para os convidados e as pessoas que fazem parte da produção durante o evento, e a impressão de material gráfico, no caso da UESB, muitas vezes, demandadas e vigorosamente pressionadas por Esmon para que isso acontecesse.

---

<sup>9</sup> No ano de 2014, ano de eleição de presidente da república e de deputado federal entre outros cargos políticos, ocorreu a troca dos Secretários de Cultura do município, saindo Gidelson Felício em abril de 2014, titular da pasta desde quando ela foi criada, no ano de 2005, e assumindo Nagib Barroso, conhecido músico da cidade.

De uma certa forma, o respaldo que Esmon consegue obter dessas duas entidades diz muito sobre sua história de vida e dos trânsitos por ele feitos no decorrer de suas vivências no âmbito do cinema e do audiovisual na cidade. O fato é que Esmon começa a trabalhar oficialmente na UESB desde o ano de 1991, permanecendo efetivamente na instituição até o ano de 2014<sup>10</sup>. A sua entrada na universidade se dá, especialmente, pelo encontro com uma pessoa importante para o cinema na UESB e na cidade, Jorge Luiz Melquesedeque<sup>11</sup>, um dos fundadores do programa de extensão *Janela Indiscreta* e da produtora de vídeo - *PróVídeo*, que teve em seu percurso de vida a paixão pelo cinema e a incorporação constante de aprendizados técnicos e estéticos através de leituras especializadas de filmes, que remetem à experiência de ter participado do *Clube de Cinema Glauber Rocha*, criado em 1975, na cidade.

A implantação do *Cineclube Glauber Rocha* se deu em decorrência do encontro de algumas pessoas da cidade que tinham interesse pelo cinema, pois inclusive um deles, Fernando Martins, já havia frequentado o *Clube de Cinema da Bahia*, em Salvador, “onde fez amizade com Guido Araújo e André Settaro.” (GUSMÃO, 2001, P.66), importante cineasta, realizador da *Jornada de Cinema da Bahia*, e o último, relevante crítico de cinema, os dois atuantes em Salvador. Chegando em Conquista e sentindo a decadência dos cinemas da cidade e a dificuldade de se assistir um bom filme, se junta com um amigo com o qual compartilhava a paixão pelo cinema, Pedro Bittencourt – Pedro Bira e assim conseguem concretizar o projeto de um cineclube na cidade. (GUSMÃO, 2001).

Em 1977, o cineclube passa a se chamar Anecy Rocha, e logo no ano seguinte passa a fazer suas sessões, que inicialmente eram feitas no Cine Madrigal ou no Cine Conquista, na Fundação Educacional e na Faculdade de Formação de Professores de Vitória da Conquista, embrião da UESB onde Jorge trabalhava. Neste período, o público das sessões cinematográficas do cineclube diminuiu substancialmente, segundo Fernando em entrevista feita por Gusmão (2001), permanecendo aqueles com um gosto mais exigente com relação às obras cinematográficas, pois era o lugar onde assistir filmes sem ou com pouco apelo comercial, era possível.

---

<sup>10</sup> Esmon afasta-se da universidade e do *Janela Indiscreta* passando a servir, a seu pedido, o setor administrativo da Diretoria Regional de Educação – DIREC 20, buscando um cargo melhor no qual pudesse ficar por mais dois ou três anos e garantir a estabilidade para um teto de aposentadoria melhor.

<sup>11</sup> Jorge Luiz Melquesedeque foi o primeiro funcionário da universidade, quando ainda era Faculdade de Formação de Professores de Vitória da Conquista, com existência desde o ano de 1972 (GUSMÃO, 2001) e, portanto, acompanhou esse movimento cineclubista de perto.



Tal fato corrobora com o que analisamos no capítulo anterior, a concepção de que a prática de exibição filmes, feitas pelos festivais e mostras de cinema, tem na ambiência cineclubista, os encontros e atividades formativas por eles proporcionados e pelas articulações nesse ambiente feitas, direta ou indiretamente, seu nascedouro. A distinta apreciação para com o cinema e sua capacidade formadora, de uma certa forma, forja uma vinculação desses espaços com certas instituições, especialmente, públicas ligadas à educação, assim como foi possível ser observado quando falamos das possibilidades materiais proporcionadas pelas mesmas ao *Clube de Cinema da Bahia* e as *Jornadas de Cinema*, refletida no capítulo anterior.

Desde já, percebe-se a configuração de uma teia de aprendizagem intergeracional que se formou a partir das atividades cineclubistas iniciadas por Walter da Silveira em Salvador, que se estende no espaço e no tempo, chegando nos ambientes de sociabilidade proporcionados pelo interesse comum pelo cinema (GUSMÃO, 2008) na cidade de Vitória da Conquista, potencializada pelos encontros entre as pessoas que disparam sentimentos e comportamentos relevantes para se entender as práticas sociais (ELIAS, 1994c).

A década de 1980, momento que o anteriormente citado cineclube já havia encerrado suas atividades, é um período que a crise do cinema nacional chega na cidade de Vitória da Conquista, sentida principalmente com o fechamento de diversos cinemas de rua, que no final da década de setenta era de cinco salas de cinema, permanecendo em funcionamento apenas duas delas: o *Cine Gloria* e o *Cine Madrigal* (GUSMÃO, 2001). Esse também foi um período que inicia um significativo desenvolvimento da televisão brasileira, com empresas de comunicações atuando na esfera audiovisual e também cinematográfica, e de lançamento de novas tecnologias ligadas a esta seara, como citado no capítulo anterior.

Jorge, nesse momento, trama um arranjo entre as possibilidades que se apresentavam para ele na conjuntura que se inseria, na UESB e na cidade de Vitória da Conquista, juntamente com os aprendizados que incorporou ao longo de sua vida que o formou como pessoa, acima de tudo, ativo no exercício de reflexão do cinema e efetivo no fazer audiovisual. Combina os aprendizados que a paixão pelo cinema lhe trouxe, frequentando cineclubes, aprendendo com os filmes e as discussões sobre eles que aconteciam posteriormente, prática sem dúvidas importante para que pudesse pensar acerca do fazer audiovisual em voga nesse momento, com o que era possível ser executado diante da conjuntura em que se inseria para, efetivamente, começar a produzir vídeos.

Como relata Esmon Primo (2016), Jorge entra para a área do audiovisual com a publicidade, criando juntamente com outras pessoas da cidade, ainda na década de 1980,

perdurando até o início dos anos 90 e contando em muitos momentos com sua participação, a *Mídia Eletrônica*, agência de publicidade e produtora de vídeos, alguns inclusive premiados. Posteriormente, já nos anos 90, cria a *VTV Propaganda*, sendo pioneiro na produção de campanhas políticas para a televisão, despontando como um dos precursores na realização de obras audiovisuais na cidade.

Certos graus de determinismo e de liberdade estão presentes nesse movimento feito por Jorge, trazendo-me à mente e reputando como referência para pensar o assunto, a Teoria da Prática do sociólogo Pierre Bourdieu (2009), que insere tanto as estruturas sociais quanto as práticas sociais em um mesmo movimento, no qual são formadas ao mesmo tempo em que formam.

Esmon chega em Conquista em março de 1984 transferido para trabalhar na região, após negociações com a Secretaria da Agricultura do Estado, a qual era vinculado profissionalmente com concurso público prestado no ano de 1981 em Salvador, onde morava com a mãe e alguns irmãos. Foi morar com um amigo que tinha uma vinculação com o teatro e, segundo Esmon Primo (2016), muito em decorrência dessa referência, começa a se aproximar do pessoal ligado à cultura da cidade. Lembra que foi nos encontros que ocorreram no *FIB – Festival de Inverno da Bahia*, de música, ocorrido no ano de 1985, coordenado por Máximo Ricardo Benedictis, administrador do *Centro de Cultura Camilo de Jesus Lima* por cerca de duas vezes, que conhece Jorge, pois ele apresentara<sup>12</sup>, juntamente com outras pessoas da UESB, uma performance musical no evento. Mais tarde, por volta do ano de 1987, é convidado pelo então coordenador do espaço, Vicente Quadros, amigo de Jorge, mais precisamente o ex marido da então mulher de Jorge Melquesedeque, para ser responsável pela sonoplastia do *Centro de Cultura*. Foi justamente nesse período que Esmon se aproxima de Jorge.

Ele diz que sempre teve mais contato com a música, constantemente participando de eventos relacionados a essa arte no decorrer de sua vida, mas também gostava de outras diversas expressões artísticas, incluindo aí o cinema, o que pode ser demonstrado na sua participação, ainda na década de 70, enquanto morava em Salvador, em algumas sessões que aconteciam e ainda acontecem na *Sala Walter da Silveira* em Salvador, umas duas edições da *Jornada de Cinema da Bahia*, evento coordenado pelo cineasta Guido Araújo, e na *Mostra de Cinema de São Paulo*, em visita a alguns de seus irmãos que moravam na cidade, promovida

---

<sup>12</sup> Jorge, mesmo antes de se engajar no mundo da sétima arte, já era uma pessoa ativa na cena cultural conquistense, sempre tramando projetos relacionados a literatura, poesia, música e teatro.

pelo seu primeiro realizador, Leon Cacoff, no ano de 1987, e em muitos outros eventos nos anos seguintes, à medida que se embrenhava mais nesse âmbito.

O intuito de Esmon era de, aos poucos, afastar-se do trabalho que exercia de classificador de produtos vegetais da Secretaria de Agricultura da Bahia, motivado principalmente pelo fato de seu afazer profissional o obrigar a viajar periodicamente para diversos lugares do estado, o que lhe causava um enorme desconforto. Como ele mesmo explica (2016, informação verbal), “cansado de viajar porque já tinha uns oito anos que eu viajava sem parar, até que Jorge me chama para aprender essa coisa audiovisual com ele, final de 1989 início de 1990.” Ainda de acordo ao seu relato (2016):

Então, começa agora a eu me afastar do Centro de Cultura e Jorge me chama para aprender a mexer com vídeo em 1989. Eu fui gostando dessa coisa de vídeo e também era a oportunidade de ir para UESB então, Jorge começa a costurar minha ida para a universidade. Quer dizer, eu fui largando a Secretaria de Agricultura, mas com medo de perder os benefícios de seis ou sete anos de trabalho para o estado. [...] Eu fui empurrando, até que entro na UESB em 1989 extraoficialmente, fui chegando pelo DITORA<sup>13</sup>, fazendo alguns eventos com Jorge, projetos universitários de cultura, e somente em dezembro de 1991 é que sai o papel oficial me transferindo para a Secretaria de Educação - DIREC 20, à disposição da UESB. (PRIMO, 2016, informação verbal, grifo nosso).

Sua intenção de se fixar na cidade e poder trabalhar sem tantos transtornos, como as frequentes viagens que necessitava fazer por conta de seu cargo público, pôde ser concretizada de acordo as possibilidades que foram surgindo a partir, principalmente, dos encontros com certas pessoas da cidade. O cinema não era o seu desejo principal, como um objetivo a ser buscado, apesar de também deter sua atenção ocasionalmente, mas foi nessa expressão artística que Esmon acaba encontrando um caminho, a priori, confortável, apresentando-se também promissor à medida que as potencialidades iam se abrindo no decorrer do tempo, diante das oportunidades que surgiam nesse percurso.

Então, faz diversos trabalhos, juntamente com Jorge, tanto na *Mídia Eletrônica* quanto na *VTV Propaganda*, e consegue se fixar na UESB, a convite de Jorge para integrar a equipe da Coordenação de produção de Vídeo criada em 1991, passando a se chamar, no ano de 1996, sob nova estrutura, de *PróVídeo* UESB, produtora de vídeo criada também por

<sup>13</sup> Órgão da UESB até hoje existente, que no início da década de 90 se chamava Subgerência Técnica Operacional de Recursos Audiovisuais, transformando-se em diretoria para que pudesse ter autonomia, tornando necessária a nomeação de um diretor e dois coordenadores. Segundo Esmon Primo (2016), como Jorge e ele não foram chamados para preencherem os cargos e por terem em mente uma outra proposta de produção de vídeos, é que se formou a ideia de criar a Produtora de Vídeo – *PróVídeo*, que só se concretizou no ano de 1996, sendo Jorge o diretor e Esmon o coordenador. (Informação verbal).

Jorge, ajudando ativamente para a implementação do programada continuado de extensão *Janela Indiscreta Cine Vídeo UESB* em 1992, que vincula-se à produtora, para fins institucionais. De acordo a Esmon:

Teve um período, entre 1990 e 1992, que tinha as duas coisas. Ao mesmo tempo que Jorge tinha a Mídia, ele já estava iniciando a produção audiovisual na UESB. [...] Estava tudo misturado, ou seja, ao mesmo tempo que estava se criando essa coisa do Janela Indiscreta e a Produtora de Vídeo na UESB, pelo outro lado privado, estávamos também fazendo coisas. [...] Jorge, ao mesmo tempo que estava na UESB idealizando e chamando as pessoas para se aproximar dele e criar essa história toda audiovisual na UESB, ele estava também fazendo essa parte privada, a exemplo da campanha de Pedral para prefeito em 1992. (PRIMO, 2016, informação oral, grifo nosso).

Assim sendo, compreender a possibilidade de surgimento da *Mostra Cinema Conquista* e de sua estruturação ao longo dos anos não pode prescindir o estudo da história do *Janela Indiscreta Cine-Vídeo UESB* e da Produtora de Vídeo – *PróVídeo*, em funcionamento desde os anos de 1992 e 1996 respectivamente, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, por serem ambientes dos quais brotaram diversas atividades ligadas ao cinema e audiovisual na universidade e, até mesmo, um evento de exibição de filmes. O *Janela Indiscreta*, segundo relato de Jorge concedido a Gusmão (2001), é uma atualização do que fora um cineclube no passado, trazendo agora a tecnologia do vídeo, apresentando uma maior amplitude daquilo que era feito, até então, pelos cineclubes, que girava em torno de exibições de filmes e após, discussões sobre o que foi visto. Houve o lançamento de projetos, tais como, o *Cinema Itinerante*, ação responsável por levar, uma vez por mês, sessões de filmes para as comunidades periféricas dos distritos e povoados do município (GUSMÃO, 2001) e eventos como *Glauber e o século do cinema* instigando uma conversa sobre o cineasta conquistense Glauber Rocha na cidade, dentre outras atividades, tornando-se um ambiente de formação ampla para o cinema e o audiovisual.



Imagem 2 - Logomarca do Janela Indiscreta Cine-Vídeo

A *Mostra* traz consigo o legado cineclubista, seja na sua forma de organização seja nas bases de sua

própria existência, porque inclusive sua concepção está fortemente ligada as demandas surgidas no cotidiano das atividades possibilitadas pelo *Janela Indiscreta* e pela Produtora de Vídeo – *PróVídeo*, na universidade e na cidade, de uma maneira geral. Em última instância, sempre esteve ancorada na própria instituição UESB, por poder contar com a sua estrutura para que efetivamente pudesse acontecer.

Os anos 1990 foram bastante movimentados na cidade, expressivamente na UESB, no que diz respeito ao âmbito do cinema e audiovisual, como consequência de uma série de projetos que vinham sendo feitos através da *PróVídeo* e do *Janela Indiscreta*, tanto ligados à área do fazer audiovisual, quanto da questão formativa que se relacionava ao ver, ouvir e falar de cinema, assim como expressa o slogan do *Janela*. Nos anos iniciais do programa, as sessões passam a contar com a presença dos frequentadores do antigo cineclube da cidade, citado anteriormente, promovendo a prática de leitura coletiva de filmes (GUSMÃO, 2001), fazendo da universidade um espaço importante para o fazer e o pensar cinematográfico e audiovisual na região. É a partir do convívio entre Esmon e Jorge e de outras inúmeras pessoas que naqueles espaços passaram, que o cinema e o audiovisual acontece e prospera na instituição e na cidade.

A partir do ano de 1995, na esteira dos novos delineamentos que começavam a se apresentar para o mercado do cinema brasileiro, de acordo ao que foi descrito no capítulo anterior, com equipamentos comprados e uma nova estruturação para a produtora de vídeo da universidade, além da ampliação das atividades do *Janela Indiscreta* para fora da UESB, com demandas vindas da cidade e de diferentes lugares do interior da Bahia, os projetos começam a ficar cada vez mais robustos e diversificados, não ficando somente na produção de vídeos internos demandados pelos professores da instituição e nem somente nas exhibições de filmes seguidas de comentários que aconteciam dentro da universidade.



Imagem 3 - Esmon Primo montando folheto do *Janela Indiscreta* na década de 1990.

Em meio as atividades que eram desenvolvidas pelo *Janela Indiscreta* e, posteriormente, pela *PróVÍdeo*, houve a oportunidade de, no ano de 1997,

acompanhar as filmagens do filme *Central do Brasil* que estavam sendo feitas na cidade, filme lançado no ano de 1998 que marcou o momento em que a retomada do cinema brasileiro entrou em uma nova fase. Walter Salles, o diretor do filme, um importante nome, já na época, do cinema brasileiro, estava na cidade com sua equipe e esse encontro não poderia deixar de acontecer para um amante do cinema como Jorge Melquesedeqe, o coordenador daqueles espaços.

Esse importante momento do cinema nacional na cidade foi registrado pela equipe da produtora de vídeo da universidade e possibilitou a elaboração do vídeo *Central Conquista Brasil: os 7 dias da criação*, no ano de 2002, com o roteiro de Marcelo Lopes (baseado nas crônicas de Jorge feitas sobre o período) e direção de Esmon Primo, para a programação de homenagem aos 10 anos do programa *Janela Indiscreta Cine Vídeo UESB*.

O projeto de se fazer uma mostra de filmes na cidade surgiu após uma conversa com Walter Salles, quando ele esteve na cidade, no ano de 1997. O formato de mostra para um evento de exibição de filmes, foi sugerido por Walter, de acordo com Esmon Primo (2016), principalmente por considerá-lo um formato mais barato e menos complexo. Mais tarde, é o formato que se estabelece, permanecendo por todos os anos de realização do evento.

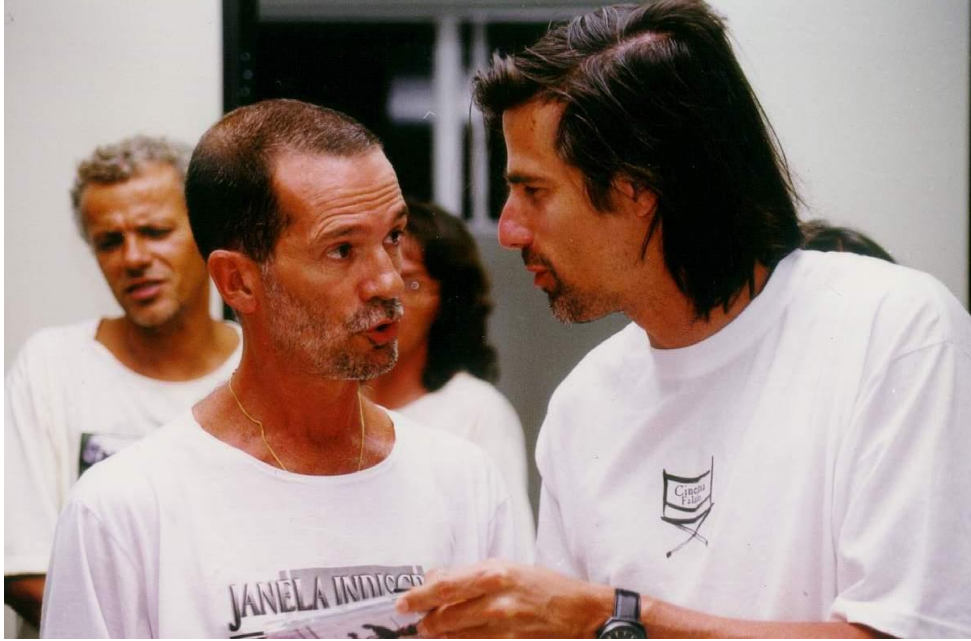


Fonte: Arquivo Janelá Indiscreta

Imagem 4 - Registro da vinda da produção do filme *Central do Brasil* em Vitória da Conquista / BA

A priori, foi pensada por Jorge no formato de festival, pressupondo uma dinâmica competitiva, segundo Esmon Primo na entrevista feita como parte da pesquisa, partindo do interesse de se reconstruir a memória em torno do nome de Glauber Rocha (GUSMÃO, 2001) na cidade, instigada através de uma reportagem feita para o telejornal *TVU - A Gente Se Vê Aqui*, por volta do ano de 1995, produzido ainda pela Coordenação de Produção de Vídeo da UESB.

Da iniciativa acima relatada, derivou o projeto Glauber Rocha e o Século do Cinema que ocorreu em duas etapas, a primeira no ano de 1996 e a segunda no ano seguinte, com o intuito precípuo de fomentar na cidade “o contato com a obra cinematográfica de Glauber Rocha, divulgar a sua obra literária e pictográfica e instituir a Sala Glauber Rocha no Museu Regional.” (GUSMÃO, 2001, p.91). Esmon (2016), que cuidou do projeto mais de perto, explica que o enviou para o MINC – Ministério da Cultura, e concorreu em um edital de fomento no ano de 1995, recebendo quarenta e seis mil reais do FNC – Fundo Nacional de Cultura, para que pudesse ser realizado.



Fonte: Arquivo Janela Indiscreta

*Imagem 5 - Esmon Primo, Jorge Melquesedeque e Valter Salles – 1997.*

Esmon (2016) comenta também que, nessa mesma oportunidade, fora criado, então, o projeto Cinema, Conquista, Glauber Festival, juntamente com Laucídes Almeida, que também concorreu a um edital do ano de 1995 de fomento do MINC, este vinculado à Lei Rouanet, na modalidade mecenato, cujos incentivos públicos vinham através de isenções fiscais de empresas particulares que quisessem patrocinar o evento, tipo de fomento muito usado no período do governo do presidente da república, Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). O valor para realização era de setecentos e cinquenta mil reais, um montante considerável de dinheiro, principalmente quando se pensa que essa era uma época de valorização do Real, moeda recém implantada no Brasil. Porém, não pôde ser executado pela impossibilidade gerada por essa própria modalidade de fomento para ações ligadas à cultura em voga no período, a de encontrar empresas interessadas em vincular sua marca a um evento, especialmente quando o mesmo seria realizado, ainda pela primeira vez, na cidade.





Fonte: Arquivo Janela Indiscreta

Imagem 6 - Registro do projeto Glauber Rocha e o Século do Cinema

A *Mostra Cinema Conquista* somente acontece entre os dias 26 de março e 02 de abril de 2004, com projeto sistematizado por Esmon Primo cerca de dois anos após a morte de Jorge Melquesedeque, em novembro de 2001, também o *Janela Indiscreta* e a *PróVÍdeo* carregando cerca de onze anos de história, já somando centenas de produtos audiovisuais e ações ligadas ao cinema e o audiovisual executadas em todo o interior da Bahia. A perda de uma pessoa que teve um percurso tão significativo de vida, não somente para o cinema e o audiovisual na cidade, mas também nos outros grupos que frequentava, seja na seara profissional quanto na sua vida privada, foi sentida por diversas pessoas que, de alguma forma, estavam ligadas à ele. Esmon Primo (2016) conta que esse foi um momento em que ele teve que parar para refletir o que faria dali para frente com relação as suas atividades profissionais, pois sempre esteve junto com Jorge em seus projetos culturais.

Outra questão importante que acontece no período, como lembra Esmon (2016), foi a troca de grupos políticos na eleição para reitoria no ano de 2002 na universidade. Desde o ano de 1995 o cargo de reitor da universidade estava sendo exercido por Waldenor Pereira, hoje titular do cargo de deputado federal, que fazia parte de um grupo de pessoas que eram influentes na política estabelecida dentro da instituição, ligadas ao PT – Partido dos Trabalhadores. A mudança na política interna da instituição poderia ser crucial na manutenção ou no desmanche daquilo que se tinha conseguido construir no que diz respeito à cultura e ao cinema e audiovisual na instituição, algo de tamanho vulto, que refletiu também fora da UESB, em toda a cidade e na região.

Porém, percebe-se que as implicações e consequências da troca da reitoria da instituição extravasavam as preocupações estritamente ligadas aos interesses do cinema e do audiovisual, uma vez que, em virtude do cargo exercido por Esmon na instituição não ter vindo através de concurso público prestado diretamente para aquele local, esteve, nesse período, a mercê dos encaminhamentos políticos que se sucederam após a perda da reitoria para o grupo opositor. Podemos pressupor que Jorge era uma pessoa também importante para manutenção de Esmon na UESB, sendo sua perda imensamente sentida também em decorrência desse fato.

A questão material me parece bastante forte, já que, seu rendimento advindo do Estado sempre foi pouco, então participar da produção de projetos culturais sempre lhe rendia um dinheiro a mais, que complementavam seu orçamento anual. Esse fato pode ter influenciado nas atitudes observadas de procurar, criar e entrar em projetos coordenados por outras pessoas, principalmente aqueles que aconteciam dentro da UESB, especialmente através do *Janela Indiscreta*, espaço o qual ele tinha familiaridade e influência mais próxima. Como o programa foi ampliando sua atuação com o tempo, passou a realizar projetos dentro e fora da UESB, financiados por editais, algumas vezes, externos à instituição, porém lá geridos, tornando-se um espaço produtivo e, portanto, atrativo pelas oportunidades que gerava.

Segundo Esmon, desde cerca de 1997 ele estava menos ligado a Produtora de Vídeos e mais diretamente vinculado ao *Janela Indiscreta*. Depois da inauguração do *Teatro Glauber* no campus da UESB em Vitória da Conquista no ano de 1999, quando o *Janela* passa a ser locado nesse prédio, começa a engajar-se com atribuições pertencentes à coordenação do Teatro, muitas vezes também se envolvendo nas atividades promovidas pela coordenação de cultura, que também se localizava no mesmo prédio.

A troca de grupos políticos na gestão da universidade e o remanejamento de cargos de chefia da instituição, algo que é praxe no Brasil, forçou vários funcionários a deixarem seus cargos e voltarem para os seus de origem ou serem transferidos para outros setores ou unidades. Nesse ensejo, no segundo semestre de 2002 até meados do ano de 2003, Esmon é mandado para o campus de Jequié, sob a motivação de que interessava à universidade que se montasse uma produtora de vídeo naquele *campus* o que, como comentado por ele, era apenas uma forma de mantê-lo longe da UESB de Conquista por motivos políticos e rixas particulares com outros funcionários da universidade.

Ele somente volta para Conquista e para a universidade após negociações com o então prefeito da cidade, Zé Raimundo, pressupondo um arranjo também feito com a

influência do ex-reitor Waldenor Pereira, ambos do PT – Partido dos Trabalhadores, partido que também foi líder nas eleições federais em 2003 com Luiz Inácio - Lula. Começa a exercer o cargo de técnico em elaboração de projetos na Prefeitura Municipal, vinculado à coordenação de cultura da entidade<sup>14</sup>, tendo como coordenador Ricardo Marques, que depois se transformou em uma Secretaria de Cultura, mais estruturada e autônoma, ajudando a elaborar projetos municipais tais como: *Memorial Regis Pacheco*, que se localiza no centro da cidade onde abriga, dentre outros projetos, o conservatório de música; a *Casa Glauber* - uma escola permanente de formação audiovisual para jovens e o projeto do *Cine-Cidadão*, que leva cinema para praças públicas da cidade (PRIMO, 2016), este incorporado, mais tarde, na programação da *Mostra*.

Percebe-se que a experiência na elaboração de projetos derivada das atividades desenvolvidas no *Janela Indiscreta*, inclusive com um já tendo sido aprovado em edital do Ministério da Cultura, forneceu certo respeito e credibilidade ao trabalho desenvolvido por Esmon. E apesar de Esmon declarar, veementemente, não ter vinculações políticas e que não entra no jogo político, observa-se, na realidade, que certos acordos proporcionados pelas ditas amizades com pessoas importantes, tanto dentro da UESB, quanto na prefeitura do município, possibilitaram certas facilidades, viabilizando, em muitos momentos, suas ações de maneira consoante aos seus anseios e deixando, de certa forma, opacos certos trânsitos e negociações por ele feitas.

Assim, volta para a cidade para trabalhar com projetos culturais na prefeitura, também se envolvendo nas atividades do *Janela Indiscreta* na UESB, e, então, começa a escrever e sistematizar o projeto da *Mostra Cinema Conquista*, que será apresentado para o prefeito no início do ano de 2004. Observa-se que o projeto de realizar uma mostra de filmes na cidade, algo que está em consonância com o percurso de Esmon, por isso indicado pela sensação de continuidade e coerência de vida, nesse momento, também poderia trazer-lhe uma certa estabilidade profissional e reconhecimento no meio social em que se inseria. Segundo Esmon (2016, informação verbal):

Foi nesse período então, entre setembro e dezembro de 2003, nas minhas idas para Salvador, e teve um evento no teatro Castro Alves, não me lembro se foi um show, eu tenho essa imagem muito clara, encontrei algumas pessoas daqui que estavam lá também, na porta, alguém falou assim: “Olha Esmon, esse aqui é Claudio Marques”; “Você é Cláudio Marques?”; e fiquei sabendo que ele fazia uma mostra de cinema, porque também estava nascendo o Panorama Internacional Coisa de Cinema.[...] Ele falou que era

---

<sup>14</sup> A Secretaria de Cultura do município de Vitória da Conquista só foi instituída, como tal, no ano de 2005.

casado com uma pessoa que é de Vitória da Conquista e tal. Começamos a trocar e-mails e começamos a formatar. Eu marquei uma conversa, Claudio Marques veio em Conquista, e conversou eu, ele, Zé Raimundo e o coordenador de cultura, porque nem era secretaria ainda, Ricardo Marques. Já levamos uma proposta para Zé Raimundo de uma mostra de cinema aqui em Conquista, no Cine Madrigal que estava aberto ainda, e só veio fechar em 2007. (PRIMO, 2016, informação verbal, grifo nosso).

Cláudio Marques, referido na fala de Esmon acima citada, é o realizador do festival *Panorama Internacional Coisa de Cinema* que surgiu no ano de 2002, na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, também objeto desse trabalho. Ele vem atuando já há algum tempo no âmbito do cinema e audiovisual naquela cidade, começando com trabalhos relacionados à crítica cinematográfica já no ano de 1995 e também atuando como programador da *Sala Walter da Silveira*, importante espaço de exibição, até efetivamente conseguir realizar o festival, assunto pelo qual está tratado no próximo capítulo.



Imagem 7 - Marcelo Lopes, Luiz Orlando, Milene Gusmão e Cláudio Marques na primeira Mostra Cinema Conquista - 2004.

pessoa importante para o projeto da *Mostra* ter saído do papel, em termos de, naquele momento, ser uma referência na produção de um festival de cinema na Bahia, contribuindo com sua experiência em cerca de três edições do *Panorama* no que diz respeito principalmente aos contatos que foram estabelecidos por ele com outras pessoas da área de exibição, com realizadores de obras audiovisuais e também com o conhecimento que tinha dos títulos internacionais<sup>15</sup>. Isso nos leva a compreender o fato de que a *Mostra*, nas suas duas

<sup>15</sup> O *Panorama Internacional Coisa de Cinema* é um evento de caráter competitivo que em todas as suas edições exibiu também filmes internacionais.

E

smon  
(2016)  
registra  
que  
Cláudio  
foi uma

Fonte: Arquivo Janela Indiscreta

primeiras edições, ter exibido também filmes internacionais, mas diante das complicações próprias das negociações com grandes distribuidoras, da preocupação com os carretéis de películas, entre outras questões, Esmon resolve não mais exibi-los, focando nas produções nacionais, atitude informada também pelo crescimento, em termos de quantidade e de qualidade, daquelas obras, no período.

A 1ª edição da *Mostra Cinema Conquista* contou com a exibição de quinze longas-metragens em película 35 mm e trinta e cinco curtas-metragens, em película e também já tendo alguns em formato digital. Também ocorreram três mesas redondas e um seminário. Segundo Esmon Primo (2016, informação verbal), a 1ª edição contou com o apoio da Prefeitura com cerca de vinte um mil reais, o projeto custando, no total, quarenta e seis mil reais, apoiado também por algumas empresas particulares da cidade. A produção foi feita por uma pessoa indicada por Cláudio para tal fim, Sheila Gomes, importante produtora baiana, que permanece durante mais três anos, até a 4ª edição no ano de 2008. Cláudio participou tanto da elaboração do projeto da *Mostra* como da produção e da curadoria de filmes da sua primeira edição. (PRIMO, 2016).

Seria impossível pensar que, em virtude do seu percurso de vida, aqui tratado, Esmon não tenha desenvolvido uma certa capacidade de tomar iniciativas, de negociação, de convencimento. Também, por muitas vezes, estar à frente de projetos culturais na cidade e na UESB, chegando, até mesmo, a cuidar da contabilidade dos projetos, possibilitaram o desenvolvimento de certas competências técnicas para exercer a função de produtor cultural, de escrever projetos culturais e lidar com os editais públicos de fomento, algo nada fácil, nem pouco trabalhoso.

Articulando esses aspectos com um certo capital social constituído pela extensão da rede de relações por ele mobilizada ao longo dos anos, determinam o êxito que obteve em conseguir realizar não só a *Mostra Cinema Conquista* em todos esses anos, como outros projetos paralelos que esteve vinculado. Não é à toa o que podemos observar em sua fala, quando perguntado sobre o surgimento do *Janela Indiscreta*:

Nasce com o formato de cineclube, mas depois teve a exigência da UESB que ele deveria ser um projeto de extensão. Mas o *Janela* nasce sem a gente fazer uma formalidade em papel, ou escrito. A gente não formatou. Hoje em dia para se fazer alguma coisa, a gente tem que idealizar, escrever e fazer o projeto antes, mas antigamente não, a gente fazia e depois olhava para trás e dizia: “o que nós estamos fazendo mesmo?” (PRIMO, 2016, informação verbal).

Observa-se, diante de tudo o que foi exposto, que os encontros possibilitaram certas continuidades na vida de Esmon e também transformações, produtos do processo de incorporação e tradução em forma de ações, dos aprendizados acumulados ao longo de sua vida, dos encontros que disparam memórias e que, acima de tudo, possibilitaram a dinâmica de aquisição, conservação e evocação de conhecimentos. O conhecimento gerado e as relações que foram travadas contribuíram para parametrar os pensamentos, os sentimentos e ações daquele que realizou esse evento – Esmon Primo, seguindo um raciocínio de que somos seres que aprendemos que as experiências vividas e presenciadas, do grupo que nos inserimos, trazendo a memória como principal fio condutor dessa continuidade que se estabelece aos seres vivos, e que produz o arcabouço de conhecimento que a humanidade necessita para permanecer viva. (ELIAS, 1994c).

Destaca-se a relação estabelecida na decorrer dos anos de trabalhos juntos, de Esmon e Jorge, por ter sido determinante para a entrada de Esmon no mundo do cinema e audiovisual e também de sua continuidade na execução atividades ligadas à área, algo que passou a fazer parte de sua vida. Também, todos aqueles aprendizados possibilitados, principalmente através do espaço aberto pelo *Janela Indiscreta* e a UESB, incorporados sob a forma de “disposições duráveis”, de modos de sentir, pensar e agir e suas exteriorizações nas práticas sociais, pensados juntos como parte de um mesmo sistema, com as escolhas e respostas por Esmon dadas às solicitações do meio que se inseria.

Aqui, não se fala apenas em acumulação de informação, mas acima de tudo, de um conjunto de símbolos culturais que possibilita às pessoas alcançarem compreensões partilhadas sobre o saber fazer também socialmente partilhado, de forma intersubjetiva no mundo, que “é um organizador extrínseco, ou um dispositivo de atribuição causal, para a miríade de padrões de ação, sentimentos e pensamentos” (VALSINER, 2012, p.32) que as pessoas demonstram nos grupos em que se inserem.

A referência ao conceito de *habitus* de Bourdieu aqui torna-se presente, já que, de uma certa forma, pretende-se aclarar a compreensão sobre os processos que envolvem a formação do *habitus* de uma pessoa, ligada aos símbolos incorporados no ambiente em que ela se insere, com vivências compartilhadas com outras pessoas, unidos ao jogo de cintura com o qual a pessoa lida com as demandas externas afloradas da conjuntura em que se vive, que acredito serem imprescindíveis para compreender as reais possibilidades de realização e de surgimento de uma prática social.

Foi nessa perspectiva que tornou-se importante refletir acerca do percurso de vida de Esmon Primo, realizador da *Mostra Cinema Conquista*, como parte da análise das

possibilidades de surgimento da mesma, como ponto indispensável para se entender as nuances que são desveladas das escolhas e inclinações de sentido atribuídos às suas condutas no mundo social, que levaram à realização, não só pela primeira vez, mas a permanência no tempo, daquela prática.

A *Mostra Cinema Conquista* retoma suas atividades, com sua 2ª edição, no ano de 2006. Esmon, pela primeira vez, capta recursos vindos do Ministério da Cultura através da Secretaria do Audiovisual – SAV, no valor de cinquenta mil reais, talvez em decorrência de perceber, após um ano sem conseguir realizar a *Mostra*, de que a Prefeitura estaria desinteressada ou não mais apta a respaldar financeiramente o evento. Esse incentivo ainda fez parte dos recursos da *Mostra* até o ano de 2010 ou 2011<sup>16</sup>, sempre com o mesmo valor.

Nesse ano, ela se amplia, já que as exhibições contaram com vinte e um longas-metragens, cinquenta e duas curtas-metragens, e passam a ser feitas também em praças públicas da cidade, em parceria com a Prefeitura Municipal com o projeto *Cine-Cidadão Itinerante*, projeto o qual Esmon ajudou a estruturar quando trabalhava com projetos culturais naquela instituição. Houveram ainda duas palestras, três mesas redondas e duas oficinas, além de atividades, tais como lançamentos de livros.

A 3ª edição do evento, ocorrida em 2007, está informada pelos diversos editais de incentivo que estavam sendo lançados no Brasil e na Bahia como explicitado no capítulo anterior, inclusive de empresas particulares como é o caso. Esmon coloca o projeto do evento para concorrer no edital da empresa de telefonia *OI* que foi aprovado para receber a quantia de cento e setenta e oito mil reais, ano no qual o evento pode ser mais encorpado, contando com cerca de oitenta e cinco filmes no total. (PRIMO, 2016).

Esmon Primo (2016) explica ainda, que a partir desse ano, até o ano de 2013 quando o projeto foi aprovado no edital dos calendarizados, lançado pela primeira vez na Bahia no ano de 2012, também recebeu recursos da Secretaria de Cultura do Estado, apesar de tal informação não constar nas tabelas com os resultados dos editais de incentivos públicos para a cultura (Setorial Audiovisual, Demanda Espontânea e Eventos calendarizados), desde o ano 2007, fornecidos pela SECULT Bahia, via e-mail<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Na entrevista, Esmon não soube determinar até qual edição da *Mostra*, ou até que ano, ela teve recursos advindos das chamadas públicas da SAV para festivais e mostras de cinema no país. Também não foi possível ter acesso nem aos editais simplificados, nem aos resultados através do site na internet do MINC/SAV, nem nos relatórios da SAV.

<sup>17</sup> Tabelas fornecidas pela Secretaria de Cultura da Bahia, após conversa via e-mail em março de 2014, quando estava sendo feita a pesquisa da Iniciação Científica sobre o circuito alternativo baiano ainda na graduação.

No ano de 2008 – 4ª edição, foi possível perceber uma ampliação e diversificação de atividades na programação, já que as exposições também ocorreram em uma praça da cidade de maneira fixa, o *Cine-Tenda*, e passou a levar parte da programação fílmica, com o *Cine-Cidadão Itinerante*, para as escolas municipais de quase todos os dez distritos da região. Também a duração do evento foi ampliada, para cinco dias, e acrescentada mais uma sessão ao dia, totalizando duas sessões no espaço de exibição principal e uma sessão nas praças e nos distritos. Cada sessão era composta por um filme longa-metragem e cerca de dois a três curtas-metragens que o antecediam, sendo exibidos quarenta e oito filmes entre longas e curtas-metragens, o que se manteve no decorrer das outras edições.



Imagem 8 - Atividades acadêmicas no Teatro Glauber Rocha - UESB na quarta edição da Mostra Cinema Conquista.

A programação da seção de formação foi uma das maiores até então, totalizando seis mesas redondas, inclusive duas ligadas ao *I Encontro Audiovisual do Território de Vitória da Conquista*<sup>18</sup> promovido pela *Mostra*.

<sup>18</sup> Na abertura do encontro estiveram presentes representantes de órgãos estaduais ligados à cultura, como a diretora de audiovisual da Secretaria de Cultura da Bahia (Secult), Sofia Federico; o presidente do Fórum dos Dirigentes Municipais da Bahia, Gildelson Felício; o presidente da Associação Baiana de Cinema e Vídeo, Lula Oliveira; e o coordenador de Cultura da UESB, Carlos Moreno, mediador das discussões na mesa. Informação



Nesse processo, as possibilidades que abriam-se não eram somente aquelas que se vinculavam às questões financeiras, já que foi possível perceber que a ampliação do número de atividades e a diversificação das mesmas estavam a esse fator fortemente ligadas. O âmbito do cinema e audiovisual também está imerso em um processo de transformação intenso na década de 2000, focando, nesse momento, no que diz respeito aos diversos profissionais que despontavam na cena cultural, encontrando nos festivais e mostras de cinema a possibilidade tanto de formação quanto de atuação profissional.

Neste ensejo, no ano de 2010, ou seja, a 6ª edição da *Mostra*, a curadoria dos filmes passa a ser encabeçada por uma pessoa especializada para tal fim. O crítico de cinema baiano João Sampaio, que tinha um bom trânsito no meio dos eventos de exibição, assumiu a tarefa e trouxe para a *Mostra*, durante três anos que participou ativamente do evento, diversas modificações que contribuíram positivamente, seja inserindo filmes inovadores com a preocupação constante com os cineastas que estavam iniciando suas carreiras ou experimentando novas linguagens, seja criando novas atividades para a programação do evento.

Destaco a atividade iniciada no ano de 2012 – 8ª edição, o Papo de Cinema, que oportuniza aos participantes conversar diretamente com diretores, produtores, enfim, as pessoas que estão por trás dos curtas e longas-metragens exibidos durante as sessões, ação importante para a formação, especialmente daqueles que trabalham na área. Mesmo após a morte de João, em abril de 2014, essa atividade permanece na programação, também incentivada pelo novo curador convidado, o também crítico de cinema e amigo de João, Marcelo Miranda.



Fonte: Arquivo Janela Indiscreta

encontrada e  
dezembro de

Imagem 9 - João Sampaio e Esmon Primo - 2012.

do dia 19 de

Esmon Primo (2016) explica que os critérios para a escolha dos filmes a serem exibidos sempre estiveram vinculados à identificação com o *slogan* da *Mostra - Um Olhar para o Novo Cinema*, convidando filmes curtas-metragens, média e longas, nacionais e baianos, que foram finalizados até dois anos antes. Nessa 6ª edição, o número de filmes exibidos se mantém estável, cerca de cinquenta filmes, e as atividades de formação tiveram uma pequena ampliação, contendo três conferências, duas oficinas. O destaque é dado para o curso promovido por João Sampaio de *Fruição e Crítica Cinematográfica*, também por ele ministrado no festival *Panorama Internacional Coisa de Cinema* em Salvador, a partir do mesmo ano.

No ano de 2012, ano de lançamento do edital de eventos calendarizados da Secretaria de Cultura da Bahia, que fornece uma certa estabilidade ao evento, garantindo sua realização por três anos, Esmon colocou o projeto para concorrer, mas não foi classificado. Sabe-se que, nos anos em que não foi possível captar recursos por meio de editais de incentivo, a UESB e a Prefeitura municipal apareceram como aquelas que alicerçam materialmente o evento, mesmo que ele tivesse que ser reduzido, tanto na quantidade de filmes e das atividades de formação desenvolvidas, quanto no número de pessoas que fazem parte da equipe de produção, como foi o caso dessa 8ª edição.

O fato é que a prefeitura mantém no site da instituição, a *Mostra Cinema Conquista* como um evento que faz parte do calendário cultural da cidade e talvez, por assim considerá-la, não se afaste totalmente do evento, apesar de Esmon explicar que não tem garantia de que algum incentivo será liberado, dependendo de negociações intermináveis e tensas com o secretário de cultura e, às vezes, até com o prefeito.

Nesse ano, na 8ª edição, foram exibidos apenas trinta e nove filmes entre curtas e longas-metragens, porém contendo uma vultosa e diversificada programação acadêmica com duas conferências, uma palestra, três oficinas, exposição, lançamentos de livros e de revista, além de quatro encontros no *Papo de Cinema*. Sabe-se que, com a criação do curso de Cinema e Audiovisual da UESB desde o ano de 2010, os professores do curso começaram a ajudar na concepção das atividades que iriam ocorrer no eixo de formação da *Mostra*, tendo como exemplo, no ano de 2013, duas oficinas propostas e produzidas pelo professor Glauber Lacerda<sup>19</sup> com convidados cubanos da *Escola de Cinema de Los Baños*.

---

<sup>19</sup> Esse professor sugeriu os nomes e produziu a vinda dos professores cubanos para a *Mostra*, em decorrência de já ter ido àquela escola de cinema para realizar um curso de curto prazo.

Aliás, falar do curso de Cinema e Audiovisual da universidade, instituído no ano de 2010, implica em dizer sobre o *Janela Indiscreta* e também da *Mostra*, porque teve como um dos seus principais propulsores, as discussões, encontros e trocas de saberes e experiências travadas naqueles ambientes que, trouxeram à tona, necessidades e possibilidades para o âmbito do cinema na cidade, como um curso de graduação na área.

Esse fato me leva a pensar na influência da universidade e do curso nesse cenário e sobre o legítimo interesse, manifestado por algumas pessoas, em entrelaçar, cada vez mais, esses espaços com o evento, fato que potencializa o desenvolvimento de uma rede de pessoas conectadas pelo cinema, com um trânsito amplo na área, amparando práticas outras que dirão muito do conhecimento ali gerado e transmitido.

O mesmo tipo de edital foi lançado novamente no ano de 2013, no qual o projeto da *Mostra* foi classificado, o que garantiu a quantia de trezentos mil reais durante três anos, por ano de realização, quantia significativa ainda mais se temos em mente que a *Mostra Cinema Conquista* sempre foi realizada com muito menos dinheiro. O expressivo incentivo possibilitou com que o evento pudesse, mais uma vez, ser ampliado, com as sessões no espaço principal passando para mais uma ao dia (somando agora três) no horário das 15h, no intuito de trazer jovens do ensino médio, que estudam em escolas públicas e particulares, para o cinema, fazendo parceria com a Direc20. Porém, a média de filmes permanece de cinquenta filmes exibidos, outra vez ampliando as atividades de formação para quatro oficinas, duas delas com convidados cubanos da *Escola de Cinema de Los Baños*, acima citadas, quatro conferências, o *Papo de Cinema* entre outras atividades.

Esta medida relaciona-se a uma questão que acompanha a *Mostra* durante os últimos anos, a preocupação de levar público espectador para o evento. A despeito da *Mostra* conseguir captar mais recursos e de ampliar sua programação, as sessões, em muitos momentos, ficavam relativamente vazias, realidade que também se expandia para as atividades de formação que aconteciam na UESB, mesmo ela contando com o curso de Cinema e Audiovisual, pois percebia-se, muitas vezes, que nem mesmo os próprios alunos do curso delas participavam.

Com os dez anos da *Mostra*, percebe-se que o evento não tem efetivamente crescido em número de filmes, nem crescido expressivamente com relação às atividades de formação e também no número de público espectador. Mesmo com todo o esforço de Esmon e de outras diversas pessoas que trabalham no projeto há anos, que acaba voltado mais para a realização da *Mostra* em si, observa-se que o evento pouco consegue se renovar e se alimentar de novas ideias, por exemplo, de novos formatos, tendo quase nenhuma abertura para novos

encaminhamentos. A falta de autonomia do evento e a triste possibilidade dele não perdurar no tempo talvez denote o perfil centralizador do realizador, sendo inclusive ponderado em alguns momentos, até mesmo por Esmon, acerca da sua continuidade, caso ele não esteja mais presente.

Certas concepções já formadas acerca de sua possibilidade material de realização também não parecem ser ressignificadas por Esmon (2016), por achar que ela deve ser incorporada ao calendário cultural do Município e/ou do Estado como forma de contar com um recurso já certo para que possa realizar-se, fazendo não mais existir a necessidade de, todo ano, ele convencer as pessoas sobre a importância da realização do evento, no caso, as pessoas vinculadas à prefeitura e UESB ou de ter que participar de editais federais e estaduais e de empresas particulares lançados periodicamente, algo que demanda trabalho e tempo, sem ter a certeza de que será aprovado.

O que se percebe é que não parece factível conceber que a *Mostra* faz parte de um setor de mercado do cinema e audiovisual, o de exibição cinematográfica, e que deve e/ou pode ser pensada sob um viés empreendedor, com captação de recursos feita na forma de financiamento e não, dependendo de incentivos públicos. Isso não quer dizer que os incentivos públicos não sejam importantes e, em muitos momentos, cruciais, principalmente quando a finalidade é a de ajudar no desenvolvimento de um setor produtivo do país, mas entendendo-os como apenas um passo, quando se vislumbra a capacidade que temos para constituir uma cadeia industrial do cinema e do audiovisual sustentável no país.

Talvez essa dissonância esteja presente pelo fato de Esmon ter se formado como produtor cultural dentro de uma universidade pública, contando com todo o apoio material e de pessoal que ela poderia oferecer e, como funcionário dela, pensar que certas ações devem ser fomentadas pelo âmbito público, o governo, nas suas diversas instâncias. Ou mesmo pela dificuldade de lidar com a burocracia envolvida no trato com os editais públicos de incentivo, editais de empresas privadas e com os financiamentos que podem ser captados via FSA – Fundo Setorial Audiovisual, algo que sabemos ser realmente complicado e muito trabalhoso, necessitando, muitas vezes, de assessoria especializada, como contábil e jurídica, para tal fim.

O fato é que, não são comuns as pessoas que efetivamente conseguem agir de maneira tão ativa e enérgica no ambiente social em que vivem, e é justamente esse exercício feito por Esmon que conduziu a uma miríade de caminhos e oportunidades que se prolongaram no tempo e que tem o potencial de influenciarem e afetarem a vida das pessoas, mesmo que indiretamente. Suas ações traduzem os processos de formação que fizeram parte

de seu percurso de vida, como produtor cultural, ao mesmo tempo que possibilitam a formação pelo e para o cinema de diversas pessoas.

Tudo o que foi analisado até então fornece indícios para se pensar em como certas experiências e vivências compartilhadas ao longo das vidas das pessoas, às vezes incorporadas apenas através da observação, podem fortemente determinar certos padrões de pensamentos e de influenciar na maneira das pessoas agirem no mundo, fazendo parte, de uma certa forma, dos parâmetros a serem estabelecidos e das ponderações que devem ser feitas com vista em uma ação no mundo social.

O que se percebe é a existência de uma dinâmica incessante entre a percepção do mundo e a incorporação de certas disposições, e a tensão causada pelas demandas desse mundo social, externas à pessoa. Esse movimento é executado no sistema psicológico da pessoa, cujos símbolos culturais agregados são processados mediante estimativas e apreciações, de maneira intra e interpessoal, de onde decorre a prática social.

Os símbolos culturais aqui são vistos “como estruturas conceituais centrais existentes, as quais fornecem bases para a representação partilhada de forma intersubjetiva do mundo no qual as pessoas vivem.” (VALSINER, 2012, p.31).

A *Mostra Cinema Conquista* seria como a expressão do *habitus* formado de acordo à história de vida de Esmon, e todas as intempéries que lidou na sua trajetória forçando-o a fazer arranjos ou, ao que me parece mais contundente, se alinhar a pessoas e, assim trilhar caminhos seguros e com perspectiva de prosperidade. Nesse contexto, essa prática social engendrada por Esmon seria, em acordo ao que foi estruturado por Bourdieu (2009), produto de estruturas objetivadas e de disposições incorporadas em um decorrer histórico, portanto das estruturas e do *habitus* (BOURDIEU, 2009), como um fenômeno que desvela o arranjo com o qual foi formada, traduzida e explicitada através dela mesmo.

As práticas que decorrem desse *habitus* “são determinadas pela antecipação implícita de suas consequências” (BOURDIEU, 1983, p. 61), pois integra “todas a experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (BOURDIEU, 1983, p.65). Ou seja, um sistema de disposições, estruturantes e estruturadas, que funcionariam como princípios geradores e organizadores de práticas, estas não sendo o produto de obediência às regras nem produto da organização de um regente, fazendo referência à liberdade de que os agentes gozam para agir.

Nesse sentido, os processos que envolvem a construção desse *habitus*, reflexão que está no cerne do entendimento que se quer formar acerca de uma prática social, aqui sendo trabalhados os eventos de exibição cinematográficas e audiovisuais – festivais e mostras de

cinema, não podem ser deixados de lado no estudo ora apresentado, partindo do entrelaçamento do sujeito e sua dimensão fenomênica, a ação no mundo.

Atenta-se para o indivíduo, que pode ser analisado como o meio onde ocorre um complexo processamento de sínteses, no qual se insere tudo o que por ele foi aprendido, portanto, que possibilitou o aumento de suas oportunidades para agir, e as estratégias que tiveram que ser criadas para essas ações poderem se materializar de fato, tendo que ser adaptadas ou mesmo transformadas, no enfrentamento das solicitações do ambiente no qual se insere. Segundo Valsiner (2012, p.32), “a pessoa se torna simultaneamente um ator que está imerso em dado ‘contexto de atividade situada’ e um agente reflexivo que está distanciado do cenário no qual está imerso.”

Pode-se vislumbrar na dinâmica do *habitus*, um fluxo homólogo ao próprio movimento expresso pela memória, esta como algo vivo, pulsante, em eterno movimento de construção e de atualização, de acordo as conjunturas ou estruturas do presente as quais os agentes sociais se vinculam. As práticas realizadas pelos agentes, advindas deste *habitus*, com formação precipuamente histórica, não só condiziriam com um sistema de disposições que as determinam e que implica no ajuste das opções à disposição dos agentes, mais também seriam capazes de induzirem à mudança, pela força criativa humana.

#### 4 O PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA: O INDIVÍDUO, O MOVIMENTO DO SOCIAL E A AÇÃO

“Toda ontogênese da ação está implantada em seus confins culturais e históricos. As ferramentas para a ação têm uma história cultural: o violino, o piano ou o órgão são, todos eles, resultados da experimentação dos músicos ao criar sons e melodias puros. A história da música oferece um exemplo complexo da união entre a história cultural e a automotivação pessoal de quem faz música para tentar a formação de novas melodias musicais, na tensão de experimentar a beleza e a ansiedade frente à perspectiva de perdê-la.” (BOESCH, 1993, citado por VALSINER, 2012, p. 214)

Segue-se o estudo sobre a prática de exposições cinematográficas alternativas ao setor comercial – festivais e mostras de cinema, enfatizando o fato de que as pessoas que coordenam a sua execução não são determinadas exclusivamente por causas externas, nem são núcleos impulsionados apenas por razões internas, indo, assim, ao encontro dos estudos de Bourdieu sobre o *habitus*. Pretende-se, acima de tudo, compreender acerca das disposições constitutivas desse *habitus*, este que determina-se e é determinado a todo tempo, porque faz parte desse todo aberto que chamamos de sociedade.

A socialização humana, que se encontra no âmago da formação do *habitus*, é um processo em que há o aprendizado constante, da língua que falamos, dos símbolos e da compreensão de ideias, do uso de objetos, assim como, determinados padrões de sentimento, pensamento e comportamento, indo além da formação educacional tradicional.

Sucederia através das relações que são estabelecidas entre as pessoas, que formam redes de interdependências, ainda tomando os estudos de Norbert Elias como referência (a “sociologia processual” e a “teoria dos processos civilizadores”), com uma visão figuracional do entrelaçamento de relações que dita a dinâmica da sociedade em que se vive e, de uma certa forma, molda o desenvolvimento da mesma, processo que envolve, os percursos de vida daqueles que a constitui.

A escolha por tal viés metodológico advém, especialmente pelo motivo de acreditar ser uma demanda dos objetos de pesquisa aqui tratados, práticas sociais cujo estudo não pode ser feito em separado de seus agentes realizadores, nem deixar de lidar com aspectos de longo prazo que necessitam ser analisados, juntamente com as tensões que os regem com dinamismo. A reflexão volta-se para a sociedade como um todo aberto à mudanças imprevisíveis, mesmo que ainda, de certa maneira, determinadas pelo fluxo, que acredita-se ser um tempo histórico contínuo do qual as pessoas fazem parte. Segundo o sociólogo Lahire (2006):

Para o sociólogo, trata-se igualmente de ajustar ou de adaptar seus tratamentos dos dados aos problemas sociológicos que pretende resolver, e não o inverso, como observava maliciosamente Elias lembrando que, às vezes, em matéria de tratamento de dados, *the tail wags the dog* ("o rabo chacoalha o cachorro"). (LAHIRE, 2006, p.621).

O esforço é para que se perceba o indivíduo social em meio a um estudo sociológico, que escape da reflexão apenas das instituições sociais ou da sociedade vista de maneira abstrata, com regras do jogo específicas que o circunscreve, ou segundo uma "ciência cognitiva inatista". (LAHIRE, 2006, p.620). Afasta-se, portanto, das teorias sociológicas que explicam o funcionamento da sociedade, ou o sistema social, a partir de ações sociais que concebem certos determinismos surgidos do foco dado às estruturas sociais, vendo a sociedade como funcionalmente coesa e estável, um organismo fechado em si, sem que se dê a devida importância às nuances e variáveis que a atividade humana está sujeita, principalmente, quando se analisa o contexto em que a sociedade contemporânea vive. Ainda, conforme os estudos do sociólogo Lahire (2006):

Em sociedades diferenciadas, o mais comum é que os mesmos indivíduos freqüentemente sucessiva ou alternativamente vários desses tipos particulares de domínios socialmente constituídos. O espaço de pesquisa que se abre aqui para a sociologia é o que se refere àquilo que constitui uma das especificidades de nossos universos com forte diferenciação-autonomização dos domínios ou das esferas de atividades, a saber, indivíduos que atravessam contextos (micro ou macro) ou campos de forças diferentes: uma sociologia em escala individual que analise a realidade social levando em conta sua forma individualizada, incorporada, interiorizada; uma sociologia que se pergunte como a diversidade exterior ganhou corpo, como experiências socializadoras diferentes, e às vezes contraditórias, podem (co)habitar no mesmo corpo, como essas experiências instalam-se de maneira mais ou menos duradoura em cada corpo e como elas intervêm nos diferentes momentos da vida social ou da biografia de um indivíduo. Eis uma série de perguntas, entre muitas outras, que não podem ser deixadas de lado por uma sociologia que procura não desprezar as bases individuais do mundo social, ao mesmo tempo resistindo a todas as formas de naturalismo. (LAHIRE, 2006, p.620).

A pretensão em tomar o conceito bourdiano de *habitus* como referência para esse trabalho, está ligada ao anseio de compreensão, especialmente, dos arranjos que o compõe e de como as disposições que o constituem podem influenciar as práticas executadas pelas pessoas, ou seja, na efetiva realização e também na forma como elas se estruturam. Ancora-se também na possibilidade, junto com outros autores da mesma área de conhecimento, de estabelecer um diálogo que possibilite compreender melhor o mundo social, mais perto da realidade, como ela realmente acontece. Apesar de certos desencontros com o conceito, o



autor acima citado, abre espaço para pensá-lo de uma forma que se minimize certas generalizações abusivas feitas a partir do modelo teórico bourdiano, ajudando na reflexão sobre o assunto e parecendo adequado para o estudo das práticas ocorridas na contemporaneidade, ora apresentado.

A socialização humana aqui analisada, e as “disposições” incorporadas pelas pessoas, ou as características mais singulares delas, seriam possíveis de serem reconstruídas somente se forem recompostas as redes sociais em que o indivíduo está inserido (ELIAS, 1995), não podendo esquecer dos anseios e sentimentos do indivíduo que também são determinantes para a compreensão de seu comportamento no mundo. Então, o conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu, aqui poderia ser ampliado para dar conta de variações de sentido das atividades humanas, de estudar o indivíduo não com bases em padrões abstratos, como a cultura erudita e classe social, e sim focar na experiência fluida vivida pelas pessoas e as significações por elas feitas, derivadas de um amplo leque de situações socializantes que podem ser notáveis e/ou circunstanciais.

#### 4.1 O PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA

Fonte: [jornalgrandebahia.com.br](http://jornalgrandebahia.com.br)



Imagem 10 - Logomarca do Panorama Internacional Coisa de Cinema – 10ª edição.

O festival *Panorama Internacional Coisa de Cinema* surgiu no ano de 2002, na cidade de Salvador, no estado da Bahia, e realizou dez edições também no ano de 2014, assim como a *Mostra Cinema Conquista* que fora tratada no capítulo anterior. Ele destaca-se por ter sido o primeiro festival que apareceu na cena cultural baiana nos anos 2000, e inevitavelmente estabeleceu um parâmetro, tonando-se referência para outros eventos de exibição que romperam nos anos seguintes. Dura, em geral, cerca de sete dias e não ocorreu nos anos de 2006 e 2008<sup>20</sup>, segundo Cláudio Marques (2016), basicamente por falta de patrocínio e pelas dificuldades de achar espaços para abrigar o evento.

<sup>20</sup> Algumas informações das 3ª, 4ª e 5ª edições não puderam ser encontradas na internet. Não obtive autorização para busca-las no arquivo pessoal de Cláudio já que, segundo ele, sua casa tem um piso somente para guardar esses arquivos, mas anda desarrumado, necessitando que ele tenha tempo para deixar tudo em ordem.

De acordo a entrevista presencial feita com o seu realizador Cláudio Marques<sup>21</sup> (2016), as edições iniciais do evento concentravam-se apenas na cidade de Salvador, com exibição de filmes acontecendo na *Sala Walter da Silveira* e na *Sala de Arte do Baiano de Tênis*, no bairro da Graça, extinta sala de exibição vinculada ao circuito de arte de Salvador<sup>22</sup>, também na *SaladeArte Cine XIV* no Pelourinho que, inclusive, foi inaugurada no momento da 2ª edição do festival, em 2002.

Em 2009, com a revitalização do *Cinema Glauber Rocha*, localizado na praça Castro Alves centro da cidade, atual *Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha*, o festival ganha um abrigo que se mostra duradouro, não deixando de promover suas atividades também em outros lugares, como a *Sala Walter da Silveira* e o *Cine Teatro ICBA - Instituto Cultural Brasil – Alemanha/ Instituto Goethe*, no corredor da Vitória, lugar que abrigou, por exemplo, uma parte da programação, o *Panorama Alemão*, no ano de 2014, 10ª edição.

A estrutura do evento se divide também em dois eixos, o de exibição e o de formação, contendo oficinas e alguns encontros com pessoas com uma certa experiência na realização de obras cinematográficas. A programação fílmica destaca-se pela quantidade de filmes e de ramificações temáticas, pois observou-se que as atividades de formação, ao longo dos anos, resumiam-se a duas ou três oficinas, por edição, em sua maioria, tratando de assuntos técnicos relacionados à área do fazer cinematográfico e audiovisual. Percebe-se, desde já, que o festival estrutura-se preocupado com experiências formativas que se vinculassem à produção de filmes, com certa inclinação para promover a profissionalização das pessoas, acima de uma formação, digamos, mais teórica sobre o cinema e audiovisual.

Os locais de realização permitiram que as exibições dos filmes pudessem ser em 35mm, também em digital, em formato DCP (formato de arquivo digital de alta qualidade). No ano de 2013, conforme relato de Cláudio Marques (2016), 80% dos filmes foram exibidos em DCP, prática que está afinada com a executada por outros grandes festivais de cinema do Brasil.

O surgimento do *Panorama* no ano de 2002 diz muito sobre a conjuntura política e econômica a qual se inseria o cinema e audiovisual do período, descrita no primeiro capítulo.

---

<sup>21</sup> Entrevista feita no dia 19 de novembro de 2016 na cidade de Salvador, no *foyer* do *Cine Glauber Rocha*, durante a 12ª edição do *Panorama Internacional Coisa de Cinema*.

<sup>22</sup> O *Grupo SaladeArte*, também conhecido como *Circuito SaladeArte*, é uma empresa de exibição cinematográfica sediada em Salvador que atua, exclusivamente, na cidade. Foi criada no ano 2000, contendo atualmente quatro complexos e cerca de seis salas: a *SaladeArte Cine XIV*, no Pelourinho, inaugurada no ano de 2002; a *SaladeArte Cinema do Museu* inaugurada em 2003; a *SaladeArte Cinema da UFBA* aberta em 2007 e a *SaladeArte Cine Paseo* localizada em um shopping center da cidade, aberta no ano de 2009, inicialmente patrocinada pela empresa de telefonia móvel VIVO. Inicia suas atividades com a inauguração da *SaladeArte Clube Baiano de Tênis* que fechou no ano de 2006.

Isso porque, segundo Cláudio Marques (2016), a ideia de fazer um festival de cinema veio, especialmente, em decorrência do incômodo a ele causado pelo fechamento das salas de cinema na cidade de Salvador nos anos 1990, principalmente o *Cine Glauber Rocha*, situado no centro histórico de Salvador, e a expansão no número daqueles que funcionavam em *shoppings centers*. Ainda relata Cláudio Marques (2016, informação oral):

Eu escrevia sobre cinema, nessa época e eu comecei a viajar muito pelos festivais no Brasil e fora do Brasil também, e aqui tinha um panorama, digamos assim, muito difícil. Nos anos 90, muitas salas de rua fecharam, a gente tinha poucos *multiplex*, esses cinemas de *shopping*, e o circuito estava muito ruim, muito ruim mesmo. Passava poucos filmes que verdadeiramente me interessavam. Quando esse cinema aqui [Cine Glauber Rocha] fechou, em 1998, foi o derradeiro baque, é um lugar para mim muito especial. Eu sempre fui ligado ao centro histórico, então me impactou muito e foi ali, naquele momento, que eu comecei a pensar em exhibir filmes. (MARQUES, 2016, informação oral, grifo nosso).

Até o momento do surgimento do *Panorama*, Cláudio exercia a função de crítico de cinema, escrevia críticas dos filmes que via e que se interessava. Nesse momento, ele tinha juntamente com uma amiga uma locadora de filmes que, inclusive não deu certo, segundo seu relato, porque ele não queria ganhar dinheiro, na verdade ele queria ver os filmes, “ou seja, a gente comprava os filmes que eu queria ver, então, foi um fracasso.” (MARQUES, 2016, informação oral).

Com o tempo, ele sentiu a necessidade de publicar as críticas que já havia escrito e, para isso, criou o *Jornal Coisa de Cinema* no ano de 1995, patrocinado somente através de apoios de algumas pessoas, sendo Cláudio a pessoa quem fazia quase tudo, a diagramação, escrevia os textos, entre outras funções. Assim como relata:

Minha locadora de vídeo era no centro comercial, conversei com umas pessoas e perguntei se era tudo bem se eu fizesse um jornal de cinema para o centro comercial, e se elas me davam uns cinquenta reais, e fiz um jornal de quatro folhas em papel A4 e foi um sucesso. Acho que imprimi mil exemplares. Fiz um segundo que tinha oito páginas e um terceiro com dezesseis páginas. Só que eu diagramava, escrevia, entregava, comercializava, e começou a crescer. Eu convidei uma amiga para escrever comigo, para trabalhar comigo e outras pessoas, poucas pessoas, mas quando eu vi, virou um tabloide, com vinte e quatro páginas, colorido, que circulava em cinco capitais, um negócio que cresceu muito e muito rapidamente. Eu lembro que uma pessoa do Correio Brasiliense viu, porque meu pai estava morando em Brasília e eu mandava para lá, e perguntou se eu queria que eles imprimissem o jornal lá, eles também iam distribuir e eu aceitei. Então começou a crescer de uma maneira que chegou a ter setenta mil exemplares distribuídos em seis capitais.

Eu comecei o jornal em 1995, o ano da retomada e o último exemplar impresso do jornal foi na primeira edição do *Panorama*. Foram cinquenta e uma edições e durante muito tempo foi mensal. Mas também comecei a ficar cansado, aquela mesma coisa de começar e esgotar, e mesmo com algumas pessoas trabalhando comigo ainda dependia muito de mim. E não era necessariamente uma coisa rentável, alguns meses me salvava, outros eram complicadíssimos. (MARQUES, 2016, informação oral).

Foi a crítica cinematográfica que abriu espaço no mundo profissional do cinema para Cláudio e, por sempre ter sido autodidata, de acordo a suas próprias palavras, prescindiu de certas experiências vividas de maneira direta com o ambiente dos cineclubes, apesar da crítica ter esse espaço como seu nascedouro, no Brasil, como analisado no primeiro capítulo dessa dissertação. O entrelaçado de questões que nos faz considerar os cineclubes como a base para se pensar o circuito alternativo de exibição no Brasil, aqui está presente, mesmo que se apresente de maneira indireta à Cláudio.

O fato é que, segundo Cláudio Marques (2016), foi um pouco da experiência do jornal que ele levou para o *Panorama*, daquele que via, cada vez mais, filmes e se preocupava em elaborar uma escrita crítica sobre eles, mas que também gerenciava em termos operacionais um jornal que se propunha falar de cinema, enfim, que fazia um pouco de tudo. O *Coisa de Cinema* circulou até o ano de 2002, mesmo ano da primeira edição do *Panorama*, acompanhou e foi favorecido, de uma certa forma, pelo crescimento da produção nacional que ocorria desde 1995, mas esgotou-se com o tempo, não se mostrando promissor para Cláudio. Conforme suas palavras, “estava precisando renovar e foi a época que eu pensei em criar o festival de cinema. O festival, de uma certa forma, substituiu essa coisa quixotesca que eu tinha no jornal.” (MARQUES, 2016, informação oral).



Fonte: ba.gov.br

O  
fecha  
mento  
do

Imagem 11 - Cláudio Marques no Foyeur do Cine Glauber Rocha.

*Cine Glauber*<sup>23</sup>, em 1998, foi algo que também, sem dúvidas, estava por trás das motivações desse impulso transformador de Cláudio, de entrar para o setor de festivais e mostras de cinema, tensão produzida no campo pessoal seguida pelo ímpeto de transformação social. Esse acontecimento o marcou imensamente, de acordo ao seu relato, evocando o seu afeto pelo lugar e pelo centro histórico de Salvador<sup>24</sup>. Presenciar o fechamento de uns dos cinemas mais tradicionais da cidade nesse período, fez brotar em Cláudio o sentimento de pesar e também de disposição para modificar essa realidade, até porque, também abria-se uma possibilidade interessante para sua vida profissional.

As inquietações decorrentes das questões que envolviam o âmbito profissional, também o afetivo da vida de Cláudio, assim como o arcabouço de experiências vividas e compartilhadas no âmbito da crítica cinematográfica, possibilitou e conformou a sua ação no mundo social, tendo sido determinantes para a concepção e a realização do festival *Panorama Internacional Coisa de Cinema*.

Consegue-se perceber que a formação de Cláudio Marques como produtor cultural veio na esteira do esforço dispendido para aprender, do autodidatismo por ele mesmo comentado, aflorado pela paixão pelo cinema, bem como pelos aprendizados construídos

<sup>23</sup> O *Cine Glauber Rocha*, hoje com o nome de *Espaço Itaú Glauber Rocha*, fica situado na Praça Castro Alves, no centro de Salvador. Fora aberto no ano de 1919 com o nome de *Cine Guarany*, espaço que permaneceu mais tempo aberto na capital baiana, e foi o endereço de diversos debates promovidos pelo *Clube de Cinema da Bahia*, comandado pelo advogado Walter da Silveira.

<sup>24</sup> Cláudio Marques atualmente mora em um dos bairros mais antigos de Salvador, Santo Antônio Além do Carmo, no centro histórico, entre o Pelourinho e o bairro do Barbalho. Esse lugar é conhecido por ser reduto de artistas plásticos, escritores, músicos, produtores culturais, entre outros.

através do trânsito que ele fez, possivelmente instigado pela oportunidade de se estabelecer profissionalmente na área.

Cláudio foi morar em Salvador, com seu pai, aos doze anos, e, seguindo o exemplo dele, começou a trabalhar desde muito cedo, segundo seus relatos, com informática, como design entre outras funções. Iniciou dois cursos de graduação, economia e história, chegando a avançar bastante no primeiro, entretanto, diz que não sentiu vontade de concluir nenhum deles, já que “foi no momento que o cinema entrou na minha vida também e eu preferi começar a trabalhar com o cinema, trabalhar com crítica cinematográfica, tudo de uma maneira autodidata.” (MARQUES, 2016, informação oral).

O cinema tinha uma raiz profunda em Cláudio, por ele racionalizada quando já estava trabalhando com o cinema, no momento em que teve a oportunidade de conseguir recuperar um rolo de película filmado pelo seu avô, esse quando tinha 39 anos, no aniversário de seu tio que morreu aos 5 anos de idade. Apesar de já ter conhecimento de que seu avô gostava de cinema, alega que não acreditava muito até ter acesso ao filme supracitado. Segundo seu próprio relato:

Um dia, um tio meu falou para mim e mostrou um rolo de filme que ele não sabia do que se tratava. Era um rolo caseiro, eu consegui restaurar, e era um filme incrível, porque meu avô tinha trinta e nove anos, era médico, tinha prosperidade, mas descobriu um tumor e morreu muito jovem, aos trinta e nove anos. Logo depois um tio meu faleceu com cinco anos de idade também com um tumor, uma tragédia que abalou muito e desestruturou a minha família, até porque meu avô, era um líder na família que demorou muito tempo para voltar ao prumo, ganhar um norte. Esse filme foi feito três meses antes da morte dele, ele filmou o aniversário de meu tio, aquele menino que morreu com cinco anos. Foi muito forte mostrar para meu pai, que já tinha quase setenta anos, para os meus tios, aquelas imagens, foi algo muito forte, muito emocionante. Tem imagens de uma casa, no engenho velho de Brotas, que de um e um ano eu vou lá, porque tem uma ligação histórica das imagens, tem alguma coisa que me liga a esse avô, a essas imagens, alguma coisa muito forte e impactante para mim. [...].

De alguma maneira, eu resgato essa história do meu avô, parece que ele tinha um amor muito grande pelo cinema, ele deixou poucos textos, ele gostava de fazer projeções nas ruas, eu não sei dimensionar qual a ligação, porque eu sei muito pouco do meu avô, ao mesmo tempo é muito bonito que na minha família, que ele, que teve uma história trágica, tivesse essa ligação com o cinema da maneira como eu tenho também. (MARQUES, 2016, informação oral, grifo nosso).

Mas antes desse fato, o cinema impactou na sua vida através das obras do cineasta Glauber Rocha. A literatura era o que, até então, o estimulava, porém, o cinema também estava presente em sua vida, com pouca proximidade do cinema nacional, compreensível por

estarmos falando de sua fase de adolescência e juventude, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, quando a produção de filmes nacionais estava quase estagnada. Aquele encontro aconteceu, como ele mesmo lembra, quando ele tinha mais ou menos vinte e um anos de idade, em uma viagem para Paris:

Aconteceu que um dia, entrando no *Bobur (Centre National d'art et de Culture Georges-Pompidou)*, que tinha duas salas de cinema, tinha uma fila que era gigantesca, eu fiquei espantado, mas segui meu ritual, eu fui ler a minha literatura, meus livros. Quando eu saí, a fila estava duas vezes maior, e eu, por curiosidade, resolvi ver o que estava passando, e era uma retrospectiva de Glauber Rocha.

Eu entendi, naquele momento, que tinha alguma coisa, nos filmes que eu já tinha visto e não tinha gostado, que eu não tinha conseguido captar. Eu precisava entender o que era aquilo, então resolvi pegar aquela fila para assistir *Terra em Transe* em película, 35mm, uma ótima qualidade, um ótimo som e me bateu aquela epifania que eu tinha na literatura. Eu voltei todos os dias, já não ia mais ler livros, e vi quase tudo de Glauber Rocha no Centro *Pompidou*, em película, alguns filmes eu vi mais de uma vez. Eu entendi que no cinema tinha alguma coisa que eu ainda não tinha conseguido entender, então comecei a ver muito filme e passar muito tempo nos cinemas de Paris. (MARQUES, 2016, informação oral).

Esse foi um momento revelador, como ele mesmo descreve, o vivido em Paris, através dos filmes de Glauber Rocha. Desde então, Cláudio começou a embrenhar no mundo cinema e relata que “desde 1995, eu coloquei na minha cabeça que eu ia trabalhar com cinema” (MARQUES, 2016, informação verbal). No mesmo ano, inscreve o nome *Coisa de Cinema* no CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, declarando sua atividade de produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão.

Fonte: [coisadecinema.com.br](http://coisadecinema.com.br)



Imagem 12 - Logomarca Coisa de Cinema

Essa resolução foi processada de maneira tão coesa que extrapolou a seara da exibição cinematográfica, foi para a produção, direção e roteiro, enfim para a feitura de filmes, que ele, juntamente com sua companheira, Marília Hughes, começa a fazer desde o ano de 2002. O interesse pelo cinema, mais uma vez, leva Cláudio a se engajar, agora, na produção de filmes, algo que as leituras fílmicas especializadas que fazia com a crítica

cinematográfica, e a formação que essa prática proporciona, podem ter ajudado. Segundo ele, adora “fazer cinema e existem muitas formas de fazer cinema, às vezes uma coisa desgasta mais, outras vezes nos deixa mais inteiros. Eu adoro exhibir filmes e esse cinema [Cine Glauber Rocha] me deixa com um orgulho muito grande, que ele exista.” (MARQUES, 2016, informação verbal, grifo nosso).

Nesse momento, o posicionamento de Cláudio com relação aos seus anseios e os meios ou os projetos para alcançá-los parece bem definido, como se seu percurso estivesse pautado em metas a serem seguidas, mas estas ditadas não apenas por comodismos, pela questão financeira, ou seja, pelas opções que são convenientes para a conjuntura em que está inserido, mas também por uma questão de auto realização, o que também gera uma energia ativa, direcionada para a ação no mundo social. Até mesmo a maneira como ele se apresenta, como uma pessoa que a todo momento articula sentidos para suas vivências, trazendo à tona memórias que o permitem estabelecer o fio de continuidade de todo o percurso de sua vida, fornece embasamento a essa reflexão.



Fonte: papodecinema.com.br

Ne  
sse  
contexto,  
não se pode  
deixar de  
considerar  
que a ações

*Imagem 13 - Cláudio Marques e Marília Hughes na premiação do filme Depois da Chuva no Festival de Brasília – 2013.*

executadas pelas pessoas, vistas em contexto social, estão também orientadas por metas. Essas que despontam dos processamentos mentais do indivíduo, na fabricação de sentidos para suas ações, a partir dos símbolos incorporados ao longo de suas vidas, ponderados frente as demandas e oportunidades com que vão se deparando ao longo de suas vidas.

Entendo que não se trata de conceber a ação humana como direcionada para um futuro, sem que se considere também os anseios subjetivos de quem se observa. Esses que são influenciados pelas contingências externas, mas por estarem mediados pela inteligência humana, essencialmente interesseira, atualiza as memórias em um presente imediato,



convenientemente. Neste ensejo, Valsiner (2012) citando Boesch (1989), nas suas análises da construção histórica e cultural da ação:

Podemos dizer que seu objetivo de escorregar ao descer a encosta tem dois aspectos: um é dependente do movimento objetivo no espaço; o outro são todas as sensações subjetivas relacionadas a isto, o sentimento de harmoniosa interação dos músculos, a sensação de velocidade, a impressão de domínio. O esquiador pode desfrutar tanto do aspecto “objetivo-instrumental” da ação, isto é, controlar seu esqui, como também do “subjetivo-funcional”, isto é, a experiência proprioceptiva relacionada àquele; em alguma proporção, todos [esses aspectos] estão sempre simultaneamente presentes: a ação, por necessidade, é polivalente. (BOESCH, 1989, p.42 citado por VALSINER, 2012, p.212/213/214).

O percurso de vida de Cláudio mostra-se construído segundo metas determinadas pela fabricação de sentido de suas vivências pessoais. Inclusive sua trajetória está marcada pela dinâmica, por suas tomadas de iniciativa, em cavar possibilidades mesmo que estas não aparecessem de maneira tão clara, direta e acima de tudo, cômoda, e de se engajar nelas, preocupado, principalmente, com a efetiva possibilidade de realização dos projetos, sem que pareça motivado por estritos interesses individuais. Cláudio descreve um exemplo que traduz essas suas características de personalidade:

Eu e Marília viajamos para Amsterdam com um projeto novo, faltava quinze dias, mais ou menos, para o Panorama, mas muita gente, é isso, eu descentralizo para poder fazer mais coisas. Quando eu voltei, eu percebi que as coisas não estavam andando bem na sala de projeção. Então eu pensei em assumir. E faltando poucos dias para o Panorama, eu vinha passar as madrugadas, ligava para os suportes técnicos do Rio e São Paulo, os caras falavam que eu era louco, você é proprietário do cinema, você está na projeção. Mas eu falei que não podia ser refém. O próprio projetor ficou pasmo porque ele percebeu que a gente não dependia mais dele. Só sei que dominei, chamei Rafa [Rafael Saraiva] para aprender e ele dominou. Prescindimos do projetor.

A questão é, se o projeto demanda, eu centralizo, se o projeto não precisa da minha presença, eu abro mão. Até porque eu quero fazer outras coisas também. (MARQUES, 2016, informação oral, grifo nosso).

O *Panorama* surge em decorrência e segundo essas diversas condições, que dizem respeito à vida de Cláudio, seu realizador, a sua maneira de se comportar no mundo, e também a toda uma conjuntura que foi se formando a partir de 1995 no Brasil. Apesar das adversidades que ela impunha, a insistência mostra ser a marcar de Cláudio, que teve a atitude de procurar meios, mesmo que parecessem inexistentes, para viabilizar o seu projeto:

Mas para mim era uma coisa muito difícil de imaginar, eu não sabia fazer isso, então levei alguns anos, conversando. Era uma época muito difícil, não

se tinha dinheiro nenhum para a cultura, tudo o que era para a cultura na verdade era alguma coisa assim, você tinha que através do mercado, conseguir. É muito diferente, não tinha edital. O dinheiro do estado era tudo ‘balcão’, se eu não tinha ninguém conhecido e me sentia constrangido nesse sistema também, eu não sabia como me articular. Então, eu levei um pouco de tempo para me articular. Eu lembro que dois anos depois dessa sala [Cine Glauber Rocha] fechar, eu comecei a pensar na possibilidade de construir e devolver essa sala de cinema para a cidade, e enquanto não acontecia isso eu pensei, eu vou fazer um festival. (MARQUES, 2016, informação oral, grifo nosso).

No ano de 2002, o tratamento para a cultura e para o cinema e o audiovisual no país, ainda não tinha ganhado novos ares e perspectivas como aconteceu a partir da anteriormente citada configuração política apresentada no ano de 2003, no governo federal. Na Bahia, o tratamento dispendido para essa seara era praticamente feito através de influências, amizades e trocas de favores, como citado por Cláudio com a expressão “balcão”. Muitas vezes, os incentivos públicos para a área estavam vinculados aos interesses em voga no momento, por exemplo, o turismo. A política de editais públicos de incentivo à cultura ainda não estava sendo praticada no país, e na Bahia, só podemos vê-la em vigência, a partir do ano de 2007.

A experiência de frequentar outros festivais de cinema do Brasil também foi importante para Cláudio. Ainda nos anos 1990, o circuito nacional contava com diversos festivais já consagrados, muitos deles surgidos nas décadas anteriores, alguns visitados em consequência da profissão de crítico que exercia.

Assim, em 2002, o *Panorama* surgiu, tendo como patrocínio cinco mil reais vindos do Banco do Brasil. Cláudio conta:

Eu entrei lá e falei que queria fazer uma mostra de cinema, um festival, que queria exhibir filmes que não são exibidos aqui: ‘você têm dinheiro?’ Eles falaram que achavam que conseguiam cinco mil reais. Eu peguei o dinheiro e fiz um festival com trinta e três longas-metragens em película e isso era muito caro, o transporte e tal e tudo isso eu consegui através de apoios, da DIMAS, o material gráfico era tudo apoio, o restaurante dos convidados, da equipe etc.

Eu fiz praticamente tudo no festival e mais outras duas pessoas trabalharam. Então, foram três pessoas para fazer um festival inteiro com trinta e três longas-metragens. Minha sensação quando eu lembro hoje, foi incrível, foi maravilhoso, mas fiquei exausto de uma forma que eu só lembro que eu dormia, minha ideia é que eu passei um mês dormindo, depois do festival. (MARQUES, 2016, informação oral).

Também lembra que, no mesmo ano, realizou uma segunda edição do *Panorama*, agora somente com curtas-metragens<sup>25</sup>, o *Panorama Brasil de Curtas-metragens*, que

<sup>25</sup> O formato de filme curto, com duração de até quinze minutos, definido pela ANCINE – Agência Nacional do Cinema, é mais barato e demanda uma produção menor, consequentemente, sendo um modelo que possibilitou,

aconteceu na *Sala Walter da Silveira*, na *SaladeArte do Baiano* também no *SaladeArte Cine XIV* no Pelourinho. De acordo a Cláudio Marques (2016), houve uma enorme quantidade curtas-metragens, mais de cem filmes, “que tinha anos que não eram exibidos na cidade. Eu fiz um *Panorama* de três semanas exibindo curtas-metragens, mais uma vez, com três ou quatro mil reais em dinheiro e muito apoio.” (MARQUES, 2016, informação oral). Fazendo um balanço dessas ações, Cláudio (2016) nos diz:

Os dois festivais foram incríveis. Eu lembro que a sala Walter da Silveira ficava lotada, foram seis mil pessoas nessa sala e na Sala de Arte do Baiano. Mais ou menos parecido, eu fiz o segundo panorama, o terceiro e o quarto, sempre com muitos filmes, com uma movimentação muito grande, só que eu fiquei muito cansado. Eu pensava que era muito arriscado. Teve um ano que bateram no meu carro, eu não tinha dinheiro e nem me remunerava, então o saldo de um panorama era um carro batido, uma película que se estragava. Além de eu não ganhar dinheiro, eu tinha que colocar dinheiro meu. (MARQUES, 2016, informação oral).

A questão dos inúmeros apoios dos quais Cláudio comenta, traz à tona a reflexão de seu perfil ativo, uma pessoa com iniciativa e paixão pelo que faz, que tem projetos em mente e está apto a executá-los, algo que, sem dúvidas, cativa as pessoas que encontra. Comenta que “opera na vibração de ter muito apoio” (MARQUES, 2016, informação oral), e cita festivais internacionais que esteve presente como exemplo, dos trabalhos voluntários que viu ser possível, mostrando-se concatenado com certas tendências contemporâneas, o que demonstra sua abertura para o novo e para o que seria possível e interessante de ser feito, diante das dificuldades materiais de realização do evento.

O *Panorama* aconteceu por mais dois anos, e começava a perder força, devido ao cansaço de seu realizador, como ele conta, pela enorme energia dispendida para organizar o festival, particularmente de encontrar lugar para realiza-lo, fato que o levou, até mesmo, a fazer uma edição<sup>26</sup> do *Panorama* no *Multiplex*, pelo espaço prescindir de uma produção mais elaborada, “só que eu não tinha nada a ver com *Multiplex*. Era muito estranho eu levar uma quantidade grande de pessoas para dentro do *Multiplex* do shopping *Iguatemi*. Eu estava insatisfeito com o *Panorama*.” (MARQUES, 2016, informação oral).

---

em alguns momentos, com que a produção cinematográfica brasileira, na prática, não deixasse de existir. É um formato que começou a ser explorado no Brasil a partir da década de 70, constituindo-se como principal objeto, ao longo de muitos anos, de um festival que ainda é referência no Brasil e na Bahia, a *Jornada de Cinema da Bahia*, promovida pelo cineasta Guido Araújo, que teve sua derradeira edição, no ano de 2012.

<sup>26</sup> Através das pesquisas feitas não foi possível identificar qual edição e em que ano o festival aconteceu no *Multiplex Iguatemi*. Cláudio também não soube precisar tal informação.

Foi nesse período, entre os anos de 2005 e 2006, que após cerca de oito anos de negociações, finalmente, Cláudio teve êxito na articulação que fazia desde 1998 para reformar e reabrir o *Cinema Glauber Rocha*:

Finalmente em 2005 e 2006 eu consegui uma articulação para que isso aqui acontecesse [reabertura do Cine Glauber Rocha], eu resolvi parar com o *Panorama*. Até porque tinha algumas coisas no *Panorama* que me deixavam triste, por exemplo, eu trazia filmes que eu gostava muito, só que as salas que eu exibia não tinham bons equipamentos. Então, às vezes, as pessoas saíam do filme falando que não tinham gostado tanto dos filmes porque o som era ruim. O som dos filmes não era ruim, o som da sala era ruim. Esse circuito alternativo nosso era muito precário. (MARQUES, 2016, informação oral, grifo nosso).

A articulação se deu, através de uma história, que envolve Walter Sales, famoso diretor de cinema brasileiro. Ele conta que, na época, escrevia críticas, e escreveu um texto sobre o filme *Central do Brasil*, dirigido por aquele cineasta. Como rodava os festivais por conta dessa atividade, passou a conhecer diversas pessoas do cinema, inclusive Walter. De acordo com Cláudio, “Walter Salles foi uma pessoa que me falou um dia que eu precisava conhecer o Adhemar Oliveira que é um cara que vem do cineclube, e hoje, para mim, é o principal exibidor do Brasil.” (MARQUES, 2016, informação oral). Observa-se a influência que Walter exerceu tanto para o nascimento da *Mostra Cinema Conquista*, analisada no capítulo anterior, assim como possibilitou a abertura do caminho trilhado por Cláudio para tornar viável a reconstrução e reabertura do *Cine Glauber Rocha*.

Walter Salles apresentou Adhemar Oliveira no ano de 1998 para Cláudio, que trabalhava com o jornal *Coisa de Cinema* nesse momento. Adhemar<sup>27</sup>, que acabou tornando-se sócio de Cláudio, tem sua trajetória no cinema iniciada nos cineclubes do Rio de Janeiro, sua cidade natal. Exerceu, muitas vezes, a função de programador nos cineclubes que passou e realizou mostras de filmes, o que possibilitou inúmeros encontros, e deram azo para ele tramarem acordos pioneiros, em vista a estabelecer uma associação entre a iniciativa privada e as atividades ligadas à seara do cinema. Assim, conseguiu fazer a articulação da entrada de

---

<sup>27</sup> Adhemar participou da criação do *Cineclube Estação Botafogo* em 1985, embrião do *Grupo Estação*, complexo de cinemas de rua do Rio de Janeiro, além de fazer programações em diversos outros cineclubes. Posteriormente, ajudou no surgimento da *Mostra Banco Nacional de Cinema* em 1989, que ao se juntar com o *Rio Cine Festival*, outro evento que acontecia na cidade do Rio de Janeiro, tornou-se o *Festival do Rio*, até hoje realizado. Essa foi uma das primeiras experiências em que um banco patrocinou uma ação da seara cinematográfica e foi com esse *know-how*, que Adhemar, em 1993, consegue criar o *Espaço Unibanco de Cinema* em São Paulo, seguindo para diversas outras capitais ao longo do tempo. Sua empresa hoje forma uma rede de cinemas, a *Cinespaço* ou *Espaço de Cinema*, que em 2008, totalizava 72 salas, ficando em sétimo lugar entre os maiores exibidores do país. (Informação retirada do site: <<http://www.filmeb.com.br/quem-e-quem/distribuidor-exibidor/adhemar-oliveira>>. Acessado no dia 15 de dezembro de 2016).

bancos privados no rol dos possíveis patrocinadores para o setor de exibições cinematográficas, no país.



Imagem 14 - Vista frontal do Cine Glauber Rocha durante a 8ª edição do Panorama – 2012.

Fonte: bahianoticias.com.br

Interessante notar que, desde o início, o banco cooptado foi o *Unibanco*, instituição financeira que pertence à família Moreira Salles, a família de Walter. Observa-se uma teia de relações que vai sendo tramada à medida que elas vão sendo estabelecidas. Assim como nos conta Cláudio (2016):

E Walter nos apresentou. Eu expliquei para ele a importância desse espaço para a cidade, o perigo que a gente tinha de perder mais um espaço, mais um cinema para a igreja Universal, e ele topou entrar nessa articulação comigo. E fizemos uma série de articulações, inclusive demorou muito para o Unibanco entrar, eu digo que foram oito anos de projeto até que a gente encontrasse a equação financeira que viabilizasse não apenas a abertura do cinema, mas também a manutenção dele por algum tempo. Aprendi isso muito com o Adhemar, eu não queria começar e fechar, então a gente pensou o cinema de uma forma que tínhamos certeza que íamos dar continuidade. (MARQUES, 2016, informação oral).

O *Panorama* volta a ser realizado após os incentivos para a área da cultura começarem a serem lançados, através de editais do Estado da Bahia lançados a partir do ano de 2007, também pelo fato de agora ter como sede o *Cine Glauber Rocha* restaurado e reinaugurado em dezembro do ano de 2008, depois de muitas negociações com a prefeitura da cidade e o banco patrocinador. Agora com Cláudio figurava como sócio daquele espaço de

exibição, juntamente com Adhemar Oliveira, e administrador do local, com atuação mais próxima e direta.

Acontece, portanto, no ano de 2009 a 5ª edição do festival, no *Cine Glauber Rocha*, já com o valor de cerca de cem mil reais proveniente do edital estadual de demanda espontânea, uma modalidade de apoio destinada a todo tipo de iniciativa cultural que não esteja coberta por editais temáticos, de linguagens ou áreas específicas.

A questão da localização do *Cine Glauber Rocha*, no centro da cidade, na Praça Castro Alves, região histórica de Salvador, foi um dos motivos destacados para justificar um festival pouco expressivo em termos de público. “O primeiro ano dele aqui [no Cine Glauber Rocha] e com dinheiro foi um pouco frio, foi um pouco ainda difícil trazer as pessoas para essa região, é tudo uma novidade, o cinema nessa região e o público.” (MARQUES, 2016, informação oral, grifo nosso).

Ao longo dos anos, surgiu a necessidade de fazer diversas articulações, por exemplo, com a polícia militar, cujo pedido era de melhorar o policiamento da região onde se localizava o cinema, principalmente à noite, já que o Centro Histórico costuma ser um lugar relativamente perigoso; com a prefeitura, com o pedido de revitalização das imediações ao cinema e incentivos para atividades culturais na região, ajudando na empreitada de fazer renascer esse ambiente historicamente relevante para a cidade e para o estado da Bahia, um dos desejos de Cláudio.

A preocupação com público parece uma constante, talvez porque, além de perceber que um festival de cinema só se sustenta com um número de espectadores significativo, também se preocupasse com a manutenção do *Cine Glauber Rocha*, aspectos que impactavam diretamente no seu afazer profissional. A confiança em seu intento, de qualquer forma, é nítida, quando lembra:

Eu falava com algumas pessoas que sempre trabalharam com gente, com Marília, que eu sei que na história dos festivais, se a gente persiste, tem um ano que dá um click com o público, a gente saiu de seis mil pessoas de público, aumentando para oito mil, doze mil e quinze mil e esse ano, eu não fechei a conta ainda, mas a gente está entre dezoito mil e vinte mil pessoas em uma semana, que é um número incrível. (MARQUES, 2016, informação oral).

Ao mesmo tempo, foi com a volta do festival, no ano de 2009, que ele começa a ganhar uma “cara”, ter características melhores delineadas. As competições entre os filmes, que é a característica fundamental que envolve o conceito de festival, começaram a acontecer, segundo Cláudio (2016), porque era um pedido antigo dos cineastas que já tinham passado

pelas edições anteriores. Assim, “a partir de 2009 começa uma nova história do *Panorama*, com um recorte que eu acho mais a cara minha e eu acho que ele começou a ficar mais bem definido, a identidade dele começou a ficar mais perceptível. ” (MARQUES, 2016, informação oral).

A dinâmica que se estabelece a partir de então, é a de que os realizadores enviam suas obras para a sede do *Panorama* e lá é feita uma triagem curatorial, por uma equipe designada, toda edição, para esse fim, como foi o caso da 10ª edição cuja curadoria foi feita, dos filmes longas-metragens, pelo próprio coordenador do festival, e de curtas por Marília Hughes, Rafael Saraiva, Rafael Carvalho e João Paulo Barreto, não tendo uma temática específica que balizasse a seleção de filmes. Esse formato também pode esclarecer o grande número de obras exibidas, na 9ª edição - 2013, quando foram recebidos mais de 800 filmes para serem avaliados e foram exibidos mais de 150 filmes, entre longas e curtas brasileiros e estrangeiros.

Nesse momento, Cláudio começa a ser atraído pelos filmes brasileiros e se dedicar a estudá-los com mais afinco, pois “achava que era a missão desse espaço de cinema, mas também do *Panorama* de uma maneira geral. ” (MARQUES, 2016, informação oral). Tal fato aparece na esteira do crescimento da produção nacional, ainda como ele relata:

O festival nasceu muito internacional, eu trazia muitos filmes internacionais, e em um momento que eu tinha muita dificuldade eu não tinha admiração pelo cinema que estava sendo feito no Brasil, apenas pelos curtas-metragens, os longas eu achava muito fraco. Só que tinha uma geração de curtas incrível que o panorama começa a acompanhar. Eu como exibidor começo a dar espaço para esses curtas-metragistas que hoje são excelentes no Brasil, Cleber Mendonça, Gabriel Mascaro e muitos outros, a gente vem crescendo juntos, digamos assim. (MARQUES, 2016, informação oral).

Focar nos filmes curtas-metragens brasileiros, de uma certa forma, traz à luz a questão de que Cláudio, apesar de estar vivendo um momento que ainda não consegue ser afetado pelos filmes longas-metragens que estavam sendo lançados, costura uma possibilidade de aproximação com o cinema brasileiro através dos curtas, quem sabe entendendo o movimento no qual o setor de festivais de cinema e audiovisual estava inserido, de fomentar, em diversos sentidos, a produção nacional e, por ela, ser nutrido. Colocar-se como parte desse processo de desenvolvimento da produção cinematográfica, do trabalho dos diretores, hoje muitos deles consagrados, denota tal entendimento, com a introjeção de seu papel, o de exibidor e agindo de acordo.

No ano de 2010, a 6ª edição do evento, Cláudio consegue captar cerca de cento e vinte mil reais, também através do edital de demanda espontânea do Estado da Bahia. Apesar do montante de dinheiro que arrecada, o evento não parece ampliar significativamente suas atividades. Porém, contou com a participação de João Sampaio, crítico de cinema que iniciou a curadoria dos filmes da *Mostra Cinema Conquista* no mesmo ano, para inaugurar a oficina de *Fruição para o Cinema e Crítica Cinematográfica*, que acontecerá por três edições. Aconteceu ainda outra oficina, *O Cinema de Cao Guimarães*, ministrada pelo próprio artista plástico e cineasta, sendo descrita pelo evento como uma oportunidade única dos participantes conhecerem os trabalhos e o processo criativo do artista.

A oficina dirigida por João permanece na programação até o ano de 2013 – 9ª edição. É descrita, pela própria produção do festival, com o objetivo desenvolver e aprimorar a percepção dos elementos técnicos e estéticos fundamentais para a avaliação de uma obra audiovisual, com o estudo dos diferentes formatos de leitura fílmica, estudo de roteiro, aspectos da direção de arte no cinema, fotografia e câmera, montagem e a finalização das obras, devidamente ilustrados por inúmeros recortes de filmes, com o intuito de garantir uma apropriação prática de alguns conceitos, de modo a suscitar um conteúdo elementar para a leitura fílmica e iniciação ao exercício da crítica cinematográfica.

A 10ª edição do festival, em 2014, em decorrência do falecimento de João Sampaio em maio de 2014, a referida oficina mudou de nome e de ministrante, mantendo o caráter similar: *Oficina de Escrita Crítica*. O interessante de se observar é que o ministrante dessa oficina foi o também crítico de cinema Rafael Carvalho que, de acordo as pesquisas documentais, participou por alguns anos da oficina anteriormente citada, trazendo indícios dos trânsitos por ele feitos no interior do festival e os aprendizados incorporados que o ajudaram a assumir essa atividade de formação, mais tarde.

Em 2011, 7ª edição, foi o ano que novamente Cláudio capta o incentivo público estadual por meio, mais uma vez, do edital de demanda espontânea, de cem mil reais. Esse é o ano que um maior número de oficinas são disponibilizadas, quatro no total, sendo que, além da oficina de *Fruição e Crítica Cinematográfica*, acima citada, outras três foram realizadas: a oficina de *Direção de Documentários*, ministrada pelo cineasta baiano Geraldo Sarno, o homenageado do festival, também a oficina *Cinema Corsário* com o jornalista e crítico de cinema Adolfo Gomes, que objetivava trazer o universo das produções cinematográficas de traço popular, com baixo orçamento e muita criatividade, com contextualização histórica das obras e análise das características autorais presentes nos filmes.



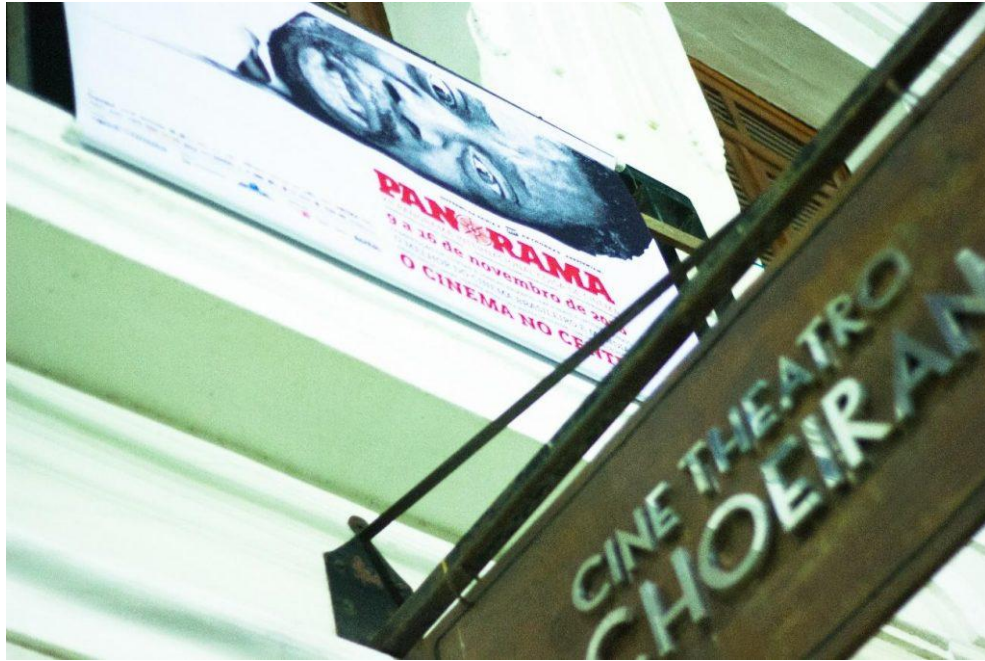
Cláudio Marques (2016) ainda relata sobre um outro essencial e duradouro patrocinador do festival, a Petrobrás – Petróleo Brasileiro S/A<sup>28</sup>, empresa estatal de economia mista, que passa a patrocinar o evento em 2011, por meio de da Lei Rouanet, com um valor de cem mil reais por edição. Sobre essa o incentivo, explica Cláudio (2016):

Com relação a Petrobrás, ela tinha diversos editais legais, edital para curta, o Curta Petrobrás às seis, tinha várias coisas que eles faziam que eram muito legais. E eles tinham um edital que eu participei uns três anos sem ganhar até que um dia ganhamos, participamos em 2009, 2010, em 2011 eu acho que a gente ganhou e pelo o que eu me lembro, a gente ganhou com a nota máxima, isso foi o que o pessoal lá falou. Então, em 2012, 2013 e 2014 continuamos recebendo cem mil reais, mas o edital acabou e acho porque temos uma boa nota, eles conseguem renovar o incentivo, mesmo que todo ano eles cortem mais festivais. (MARQUES, 2016, informação oral).

Na 8ª edição, ano 2012, o festival é classificado pelo edital dos eventos calendarizados da Bahia, recebendo o valor de cento e trinta mil reais. Ele amplia seu espectro e passa a acontecer concomitantemente na cidade de Cachoeira, levando uma parte de sua programação de exibição de filmes para o *Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo – CAHL/UFRB*. A iniciativa continuou, até que no ano de 2014 acontece naquela cidade, além da exibição de filmes, uma oficina de *Assistência de Direção*. Importante salientar que Cachoeira é sede de uma universidade federal, a UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que tem um curso de Cinema e Audiovisual, fato que demonstra a intenção de acessar ambientes que possam potencializar os saberes técnicos proporcionados pelas atividades formativas do festival, estabelecendo uma dinâmica de profissionalização, ancorada economicamente pelo que foi possível de ser captado.

---

<sup>28</sup> Essa empresa investe em ações voltadas para a cultura desde a década de 80 e conseguiu atualizar essa iniciativa até os dias de hoje, apesar do dinheiro não ter crescido, necessariamente, com o passar do tempo. Todos os anos, lança editais de incentivo à cultura, sendo que foi uma das principais empresas responsável pelo patrocínio dos filmes que marcaram a fase da retomada do cinema brasileiro, por meio da modalidade de renúncia fiscal indicada pelo governo vigente.



Fonte: cinecachoeira.com.br

Imagem 15 - Registro da 12ª edição do Panorama, realizado em Cachoeira, BA.

Com relação às atividades acadêmicas ocorridas em Salvador, foi proposta somente mais uma oficina, sem contar com a de crítica cinematográfica, a oficina *Pornochanchada* com o jornalista Adolfo Gomes, tema homenageado nesse ano do festival. Ela tinha como propósito traçar uma análise da evolução do gênero no Brasil e sua contribuição para a afirmação de uma identidade nacional no cinema, traçando paralelo com o chamado *cinema exploitation* em desenvolvimento na Europa e EUA nas décadas de 1970 e 1980.

No caso do *Panorama*, percebe-se até o momento, que os incentivos do governo estadual foram importantes, especialmente para a permanência do festival no calendário cultural do estado até os dias de hoje. Todavia, Cláudio já tinha conseguido realizar o *Panorama* por cinco edições quando foi beneficiado com o fomento pela primeira vez, de uma maneira impulsiva e sonhadora, segundo suas palavras, porém factual, indicando, mais uma vez, sua já citada capacidade de iniciativa e também de persistência, como também sua inquietação que direcionava sua ação para certos objetivos almejados. Segundo ele mesmo nos diz:

Eu cresci nessa precariedade que é fazer cinema. Nunca, nos melhores sonhos, eu pensei que a gente fosse estar vivendo a situação que vivemos hoje, com tanto dinheiro para produção, para fazer festival etc. Eu agradeço todos os dias. Eu passei minha juventude e a década de noventa no pior dos momentos do cinema brasileiro. (MARQUES, 2016, informação oral).

Tendo como base a fala acima citada de Cláudio, podemos observar que, apesar do seu voluntarismo, motivados por interesses particulares e/ou também advindos de questões altruístas, muito da realização, da estrutura com que se organiza e da permanência no tempo do festival *Panorama Internacional Coisa de Cinema*, tem relação direta com a conjuntura política e econômica favorável que vinha se formando no Brasil para a cultura e especialmente para o cinema e audiovisual a partir de 2003, no âmbito federal, e de 2007 na Bahia.

Os incentivos públicos vieram, sejam para, a priori, fomentar as inúmeras ações culturais produzidas pelos brasileiros, seja proporcionar, em longo prazo, com que a área cultural possa ser um mercado autossustentável no país. A despeito dessa finalidade, o edital para eventos calendarizados, citado anteriormente, foi lançado pelo governo baiano no ano de 2012, com o objetivo de conferir estabilidade à realização de eventos consolidados, com vistas a incentivar a realização de projetos e atividades culturais regular e periodicamente promovidos no estado da Bahia. O que se pretende com esse instrumento é formar um calendário cultural que contemple diversos segmentos da cultura de diferentes regiões do estado, estipulando o apoio por até 3 edições, renováveis por mais duas.

Essa iniciativa política foi fruto de uma reorganização do setor da cultura no estado encabeçada pelo então secretário de cultura, Albino Rubim (2011-2014), seguindo certas ações políticas trazidas pelo anterior Secretário de Cultura, Márcio Meirelles (2007-2011), reforçando o comando por parte do Estado brasileiro para com a cultura, moldado desde 2003. Todavia, em alguma medida, sobrepujou iniciativas que visavam viabilizar a autonomia do setor dos festivais e mostras de cinema e audiovisual, ao menos, na Bahia. Segundo as palavras do secretário Albino Rubim, no seu texto *Políticas culturais do governo Lula / Gil: desafios e enfrentamentos*, do ano de 2008, pouco tempo antes de ingressar na secretaria de cultura do governo estadual de Jacques Wagner (2007-2014):

A conquista do mínimo de 1% do orçamento para a cultura e o aumento dos recursos para a área devem estar associados à construção institucional de uma política de financiamento, submetida à política pública e nacional de cultura. Ela deve garantir: (1) papel ativo e poder de decisão do Estado sobre as verbas públicas; (2) mecanismos simplificados de acesso aos recursos; (3) instâncias democráticas de deliberação acerca dos financiamentos; (4) distribuição justa dos recursos, considerando as regiões, os segmentos sociais e a variedade de áreas culturais; (5) modalidades diferenciadas de financiamento em sintonia com os tipos distintos de articulação entre cultura e mercado, acionando, por exemplo: empréstimo, micro-crédito, fundo perdido, fundo de investimento, mecenato, marketing cultural etc. (RUBIM, 2008, p. 199/200).

A criação de formas de financiamentos seria imprescindível para viabilizar um setor cultural forte e sustentável, não somente os incentivos públicos, apesar de não ter sido bem isso o ocorrido, a elaboração intelectual não transformou-se em ação no mundo social. De qualquer maneira, essa questão se coloca como extremamente atual e deve ser refletida, frente a conjuntura política brasileira, de instabilidade das instituições e de insegurança na permanência e desenvolvimento das políticas públicas que vinham sendo implementadas.

Os desdobramentos desse plano para a cultura do Estado, indicado por Albino, não foi posto em prática, talvez por falta de tempo hábil para que fosse feita a transição necessária. No ano de 2013, o mesmo edital é lançado, mais uma vez, e o *Panorama*, na sua 9ª edição, é selecionado, recebendo o valor de trezentos mil reais por edição, garantidos por três anos, o maior valor até agora arrecadado pelo evento.

Nessa 9ª edição, abre-se a possibilidade para a implementação de uma iniciativa inovadora no estado, o *PanLab – Laboratório de Roteiros*, demonstrando um caminho que já vinha sendo delineado quando se propunha a disponibilizar oficinas que tratassem de aspectos técnicos da arte cinematográfica, efetivamente relacionadas ao fazer cinematográfico. Essa ação ainda permanece na programação dos dez anos do festival, no ano de 2014, e visa promover o fomento do cinema baiano, com o intercâmbio entre realizadores locais e de outros estados, pois três roteiristas/cineastas convidados apresentam, individualmente, suas sugestões e orientações sobre os roteiros selecionados.

Segundo Cláudio Marques (2016), esse foi o ano que o festival exibiu cento e quarenta e dois filmes, com um público de cerca de vinte mil pessoas, sendo que ainda houve “um agravante, em relação ao ano passado, às vezes, em algumas sessões, se eu tivesse o dobro de sala, eu lotava.” (MARQUES, 2016, informação oral).

Observa-se que Cláudio estrutura o *Panorama Internacional Coisa de Cinema*, ao longo dos anos, tendo uma forte preocupação e foco na produção e na exibição cinematográfica, até mesmo porque, ele também acaba se engajando nessa seara, produzindo filmes, há alguns anos. As atividades que vão sendo desenvolvidas ao longo das edições, em sua maioria, estão voltadas para proporcionarem a formação profissional e técnica das pessoas que delas participam, colaborando com o fomento de novas produções, o que alimenta a cadeia do cinema e do audiovisual e, por consequência, o próprio festival. O perfil no qual o *Panorama* vai aderindo, apresenta-se, portanto, mais antenado com a dinâmica mercadológica da cadeia do cinema e do audiovisual, com as necessidades do setor de exibição e de produção no Brasil e na Bahia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre festivais e mostras de cinema na Bahia contemporânea, que me acompanha desde a graduação, pôde ser melhor desenvolvido a partir das reflexões empreendidas no mestrado, esse voltado para o estudo sobre o tema da memória. A observação dos processos de aprendizagem de longo prazo, presentes nas práticas realizadas pelas pessoas aqui tratadas, forneceu elementos importantes para pensar a *Mostra Conquista* e o *Panorama* como decorrentes, não somente de uma conjuntura estrutural favorável, mas também informada por símbolos que foram incorporados no decorrer das vidas dos seus realizadores, informando o perfil de cada prática.

Observei que as possibilidades de realização e de permanência no tempo da *Mostra* e do *Panorama* estavam informadas pelo aumento da produção cinematográfica e audiovisual, desde a retomada do cinema brasileiro, que se intensifica ainda mais nos anos 2000, também pelas novas tecnologias no âmbito do audiovisual, e pelas medidas governamentais exaradas a partir de 2003 no Brasil e, na Bahia, a partir do ano 2007. No decorrer das edições, os novos delineamentos políticos, econômicos e sociais, passam a demandar certas ações dos realizadores, forçando-os, de uma certa forma, a se adaptarem, seja com relação a possibilidade de realização dos eventos, seja nos aspectos que dizem respeito a forma com que se organizam e/ou se estruturam.

A reflexão voltou-se para a compreensão dos caminhos processuais, históricos e sociais, nos quais estão inseridos Esmon Primo e Cláudio Marques, que os formaram culturalmente, extrapolando o âmbito pessoal e trazendo à tona as relações que foram travadas e os encontros ocorridos, ao longo de suas vidas. Acredita-se que esses processos de aprendizado, de uma certa forma, pautaram suas ações no mundo social, no caso, com a efetiva realização dos eventos de exibição aqui estudados. Do mesmo modo, exaltando a característica fluida com a qual esses processos são movidos, destaca-se o potencial formativo dessas ações por eles executadas, que possibilitam, por sua vez, com que outras pessoas através deles fossem formadas, uma formação cultural ampla, de muitas outras pessoas que, direta ou indiretamente, daqueles ambientes fizeram parte.

Percebi que as ações por eles praticadas no mundo social refletem seus processos de formação cultural, percursos permeados de aprendizados que possibilitam com que exerçam a função de produtores culturais e, dessa maneira, alicerçaram as realizações e suas permanências no tempo dos eventos aqui estudados, também a forma como foram estruturados e reorganizados ao longo de suas edições.

De um modo comparativo, algo que a metodologia do trabalho dá abertura para que aconteça, apesar da *Mostra* e do *Panorama* terem surgido em um mesmo período de tempo, informados por um contexto social, econômico e político semelhantes, trazem aspectos que os diferenciam, aqui atribuídos aos distintos caminhos formativos dos seus realizadores, o que corrobora com o pensamento de que as práticas sociais não surgem apenas por determinações externas aos indivíduos, construindo-se também por meio deles.

Olhando pelo viés micro social, um mesmo momento histórico, estudado a partir das práticas análogas nele surgidas, pode apresentar significativas variantes, porque pertence ao âmago de cada *habitus* dos realizadores, construído através de seus processos de socialização.

Nesse ensejo, a pesquisa apontou para um determinado perfil da *Mostra Cinema Conquista*, evento com um constante e vultoso eixo de formação, e que está praticamente sustentada por instituições públicas e pelos incentivos públicos vindos através dos editais para a cultura. O que se percebe é que tal fato está ligado ao perfil de seu realizador Esmon, do percurso por ele feito, das pessoas com as quais se vinculou, das escolhas que fez e das oportunidades que rechaçou ou agarrou ao longo de sua vida.

Com relação ao *Panorama*, mostrou-se claro que Cláudio firmou um projeto de vida, explorando as diversas formas de, efetivamente, fazer cinema. Sua postura ativa, aberta para os novos contornos do cinema e audiovisual da contemporaneidade, com o aprimoramento de uma racionalidade empresarial ao longo dos anos, permitiram um crescimento do evento, uma maior visibilidade e alcance de suas atividades, também, um maior entrelaçamento com questões ligadas ao mercado, ou seja, com a cadeia industrial do cinema e audiovisual no Brasil.

Voltar no tempo forneceu ainda a possibilidade de observar a vinculação entre o *Clube de Cinema da Bahia* e a realização da *Jornada de Cinema da Bahia*, vislumbrando uma teia de pessoas cujo conhecimento gerado e potencializado por esses ambientes, através dos saberes e vivências compartilhadas, mesmo que somente pela observação e de maneira indireta, prolongou-se no tempo, em um fluxo contínuo e aberto a novos pensamentos, portanto, às transformações. A concepção dos cineclubes como a gênese dos festivais e mostras de cinema e audiovisual veio nessa esteira, como o espaço que propôs a exibição de filmes alternativa ao circuito das salas comerciais vinculadas às grandes empresas de exibição, que forneceu, em muitos momentos, as condições materiais para a realização dos eventos de exibição, assim como foi o lugar onde se deu o início das críticas de filmes e a distinta apreciação do cinema, entre outras práticas vinculadas ao saber/fazer cinematográfico.

O trabalho aponta para a compreensão de como acontece o movimento do social, o qual não é visto apartado das pessoas, mas constituído a partir de um entrelaçado de relações demandadas e adaptadas às oportunidades apresentadas, em um jogo de tensões e estratégias que fazem parte da vida em sociedade.

## REFERÊNCIAS

BAECQUE, Antoine de. **Cinefilia**: invenção de um olhar, história de uma cultura, 1944-1968. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 472p. Tradução André Telles. ISBN 978-85-7503-795-9

BOESCH, Ernest, E. *Cultural psychology in action-theoretical perspective*. In: Kagitçibasi (ed.), *Growth and progress in cross-cultural psychology*. Lisse: Swets & Zeitlinger, 1989. pp.41-51. In: **Fundamentos da psicologia cultural**: mundo da mente, mundo da vida. Tradução e Revisão Técnica: Ana Cecília de Souza Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

\_\_\_\_\_. *The Sound of the Violin*. *Schweizerische Zeitschrift für Psychologie*. 52(2): 70-81. In: **Fundamentos da psicologia cultural**: mundo da mente, mundo da vida. Tradução e Revisão Técnica: Ana Cecília de Souza Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção** - Crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern; Guilherme. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. 560p.

\_\_\_\_\_. **O senso prático**. Tradução: Maria Ferreira; Revisão da tradução: Odaci Luiz Coradini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 456 p. (Coleção Sociologia).

\_\_\_\_\_. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia, São Paulo: Editora Ática, 1983, n. 39, p. 46-81. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Disponível no site: <<http://pt.slideshare.net/andreiamariana/ortiz->

\_\_\_\_\_. **Razões práticas**: Sobre a teoria da Ação. Tradução: Mariza Corrêa. 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

BRASIL. Agência Nacional do Cinema - ANCINE. Observatório do Cinema e do Audiovisual - OCA. **Informe de acompanhamento de mercado**. Listagem de Filmes Brasileiros Lançados 1995 a 2015 (Cinema). Brasília: 2016. Disponível na página: <[http://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/cinema/pdf/2102\\_1.pdf](http://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/cinema/pdf/2102_1.pdf)>. Acessado dia 20 de março de 2016.

BRASIL. Agência Nacional do Cinema - ANCINE. Observatório do Cinema e do Audiovisual - OCA. **Informe de acompanhamento de mercado**. Evolução das Salas de Exibição 1971 a 2015 (Cinema). Brasília: 2016. Disponível na página: <[http://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/cinema/pdf/2301\\_0.pdf](http://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/cinema/pdf/2301_0.pdf)>. Acessado dia 20 de março de 2016.

CALABRE, Lia. Política cultural no Brasil: um histórico. In: **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - ENECULT**, 1, 2005, Salvador. Anais... Salvador-Bahia, 14 e 15 de abril de 2005. Sessão temática Cultura e Práticas Educacionais. Disponível no site: <<http://www.cult.ufba.br/enecul2005/LiaCalabre.pdf>>. Acessada no dia 19 de abril de 2016.

CALABRE, Lia. **Política Cultural em tempos de democracia**: a Era Lula. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, n. 58, p. 137-156, Junho/2014. Dossiê o Brasil no período Lula. Disponível no endereço eletrônico: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/82392>>. Acessado no dia 22 de abril de 2015.



CORREA, JR. Fausto Douglas. **Cinematecas e cineclubes: política e cinema no projeto da Cinemateca Brasileira (1952/ 1973)**. UNESP/ Assis. Julho de 2007. 227p. Dissertação de Mestrado – FCL de Assis – Universidade Estadual Paulista.

ELIAS, Norbert. **Introdução a sociologia**. São Paulo: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. v.1. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b. 2v.

\_\_\_\_\_. **A Teoria simbólica**. Tradução Paulo Valverde. Oeiras: Celta Editora, 1994c. Coleção Sociologias.

\_\_\_\_\_. **Mozart – Sociologia de um gênio**. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. Michael Schröter (org.).

GIL, Gilberto. **Discurso de Posse**. 2003. Disponível no site: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>>. Acessado dia 21 de abril de 2016.

\_\_\_\_\_. **Aula Magna na Universidade de São Paulo**. 2004. Disponível no site: <[http://www.cultura.gov.br/noticias-ancine1/-/asset\\_publisher/QRV5ftQkjXuV/content/ministro-da-cultura-gilberto-gil-em-aula-magna-na-universidade-de-sao-paulo-usp-/11025](http://www.cultura.gov.br/noticias-ancine1/-/asset_publisher/QRV5ftQkjXuV/content/ministro-da-cultura-gilberto-gil-em-aula-magna-na-universidade-de-sao-paulo-usp-/11025)>. Acessado dia 24 de abril de 2016.

GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira. **Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e práticas do século XX a XXI**. 300p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

\_\_\_\_\_. **Uma Janela para o Mundo: memória e cinema em Vitória da Conquista**. 139p. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento). Universidade no Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2001.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2006. 656p. ISBN 85-363-0593-2.

LEAL, Hermes. **Orlando Senna: o homem da montanha**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. 438p. Coleção Aplauso – Série cinema Brasil. (Coordenador geral Rubens Ewald Filho). ISBN 978-85-7060-655-6.

MARQUES, Cláudio. O Panorama Coisa de Cinema. Entrevista. [19 de novembro de 2016]. Entrevistadora: Tamara Chéquer Cotrim. Salvador, 2016, 60 min.

MELO, Izabel de Fátima Cruz. **Cinema é mais do que filme: uma história do cinema baiano através das Jornadas de Cinema da Bahia / Izabel de Fátima Cruz Melo**. -- Salvador, 2009. 119f. Orientador: Prof. Dr. Muniz Gonçalves Ferreira Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Secretaria do Audiovisual. **Painel Setorial de Eventos Audiovisuais**. Rio de Janeiro, 2011.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Secretaria do Audiovisual. **Relatório SAV 2003-2006**.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Secretaria do Audiovisual. **Cinema, Som e Vídeo: Relatório de Atividades da Secretaria do Audiovisual 1995.2002**. Disponível no site: <<http://www2.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2008/11/relatorio-de-atividades-sav-19952002.pdf>>. Acessado no dia 16 de setembro de 2016.

MOREIRA, Fayga Rocha; BEZERRA, L.aura; ROCHA, Renata. A Secretaria do Audiovisual: políticas de cultura, políticas de comunicação. In: RUBIM, A. A. C. (Org.). **Políticas culturais no governo Lula**. Salvador: EDUFBA, 2010. 133-158p. Coleção Cult.

ORTIZ, Renato (Org.). A Procura de uma sociologia da prática. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983, pp. 7-36. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

PRIMO, Esmon Vieira. **A Mostra Cinema Conquista**. Entrevista [12 de setembro 2016 e 11 de outubro de 2016]. Entrevistadora: Tamara Chéquer Cotrim. Vitória da Conquista, 2016, 180 min.

RAMOS, Fernão Pessoa. MIRANDA, Luiz Felipe. (orgs). **Enciclopédia do cinema brasileiro**. 3ª edição. São Paulo: Editora Senac/Edições SESC, 2000.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Políticas culturais do governo Lula / Gil: desafios e enfrentamentos**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.31, n.1, p. 183-203, jan./jun. 2008. Disponível no site: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1242/1/Antonio%20Albino%20Canelas%20Rubim3.pdf>>. Acessado no dia 18 de dezembro de 2016.

SILVA, Regina Helena Alves. DUTRA, Roger Andrade. A agenda transnacional da Unesco e as políticas públicas de cultura do MINC (2003-2010). In: **III Seminário Internacional de Políticas Culturais**, 3. 2012, Rio de Janeiro. Anais... 19 a 21 de setembro de 2012. 17p. Mesa Políticas Culturais e Problemáticas Contemporâneas. Disponível no site: <<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2012/09/Regina-Helena-Alves-da-Silva-et-alii.pdf>>. Acessado no dia 22 de abril de 2016.

SILVEIRA, Walter da. **O eterno e o efêmero**. Vol. I. Salvador: Oiti, 2006.

VALSINER, Jaan. **Fundamentos da psicologia cultural: mundo da mente, mundo da vida**. Tradução e Revisão Técnica: Ana Cecília de Souza Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

\_\_\_\_\_. *Culture and the development of human action*. 2nd edition. New York: Wiley. 1997. In: **Fundamentos da psicologia cultural: mundo da mente, mundo da vida**. Tradução e Revisão Técnica: Ana Cecília de Souza Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

\_\_\_\_\_. *The guide mind*. Cambridge, MA: Harvard University press. 1998a. In: **Fundamentos da psicologia cultural: mundo da mente, mundo da vida**. Tradução e Revisão Técnica: Ana Cecília de Souza Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VIEIRA, Mariella. Pitombo. **Reinventando sentidos para a Cultura**: uma leitura do papel normativo da Unesco através da análise da convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais. 2009. 303 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

## ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ESMON PRIMO

**Entrevista feita em Vitória da Conquista, nos dias 12 de setembro de 2016 e 11 de outubro de 2016.**

Entrevistador - Como foi que você conseguiu articular para que a Mostra Cinema Conquista pudesse acontecer pela primeira vez?

Esmon – Durante aquela fase, que eu digo, pulsante e criativa, que é a fase entre 1995 e 2001, foi quando Walter Sales se aproxima, tem uma coisa interessante nisso. O início da retomada do cinema brasileiro é o início da produção audiovisual afetiva na UESB. Comprase os equipamentos em 1991 e 1992 e fez alguns documentários até então, mas em 1995 inicia a Produtora Universitária de Vídeo. Em 1996 isso fica sistematizado, com o nome de Coordenação de Produção de Vídeo, que eu assumo, Jorge fica na diretoria, e logo um ano depois aparece essa coisa interessante com Walter Sales que fica vindo para Conquista durante cinco anos, de 1997 até 2001, e dessas cinco vezes, três delas muito próximas da gente, porque as outras duas ele fez uma coisa mais perto da Prefeitura por ter se encantado com o projeto *Conquista Criança*.

E eu estou falando isso porque, o projeto de se ter uma mostra e um festival em Conquista nasce lá atrás, em 1995, quando a gente puxa esse questionamento do porquê a cidade não conhecia Glauber, não referenciava Glauber. Em 1995 cria-se a PróVídeo, para se criar um jornal efetivo que era o *TVU – A gente se vê aqui*, e porque era um telejornal precisava de matérias, de assuntos. Então Jorge colocava os repórteres na rua e pegamos esse tema sobre Glauber Rocha, para saber o que a cidade pensa e o que a cidade quer. Saímos na rua e perguntávamos se as pessoas sabiam quem era Glauber Rocha, e muitas delas falavam mil coisas, umas falavam inclusive coisas sem pé e nem cabeça. Com a temática Glauber nasce o projeto *Glauber e o século do cinema*, projeto que cuidei mais de perto porque Jorge já tinha muita coisa para fazer, e aconteceu em dois anos, tendo um nome também importante que foi o de Laucídes de Almeida, um intelectual da cidade.

Quando o projeto ficou pronto eu inscrevi em um edital do Ministério da Cultura, é aprovado, mas não houve como a gente fazer em 1995. O MINC aprova quarenta e seis mil reais, então fizemos ele em 1996 e 1997, Glauber Rocha e o Século do Cinema e em 1997, *Glauber Rocha Política Mito e Linguagem*.

Nesse momento a gente estava produzindo muito, fazendo essa chamada na cidade sobre Glauber, faz esses dois anos do projeto que foi incrível, durante quatro dias no Centro

de Cultura, nos dois anos, a gente tinha trezentas ou quatrocentas pessoas para ouvir falar de Glauber, vendo os filmes de Glauber e seus livros, foi um marco, hoje, olhando distante.

Ainda no final de 1996 a produtora do filme de Walter liga para a gente e fala que Walter vai estar na cidade. Quando foi em 1997 ele fica na cidade durante sete dias, por isso o nome do documentário *Central Conquista Brasil – 7 dias da criação*. A produção chega um pouquinho antes, mas ele chega dia vinte de janeiro e filma durante sete dias, e lógico que a gente provocou uma série de encontros com ele e um desses foi um bate-papo que a gente teve e convidamos algumas pessoas do cinema da cidade, quem estava fazendo alguma coisa, pesquisadores, o pessoal da UESB. Foi nesse papo em 1997 foi então que a gente falou para Walter do projeto que a gente tinha feito, porque ao mesmo tempo que fizemos o projeto de Glauber, ainda em 1995, também criamos o projeto *Cinema, Conquista, Glauber Festival*, que também mandei para o MINC e foi aprovado com setecentos e cinquenta mil reais, naquela época, imagina quanto dinheiro, mas foi aprovado pela Lei Rouanet, que não é o dinheiro na mão. Se fosse pelo FNC era melhor, como foi o projeto Glauber. Lembro que fui no Rio umas duas vezes para conversar com o captador de recurso, mas não consegui fazer.

Quando a gente expôs essa conversa nesses dias para Walter Sales ele falou por que a gente ia fazer um festival, é muito caro, porque não faz uma mostra? Foi esse o lance. Ele falou que com uma mostra seria possível concentrar mais a organização da coisa, não sai tão caro porque não precisa de jurados, premiações, inclusive em dinheiro, depois pode ser que essa mostra se transforme em um festival. Tudo bem, mas essa foi uma conversa lá em 1997 e ficou na memória, mas não se tornou uma ideia escrita e formatada.

Passaram então cinco ou seis anos, depois da morte de Jorge em 2001, eu lembro que eu ficava pensando, já no ano de 2002, o quê que eu vou fazer, porque Jorge morreu, mas aí o primeiro evento que a gente fez, foi em setembro de 2002, um curso com um professor da UFMG chamado Luís Nazário, chamado *Sexo Cinematográfico*. E por que ele? Porque eu tive uma aproximação com ele em 1995, porque eu fui para o *Festival de Inverno de Ouro Preto* que eu tinha a maior vontade de ir e de repente eu fui selecionado entre dez pessoas no país para poder fazer uma oficina de produção de um telejornal para que diariamente mostrar o festival na rua ministrado por Heitor Capuso. Aí eu conheço Heitor e ele porque estava fazendo uma oficina ou uma palestra durante o festival.

Quando foi em 2003, tem umas questões políticas na UESB, da mudança do grupo do PT que vinha até então, que perde em junho de 2002 e em 2003 começa a caçada às bruxas e eu vou nesse bolo, quiseram quase me expulsar da UESB achando que eu era um militante político da causa do PT, de Waldenor, e nunca foi. Ele vinha de quase dez anos no poder na

UESB, e passa de pró-reitor administrativo para reitor e faz duas gestões, desde 1995, o que também se confunde toda essa história, a administração dele também se confunde com toda essa questão da produção audiovisual, desse amontoado de coisa que teve na UESB. A questão da produtora independente de vídeo, a questão cultural, então se a gente estava aparecendo é porque tinha isso, esse retorno de aceitar a proposta e de financiar essas coisas. Então isso incomodou, recebi logo uma porrada, perdi todos os meus cargos e ainda me mandaram para Jequié. Inventaram uma fala totalmente esdrúxula que eu ia fazer uma perna da PróVídeo lá em Jequié, totalmente “onda”, porque eu formatei a ideia e era só implantar, mas nunca nem foi olhado.

Eu fui para Jequié durante uns seis meses, de meados de 2002 até o início de 2003. Só que em 2003, Zé Raimundo assume a prefeitura aqui pela primeira vez, porque ele era vice de Guilherme, pela aproximação que eu tinha devido a uma série de outros momentos e espaços, ele me chama para a prefeitura em setembro de 2003. Fiquei quase um ano nesse negócio de Jequié, indo e voltando, não gostando, foi quando eu falei quer vocês queiram ou não eu não vou voltar para lá porque eu estou sendo chamado para a prefeitura em Conquista. Foi aí que eu dei a volta por cima, mostrando que era possível fazer uma série de coisas aí vem a Mostra.

Entrevistador: Você foi para a Secretaria de Cultura da PMVC?

Esmon – Foi, na Secretaria de Cultura para cuidar dessa causa: cinema. Antes de acabar o ano de 2003, já surgiu o projeto da *Casa Glauber*, escrito por Cristiane Nova, saudosa porque infelizmente faleceu em 2012, já na época era doutora ou pós-doutora em cinema, figura daqui de Conquista, maravilhosa e muito inteligente, que ouvindo as ideias que eu estava imaginando com Jorge, há anos atrás, que escreveu o projeto, transformando isso em um discurso mais acadêmico, mais profissional. O projeto era de uma escola permanente de formação audiovisual para jovens do ensino médio, contendo memória, a produção, um cineminha para fazer a difusão em resumo era isso.

Foi nesse período então, entre setembro e dezembro de 2003, nas minhas idas para Salvador, e teve um evento no teatro Castro Alves, não me lembro se foi um show, eu tenho essa imagem muito clara, encontrei algumas pessoas daqui que estavam lá também, na porta, alguém falou assim: “Olha Esmon, esse aqui é Claudio Marques”; “Você é Cláudio Marques?”; e fiquei sabendo que ele fazia uma mostra de cinema, porque também estava nascendo o *Panorama Internacional Coisa de Cinema*. Que na época ele criou o Panorama, depois ele criou dois Panoramas, porque um era internacional, o outro era brasileiro, era um

negócio assim eu acho. Não sei se Marília estava próxima ou não, mas foi nesse momento que ele falou que era casado com uma pessoa que é de Vitória da Conquista e tal. Começamos a trocar e-mails e começamos a formatar. Eu marquei uma conversa, Claudio Marques veio em Conquista, e conversou eu, ele, Zé Raimundo e o coordenador de cultura, por que nem era secretaria ainda, Ricardo Marques. Já levamos uma proposta para Zé Raimundo de uma mostra de cinema aqui em Conquista, no *Cine Madrigal* que estava aberto ainda, e só veio fechar em 2007.

A gente entrega a proposta da mostra para a prefeitura, provavelmente, no início de 2004 e ela acabou acontecendo dia 26 de março a 03 de abril. Cláudio veio para a Mostra porque ele fazia parte da produção e da curadoria que praticamente foi feita por ele também, porque eu não tinha ainda um envolvimento com essa produção audiovisual, seja nacional e baiana. A Mostra foi internacional em 2004, 2006 e 2007, depois parou, acho que em 2011 voltou a ter ai depois eu parei e ficou somente com filmes nacionais, também por causa da produção nacional que cresceu muito.

A produção da Mostra, em 2006, 2007 e 2008 eu chamava uma pessoa que já vinha trabalhando com Cláudio, Sheila Gomes. Isso porque a Mostra começa e não tem logo no segundo ano em 2005. Não aconteceu porque foi quando pintou o “mensalão” e como a gente estava muito certo de ter o apoio do Ministério da Cultura, que não ia poder porque parou todo o tipo de apoio, a prefeitura também, aliás houveram uma série de consequências políticas para não acontecer.

Entrevistador – Também houve algum incentivo em dinheiro da SAV – Secretaria do Audiovisual?

Esmon – Durante vários anos, acho que foi a partir de 2006 até 2010 ou 2011 tinha apoio da SAV, bastava fazer um projeto e enviava e por diversas vezes teve apoio de cinquenta mil reais do MINC. A prefeitura somente ajudou no primeiro ano, a cada ano eu vou à luta, seja a nível federal, seja através de editais. Em 2007 houve uma super Mostra, porque a Mostra é aprovada no edital da OI, então tivemos duzentos mil reais só da OI. Fez uma Mostra que teve oitenta e cinco filmes, quarenta e três curtas, não sei quantos vídeos, e acho que vinte e três longas.

Entrevistador – A prefeitura, então, patrocinou o primeiro ano da Mostra e esse apoio continuou? Quais as captações de dinheiro que você fez ao longo dos anos?

Esmon - Isso é uma coisa angustiante da Mostra, eu falo assim, se a administração pública pegasse a Mostra, e eu já falei que isso está sempre aberto para essa possibilidade, para ser do calendário da cidade, como o Natal da Cidade, ou se houvesse alguma forma da gente criar alguma coisa na Câmara como uma coisa obrigatória do calendário da cidade, daria uma certeza melhor, porque você sabe que todo ano aquilo vai ter uma verba x, mas não. Todo ano eu preciso, se tem uma luta contínua, desgastante, intensa, para se ter o dinheiro para fazer a Mostra, quer dizer, não se deveria ser assim. E eu não sei o que vai acontecer por causa dessas loucuras políticas partidárias que tem e que eu sou muito crítico e talvez isso até distancie essas figuras por causa disso, porque eu não tenho aceitação nenhuma de ter participação dessa coisa política partidária.

A Mostra não é uma empresa privada, eu não a transformei a Mostra em uma empresa privada, esperando que a Prefeitura tivesse essa atitude mais responsável, é um evento calendariza então estaremos sempre fazendo. Mas eu fico pensando que se eu morrer ou ir morar em outro canto como é que fica? De repente acaba, quer dizer, uma coisa construída ao longo de onze anos, então é isso.

Entrevistador – Você frequentou festivais de cinema que houveram na Bahia também no Brasil tanto antes quanto depois da Mostra acontecer? Tem algum marcante para a estruturação da Mostra?

Esmon – Uma das minhas referências para criar o formato, após esse início em parceria com Cláudio, foi a mostra de cinema de Tiradentes – MG que eu já fui umas três ou quatro vezes, mesmo sendo uma mostra feita por um grupo privado, são especialistas em fazer mostra, eles têm quatro mostras durante o ano, porque eles fazem em Tiradentes, em abril ou maio faz em São Paulo, em junho fazem Ouro Preto e outubro Cine BH. Então é uma empresa, que fazem bem feito e há muitos anos, sendo para mim uma referência. Tudo bem que vem de uma família rica que alguém pode achar que tem facilidades, mas fazem tudo bem feito e tudo gratuito.

Também já fui no Vale Curtas, uma vez, também o que tem em Itabuna, gostei muito dos meninos, o FECIBA, de Edson Bastos e Henrique Filho, fazem uma pequena mostra, mas bem organizada, haja vista que agora tiveram a coragem, nem sei muito bem como fizeram o FECIBA itinerante, acho que Juazeiro, Feira de Santana, Itabuna e não sei mais onde. Achei fantástico isso, não acompanhei de perto, mas está em boas mãos porque tratam a causa com



muito carinho e profissionalismo. Nunca fui no CachoeiraDoc, sempre a data coincide com a Mostra.

Quando foi em 1987 tem um fato importante nessa história toda, numa das minhas idas para São Paulo, hoje eu vou menos, mas eu ia mais em São Paulo porque eu tinha meus irmãos que moram lá, eu assisto pela primeira vez a Mostra de Cinema de São Paulo, conheço, vejo a figura de Leon Cacoff, e entra a história das folhinhas de cinema. Eu lembro que eu fui vários dias e assistia filmes que nem estavam legendados, e me chamou a atenção que toda sessão que você ia recebia um folhetozinho sobre o filme isso resulta que em 1992 quando a gente vai pensar essa coisa do Janela, porque pensamos em exhibir filmes, vamos comentar filmes e vamos entregar às pessoas uma folhinha que vem dessa raiz em 1987.

Entrevistador – E com relação a Jornada de Cinema, realizada por Guido, você chegou a ir em alguma edição? Qual era seu envolvimento com o cinema quando você morava em Salvador na década de 70?

Esmon – A Jornada eu cheguei a ir umas duas vezes. Eu era um mero, nem posso dizer um cinéfilo, mas curti, as vezes, ir na Sala Walter da Silveira, isso eu estou falando do final da década de setenta. Eu vou para Salvador em 1977 e antes eu morei em Jequié apenas em 1976 e antes ainda em São Paulo. Eu lembro que nesse período de Salvador, de 1977 até 1983, eu curti mais festas, coisas de música e outras coisas, mas fui em algumas coisas na Walter.

Entrevistador – Qual era sua ocupação profissional nessa época?

Esmon – Nessa época eu era desenhista, desenhista arquitetônico durante cinco anos, quer dizer uns quatro anos, de 1977 até 1981/1982. Quando eu entro para o estado em 1982 larguei totalmente isso porque eu fui mexer com agricultura e saí de Salvador para morar na Bahia inteira. Mesmo vindo para aqui em 1984, eu não morava aqui, eu morava em vários lugares. Então eu fiquei de 1982 a 1991, quase dez anos, fiquei rodando. É lógico que antes um pouco eu sou puxado para essa coisa audiovisual, em 1990/1991 com a Mídia, que Jorge cria. Quando eu chego aqui em 1984, mesmo mexendo com a coisa agrícola, eu comecei a me envolver com o pessoal da cultura, isso porque também eu morava em uma casa junto com um colega que era uma figura do teatro daqui, então me aproximo de Gildásio Leite e logicamente começo a me aproximar de Glauber porque Gildásio no teatro é bem glauberiano,

e nessa coisa toda conheço Jorge, em 1985/1986, porque me lembro que teve o Festival de Inverno da Bahia, outro com o mesmo nome FIB, e Jorge fez parte junto com outras pessoas da UESB de uma música apresentada no Festival. Foi uma performance, pode-se dizer assim, com o povo mascarado. Então me aproximo dessa turma em 1985.

Jorge cria a primeira agência produtora audiovisual, de publicidade, aqui em Conquista, junto com Marta Ferreira, Beto Veronese e Luciano Matos chamada Mídia Eletrônica. Foi a primeira agência de publicidade formalmente formada, porque antes um pouco tinha a de Joaquim, mas empresa assim para ter um espaço, casa com funcionário e tudo, foi a Mídia. E eles compraram equipamentos. Quando foi em 1989, dois anos após disso, e eu já cansado de viajar porque já tinha uns oito anos que eu viajava sem parar, até que Jorge me chama pra aprender essa coisa audiovisual com ele, final de 89 início de 90.

Teve um período, entre 1990 e 1992, que tinha as duas coisas. Ao mesmo tempo que Jorge tinha a Mídia, ele já estava iniciando a produção audiovisual na UESB. Então ao mesmo tempo que Jorge tinha a Mídia, que já produzia alguma coisa não só sendo agência, porque me parece que Rio Pardo – Um rio marcado para morrer não é feito na UESB, é feito na Mídia. Os dois alunos conseguem o apoio da prefeitura de Itambé, apoio que eu falo é de grana mesmo, para poder ter o suporte técnico, de carro e tudo para ver se filmava o rio Pardo da nascente até a foz. E eu e Jorge fazemos o vídeo em 1992, acho que é. Então mesmo a UESB já tendo a produtora o vídeo é feito na Mídia.

Acho que em 1992 ou 1993, quer dizer quatro ou cinco anos que ele tinha criado a Mídia, Luciano já tinha saído, só estava Marta, Jorge e Beto, e Beto e Jorge sai e cria a VTV que foi uma agência referencial da cidade porque faz campanhas políticas, eu também entro para esse meio, aí estava tudo misturado, ou seja, ao mesmo tempo que estava se criando essa coisa do Janela Indiscreta e a Produtora de Vídeo na UESB, pelo outro lado privado, estávamos também fazendo coisas. Fazemos algumas coisas, alguns documentários, tinha essa mistura. Jorge, ao mesmo tempo que estava na UESB idealizando e chamando as pessoas para se aproximar dele e criar essa história toda audiovisual na UESB, ele estava também fazendo essa parte privada, a exemplo da campanha de Pedral para prefeito em 1992. Jorge fez várias campanhas e uma delas foi a de 1992 que foi a campanha que Pedral ganha e depois não faz nada por isso detona em 1996 e ele perde e Guilherme ganha em 1997.

Entrevistador - Como nasce o Janela Indiscreta Cine vídeo? Inicialmente nasce como um cineclube? Como foi esse início?

Esmon – A ideia só as sessões semanais de cinema com o comentário especializado do filme. Nasce com o formato de cineclube, mas depois teve a exigência da UESB que ele deveria ser um projeto de extensão. Mas o Janela nasce sem a gente fazer uma formalidade em papel, ou escrito. A gente não formatou. Hoje em dia para se fazer alguma coisa, a gente tem que idealizar, escrever e fazer o projeto antes, mas antigamente não, a gente fazia e depois olhava para trás e dizia: “o que nós estamos fazendo mesmo?”

AUDIO 3 – Continuação entrevista Esmon Primo no dia 11 de outubro de 2016.

Entrevistador – Com relação ao seu trabalho como desenhista, ainda em Salvador, você foi empregado de alguém? Qual eram suas relações empregatícias nesse momento?

Esmon – Não, nessa época eu vivia de “bico”. Eu já gostava de desenhar e fiz um pequeno curso que muita gente fez no país inteiro, curso técnico sem ser uma formação em um local especializado, existiu no Brasil durante anos um instituto em São Paulo chamado Instituto Universal Brasileiro. Quem tem mais de cinquenta ou sessenta anos lembram logo. Então as pessoas jovens, eu tinha meus dezessete ou dezoito anos, pobre e tudo, não tinha entrado ainda na universidade, sabendo que existia esse Instituto fazia o curso através do correio. Chegavam as revistinhas mensais, para você ler e fazer a prova, mandar pelo correio para SP. Eu devo ter feito esse curso em 1977, quando a gente chega em Salvador, depois de doze anos em SP. Eu tinha de dezenove para vinte anos.

Fiz esse curso durante não sei qual tempo e tive o certificado de desenhista copista, porque antigamente o povo não tinha Corel Draw, essas coisas, o arquiteto fazia todo o planejamento de uma casa com lápis, e tinha que ter o desenhista para fazer de acordo ao formato da ABNT e depois passar tinta. Esse passar tinta, de colocar as linhas, e por isso que eu tinha os jogos de penas importados. Dois anos depois, quase três anos, e é lógico eu sempre trabalhando em empresas e tal, vivendo de “bico”, mas ai fui juntando um dinheirinho e fui comprando materiais.

Ai eu mudei totalmente, porque foi a namorada de uma colega, que viu um anúncio no jornal e disse que estava rolando um concurso público para a Secretaria de Agricultura do estado para jovens e pessoas que estivessem interessadas em ser classificador de produtos de origem vegetal. Eu e um colega meu, chamado Gil, que depois lá na frente eu falo que esse cara teve uma importância porque ele que arruma para eu vir para cá, fizemos esse concurso, isso foi talvez final de 1981. A gente passa, então, seis meses fazendo curso de formação

orientado pelo Ministério da Agricultura. Ia tendo os cursos e cada prova era eliminatória com média sete e a gente foi passando no final ficou um grupo de trinta e duas pessoas só. Então recebemos o certificado do Ministério da Agricultura em Técnico em Classificação de produtos de origem vegetal, produtos de safra.

É por isso que eu falo, entrei no estado pela porta da frente por várias vezes, ou seja, concurso público aberto e depois os cursos eliminatórios durante seis meses e passaram só trinta e dois. Só que já existiam os classificadores antigos, uma média de dez, e por isso que estava fazendo o concurso porque já deveriam imaginar e como de fato teve uma super safra na Bahia, que já tinha em Irecê, aquela história toda, de feijão, milho, de soja que estava iniciando lá em Mimoso, cheguei a ir lá diversas vezes, que hoje chama Luís Eduardo Magalhães e antigamente era Mimoso. A gente padronizava, olhava de acordo a uma amostragem a safra e tipificava o produto com um valor numérico de acordo a qualidade. De uma certa forma ajudou as pessoas a cuidar melhor do plantio, mais a parte de quando se colhe, seca e armazena.

Então eu viajava muito, para essas regiões que tinham safra de alguma coisa, e também por causa das diárias que eram “gordas”. Quando dois ou três vai se unir a um classificador antigo acontece uma coisa interessante. No decorrer desses meses é lógico que os professores começaram a identificar os grupos, e eu e Gil gostávamos de arte e tal, porque Gil (Gilberto Santana Novaes) já fazia teatro e era meu amigo desde Jequié. Eles falaram que Gil, Esmon e Trindade, um outro também que se destacou no curso, um morenãõ caboclo, os três vão ficar com Hidelbrando, o mais antigo, e qual a moral da história? É que eles perceberam que a gente era mais aberto, porque tanto Trindade como Hidelbrando eram gays.

Então fomos os quatro por esse sertão afora, e ficamos na região de Euclides da Cunha, Ribeira do Pombal, Caldas de Cipó e Nova Açoress. A gente alugou uma casa em Caldas de Cipó, cidadezinha charmosa de água termal. Mas eu estou dizendo isso porque, nesse período entre 1982 e 1983 foi esse trabalho ai, mas quando foi o início de 1983 eu e Hidelbrando fomos designados para irmos para Juazeiro e Gil veio para cá, porque ia atender Anagé, Brumado e tal. Em julho de 1983 minha mãe morre e a gente resolve vir para Salvador, eu estava com uma figura que trouxe de Nova Açoress, e eu pensei que não queria ficar nesse negócio, viajava muito e os quatro filhos mais novos estavam ainda muito ligados à ela, mesmo viajando muito eu ia muito lá, eu lembro que eu levava carradas de feijão para os amigos e família.

Gil começa a falar comigo, através de carta, talvez no final de 1983, eu acho que eu tenho essas cartas guardadas até hoje, “porque você não vem para Vitória da Conquista?”,

aqui faz muito frio e eu não conhecia ainda Conquista, eu acho que não. Eu vim para conhecer a cidade no final de 1983, alguma coisa assim, e Gil falou que ia costurar com os supervisores para conseguir uma transferência, e tinha que conseguir uma pessoa que quisesse ir para Juazeiro, fazer uma troca. Ai achou uma pessoa e eu saio de Juazeiro em dezessete de março de 1984. Eu chego na rodoviária parecendo um favelado, era coisa que não acabava mais, muitas redes e prancheta, muita coisa. Alberto Heráclito que é professor da UESB e meu amigo desde Salvador, tinha um Chevet e deu umas três viagens e Gil já morava numa casa número vinte e nove que eu mesmo pintei em frente ao bar *Orlando Bracin*, vim para morar em frente a mina.

Moramos nessa casa em 1984 e 1985 quando foi em 1986 a gente já está numa casa abaixo, na lateral do supermercado São José. Eu tinha casa, mas eu não morava aqui porque eu viajava muito, e ai que era viagem, vai lá para a divisa de Sergipe, ficava um mês, vai lá para a divisa da Bahia com o Espírito Santo, com Goiás para tomar conta dos silos de soja. Tinha uma parte que a gente não gostava muito, eu e Gil, porque a gente gostava de ir para uma safra, que pagava diária, hospedagem, alimentação e tudo, para cuidar do produtor rural, ou seja, alugava um espaço onde o produtor rural vinha com seu produto, a gente classificava, e o cara já ia no banco receber o dinheiro, porque a gente sabia que a gente era o intermediário para possibilitar o desenvolvimento. Na época o cara plantava seu feijãozinho lá e sabia que o governo ia comprar por um preço bom. Mas a gente começou a ir muito para posto fiscal, que é só para cuidar do fluxo dessa produção em caminhões, ficava lá, altas horas da noite, passava não sei quantas carretas e parava para classificação porque saiu do lugar lá sem classificar.

Começou a ficar chato, ruim até porque a última safra que teve boa aqui foi em 1986 ou 1987. Eu estava com uma certa tranquilidade de grana, tanto que eu fui para São Paulo em 1987.

Entrevistador – Você pode me explicar melhor como foi sua aproximação com Jorge Melquesedeque?

Esmon – De aproximar assim foi em 1985, porque foi em 85 que teve o segundo ou primeiro famoso FIB – Festival de Inverno da Bahia, mas o cara que fazia era uma vírgula à esquerda, Ricardo Benedictis, o cara foi diretor do Centro de Cultura por duas administrações. Eu já estava chateado com o que estava fazendo, esse cara sai aproximadamente em 1988 e

entra um cara interessante, muito amigo de Jorge, eu digo, o ex marido da atual esposa de Jorge na época, Vicente Quadros. Ele me falou porque eu não ia trabalhar no Centro de Cultura, é do estado e está chegando o equipamento de som. Eu já gostava de som e tudo então fui ser o sonoplasta do Centro de Cultura.

De 1981 a 1990 eu mudei três vezes de fazer coisas, porque em 1981 eu ainda estava no desenho, 1982 eu fui para o estado e no final estava no Centro. Eu fiquei no Centro de Cultura, eu e Paulo Macena. Paulo mais extraoficialmente porque ele não era do estado, mas eu também não era oficial, eu fui à revelia, porque eu não estava mais a fim de ir para as viagens, torcendo para sair logo dessa. Ai é que vem a aproximação com a UESB, em 1989, porque eu passei a conhecer melhor Jorge, em 1987 ele cria a Mídia junto com Beto e Marta. Já que era muito pertinho, o Centro de Cultura e a casa de Jorge descendo a rua Mário Batista, e ao lado, o que hoje é uma casa bonita, era um galpão, um terreno assim, era não um centro, mas um espaço dele receber as pessoas através da espiritualidade, do espiritismo.

Então, começa agora a eu me afastar do Centro de Cultura e Jorge me chama para aprender a mexer com vídeo em 1989. Eu foi gostando dessa coisa de vídeo e também era a oportunidade de ir para UESB então, Jorge começa a costurar minha ida para a universidade. Quer dizer, eu fui largando a Secretaria de Agricultura, mas com medo de perder os benefícios de seis ou sete anos de trabalho para o estado. Gil largou mesmo, pediu exoneração, disse que não era a praia dele, quis voltar para o teatro e largou. Eu fui empurrando até que entro na UESB em 1989 extraoficialmente, fui chegando pelo DITORA, fazendo alguns eventos com Jorge, projetos universitários de cultura, e somente em dezembro de 1991 é que sai o papel oficial me transferindo para a Secretaria de Educação- DIREC 20, à disposição da UESB.

O DITORA era uma Subgerência Técnica Operacional de Recursos Audiovisuais, depois que se transformou em DITORA, para dar direito a ter dois coordenadores, Jorge estava torcendo para seu eu um deles, mas não foi. Em 1995, Jorge cria a PróVídeo, ai sim ele era o diretor e eu o coordenador. Criou uma ciuemeira, porque logo que eu chego era para fazer vídeo, ai cria o Janela, então a praia da gente não era atender o professor, por mais que estivéssemos ali atendendo e tal, mas a proposta era outra. Isso demorou três ou quatro nos, continuou a DITORA como vemos hoje, mas saímos dali para criar a Produtora de Vídeo.

Mesmo na DITORA, não ficava somente eu e Jorge fazendo as coisas, já começava a entrar gente para fazer as coisas, Renato entra mais ou menos em 1993/1994, Biá estava sempre por ali, outras pessoas entravam e saiam, se cria um telejornal, mas era DITORA. Então Jorge fala uma hora que agora a gente tinha que criar uma coisa independente. O

DITORA durou muitos anos naquela última porta antes de entrar no auditório do módulo 2, o auditório do júri. E esse auditório do júri fica entre 1992 e 1995 e até depois, porque o Teatro Glauber Rocha só vem no ano de 1997 então ficava no mesmo lugar, só uma portinha diferente porque tinha até um quadradinho que dava para o auditório que eu ficava olhando para ver se o filme ia acabar etc.

Entrevistador – Gostaria que você me falasse mais sobre o período entre a morte de Jorge até a Mostra acontecer em 2004.

Esmon – Depois da morte de Jorge ficamos perdidos. Outro fato marcante, Jorge morre em novembro de 2001 e em julho de 2002 o grupo do PT perde na universidade, com o reitor sendo Nôno (Waldenor Pereira). O interessante é que eu, desde 1998, não estava muito ligado ao audiovisual, estava mais ligado à cultura da UESB, já não estava mais fazendo vídeo, já não editava mais, eu editei eu acho que até 1995. Então as matérias da primeira ideia de Jorge da TVU, eu editei as primeiras matérias até 1995, porque TVU é antes de PróVídeo, primeiro a ideia foi do telejornal.

Já tinha inaugurado o complexo biblioteca e teatro Glauber e a PróVídeo foi para aquele local do segundo andar do prédio. O interessante é que onde a PróVídeo ia, desde a primeira sala eu desenhava o espaço, eu que fazia o desenho.

Foi uma entrega muito apaixonada, por isso que eu lembro agora de um terreno que eu tinha desde 1986, há trinta anos atrás, agora que eu lembro. Era tudo tão criativo, sempre querendo fazer coisa, que esquecia disso. A energia toda estava em mostrar cinema e produzir audiovisual, eu mais de 1992 até 1998 porque quando inaugurou o Teatro Glauber, Nôno achou que deveria ter um coordenador para o lugar e me chamou. E foi a minha chance, a minha possibilidade e fiquei também exercendo o Janela Indiscreta que também foi para o Teatro. Inclusive o curso de comunicação da UESB é por volta de 97 e 98, aí chega Euclides Pindaí e se apaixona pela Janela, começa a entrar e a fazer certas funções como definir o filme, convidar o comentarista, fazer a folhinha que não é fácil e eu até fiz por muitos anos.

Então quando ele morre dá um apagão, começa 2002 todo mundo perdido, aí vem a perda em julho e a gente fez o primeiro evento, Sexo Cinematográfico. E porque este evento? Porque eu tinha ido em Minas e conheci Luis Nazário e Heitor Capuso. O período, desde 1995 até 2001 acontece muita coisa na UESB. Produziu muita cultura em seis a oito anos.

Entrevistador – Como foi que se deu a articulação na prefeitura quando você voltou em Jequié até você conseguir sistematizar o projeto da mostra e realiza-la em 2004?

Esmon – Eu fiquei lá envolvido nos projetos como eu já falei e devo ter apresentado o projeto da Mostra bem no início de 2004 e já consegui realizar no mesmo ano. Zé Raimundo falou “bora fazer, mas vai atrás de parceiro” e fomos atrás. O projeto custou quarenta e cinco, quarenta e seis mil e a prefeitura entrou com vinte e um mil. A UESB também ajudou.

Entrevistador – Houve algum apoio financeiro da SAV – Secretaria do Audiovisual? E do governo do estado?

Esmon – Diversos anos, a partir da segunda edição por cerca de três ou quatro edições e não era através de edital, era uma chamada pública. Teve a OI no ano de 2007, no edital OI Futuro com cento e setenta e oito mil reais. Em geral o apoio é do Governo do Estado da Bahia. A prefeitura, em algum momento já contribuiu com cerca de 30%



## ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM CLÁUDIO MARQUES

**Entrevista feita em Salvador, foyer do *Cine Glauber Rocha*, no dia 19 de novembro de 2016.**

Entrevistador - Como foi que você pensou em fazer um festival de cinema? E como você se articulou para que isso acontecesse?

Cláudio - Eu escrevia sobre cinema, nessa época e eu já comecei a viajar muito pelos festivais no Brasil, comecei a viajar para os festivais fora do Brasil também, e aqui tinha um panorama, digamos assim, muito difícil. Nos anos 90, muitas salas de rua fecharam, a gente tinha poucos multiplex, esses cinemas de shopping, e o circuito estava muito ruim, muito ruim mesmo. Passava poucos filmes que verdadeiramente me interessavam. Quando esse cinema aqui (Cine Glauber Rocha) fechou, em 1998, foi o derradeiro baque para mim, é um lugar para mim muito especial. Eu sempre fui ligado ao centro histórico, então me impactou muito e foi ali, naquele momento, que eu comecei a pensar em exhibir filmes.

Mas para mim era uma coisa muito difícil de imaginar, eu não sabia fazer isso, então levei alguns anos, conversando. Era uma época muito difícil, não se tinha dinheiro nenhum para a cultura, tudo o que era para a cultura na verdade era alguma coisa assim, você tinha que através do mercado, conseguir. É muito diferente, não tinha edital. O dinheiro do estado era tudo 'balcão', se eu não tinha ninguém conhecido e me sentia constrangido nesse sistema também, eu não sabia como me articular. Então eu levei um pouco de tempo para me articular. Eu lembro que dois anos depois (no ano 2000) dessa sala fechar, eu comecei a pensar na possibilidade de construir e devolver essa sala de cinema para a cidade, e enquanto não acontecia isso eu pensei, eu vou fazer um festival.

Em 2002 eu fiz meu primeiro festival. Que era muito quixotesco. Muito jovem, muito irresponsável, de certa maneira, inconsequente, porque eu tive como único patrocínio cinco mil reais do Banco do Brasil e o resto foi tudo através de apoio.

Entrevistador - Foi através de algum edital do Banco do Brasil?

Cláudio – Não, eu entrei lá e falei que queria fazer uma mostra de cinema, um festival, eu quero exhibir filmes que não são exibidos aqui: vocês têm dinheiro? Eles falaram que achavam que conseguiam cinco mil reais. Eu peguei o dinheiro e fiz um festival com trinta e três longas metragens em película e isso era muito varo, o transporte e tal e tudo isso eu

consegui através de apoios, da DIMAS, o material gráfico era tudo apoio, o restaurante dos convidados, da equipe etc.

Eu fiz praticamente tudo no festival e mais outras duas pessoas trabalharam. Então foram três pessoas para fazer um festival inteiro com trinta e três longas- metragens. Minha sensação quando eu lembro hoje, foi incrível, foi maravilhoso, mas fiquei exausto de uma forma que eu só lembro que eu dormia, minha ideia é que eu passei um mês dormindo, depois do festival.

Não contente, não satisfeito, no mesmo ano eu fiz um outro festival, agora de curtas-metragens. Foi o Panorama Brasil de Curtas-metragens que aconteceu na Sala Walter da Silveira, na Sala de Arte do Baiano e inauguramos o Cine XIV no Pelourinho. Trouxe uma quantidade absurda de curtas-metragens que tinha anos que não eram exibidos na cidade. Eu fiz um Panorama de três semanas exibindo curtas-metragens, mais uma vez com três ou quatro mil reais em dinheiro e muito apoio.

Os dois festivais foram incríveis. Eu lembro que a sala Walter da Silveira ficava lotada, foram seis mil pessoas nessa sala e na Sala de Arte do Baiano e, mais ou menos parecido, eu fiz o segundo panorama, o terceiro e o quarto, sempre com muitos filmes, com uma movimentação muito grande, só que eu fiquei muito cansado. Eu pensava que era muito arriscado. Teve um ano que bateram no meu carro, eu não tinha dinheiro e nem me remunerava, então o saldo de um panorama era um carro batido, uma película que se estragava. Além de eu não ganhar dinheiro, eu tinha que colocar dinheiro meu. Eu nunca fui uma pessoa de trabalhar com muitas outras coisas além do cinema. Desde 1995, eu coloquei na minha cabeça que eu ia trabalhar com cinema, eu ganhava minha vida com o cinema então estava ficando muito desgastante.

Finalmente em 2005 e 2006 eu consegui uma articulação para que isso aqui acontecesse (reabertura do Cine Glauber Rocha), eu resolvi parar com o Panorama. Até porque tinha algumas coisas no Panorama que me deixavam triste, por exemplo, eu trazia filmes que eu gostava muito, só que as salas que eu exibia não tinham bons equipamentos. Então, às vezes, as pessoas saiam do filme falando que não tinham gostado tanto dos filmes porque o som era ruim. O som dos filmes não era ruim, o som da sala era ruim. Esse circuito alternativo nosso era muito precário.

Aí teve um ano que eu comecei a fazer nos Multiplex. Só que eu não tinha nada a ver com Multiplex. Era muito estranho eu levar uma quantidade grande de pessoas para dentro do Multiplex do shopping Iguatemi. Eu estava insatisfeito com o Panorama. Então eu resolvo parar com o festival. Eu acho que fiz até o ano de 2006, parei 2007 e 2008 e voltei em 2009,

depois que o cinema (Glauber Rocha) inaugurou. Eu articulei o cinema durante oito anos, foram oito anos para articular e conseguir reconstruir esse cinema, e aí eu parei uns dois ou três anos do Panorama.

Eu voltei a fazer o Panorama quando começou a ter o incentivo do Estado, acho que em 2007 ou 2008, e aí eu ganhei cento e cinquenta mil reais. Uau! Para quem não tinha dinheiro nenhum!

O primeiro ano dele aqui e com dinheiro foi um pouco frio, foi um pouco ainda difícil trazer as pessoas para essa região, é tudo uma novidade, o cinema nessa região e o público, eu lembro que a gente conseguiu fazer, e esse foi o momento que o festival começou a ganhar uma cara, um recorte mais preciso, a gente começou a fazer a competição, que os cineastas pediam muito porque antes não tinha competição, eu comecei a cada vez mais a me dedicar ao cinema brasileiro, que eu achava que era a missão desse espaço de cinema, mas também do Panorama de uma maneira geral.

O festival nasceu muito internacional, eu trazia muitos filmes internacionais, e em um momento que eu tinha muita dificuldade eu não tinha admiração pelo cinema que estava sendo feito no Brasil, apenas pelos curtas-metragens, os longos eu achava muito fraco. Só que tinha uma geração de curtas incrível que o panorama começa a acompanhar. Eu como exibidor começo a dar espaço para esses curtas-metragistas que hoje são excelentes no Brasil, Cleber Mendonça, Gabriel Mascaro e muitos outros, a gente vem crescendo juntos, digamos assim.

A partir de 2009 começa uma nova história do Panorama, com um recorte que eu acho mais a cara minha e eu acho que ele começou a ficar mais bem definido, a identidade dele, isso começou a ficar mais perceptível. Eu falava com algumas pessoas que sempre trabalharam com gente, com Marília, que eu sei que na história dos festivais, se a gente persiste, tem um ano que dá um *click* com o público, a gente saiu de seis mil pessoas de público, aumentando para oito mil, doze mil e quinze mil e esse ano, eu não fechei a conta ainda, mas a gente está entre dezoito mil e vinte mil pessoas em uma semana, que é um número incrível. E esse ano (12ª edição) ainda teve um agravante, em relação ao ano passado, às vezes, em algumas sessões, se eu tivesse o dobro de sala, eu lotava. Então esse *click* deu no panorama. Eu acho que ele está sintonizado com a cidade, tem uma relevância nacional, e começa a ter uma relevância internacional também.

Entrevistador – Quais foram as articulações que foram feitas com relação à possibilidade de reabertura do Cine Glauber Rocha?

Cláudio – Eu circulava pelos festivais, eu fiz um texto sobre Walter Sales e o filme Central do Brasil, vinha acompanhando Walter Sales, e comecei a conhecer muito essas pessoas. Walter Sales foi uma pessoa que me falou um dia que eu precisava conhecer o Ademar Oliveira que é um cara que vem do cineclube, e hoje, para mim, é o principal exibidor do Brasil. E Walter nos apresentou. E eu expliquei para ele a importância desse espaço para a cidade, o perigo que a gente tinha de perder mais um espaço, mais um cinema para a igreja Universal, e ele topou entrar nessa articulação comigo. E fizemos uma série de articulações, inclusive demorou muito para o Unibanco entrar, eu digo que foram oito anos de projeto até que a gente encontrasse a equação financeira que viabilizasse não apenas a abertura do cinema, mas também a manutenção dele por algum tempo. Aprendi isso muito com o Ademar, eu não queria começar e fechar, então a gente pensou o cinema de uma forma que tínhamos certeza que íamos dar continuidade.

Walter me apresentou para o Ademar quando eu ainda tinha o jornal Coisa de Cinema, em 1998 mais ou menos, e ele ficou muito conhecido quando ele e os amigos dele fundaram o Estação Botafogo, o Banco Nacional de Cinema, foi uma das primeiras pessoas a trazer bancos para patrocinar o cinema, isso na década de 80 início de 90. Abre o Espaço Unibanco de Cinema em São Paulo e leva para o Rio de Janeiro também, abre muitas vezes um cinema sem patrocínio, ele mesmo banca, ele tem cerca de setenta salas de cinema se não me engano, um trabalhador que banca o filme nacional. Ele é o grande exibidor do cinema no Brasil e eu tenho muita sorte de ter ele como sócio.

Entrevistador – Gostaria que você me contasse um pouco de sua vida, sua trajetória, formação, tem alguém em sua família que lida com o cinema?

Cláudio - Eu tenho uma certa versatilidade, eu sempre fiz e faço muitas coisas. Tem uma história bonita do meu avô, que era baiano, aliás meus avós (por parte de pai e mãe são baianos, mas minha mãe e eu nascemos em São Paulo. Com doze anos eu voltei, porque meus pais eram baianos, morava aqui, meus pais eram separados e eu vim morar com meu pai, enfim eu vim aqui para Salvador.

Com eu estava trabalhando já com cinema, sempre me falavam que meu avô gostava de filmar, só que eu não acreditava nisso na verdade. Um dia um tio meu falou para mim e mostrou um rolo de filme que ele não sabia do que se tratava. Era um rolo caseiro, eu consegui restaurar, e era um filme incrível, porque meu avô tinha trinta e nove anos, era

médico, tinha prosperidade, mas descobriu um tumor e morreu muito jovem, aos trinta e nove anos. Logo depois um tio meu faleceu com cinco anos de idade também com um tumor, uma tragédia que abalou muito e desestruturou a minha família, até porque meu avô, era um líder na família que demorou muito tempo para voltar ao prumo, ganhar um norte. Esse filme foi feito três meses antes da morte dele, ele filmou o aniversário de meu tio, aquele menino que morreu com cinco anos. Foi muito forte e mostrar para meu pai, que já tinha quase setenta anos, para os meus tios, aquelas imagens, foi algo muito forte, muito emocionante. Tem imagens de uma casa, no engenho velho de Brotas, que de um e um ano eu vou lá, porque tem uma ligação histórica das imagens, tem alguma coisa que me liga a esse avô, a essas imagens, alguma coisa muito forte e impactante para mim.

Meu pai e meus tios que eram muito pequenos, eles tiveram que começar a trabalhar muito cedo, ainda garotos, adolescentes, para poder sustentar a família, então foi muito difícil a vida do meu pai e dos meus tios, até eles conseguirem ter uma certa estabilidade financeira, isso deixou, sem dúvida nenhuma, marcas muito fortes na vida deles.

De alguma maneira eu resgato essa história do meu avô, parece que ele tinha um amor muito grande pelo cinema, ele deixou poucos textos, ele gostava de fazer projeções nas ruas, eu não sei dimensionar qual a ligação, porque eu sei muito pouco do meu avô, mas é muito bonito na minha família, ao mesmo tempo é muito bonito que na minha família, que ele, que teve uma história trágica, mas ele teve essa ligação com o cinema da maneira como eu tenho também.

No percurso disso tudo eu também começo a trabalhar muito cedo, trabalho com muitas coisas, trabalho com informática, como designer, e tudo de uma maneira autodidata. Comecei a fazer economia, mas não me formei, também história e também não me formei, tudo aqui em Salvador. Com economia eu avancei muito no curso, mas não me interessei em terminar. História eu sempre gostei, então tinha um prazer muito grande, eu pensei que ia ser professor de história, que era minha vocação, mas foi no momento que o cinema entrou na minha vida também e eu preferi começar a trabalhar com o cinema, trabalhar com crítica cinematográfica, tudo de uma maneira autodidata.

Entrevistador – Como cinema entrou em sua vida de maneira mais direta? Você sempre foi de assistir muitos filmes?

Cláudio – Eu nunca tive muitos heróis no cinema brasileiro, minha ligação era muito maior com o cinema internacional. Eu lembro que alguém, algum dia me disse que eu

precisava ver Glauber Rocha e me deu uma fita VHS de Terra em Transe. A fita partiu no meio, tinha uma péssima qualidade e não bateu em mim. Ai eu resolvi assistir Deus e o Diabo na Terra do Sol, mas também era VHS que vinha em uma dessas revistas que lançavam coleções de VHS, eu comprava todos, mas eu não gostava. Eu tinha dezessete ou dezoito anos e era muito da literatura, a literatura me consumia, me tomava. Eu verdadeiros momentos epifânicos na literatura, não no cinema. Eu gostava de ver filme, mas para mim era uma coisa menor. E a gente tinha poucas salas de cinema, e eram ruins, os filmes que passavam também eram ruins, eu não me interessava.

Com vinte e um anos eu fui para Paris, e foi uma coisa bem mochila nas costas, eu vendi o computador que eu tinha e viajei com um amigo, e Paris é uma cidade do cinema, que respira cinema. E no começo eu até falava para meus amigos que não me interessava, eu queria a literatura. E tem um centro cultural lá, o Georges Pompidou, uma estrutura radical de ferro, no meio de uma Paris histórica, do lado fora os jovens do mundo inteiro se encontram, aquilo era muito animador para mim, eu passava muito tempo dos meus dias lá. Eu entrava naquela estrutura e ia direto ler os livros, eu aprendia francês lendo os livros, literatura francesa do século XIX, os românticos, eu lia tudo. Às vezes eu passava oito horas seguidas, lendo, anotando, eu saía para ficar naquela praça meio hippie, era muito estimulante.

Aconteceu que um dia, entrando no Bobur, que tinha duas salas de cinema, tinha uma fila que era gigantesca, eu fiquei espantado, mas segui meu ritual, eu fui ler a minha literatura, meus livros. Quando eu saí, a fila estava duas vezes maior, e eu, por curiosidade, resolvi ver o que estava passando, e era uma retrospectiva de Glauber Rocha.

Eu entendi, naquele momento, que tinha alguma coisa, nos filmes que eu já tinha visto e não tinha gostado, que eu não tinha conseguido captar. Eu precisava entender o que era aquilo, então resolvi pegar aquela fila para assistir Terra em Transe em película, 35mm, uma ótima qualidade, um ótimo som e me bateu aquela epifania que eu tinha na literatura. Eu voltei todos os dias, já não ia mais ler livros, e vi quase tudo de Glauber Rocha no Centro Pompidou, em película, alguns filmes eu vi mais de uma vez. Eu entendi que no cinema tinha alguma coisa que eu ainda não tinha conseguido entender, então comecei a ver muito filme e passar muito tempo nos cinemas de Paris.

Quando eu voltei, eu fiz uma coisa louca porque eu falei sobre o meu problema com VHS, mas ai eu abri uma locadora de vídeo. Na verdade uma amiga me propôs e eu demorei para entender, eu não queria ganhar dinheiro, eu queria ver os filmes, ou seja, a gente comprava os filmes que eu queria ver e foi um fracasso. Mas foi a partir disso que eu comecei a escrever sobre os filmes que eu via, então tive a vontade de criar um jornal.

Minha locadora de vídeo era no centro comercial, conversei com umas pessoas e perguntei se era tudo bem se eu fizesse um jornal de cinema para o centro comercial, e se elas me davam uns cinquenta reais, e fiz um jornal de quatro folhas em papel A4 e foi um sucesso. Acho que imprimi mil exemplares. Fiz um segundo que tinha oito páginas e um terceiro com dezesseis páginas. Só que eu diagramava, escrevia, entregava, comercializava, e começou a crescer. Eu convidei uma amiga para escrever comigo, para trabalhar comigo e outras pessoas, poucas pessoas, mas quando eu vi, virou um tabloide, com vinte e quatro páginas, colorido, que circulava em cinco capitais, um negócio que cresceu muito e muito rapidamente. Eu lembro que uma pessoa do Correio Brasiliense viu, porque meu pai estava morando em Brasília e eu mandava para lá, e perguntou se eu queria que eles imprimissem o jornal lá, e eles também iam distribuir e eu aceitei. Então começou a crescer de uma maneira que chegou a ter setenta mil exemplares distribuídos em seis capitais.

Eu comecei o jornal em 1995, o ano da retomada e o último exemplar impresso do jornal foi na primeira edição do Panorama. Foram cinquenta e uma edições e durante muito tempo foi mensal. Mas também comecei a ficar cansado, aquela mesma coisa de começar e esgotar, e mesmo com algumas pessoas trabalhando comigo ainda dependia muito de mim. E não era necessariamente uma coisa rentável, alguns meses me salvava, outros eram complicadíssimos.

Eu estava precisando renovar e foi a época que eu pensei em criar o festival e o cinema. O festival de uma certa forma substituiu essa coisa quixotesca que eu tinha no jornal. Depois abri um site também chamado Coisa de Cinema, publicava algumas críticas, mas também escrevi no Jornal Á Tarde, no Jornal Tribuna da Bahia, no Bahia Hoje, escrevia mas não era uma coisa rotineira, por exemplo, eu ia cobrir a Mostra de São Paulo, algumas coisas nesse sentido.

Entrevistador – Quais são os patrocinadores, apoiadores entre outros que tornam materialmente possível o festival?

Cláudio – O grosso do dinheiro vem do governo do estado. Com relação a Petrobrás, ela tinha diversos editais legais, edital para curta, o Curta Petrobrás às seis, tinha várias coisas que eles faziam que eram muito legais. E eles tinham um edital que eu participei uns três anos sem ganhar até que um dia ganhamos, participamos em 2009, 2010, em 2011 eu acho que a gente ganhou e pelo o que eu me lembro, a gente ganhou com a nota máxima, isso foi o que o pessoal lá falou.

Então em 2012, 2013 e 2014 continuamos recebendo cem mil reais, mas o edital acabou e acho porque temos uma boa nota, eles conseguem renovar o incentivo, mesmo que todo ano eles cortam mais festivais. São trezentos mil do governo do estado e cem mil da Petrobrás.

Entrevistador – Sempre houve cobrança de ingressos? Como é essa política no Panorama?

Cláudio – Eu já fiz várias coisas de graça, não gosto, eu acho que as pessoas não dão valor devido, por isso que eu gosto da ideia de cobrar barato, fazer preços acessíveis, populares, mas não gosto de fazer nada de graça. Eu dou cortesia para os patrocinadores porque eles exigem, para algumas autoridades, nem para as autoridades eu gosto de dar, honestamente. Eu acho que as pessoas precisam pagar para assistir, principalmente cinema brasileiro, tem que dar valor.

Eu queria pagar melhor as pessoas, mas o que acontece, a gente faz um festival de quatrocentos mil reais, e era para fazer um festival de sessenta filmes, a gente faz com cento e quarenta filmes, esse ano (2016) foram cento e quarenta e dois filmes. A gente cresce muito e potencializa muito, eu continuo operando naquela vibração de ter muitos apoios. Pelo fundo de cultural a gente tem tetos para pagar as pessoas, isso é triste, mas esse ano nossa equipe era de vinte e seis pessoas trabalhando diretamente no festival.

Tem uma coisa que a gente já tentou, mas não conseguiu, nossa realidade é um pouco difícil para isso, mas tem festivais na Europa que trabalham com voluntariado, em troca de exposições, ele trabalha durante o dia e ganha o passaporte para assistir os filmes. Toulouse tem, por exemplo, trezentos voluntários, Rotterdam tem oitocentos voluntários. Eu já fui para o festival de Toulouse, como diretor, um físico nuclear da cidade foi me pegar, isso lá é muito comum, mas eu acho muito difícil para a nossa realidade, aqui as pessoas não gostam, se sentem exploradas. Lá também as pessoas da cidade recebem os convidados em casa e não recebem nada por isso. É incrível, você conhece, conversa, toma café com as pessoas da cidade, é maravilhoso. Hamburgo faz isso também. Adoraria fazer essas coisas, mas nossa cidade é mais complicada.

Entrevistador – Gostaria que você me contasse de sua experiência também como roteirista e diretor de cinema.

Cláudio – Começa um pouco antes, eu conheci Marília, minha companheira, a gente começa a namorar em 2002 e ela já tinha feito um curta-metragem e estava com muita



dificuldade em finalizar o curta dela e eu ajudei. Ela e Alina, elas não eram de cinema, eram de psicologia, ganharam o prêmio no festival universitário, e foi incrível porque era um festival para estudantes de cinema e elas, de psicologia, ganharam o festival.

Só que ela estava muito desestimulada, achando que essa tarefa de fazer cinema era muito difícil e complicada de conseguir financiamento, e eu comecei a estimular ela. Então eu falei para ela escrever um projeto que eu escreveria outro, foi curioso, na verdade eu falei que ia fazer um livro e você faz seu filme, um curta. Mas ela achou que eu também deveria fazer um curta porque eu estava estudando a história do Cine Glauber. Abriu um edital no ano de 2004 e colocamos os dois projetos no mesmo edital, vamos ver qual ganha. Os dois ganharam. E nós realizamos os dois curtas, O Guarani que é história desse cinema, e Imagens do Xaréu, ligado a pesca do xaréu.

Eu era produtor e diretor de um curta e ela de outro, só que na verdade nós dois fizemos os dois. Finalizamos em 2008, porque demorou muito tempo, acho que dois anos, para sair o dinheiro do edital, e falávamos que deveríamos aproveitar porque não sabemos quando isso ia acontecer de novo. Eu cresci nessa precariedade que é fazer cinema, nunca nos melhores sonhos eu pensei que a gente fosse estar vivendo a situação que vivemos hoje, com tanto dinheiro para produção, para fazer festival etc., eu agradeço todos os dias. Eu passei minha juventude e a década de noventa no pior dos momentos do cinema brasileiro.

Só que Xaréu foi um filme muito difícil, o protagonista largou no meio, foi um filme que a gente teve muita dificuldade de finalização. E a gente entendeu que era melhor assinarmos juntos como diretores os dois filmes e foi muito bom pra gente isso, porque o Guarani teve uma carreira muito bonita e o Xaréu não decolou. Ia ser muito frustrante para a gente se não tivéssemos assinado juntos os filmes. Curtimos muito fazer os filmes, ganhamos diversos festivais, alguns prêmios muito interessantes, não eram os melhores festivais, mas a gente apareceu com nossos primeiros curtas-metragens.

Depois a gente ganhou para fazer mais dois curtas, o Carreto e Nego Fugido, depois veio Sala de Milagres, depois Desterro. Os dois primeiros curtas foram feitos com dinheiro estadual e os outros com dinheiro federal. Incentivo da Fundação Joaquim Nabuco para fazer Desterro e um edital local do IRDEB para fazer Sala de Milagres. Tem ganhamos o edital de baixo orçamento do MINC para fazer o nosso longa-metragem, o Depois da Chuva, em 2010, lançado em 2013. Ou seja, desde 2007 a gente não parou de filmar e de lançar filmes nos festivais e isso fez com que a gente aprendesse muito, a entender como funciona os mecanismos desses festivais.

Hoje a gente está com o Depois da Chuva que a gente ainda vendo para os canais fora do Brasil, A Cidade do Futuro que ainda está circulando pelos festivais, ganhando prêmios, ganhou prêmio de melhor filme no festival de Fortaleza, está indo para um grande festival internacional que a gente não pode revelar ainda porque está na competição oficial.

Eu adora fazer filma e adoro o Panorama também, eu adoro fazer cinema e existem muitas formas de fazer cinema, às vezes uma coisa desgasta mais, outras vezes nos deixa mais inteiros. Eu adoro exhibir filmes e esse cinema me deixa com um orgulho muito grande, que ele exista.

Entrevistador – Conte um pouco sobre sua experiência na Mostra Cinema Conquista.

Cláudio – Esmon me convidou, eu fui responsável por mapear os filmes, leva-los. Eu gostaria até de ter contribuído mais, eu queria ter feito mais, mas eu lembro que para mim era difícil fazer tanta coisa com pouco dinheiro. Eu acho que eu ajudei ele se estruturar, eu acho isso muito legal. Eu acho que a Mostra tinha mais dinheiro que a gente para fazer, eles não começaram como eu comecei, de uma maneira tão precária, e para mim era um pouco difícil porque eu não tinha condições de ter pessoas trabalhando comigo, mas eu trazia a experiência do jornal de fazer um pouco de tudo.

Hoje eu trabalho tanto quanto eu trabalhava, mas hoje eu tenho mais atividades. Eu tenho três filmes, o Panorama, o cinema (Glauber Rocha).

Entrevistador – Você conseguiria destacar algumas pessoas que sempre estiveram com você na produção do Panorama?

Cláudio – Marília é minha grande companheira. A gente começa a namorar em 2003, um ano depois que eu comecei fazer o Panorama, ela está no festival desde 2005 ou 2006. Rafael Saraiva está a muito tempo com a gente e só cresce, é um grande parceiro de cinco/seis anos já. É um cara que eu mostro meus roteiros, ele opina, vê os primeiros cortes dos filmes. Esse ano (2016) estava na sala de projeção, projetando os filmes. Lara está a uns quatro ou cinco anos também.

Uma coisa que eu aprendi quando a gente começou a fazer os curtas, trabalhávamos sempre com as mesmas pessoas, éramos uma família. Só que começou a não ser tão bom e foi muito difícil a separação. Eu já devia ter feito a separação antes, mas não conseguia e continuamos a fazer filme mesmo não sendo tão bom. Isso foi horrível, porque no momento

da separação, a gente separou brigando. Eu aprendi essa lição. Então eu sempre estou olhando no olho de todas essas pessoas para falar que chegou a hora da gente se separar. Por enquanto não chegou, está bom para mim, está bom para ela, está bom para o projeto, sobretudo, para o projeto.

Porque não sou eu, muitas vezes eu prefiro não fazer as coisas quando eu percebo que não precisa que eu faça. Eu sou um centralizador que adora descentralizar. Vou contar o que aconteceu esse ano. A gente está no processo de digitalização do cinema brasileiro, já tem um tempo, na projeção, agora, foi bem radical. Eu e Marília viajamos para Amsterdam com um projeto novo, faltava quinze dias, mais ou menos, para o Panorama, mas muita gente, é isso, eu descentralizo para poder fazer mais coisas. Quando eu voltei, eu percebi que as coisas não estavam andando bem na sala de projeção. Então eu pensei em assumir. E faltando poucos dias para o Panorama, eu vinha passar as madrugadas, ligava para os suportes técnicos do Rio e São Paulo, os caras falavam que eu era louco, você é proprietário do cinema, você está na projeção. Mas eu falei que não podia ser refém. O próprio projetorista ficou pasmo porque ele percebeu que a gente não dependia mais dele. Só sei que dominei, chamei Rafa (Rafael Saraiva) para aprender e ele dominou. Prescindimos do projetorista.

A questão é, se o projeto demanda, eu centralizo, se o projeto não precisa da minha presença, eu abro mão. Até porque eu quero fazer outras coisas também.

## ANEXO C – PROGRAMAÇÕES MOSTRA CINEMA CONQUISTA

**MOSTRA CINEMA CONQUISTA – Um Olhar para o Novo Cinema**  
**Ano 10: 12 a 17 de outubro de 2014**  
**Centro de Convenções / Teatro Glauber Rocha / Cine-Tenda (Bairro) / Escolas**  
**Municipais (Distritos)**  
**Vitória da Conquista - Bahia**

### **LONGAS-METRAGENS (Digital):**

1. Revoada, de José Umberto Dias
2. Armados, de Rodrigo Mac Niven
3. O Mercado de Notícias, de Jorge Furtado
4. Riocorrente, de Paulo Sacramento
5. O Imaginário de Juraci Dórea No Sertão Veredas, de Tuna Espinheira
6. Quando Eu Era Vivo, de Marco Dutra
7. Tatuagem, de Hilton Lacerda
8. Hoje Eu Quero Voltar Sozinho, de Daniel Ribeiro
9. O Homem Das Multidões, de Cao Guimarães E Marcelo Gomes
10. A História Da Eternidade, de Camilo Cavalcante
11. De Menor, de Caru Alves de Souza
12. Olho Nu, de Joel Pizzini
13. Educação Sentimental, de Julio Bressane
14. Eu Não Faço A Menor Ideia Do Que Tô Fazendo Com A Minha Vida, de Matheus Souza
15. Praia Do Futuro, de Karim Aïnouz
16. Depois Da Chuva, de Cláudio Marques e Marília Hughes
17. A Doce Flauta De Liberdade, de George Neri
18. O Menino E O Mundo, de Alê Abreu
19. Amazônia, de Thierry Ragobert
20. Cidade de Deus - 10 Anos Depois, de Cavi Borges
21. Getúlio, de João Jardim

### **CURTAS E MÉDIAS-METRAGENS (Digital):**

1. Reviramundo, de Glauber Lacerda
2. Viola Encantada, de Paulo Macedo, Andréia André, Patrick Mendes, Thamires Almeida
3. A Que Deve A Honra Da Ilustre Visita Este Simples Marquês? de Rafael Urban E Terence Keller
4. Efeito Casimiro, de Clarice Saliby
5. Contos Da Maré, de Douglas Soares
6. Quinze, de Maurílio Martins
7. A Anti Performance, de Daniel Lisboa
8. Noite, de Bruno Andrade
9. Meu Pai Cantô, de Matheus Augusto
10. A Onda Traz, O Vento Leva, de Gabriel Mascaro
11. Em Trânsito, de Marcelo Pedroso
12. Terno, de Gabriela Amaral Almeida, Luana Demange
13. Gotas De Amor No Ócio, de João Gabriel
14. Mundo Incrível Remix, de Gabriel Martins
15. Sanã, de Marcos Pimentel
16. Coice No Peito, de Renan Rovida

17. Macacos Me Mordam, de Sávio Leite
18. Amoras, de Patrícia Moreira E Cornélio Cunegundes
19. Tremor, de Ricardo Alves Jr
20. Parque Soviético, de Karen Black
21. Master Blaster, de Raul Arthuso
22. História Natural, de Júlio Cavani
23. Bebete E Daniboy, de Ruy Veridiano
24. Zé Silva, de Rogério Luiz
25. Carranca, De Marcelo Matos de Oliveira, Wallace Nogueira
26. Etfílico, de José Araripe Junior, Iberto Rodrigues
27. Animador, de Cainan Baladez, Fernanda Chicolet
28. Os Irmaos Mai, de Thais Fujinaga
29. Faroeste - Um Autêntico Western, de Wesley Rodrigues
30. Sexta Série, de Cecília Da Fonte
31. A Despedida, de Lucas Ogasawara
32. Marina Não Vai À Praia, de Cássio Pereira Dos Santos
33. O Coração Do Príncipe, de Caio Ryuichi
34. O Que Fica, de Daniella Saba

### **MESA REDONDA**

Tema: “Ser Tão Cinema: memória social e registros de vida”

Palestrantes: Rosemberg Cariry, Geraldo Sarno, José Umberto Dias

Mediador: Tadeu Botelho

### **CONFERÊNCIA 01**

Título: “Programa Brasil de Todas as Telas”

Conferencista: Luis Oliveira

Apresentação: Filipe Gama

### **CONFERÊNCIA 02**

Título: “Pensamento e política no cinema moderno”

Conferencista: Auterives Maciel Jr.

Apresentação: Rogério Luiz

### **CONFERÊNCIA 03**

Título: “Tendências do cinema brasileiro contemporâneo: o cinema de garagem”

Conferencista: Marcelo Ikeda

Apresentação: Glauber Lacerda

### **CONFERÊNCIA 04**

Título: “Cinema e Educação: Dentro e Fora da Lei”

Conferencista: Inês Teixeira

Apresentação: Milene Gusmão

### **ENCONTRO MERCADO**

Título: “Cinema na escola: pontos de encontro entre a cultura e a educação”

Participantes: Inês Teixeira, Geraldo Sarno, Marcelo Ikeda, Marialva Monteiro

Apresentação: Milene Gusmão

## **PAPO DE CINEMA**

**TEMA 01:** A atração do entorno: a abordagem cinematográfica de universos de fascínio e afetividade. Debate a partir dos filmes *Revoada*, de José Umberto Dias, *Reviramundo*, de Glauber Lacerda e *Viola Encantada*, de Paulo Macedo, Andréia André, Patrick Mendes, Thamires Almeida.

**TEMA 02:** O retrato biográfico-reflexivo como forma de apreensão da intimidade artística: debate sobre os filmes baianos *O Imaginário de Juraci Dórea*, de Tuna Espinheira, *Meu Pai Cantô*, de Matheus Augusto e *A Anti Performance*, de Daniel Lisboa.

**TEMA 03:** Entre o urbano e o sertão: a busca pela poesia na aspereza do universo rural e na infinitude da natureza. Debate a partir de *A História da Eternidade*, de Camilo Cavalcante, *O Homem das Multidões*, de Cao Guimarães e Marcelo Gomes e *Gosta de Amor no Ócio*, de João Gabriel.

**TEMA 04:** Formas de transgressão: entre a arte e a marginalização. Debate a partir dos filmes *Olho Nu*, documentário de Joel Pizzini, *De Menor*, de Caru Alves de Souza e *A Doce Flauta de Liberdade*, de George Neri.

## **LANÇAMENTOS DE LIVROS**

**Livro 01:** "Cinecasulofilia"

**Livro 02:** "Leis de Incentivo para o Audiovisual: como captar recursos para uma obra de cinema e vídeo"

Organizador/Autógrafo: Marcelo Ikeda

**Livro 03:** "Memória e Cultura - Itinerários biográficos, trajetórias e relações geracionais"

Organizadoras/Autógrafo: Milene Gusmão, Raquel Costa

## **OFICINAS E CURSO:**

### **OFICINA 01:**

Título: "O Ator e o Método"

Instrutora: Olga Machado

### **OFICINA 02:**

Título: "Desenvolvimento de Projetos Audiovisuais e aplicação nas Leis e Editais"

Instrutor: Julio Carvana

### **CURSO:**

Título: "A nova economia do audiovisual no Brasil: cultura e desenvolvimento regional. "

Instrutor: Elder Maia

## **EXPOSIÇÕES / HOMENAGENS:**

### **EXPOSIÇÃO 01:**

Título: Geraldo Sarno - *Tudo Isso Me Parece Um Sonho*

### **EXPOSIÇÃO 02:**

Título: J. C. de Almeida - *Still no Set*

## **PAINEL EXPOSITIVO:**

Título: João Carlos Sampaio (1969-2014): "Um assistente do auxiliar de lanterna na empresa Cinema"

**MOSTRA CINEMA CONQUISTA - *Um Olhar para o Novo Cinema***  
**Ano 9: 01 a 06 de setembro de 2013**  
**Centro de Cultura / Auditório do CAP-UESB / Bairros / Distritos**  
**Vitória da Conquista - Bahia**

**LONGAS-METRAGENS (Digital):**

22. Sinais de Cinza - *A peleja de Olney São Paulo contra o Dragão da Maldade*, de Henrique Dantas
23. Jéssica Cristopherry, de Paula Lice, Rodrigo Luna e Ronei Jorge
24. Éden, de Bruno Safadi
25. Super Nada, de Rubens Rewald
26. A Beira do Caminho, de Breno Silveira
27. O Que Se Move, de Caetano Gotardo
28. A Coleção Invisível, de Bernard Attal
29. Colegas, de Marcelo Galvão
30. Mazaropi, de Celso Sabadin
31. Entre Vales, de Philippe Barcinski
32. O Dia Que Durou 21 Anos, de Camilo Tavares
33. Dossiê Jango, de Paulo Henrique Fontenelle
34. A Memória Que Me Contam, de Lúcia Murat
35. Uma História de Amor e Fúria, de Luiz Bolongnesi
36. Ferrolho, de Taciano Valério
37. Doce Amianto, de Guto Parente e Uirá dos Reis
38. Meu Pé De Laranja Lima, de Marcos Bernstein

**CURTAS-METRAGENS (Digital):**

1. Madrigal de Memórias, de Patrícia Moreira
2. Vadição, de Alexandre Robatto Filho
3. Manhã Cinzenta, de Olney São Paulo
4. Os Filmes que Eu Não Fiz, de Petrus Pires
5. Desvelo, de Clarissa Rebouças
6. Meu Amigo Mineiro, de Gabriel Martins e Victor Furtado
7. Câmara Escura, de Marcelo Pedroso
8. Pouco Mais de Um Mês, de Andre Novais Oliveira
9. Arremate, de Rodrigo Luna
10. O Duplo, Juliana Rojas
11. Pátio, de Aly Muritiba
12. Alguém no Futuro, de Salomão Santana
13. Vestido de Laerte, de Cláudia Priscila, Pedro Marques
14. Merda, de Gilberto Scarpa
15. Três no Tri, de Eduardo Souza Lima
16. Piove, il Film di Pio, de Thiago Mendonça
17. Elogio da Graça, de Joel Pizzini
18. Elevar-Te, de André Hauszler
19. Urânio Picuí, de Tiago Melo e Antônio Carrilho
20. A Guerra dos Gibis, de Thiago Brandimarte, Rafael Terpins
21. Íris, de Kiko Mollica
22. O Castelo, de Rodrigo Grota
23. Cine Éden, de Edson Bastos e Henrique Filho
24. Através, Amina Jorge

25. Versão Francesa, de Maya Da Rin
26. Veraneio, de Leon Sampaio
27. Linear, de Amir Admoni
28. Cine Camelô, de Clarissa Forjaz Knoll
29. A Menina Que Queria Ser Mágico, de Patrícia Moreira
30. O Fim do Filme, de André Dib
31. Confete, de Jo Serfaty, Mariana Kaufman
32. Aluga-Se, de Marcela Lordy
33. A Cidade, de Liliana Sulzbach
34. Blind Date, de Raul Busarello

### **CURTAS-METRAGENS (vídeos):**

1. A Invenção do Século, de Ana Carolline Lima
2. Holocausto, o Extremo da Humanidade, de Bruno Novaes, Maria Carolina, Pedro Sampaio, Tales Ribeiro
3. Os Perkins, de Filipe Brito, Guilherme Marques
4. Charlote Rousseau, de Amanda Ilara, Daniel Biurrun

### **CONFERÊNCIA 01**

Título: “*Distribuição de filmes brasileiros independentes – Festivais, Cinema, TV e Internet*”

Conferencista: Silvia Cruz

Apresentação: Milene Gusmão

### **CONFERÊNCIA 02**

Título: “*Rumos do Documentário Brasileiro Contemporâneo – Uma Questão de Foco*”

Conferencista: Carlos Alberto Mattos

Apresentação: Cristiano Canguçu

### **CONFERÊNCIA 03**

Título: “*A Natureza do Cinema de Arne Sucksdorff: A Dupla Paisagem*”

Conferencista: Joel Pizzini

Apresentação: Glauber Lacerda

### **CONFERÊNCIA 04**

Título: “*De pedra a vidraça: o crítico de cinema que virou cineasta*”

Conferencista: Celso Sabadin

Apresentação: Paulo Alcântara

### **PAPO DE CINEMA:**

**TEMA 1:** *Memória e preservação do cinema na Bahia.* Conversa a partir do filme *Sinais de Cinza*, sobre o cineasta Olney São Paulo, e do curta-metragem *Madrigal de Memórias*, a respeito do Cine Madrigal.

Participantes: Henrique Dantas, Patrícia Moreira

Mediadora: Milene Gusmão

**TEMA 2:** *O cinema produzido na Bahia e seu imaginário.* Inspirado pela sessão *Bahia, Ontem e Hoje*. Conversa sobre como os estereótipos influenciam ou não a filmografia baiana.

Participantes: Ana Luiza Coimbra, Clarissa Rebouças

Mediador: Cristiano Canguçu



**TEMA 3:** *O personagem e o processo de perda.* A ideia da perda de status, de decadência, suscitada pelo filme *A Coleção Invisível*, além da ideia de perda de um ente querido, inspirada pelo filme *O Que Se Move*.

Participantes: Caetano Gotardo, Bernard Attal

Mediador: Pedro Ivo

**TEMA 4:** *Perfis biográficos: maneiras de lidar com o personagem.* Conversa a partir do longa-metragem *Mazzaropi*, sobre o cineasta Amácio Mazzaropi, e do curta *Elogio da Graça*, sobre Maria da Graça Sucksdorff.

Participantes: Celso Sabadin, Joel Pizzini

Mediador: João Carlos Sampaio

**TEMA 5:** *Realização em curta-metragem.* Conversa com os curta-metragistas presentes na Mostra sobre as suas diferentes experiências.

Participantes: Rodrigo Grota, Kiko Mollica, Antonio Carrilho

Mediador: João Carlos Sampaio

#### **LANÇAMENTO DE REVISTA**

Título: “Filme Cultura nº. 60”

Publicação: Ministério da Cultura / Centro Técnico Audiovisual - CTAV

Editor Autógrafo: **Carlos Alberto Mattos**

#### **LANÇAMENTO DE Box’DVD**

Título: “Trilogia do Esquecimento”

Autor: **Rodrigo Grota / Kinoarte**

Autógrafo: Rodrigo Grota

#### **OFICINA 01**

Título: “Direção de atores”

Instrutor: Eduardo Eimil

#### **OFICINA 02**

Título: “Roteiro de Web Série - Chaves para uma nova narrativa visual”

Instrutor: Yolanda Barrasa

#### **OFICINA 03**

Título: “Direção para Documentário”

Instrutor: Rodrigo Grota

#### **OFICINA 04**

Título: “Construindo o figurino”

Instrutor: Joana Gatis

#### **EXPOSIÇÃO / HOMENAGEM**

Título: Hoje, em cartaz: o Art-Cine Madrigal

Concepção: Esmon Primo

Pesquisa e organização de textos: Veruska Anacirema

Assistente de Produção: Rayssa Coelho, Eduardo Oliveira

Cenotécnica: Van Dyck

Pinturas: Romeu Ferreira

**SHOWS MUSICAIS**

Artistas/Bandas: DJ Macô, Hendrix Armorial, Vivaldo Bonfim, Papalo Monteiro: The Oldies, Braa Roots

**MOSTRA CINEMA CONQUISTA - *Um Olhar para o Novo Cinema***  
**Ano 8: 07 a 11 de novembro de 2012**  
**Centro de Cultura / Teatro Glauber Rocha / Bairros / Distritos**  
**Vitória da Conquista - Bahia**

**LONGAS-METRAGENS (35mm):**

1. Ritos de Passagem, de Chico Liberato
2. As Hiper Mulheres, de Leonardo Sette, Carlos Fausto e Takumã Kuikuro
3. O Valor de Um Sonho, de Daniel Silva
4. Sudoeste, de Eduardo Nunes
5. Eles Voltam, de Marcelo Lordello
6. Boa Sorte, Meu Amor, de Daniel Aragão
7. Febre do Rato, de Cláudio Assis
8. Futuro do Pretérito: Tropicalismo Now!, de Ninho Moraes e Francisco César Filho
9. O Som ao Redor, de Kleber Mendonça Filho
10. Estradeiros, de Renata Pinheiro e Sérgio Oliveira
11. Capitães De ArEIA, de Cecília Amado
12. Vou Rifar Meu Coração, de Ana Rieper
13. O Palhaço, de Selton Mello

**CURTAS-METRAGENS (35mm):**

1. Dia Estrelado, de Nara Normande
2. Corpo Presente, de Marcelo Pedroso
3. Joelma, de Edson Bastos
4. Na Sua Companhia, de Marcelo Caetano
5. Pequenas Viagens, de Ramon Campelo
6. É no Pé do Morro, é Lá no Cafundó, de Denise Santos
7. Fake-Me, de Marcus Curvelo
8. Menino do Cinco, de Wallace Nogueira e Marcelo Matos
9. A Mão Que AfAGA, de Gabriela Almeida
10. A Bicicleta do Vovô, de Henrique Dantas
11. Dizem Que os Cães Vêm Coisas, de Guto Parente
12. Desterro, de Claudio Marques e Marília Hughes
13. Quando Morremos A Noite, de Eduardo Morotó
14. Jibóia, de Rafael Lessa
15. Além das 7 Cores, de Camila Biau
16. Di Melo, o Imorrível, de Alan Oliveira e Rubens Pássaro
17. Maracatu Atômico - Kaosnavial, de Afonso Oliveira e Marcelo Pedroso
18. Isso não é o Fim, de João Gabriel
19. O Cadeado, de Leon Sampaio
20. A Galinha que Burlou o Sistema, de Quico Meirelles
21. Negócio de Menino com Menina, de Marcus Villar
22. L, de Thaís Fujinaga
23. A Fábrica, de Aly Muritiba

24. Cachoeira, de Sérgio José de Andrade
25. Sonhando Passarinhos, de Bruna Carolli
26. A Noite dos Palhaços Mudos, de Juliano Luccas

### **CONFERÊNCIA 01**

Título: “A Filme Cultura e o cinema brasileiro: dos anos 1960 aos dias de hoje”

Conferencista: Daniel Caetano

Apresentação: Milene Gusmão

### **CONFERÊNCIA 02**

Título: “Cinema, Direito e Mercado”

Conferencista: Isabela Cribari

Apresentação: Rogério Oliveira

### **PALESTRA**

Título: “História e Documentário no cinema brasileiro silencioso”

Palestrante: Eduardo Morettin

Apresentação: Paulo Alcântara

### **LANÇAMENTO DE REVISTA**

Título: “Filme Cultura nº. 56 e 57”

Autor: Ministério da Cultura / Centro Técnico Audiovisual - CTAv

Editores: **Carlos Alberto Mattos** e Daniel Caetano

### **LANÇAMENTO DE LIVRO**

Título: **História e Documentário**

Organizadores: Monica Almeida, Eduardo Morettin, Marcos Napolitano

Autógrafo: Eduardo Morettin

### **OFICINA 01**

Título: “Cinema como Produção”

Instrutor: Tenille Bezerra

### **OFICINA 02**

Título: “Desenho de som para audiovisual”

Instrutor: Débora Opolski

### **OFICINA 03**

Título: “Roteiro para Cinema”

Instrutor: Di Moretti

### **PAPO DE CINEMA**

**TEMA 1:** “A animação e sua construção pela artesanaria”

Participantes: João Liberato, Cristiano Canguçu, Patrícia Moreira, Gilvanildo Brito

Mediador: João Carlos Sampaio

**TEMA 2:** “A produção audiovisual fora dos grandes centros”

Participantes: Daniel Silva, Júlio César, Edson Bastos, Ramon Campelo, Denise Santos

Mediador: Rogério Oliveira

**TEMA 3: “O cinema pautado pelas situações do cotidiano”**

Participantes: Marcelo Mattos, Marcelo Lordello, Marcus Curvello

Mediador: João Carlos Sampaio

**TEMA 4: “O diálogo do cinema com o real e sua mitificação”**

Participantes: Isabela Cribari, Ninho Moraes, Luis Caldas

Mediador: João Carlos Sampaio

**EXPOSIÇÃO/HOMENAGEM**

Título: Janela Indiscreta 20 Anos: Cinema - Cineclube - Cinefilia

**ESPETÁCULO DE DANÇA**

Título: Brasil, 1968

Apresentação: Grupo de Dança Contemporânea Dançart

**MOSTRA CINEMA CONQUISTA - *Um Olhar para o Novo Cinema*****08 a 12 de novembro de 2011****Centro de Cultura / Teatro Glauber Rocha – UESB / Praças Públicas (Bairros)****Vitória da Conquista - Bahia****LONGAS-METRAGENS (35mm):**

1. Jardim das Folhas Sagradas, de Póla Ribeiro
2. Riscado, de Gustavo Pizzi
3. Estamos Juntos, de Toni Venturi
4. Na Quadrada das Águas Perdidas, de Wagner Miranda e Marcos Carvalho
5. Transeunte, de Eryk Rocha
6. Terra Deu, Terra Come, de Rodrigo Siqueira
7. Elvis e Madona, de Marcelo Laffitte
8. Um Lugar Ao Sol, de Gabriel Mascaro
9. O Homem Que Não Dormia, de Edgard Navarro
10. As Melhores Coisas do Mundo, de Laís Bodansky
11. Eu e Meu Guarda-Chuva, de Toni Vanzolini
12. Vips, de Toniko Melo
13. Léo e Bia, de Oswaldo Montenegro

**CURTAS-METRAGENS (35mm):**

1. A Morte das Velas do Recôncavo, de Guido Araújo
2. Braxília, de Danyella Proença
3. Julie, Agosto, Setembro, de Jarleo Barbosa
4. Uma Primavera, de Gabriela Amaral Almeida
5. Qual Queijo Você Quer? de Cíntia Domit Bittar
6. Acabou-se, de Patrícia Baía
7. De Lá Pra Cá, de Frederico Pinto
8. Um Outro Ensaio, de Natara Ney
9. Céu, Inferno e Outras Partes do Corpo! de Rodrigo John
10. A Peruca de Aquiles, de Paulo Tiefenthaler
11. Olho de Boi, de Diego Lisboa
12. Sala de Milagres, de Cláudio Marques e Marília Hughes
13. Cavalo, de Joana Mariani

14. Náufragos, de Gabriela Amaral Almeida e Matheus Rocha
15. Doce de Coco, de Allan Deberton
16. Tela, de Carlos Nader
17. Calma, Monga, Calma! de Petrônio de Lorena
18. A Grande Viagem, de Caroline Fioratti
19. Rivelino, de Marcos Fábio Katudjian
20. A Mula Teimosa e o Controle Remoto, de Hélio Nunes
21. O Céu no Andar de Baixo, de Leonardo Souza
22. Naia e a Lua, de Leandro Tadashi
23. Trocam-se Bolinhos por Histórias de Vida, de Denise Marchi
24. O Plantador de Quiabos, do Coletivo Santa Madeira
25. Traz Outro Amigo Também, de Frederico Cabral

#### **CURTAS-METRAGENS (vídeos):**

1. Memória Urbana, de George Neri
2. Cine Jequié, de Robinson Roberto
3. Vento Leva, Vento Traz, de Direção Coletiva
4. Breve Passeio, de Rafael Jardim
5. Lemon Lips, de Marcela Vegah
6. Premonição, de Pedro Abib
7. Jardim de Plástico, de Delmar Araújo
8. Cellphone, de Daniel Lisboa
9. Curandeiros do Jarê, de Marcelo Abreu Góis
10. Ser Tão Cinzento, de Henrique Dantas
11. Lindeiras, de Bruno Saphira
12. A Morte de D.J em Paris, de Igor Penna

#### **CONFERÊNCIA 01**

Título: “Cinefilia, o cinema que alimenta nossas memórias afetivas”.

Conferencista: Marcelo Miranda

Apresentação: Cristiano Figueira

#### **CONFERÊNCIA 02**

Título: “Técnicas e Procedimentos da Entrevista no Documentário”

Conferencista: Silvio Tandler

Apresentação: Cristiano Figueira

#### **PALESTRA**

Título: “Caipirismo: entre o conformismo e a sagacidade”

Palestrante: Ruy Medeiros

Participação especial: André Mazzaropi

#### **LANÇAMENTO DE LIVRO 01**

Título: “Os Filmes Que Sonhamos”

Autor: Frederico Machado (org.)

Apresentação/Autógrafo: Marcelo Miranda

#### **LANÇAMENTO DE LIVRO 02**

Título: “Quatro Baianos Porretas”

Autor: Silvio Tandler

Apresentação/Autógrafo: Silvio Tendler

#### **OFICINA 01**

Título: “Direção em Cinema”

Instrutor: Rodrigo Grotta

#### **OFICINA 02**

Título: “Direção de Arte para Cinema”

Instrutor: Moacyr Gramacho

#### **OFICINA 03**

Título: “A pedagogia do cinema e o espectador como sujeito”

Instrutor: Rosália Duarte

#### **EXPOSIÇÃO / HOMENAGEM**

Título: Guido Araújo, a jornada de um “Cangaceiro” da Cultura

#### **EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA**

Autor: Robinson Roberto

Título: Natureza Viva

#### **APRESENTAÇÕES CULTURAIS**

Negras do Beco

Tom Lemos

Banda Mucambo

André Mazzaropi

Coutto & Orchestra de Cabeça

### **MOSTRA CINEMA CONQUISTA**

**05 a 09 de outubro de 2010**

**Centro de Cultura / Teatro Glauber Rocha – UESB / Praças Públicas (Bairros)  
Vitória da Conquista - Bahia**

#### **LONGAS-METRAGENS (35mm):**

1. Uma Noite em 67, de Renato Terra e Ricardo Calil
2. Utopia e Barbárie, de Silvio Tendler
3. No Meu Lugar, de Eduardo Valente
4. Antes Que o Mundo Acabe, de Ana Luiza Azevedo
5. O Homem Que Engarrafava Nuvens, de Lírio Ferreira
6. Corumbiara, de Vincent Carelli
7. Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo, de Karim Ainouz e Marcelo Gomes
8. Estrada para Ythaca, de Guto Parente, Luiz Pretti, Pedro Diógenes e Ricardo Pretti
9. Filhos de João - Admirável Mundo Novo Baiano, de Henrique Dantas
10. O Contador de Histórias, de Luiz Villaça
11. O Milagre de Sta Luzia, de Sérgio Roizenblit
12. Verônica, de Maurício Farias
13. Tempos de Paz, de Daniel Filho

**CURTAS-METRAGENS (35mm):**

1. Haruo Ohara, de Rodrigo Grota
2. Pimenta, de Eduardo Mattos
3. Zé(s), de Piu Gomes
4. Ave Maria ou A Mãe dos Sertanejos, de Camilo Cavalcante
5. Bailão, de Marcelo Caetano
6. Revertere Ad Locum Tuum, de Armando Mendz
7. Alguém Tem Que Honrar Essa Derrota! de Leonardo Esteves
8. Eletrotorpe, de Nalú Beco e Yuri Amaral
9. Bala na Cabeça, de Cristiano Abud
10. Jardim Bebeléu, Ari Cândido Fernandes
11. A Noite por Testemunha, de Bruno Torres
12. Superbarroco, Renata Pinheiro
13. Recife frio, de Kleber Mendonça Filho
14. Três Palavras, de Gabriela Leite, Fabiana Lima e Paulo Tiago
15. Muro, de Tião
16. Áurea, de Zeca Ferreira
17. Carreto, de Cláudio Marques e Marília Hughes
18. Obra Prima, de Andréa Simão e Thiago Faelli
19. Camila e o Espelho, de Amadeu Alban
20. Os Amigos Bizarros de Ricardinho, de Augusto Canani
21. Zica e os Camaleões, de Ari Nicolosi
22. Rupestre, de Paulo Miranda
23. O Troco, de André Rolim
24. Enciclopédia, de Bruno Gularte
25. Tempestade, de César Cabral

**CURTAS-METRAGENS (vídeos):**

1. Paixão Nacional, de Gabriela Leite e Márcio Nonato
2. Imagine in Bahia, de Caó Cruz Alves
3. Maria do Paraguaçu, de Camila Dutervil
4. Encontro com o Mestre, de Marcelo Góis
5. Roupas no Varal, de Maurício Lídio
6. 1978 - Cidade Submersa, de Caetano Dias
7. A Eternidade, de Leon Sampaio
8. Saber de Parteira, de Samanta Pamponet
9. Cidade dos Mascarados, de Emanuela Yglesias
10. Tragédia do Tamanduá, de George Neri
11. Assim é tu, Ituaçu, de Dió Araújo

**CONFERÊNCIA 01**

Tema: “Tecnologia digital e Vidoarte”

Conferencista: Éder Santos

Apresentação: Cyntia Nogueira

**CONFERÊNCIA 02**

Tema: “*Por que crítica e público nunca se entendem?* ”

Conferencista: Celso Sabadin

Apresentação: José Duarte

**CONFERÊNCIA 03**

Tema: "O Pensamento e o Cinema segundo Deleuze"

Conferencista: Auterives Maciel

Apresentação: Leonardo Maia

**LANÇAMENTOS DE LIVROS E REVISTA**

**TÍTULO/LIVRO 1:** "Vocês ainda não ouviram nada - a barulhenta história do cinema mudo"

Escritor: Celso Sabadin

Apresentação: Itamar Aguiar

**TÍTULO/LIVRO 2:** "O cinema passado a limpo: Escritos sobre o cinema – Trilogia de um tempo crítico"

Organizador: Carlos Ribeiro

**TÍTULO/LIVRO 3:** "Filosofia, Cinema e Educação"

Organizadores: Itamar Aguiar, Jorge Miranda

Apresentação: Carlos Ripe

**TÍTULO/REVISTA:** "Filme Cultura"

Escritor: Daniel Caetano

Apresentação: Milene Gusmão

**OFICINAS E CURSO****OFICINA 01**

Título: "Sons para imagens e imagens para sons"

Instrutor: **Paulo Santos**

**OFICINA 02**

Título: "Pixilation: Princípios e recursos para animação experimental"

Instrutor: Leonardo Castro

**CURSO**

Título: "Fruição e Crítica cinematográfica"

Instrutor: **João Carlos Sampaio**

**EXPOSIÇÕES**

Exposição Acervo

Título: Museu Roque Araújo - Cinema e Vídeo

Criação: Roque Araújo

**EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA**

Título: Entre Caminhos

Fotografias: Vinícius Gil e Dió Araujo

Criação: Vinícius Gil e Arisson Sena



**MOSTRA CINEMA CONQUISTA**  
**06 a 11 de outubro de 2009**  
**Centro de Cultura / Teatro Glauber Rocha – UESB / Praças Públicas (Bairros)**  
**Vitória da Conquista - Bahia**

**LONGAS-METRAGENS (35mm):**

14. Anabazys, de Paloma Rocha e Joel Pizzini
15. O Contador de Histórias, de Luiz Villaça
16. **Horas de Verão (L'heure D' Été)**, de Olivier Ossayas
17. Diamante Bruto, de Orlando Senna
18. Apenas o Fim, de Matheus Souza
19. Palavra (En)Cantada, de Helena Solberg
20. **A Onda (Die Welle)**, de Dennis Gansel
21. A Festa da Menina Morta, de Matheus Nachtergaele
22. Se Nada Mais Der Certo, de José Eduardo Belmonte
23. **Aquele Querido Mês de Agosto**, de Miguel Gomes
24. **A Teta Assustada (La Teta Asustada)**, de Claudia Llosa
25. Loki, de Paulo Henrique Fontenelle
26. **Orquestra de Meninos, de Paulo Thiago**
27. **A Guerra dos Rocha, de Jorge Fernando**
28. **Pequenas Histórias, de Helvécio Ratton**
29. **Mutum, de Sandra Kogut**

**CURTAS-METRAGENS (35mm):**

1. Cinema Novo, de Orlando Senna
2. Leonel Matos, de Tuna Espinheira
3. A Guerra de Arturo, de Júlio Taubkin e Pedro Arantes
4. Os Sapatos de Aristeu, de René Guerra
5. Café com Leite, de Daniel Ribeiro
6. Sabor A Mi, de Wolney Oliveira
7. Brilhante, de Conceição Senna
8. Depois de Tudo, de Rafael Saar
9. A Mulher Biônica, de Armando Praça
10. A Casa dos Mortos, de Débora Diniz
11. Blackout, de Daniel Rezende
12. Pão dos Anjos, de Daniel Tonacci
13. Pelo Ouvido, de Joaquim Haickel
14. Doido Lelé, de Ceci Alves
15. O Presidente dos Estados Unidos, de Camilo Cavalcante
16. O Divino, de Repente, de Fábio Yamaji
17. Necessidade, de Igor Souto
18. Olhos de Ressaca, de Petra Costa
19. Nêgo Fugido, de Cláudio Marques e Marília Hughes
20. Cães, de Adler Paz e Moacyr Gramacho
21. Nós Somos um Poema, de Sergio Sbragia e Beth Formaggini
22. Um Certo Esquecimento, de André Carvalheira
23. A Distração de Ivan, de Cavi Borges e Gustavo Melo
24. O Filme Mais Violento do Mundo, de Gilberto Scarpa
25. Josué e o Pé de Macaxeira, de Diogo Viegas

26. O Presidente, de Luiza Favale
27. No Tempo de Milton, de André Weller
28. O Avô do Jacaré, de Flavia Thompson, Christian Saghaard
29. O Menino que Plantava Invernos, de Victor Hugo Borges

**CURTAS-METRAGENS (vídeos):**

1. Lençóis, de Claude Santos
2. Vermelho Imaginário, de Matheus Damasceno
3. Pornográfico, de Haroldo Borges e Paula Gomes
4. Lamento Sertanejo, de Edilson Dhio
5. Xukuru Ororubá, de Marcilia Barros
6. Clemência, de Rita de Cássia
7. Urbanesas, de Wallace Nogueira
8. Garimpo, de Aléxis Góis e Juliano Domingues
9. O Artesão dos Sonhos, de Petrus Pires
10. Mário Sérgio, de Denise Santos
11. A Visão de Dentro, de Sophia Mídian

**TEMA DO SEMINÁRIO**

“Cinema e Audiovisual no Brasil: alternativas de produção e difusão”

**CONFERÊNCIA DE ABERTURA:**

Tema: “Produção e difusão audiovisual na América Latina”

Conferencista: Orlando Senna

**LANÇAMENTOS DE LIVROS:**

**Livro 1:** “Orlando Senna - O Homem da Montanha”

Autor: Hermes Leal

**Livro 2:** “*Os Lençóis e os Sonhos*”

Autor: Orlando Senna

**Livro 3:** “*Um gosto de eternidade*”

Autor: Orlando Senna

**MESA REDONDA 1:**

Tema: “Difusão alternativa em cinema e audiovisual no Brasil”

Integrantes: Maria Carolina Silva, Rosângela Rocha, Cláudio Marques, Pedro Ortiz

Mediação: Milene Gusmão

**MESA REDONDA 2:**

Tema: “Produção alternativa em cinema e audiovisual no Brasil”

Integrantes: Danillo Barata, Solange Lima, Emerson Alves, Bete Bullara

Mediação: Veruska Anacirema

**MESA REDONDA 3:**

Tema: “Diagnósticos e perspectivas da produção e difusão em cinema e audiovisual no Brasil”

Integrantes: Antônio Leal, Laura Bezerra, Ataídes Braga

Mediação: Raquel Costa

**OFICINAS E CURSO:****OFICINA 1:** “Produção Audiovisual”

Ministrante: Danillo Barata

**OFICINA 2:** “Introdução à Linguagem Cinematográfica”

Ministrante: Bete Bullara

**CURSO:** “Cinema e Audiovisual: difusão e formação no Brasil e no mundo”

Ministrante: Ataídes Braga

**EXPOSIÇÕES:****EXPOSIÇÃO 1:** “Orlando Senna - O Garimpeiro das Artes”

Criação: Danillo Barata

**EXPOSIÇÃO 2:** “Cartaz Conquista Cinema”

Criação: Carlos Rizério

**MOSTRA CINEMA CONQUISTA****07 a 11 de outubro de 2008****Centro de Cultura / Teatro Glauber Rocha – UESB / Praças Públicas (Bairros)****Vitória da Conquista - Bahia****LONGAS-METRAGENS (35mm):**

1. Os Desafinados, de Walter Lima Jr
2. Mutum, de Sandra Kogut
3. Pan-Cinema Permanente, de Carlos Nader
4. WaldicK, Sempre No Meu Coração”, de Patrícia Pilar
5. Estômago, de Marcos Jorge
6. Nossa Vida Não Cabe Num Opala, de Reinaldo Pinheiro
7. Santiago, de João Moreira Salles
8. Pequenas Histórias, de Helvécio Ratton
9. Crítico, de Kleber Mendonça Filho
10. A Casa de Alice, de Chico Teixeira
11. O Grão, de Petrus Cariry
12. A Via Láctea, de Lina Chamie
13. Garoto Cósmico, de Alê Abreu

**CURTAS-METRAGENS (35mm):**

1. A Espera”, de Fernanda Teixeira
2. Engano”, de Cavi Borges
3. A Cidade Cargueiro”, de Aline Frey
4. Dossiê Rê Bordosa”, de César Cabral
5. Damião Experiência”, de Jimi Figueiredo e Ricardo Movits
6. Tira os Óculos e Recolhe o Homem”, de André Sampaio
7. A Cauda do Dinossauro”, de Francisco Garcia
8. Trópico das Cabras”, de Fernando Coimbra

9. Vida Fuleira – Um Artista de Rua e a Bailarina”, de André Sampaio
10. Meio Poeta”, de Caco Monteiro
11. Dia de Visita”, de André Luis da Cunha
12. Esconde-esconde”, de Álvaro Furloni
13. Icarus”, de Victor Hugo Borges
14. A Peste de Janice”, de Rafael Figueiredo
15. Passo”, de Alê Abreu
16. O Guarani”, Cláudio Marques e Marília Hughes
17. Os Filmes Que Não Fiz”, de Gilberto Scarpa
18. Lumis, o Vagalume”, de Marcelo Tanure
19. Rummikub”, de Jorge Furtado
20. O Livro de Walachai”, de Rejane Zilles
21. Picolé, Pintinho e Pipa”, de Gustavo Melo
22. Profetas da chuva e da esperança”, de Márcia Paraíso
23. Rua das Tulipas”, de Alê Camargo
24. Pajerama”, de Leonardo Cadaval
25. Esboço para Fotografia”, de Bruno Carneiro

#### **CURTAS-METRAGENS (vídeos):**

1. L'Art”, de Leo Fonseca
2. É terno de reis”, de Dió Araújo
3. A Lenda do Sargaço”, de Jan Horejs
4. Dossiê Manuela Rosário”, de Alfredo Góes Villas-Bôas
5. O Flautista”, de Matheus Vianna
6. Diga Alô”, de Paulo Tiago dos Santos
7. Descontínuos”, de Emanuela Yglesias
8. Agosto”, de Wallace Nogueira
9. Arte na Cidade Salvador”, de Danillo Barata
10. Lenda da Lagoa Vermelha”, de Eutímio Carvalho

#### **TEMA DO SEMINÁRIO**

“Cineclubismo e Educação: Práticas, Políticas e Perspectivas”

#### **MESA-REDONDA 01**

TEMA: “80 ANOS de Cineclubismo no Brasil: percursos e memórias”

Integrantes: Felipe Macedo, Rose Clair Matela, Guido Araújo

Mediação: Raquel Costa

#### **MESA-REDONDA 02**

Tema: “Cineclubismo: construção em rede e auto-sustentabilidade”

Integrantes: Sandra Rosa, Lu Cachoeira

Mediação: Veruska Anacirema

#### **MESA REDONDA 03**

Tema: “Saberes e fazeres na relação entre cinema, cultura e educação”

Participantes: Inês Teixeira, Jorge Nóvoa, Paloma Rocha

Mediação: Milene Gusmão

#### **MESA REDONDA 04**

Tema: “Formação para o cinema e o audiovisual: considerações sobre os cursos de graduação no Brasil contemporâneo”

Participantes: Danillo Barata, Elianne Barroso, Pedro Ortiz  
 Mediação: Jorge Miranda (profe

### **LANÇAMENTOS DE LIVROS**

**TÍTULO 1:** “Cineclubismo: memórias dos anos de chumbo”

Autora: Rose Clair Matela

**TÍTULO 2:** Coleção Glauber Rocha (Box com 4 DVDs)

Autor: Associação dos Amigos do Tempo Glauber

### **EXPOSIÇÕES**

**TÍTULO 1:** “Glauber Rocha – Uma Revolução Baiana”

**Responsável:** Associação dos Amigos do Tempo Glauber

**TÍTULO 2:** “Práticas Sociais de Cinema: Memórias e Identidade em Vitória da Conquista”

**Responsável:** Programa Janela Indiscreta Cine-Vídeo UESB

### **OFICINA 1**

Título: “Cineclubismo: como criar e manter um cineclube na comunidade”

Ministrante: Felipe Macedo

### **OFICINA 2**

Título: “Filmes de Montagem: o uso de imagens de arquivo na construção do discurso audiovisual”

Ministrante: Joel Pizzini

**OFICINA 3:** “Produção de conteúdos para TVs universitária”

Ministrante: Pedro Ortiz

## **I ENCONTRO AUDIOVISUAL DO TERRITÓRIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

### **MESA REDONDA 01**

Tema: “*Programas e editais audiovisuais do Governo do Estado da Bahia*”

Integrantes: Sofia Federico, Lula Oliveira

### **MESA REDONDA 02**

Tema: “*Programas e editais culturais da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia*”

Integrantes: Paulo Henrique, Gildelson Felício

## **MOSTRA CINEMA CONQUISTA**

**17 a 24 de novembro de 2007**

**Centro de Cultura / Teatro Glauber Rocha – UESB / Praças Públicas (Bairros)**

**Vitória da Conquista - Bahia**

### **LONGAS-METRAGENS (35mm):**

1. Eu Me Lembro, de Edgard Navarro
2. Serras da Desordem, de Andréa Tonacci
3. Batismo de Sangue, de Helvécio Ratton
4. Engenho de Zé Lins, de Vladimir Carvalho
5. O Céu de Suely, de Karim Aïnouz

6. Os 12 Trabalhos, de Ricardo Elias
7. Cartola - Música para os Olhos, de Lírío Ferreira e Hilton Lacerda
8. Encontro com Milton Santos ou o Mundo Global Visto do Lado de Cá, de Silvío Tendler
9. Baixio das Bestas, de Cláudio Assis
10. O Cheiro do Ralo, de Heitor Dhalia
11. Diário de Sintra, de Paula Gaitan
12. Estamira, de Marcos Prado
13. Cão sem Dono, de Beto Brant
14. Fabricando Tom Zé, de Déció Matos Jr
15. Deserto Feliz, de Paulo Caldas
16. O Ano Em Que Meus Pais Saíram de Férias, de Cao Hamburger
17. Brichos, de Paulo Munhoz
18. Mestre Bimba - A Capoeira Iluminada, de Luiz Fernando Goulart
19. Valsa para Bruno Stein, de Paulo Nascimento
20. Pro Dia Nascer Feliz, de João Jardim
21. O Côco, a Roda, o Pneu e o Farol, de Mariana Fortes
22. Saneamento Básico, de Jorge Furtado

**CURTAS-METRAGENS (35mm):**

1. Augusto Na Praia, de Rafael Eiras
2. Piruetas, de Haroldo Borges
3. Pixinguinha e a Velha Guarda do Samba, de Thomaz Farkas e Ricardo Dias
4. 10 Centavos, de César Fernando de Oliveira
5. Galinha ao Molho Pardo, de Feliciano Coelho
6. Homem Estátua, de Marcos Magalhães
7. No Rastro do Camaleão, de Eric Laurence
8. Até o Sol Raiá, de Fernando Jorge e Leandro Amorim
9. Oficina Perdiz, de Marcelo Díaz
10. Comprometendo a Atuação, Bruno Bini
11. Noite de Sexta, Manhã de Sábado, de Kleber Mendonça Filho
12. Saliva, de Esmir Filho
13. Nó-de-Rosas, de Glória Albues
14. No Principio era o Verbo, de Virgínia Jorge
15. Sentinela, de Afonso Nunes
16. Yansan, de Carlos Eduardo Nogueira
17. Câmera Viajante, de Joel Pimentel,
18. Satori Uso, de Rodrigo Grota
19. Vida Maria, de Marcio Ramos
20. E aí, Irmão?, de Pedro Léo
21. Trecho, de Clarissa Campolina e Helvécio Marins Jr.
22. Gravidade, de Torquato Joel
23. A Maldita, de Tetê Mattos
24. Perto de Qualquer Lugar, de Mariana Bastos
25. Cine Zé Sozinho, de Adriano Lima
26. Cabaceiras, de Ana Bárbara Ramos
27. Paralelos, de Alexandre Bas
28. O Crime da Atriz, de Elza Cataldo
29. A Noite do Vampiro, de Alê Camargo
30. A Chuva Nos Telhados Antigos, de Rafael Conde
31. Calango, de Alê Camargo

32. O Jumento Santo e a Cidade Que Se Acabou Antes De Começar, de Leo D., William Paiva
33. Mercúrio, de Sávio Leite
34. A Experiência, de Júlio Taubkin e Pedro Arantes
35. Parabéns, de Gero Camilo e Gustavo Machado
36. Rapsódia do Absurdo, de Cláudia Nunes
37. Poeminha Biológico Para JB, de Christian Caselli,
38. Invisíveis Prazeres Cotidianos, de Jorane Castro
39. Novela Vaga, de Dado Amaral e Beto Valente
40. Pequenos Tormentos da Vida” de Gustavo Spolidoro
41. Retrato de Doriana Extra Cremosa com Sal”, de Alan Langdon
42. Darcy Ribeiro, pensador do Brasil” de Edson de Souza
43. Handmade”, de Denis Kamioka,

#### **CURTAS-METRAGENS (35mm):**

1. Os Negativos, de Angel Diaz
2. A Bença, de Tarcisio Lara Puiati
3. O Quebra de Xangô, de Siloe Amorim
4. LG – Cidadão de Cinema, de Gui Castor
5. Umbigada, de Janaina Quetzal e Gabriela Barreto
6. Sim, eu sou uma delas, de Carolina Mendonça e Eduardo Scaldaferrri
7. Serra de Monte Alto: de Spix ao Parque Estadual, de Dió Araújo
8. Jayme Figura, de Daniel Lisboa
9. Reciclados, Recuperados e Desviados, de Bernard Attal

#### **TEMA DO SEMINÁRIO**

“Educação para o Cinema e o Audiovisual”

#### **PALESTRA DE ABERTURA**

Tema: O cinema no mundo contemporâneo e as relações entre indústria, política e mercado.

Palestrante: Alessandra Meleiro

Apresentação: Raquel Costa

#### **LANÇAMENTO DE LIVRO**

Título: Cinema Mundial: Indústria, Política e Mercado (Coleção / 5 volumes)

Organizadora: Alessandra Meleiro

#### **MESA REDONDA I:**

Tema: Cinema e educação: diálogos e perspectivas.

Participantes: Inês Teixeira, Jorge Nóvoa, Rosália Duarte

Mediadora: Milene Gusmão

#### **MESA REDONDA II:**

Tema: Cinema e TV digital no Brasil: o caminho da convergência

Participantes: Luiz Gonzaga de Luca, Sofia Federico, Eryk Rocha

Mediador: Dirceu Góes

#### **LANÇAMENTOS DE LIVROS:**

**TÍTULO 1:** Coleção: Educação, Cultura e Cinema

Co-Organizadores: Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Souza Miguel Lopes

**TÍTULO 2:** Cinema-História: Ensaios sobre a relação entre Cinema e História

**Organização:** José D'Assunção Barros

**Apresentação:** Prof. Dr. Jorge Nóvoa

**MESA REDONDA III:**

**Tema:** Políticas públicas para o audiovisual no Brasil e na Bahia

**Participantes:** Pola Ribeiro, Solange Lima, Lula Oliveira

**Mediador:** Gildelson Felício

**MESA REDONDA IV:**

**Tema:** Cineclubismo no Brasil – histórias e perspectivas

**Palestrantes:** André Pietro Gatti, João Batista Pimentel

**Mediador:** Euclides Mendes

**LANÇAMENTO DE LIVRO:**

**Título:** Walter da Silveira - O Eterno e o Efêmero

**Organizador:** José Umberto Dias

**CURSOS E OFICINAS**

**CURSO:** História do Cinema Baiano

**Ministrante:** André Setaro

**CURSO:** Cinema e Educação: Dimensões Formadoras

**Ministrante:** Inês Assunção de Castro Teixeira

**CURSO:** Cinema Digital

**Ministrante:** Luiz Gonzaga de Luca

**OFICINA 1:** Animação

**Ministrante:** Caó Cruz Alves

**OFICINA 2:** Roteiro

**Ministrante:** Wilton Lacerda

**MOSTRA CINEMA CONQUISTA – Um Olhar para o Novo Cinema**

**13 a 20 de maio de 2006**

**Cine Madrigal / Teatro Glauber Rocha**

**Vitória da Conquista – Bahia**

**LONGAS-METRAGENS (35mm):**

1. Filhas do Vento, de Joel Zito Araújo
2. Jardineiro Fiel, de Fernando Meirelles
3. Mulheres do Brasil, de Malu De Martino
4. Cascalho, de Tuna Espinheira
5. Munique, de Steven Spielberg
6. Paradise Now, de Hany Abu-Assad
7. Vinícius, de Miguel Faria Jr.
8. Do Luto à Luta, de Evaldo Mocarzel
9. Cinema, Aspirinas e Urubus, de Marcelo Gomes



10. A Pessoa É Para O Que Nasce, de Roberto Berliner
11. O Segredo de Brokeback Mountain, de Ang Lee
12. Cabra Cega, de Toni Venturi
13. Esses Moços, de José Araripe Jr.
14. A Marcha dos Pinguins, de Luc Jacket
15. Cidade Baixa, de Sérgio Machado
16. Meu Tio Matou Um Cara, de Jorge Furtado
17. As Alegres Comadres, de Leila Hipólito
18. Bendito Fruto, de Sérgio Goldemberg
19. Araguaia - Conspiração do Silêncio, de Ronaldo Duque
20. Mais Uma Vez Amor, de Rosane Svartman
21. Caparaó, de Flávio Frederico

**CURTAS-METRAGENS (35mm):**

1. O Monstro, de Eduardo Valente
2. Visita Intima, de Joana Nin
3. Entre Paredes, de Eric Laurence
4. Cinco Naipes, de Fabiano de Souza
5. Rap, O Canto da Ceilândia, de Adirley Queiros
6. Eletrodoméstica, de Kléber Mendonça Filho
7. Bala Perdida, de Victor Lopes
8. O Mundo É Uma Cabeça, de Bidu Queiróz e Cláudio Barroso
9. Soberano, de Kiko Mollica
10. Rapsódia Para Um Homem Comum, de Camilo Cavalcante
11. Amor do Palhaço, de Armando Praça
12. A Figueira do Inferno, de Raoni Vale e Ernesto Teodósio
13. Alô Tocayo, de Renato Martins e Lula Carvalho
14. A Hora do Galo, de Marcos França
15. A Idade do Homem, de Afonso Nunes
16. Messalina, de Cristiane Oliveira
17. Nascente, de Helvécio Marins Jr
18. De Glauber para Jirges, de André Ristum
19. Dormente, de Joel Pizzini
20. Intimidade, de Camila Gonzatto
21. O Anjo Daltônico, de Fábio Rocha
22. 29 Polegadas, de Bernard Attal e Joselito Crispim
23. Narciso Rap, de Jéferson De
24. Na Terra do Sol, de Lula Oliveira
25. Descobrimo Waltel, de Alessandro Gamo
26. Historietas Assombradas (para Crianças Malcriadas),
27. Dos Restos e das Solidões, de Petrus Cariry
28. Vermelho Rubro no Céu da Boca, de Sofia Federico
29. Seu Pai Já Disse Que Isso Não É Brinquedo, de Kiko Mollica
30. Véio, de Adelina Pontual,
31. Uma Jangada Chamada Bruna, de
32. Vinil Verde, de Kleber Mendonça Filho
33. Mestre Humberto, de Rodrigo Savastano
34. Capital Circulante, de Ricardo Mehedff
35. O Meio do Mundo, de Marcus Vilar
36. Clandestinidade, de Rodrigo Guéron

37. Isabel e o Cachorro Flautista, de Christian Saghaard
38. Êxito de Rua, de Cecília Araújo
39. Batuque na Cozinha, de Anna Azevedo
40. Caçadores de Saci, de Sofia Federico
41. O Curupira, de Humberto Avelar
42. João do Vale - Muita Gente Desconhece, de Werinton Kermes

#### **CURTAS-METRAGENS (vídeos):**

1. Antônio e Francisco, de Maria Carolina e David Cavalcante
2. Arquitetos do Mar, de Marcelo Góis
3. Bitola Cabeça Super8, de Gabriela Barreto e Vitória Araújo
4. Exu, a Boca que Tudo Come, de Samanta Pamponet
5. Frequência Hanoy, de Diego Lisboa e Daniel Lisboa
6. Hip Hop com Dendê, de Fabíola Aquino e Lilian Machado
7. Janela do Samba, de Raquel Salama
8. Mrs. Janaína, de Davi Cavalcante e Flávio Lopes
9. Pati, o Que Vale Esse Povo, de Denise Santos e Sophia Midian
10. Reversos, de Daniel Dourado, Gabriel Teixeira, Paula Príncipe

#### **PALESTRA**

“Cinema e Audiovisual no Brasil: um panorama a partir da retomada”

Palestrante: Maria do Rosário Caetano

Coordenador: Luiz Nova

#### **MESA-REDONDA 1**

“Cineclubes: contexto contemporâneo e novas formas de organização”

Debatedores: Diogo Gomes, Luiz Orlando, Lu Cachoeira, Marcelo Lopes, Naiana Magalhães

Mediadora: Raquel Costa

#### **MESA-REDONDA 2**

“Eventos Audiovisuais na Bahia: situação atual e perspectivas”

Debatedores: Guido Araújo, Lola Laborda, Juarez Fonseca, Sheila Gomes

Mediadora: Milene Gusmão

#### **MESA REDONDA 3**

“Cinema e Audiovisual: articulações regionais de produção e distribuição”

Debatedores: José Araripe, Joel Pizzini, Guido Araújo, Lula Oliveira

Mediadora: Cláudia Lima

#### **PALESTRA**

“O Cinema documental no Brasil: história, desafios e possibilidades”

Palestrante: Dr. Francisco Elinaldo Teixeira

Coordenador: César Lisboa

#### **LANÇAMENTO DE LIVRO:**

“Cangaço: o Nordeste no Cinema Brasileiro”, de Maria do Rosário Caetano

Organizadora: Maria do Rosário Caetano

Apresentação: Tadeu Botelho

**LANÇAMENTOS: DVD E LIVRO**

DVD duplo: “**Terra em Transe**”, de Glauber Rocha

Livro: “**O Século do Cinema**” de Glauber Rocha

Organizadora: Paloma Rocha

Apresentação: Orlando Ribeiro

**LANÇAMENTOS DE LIVROS:**

**LIVRO 1:** “Documentário no Brasil: tradição e transformação”

**LIVRO 2:** “O Terceiro Olho: ensaios de cinema e vídeo (Mário Peixoto, Glauber Rocha e Júlio Bressane)”.

Organizador: Dr. Francisco Elinaldo Teixeira

Apresentação: José Duarte

**OFICINAS:**

**OFICINA 1:** “Produção Executiva para Cinema”

Instrutora: Elisa Tolomeli

**OFICINA 2:** “Trilha Sonora para Cinema”

Instrutora: David Tygel

**MOSTRA CINEMA CONQUISTA – Um Olhar para o Novo Cinema**

**27 de março a 03 de abril de 2004**

**Cine Madrigal / Teatro Glauber Rocha**

**Vitória da Conquista – Bahia**

**LONGAS-METRAGENS (35mm):**

1. 21 Gramas, de Alejandro Iñárritu
2. 3 Histórias da Bahia, de Sérgio Machado, Edyala Yglesias, José Araripe Jr.
3. Ação Entre Amigos, de Beto Brant
4. Adeus Lênin, de Wolfgang Becker
5. Amarelo Manga, de Cláudio Assis
6. Encantadora de Baleias, de Niki Caro
7. Glauber, o filme - Labirinto do Brasil, de Sílvio Tendler
8. Lavoura Arcaica, de Luiz Fernando Carvalho
9. Narradores de Javé, de Eliane Caffé
10. O Lixo e a Fúria, de Julien Temple
11. Ônibus 174, de José Padilha
12. Príncipes e Princesas, de Michel Ocelot
13. Samba Riachão, de Jorge Alfredo
14. Sobre Meninos e Lobos, de Clint Eastwood
15. Tiros em Columbine, de Michael Moore

**CURTAS-METRAGENS (35mm):**

16. A Canga, de Marcus Villar
17. A História da Eternidade, Camilo Cavalcante
18. A Menina do Algodão, de Daniel Bandeira e Kléber Mendonça
19. Almas em Chamas, de Arnaldo Galvão

20. A Saga de Caju e Castanha contra o Encouraçado Titanic, de Walter Salles e Daniela Thomas
21. Cartas da Mãe, de Marina Willer e Fernando Kinas
22. Catálogo de Meninas, de Caó Cruz Alves
23. Cega Seca, de Sofia Federico
24. Coruja, de Márcia Derraiki e Simplício Neto
25. Hansen Bahia, de Joel de Almeida
26. Morte, de José Roberto Torero
27. Mr. Abracadabra, de José Araripe Jr
28. No Coração de Shirley, de Edyala Yglesias
29. O Resto é Silêncio, de Paulo Halm
30. O Último Dia de Sol, de Nirton Venâncio
31. Palace II, de Fernando Meireles e Kátia Lund
32. Palíndromo, de Philipe Barcinski
33. Pixaim, de Fernando Bélen
34. Rádio Gogó, de José Araripe Jr
35. Rua da Amargura, de Rafael Conde
36. Sinistro, de Renê Sampaio
37. Tempo de Ira, de Gisella de Mello e Marcélia Cartaxo
38. Truques, Xaropes e Outros Artigos de Confiança, de Eduardo Goldenstein
39. Zagati, de Nereu Cerdeira e Edu Felistoque

**CURTAS-METRAGENS (vídeos):**

1. Acorde, de Adriana Oliveira
2. Dissitonia, de Jairo Eleodoro
3. Horizonte Vertical, de Lula Oliveira
4. Lubisoni, de Jairo Eleodoro
5. O Ponto, de Maria Carolina
6. Pelores, de Marilha Hughes e Aline Frey
7. Pênalti, de Adler “Kibe” Paz
8. Penitentes, de Joel de Almeida
9. Presos Políticos, de João Gabriel
10. Pureza Insolente, de Paulo Tiago
11. Sub Urbano, de Felipe Kavascuck

**TEMA DO SEMINÁRIO:**

Contextos contemporâneos da produção e exibição cinematográfica no Brasil.

**MESA REDONDA 01:**

A produção de cinema no país e o contexto baiano

Participantes: Caó Cruz (Salvador), Lula Oliveira (Salvador), Adler Paz (Salvador), João Gabriel (Salvador).

Coordenação: José Araripe Jr.

**MESA REDONDA 02:**

Espaços de exibição: das salas de arte, dos clubes de cinema e circuitos alternativos.

Participantes: Cláudio Marques, Luís Orlando, Marcelo Lopes.

Coordenação: Milene Gusmão.

**MESA REDONDA 03:**

As políticas de incentivo para produção e exibição no país e o papel das Associações de Cinema e Vídeo.

Participantes: José Araripe Jr., Solange Lima.

Coordenação: Ana Isabel Macedo

**ANEXO D – PROGRAMAÇÕES PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA**

**PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA – 10ª EDIÇÃO**

**Ano 10: 29 de outubro a 05 de novembro de 2014**

**ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA GLAUBER ROCHA**

**Endereço: Praça Castro Alves s/n – Centro**

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

**Endereço: Rua General Labatut, 27, Barris (Prédio da Biblioteca Pública Estadual)  
Salvador – Bahia**

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

**Endereço: Rua Maestro Irineu Sacramento, S/N, Centro, Cachoeira - Bahia**

**CINE TEARTO ICBA**

**Endereço: Av. Sete de Setembro, 1809 - Vitória. Salvador - BA**

**29/10 QUARTA**

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

20h Sessão de Abertura/Panorama Brasil I

My Name is Now, Elza Soares, de Elizabete Martins Campos. MG, 71', Cor, Digital, 2014  
Conversa com a diretora e com Elza Soares após a sessão

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

20h Sessão de Abertura/Retrospectiva Stanley Kubrick I

2001 - Uma Odisseia no Espaço, de Stanley Kubrick. EUA/Reino Unido, 160', Cor, Digital, 1968

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/UFRB**

09h Sessão de Abertura/Retrospectiva Stanley Kubrick

2001 - Uma Odisseia no Espaço, de Stanley Kubrick. EUA/Reino Unido, 160', Cor, Digital, 1968

11h30 Debate: O Cinema de Kubrick

Com a participação de Victor Guimarães (Cinética), Rafael Saraiva (Coisa de Cinema) e Adriano Oliveira (professor da UFRB)

15h Retrospectiva Mia Hansen-Løve

Tudo Perdoado, de Mia Hansen-Løve. França, 105', Cor, Digital, 2007

17h30 Competitiva Nacional

Camila, de Clarissa Rebouças e Virginie Dubois. BA/Canadá, 6', Cor, Digital, 2014

A Era de Ouro, de Leonardo Mouramateus e Miguel Antunes Ramos. SP, 24', Cor, Digital, 2014

Ela Volta na Quinta, de André Novais. MG, 108', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores André Novais e Clarissa Rebouças após a sessão.

**30/10 QUINTA**

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

14h Panorama Brasil I

My Name is Now, Elza Soares, de Elizabete Martins Campos. MG, 71', Cor, Digital, 2014

## 15h30 Panorama Brasil II

As Águas, de Larissa Figueiredo. PR, 10', Cor, Digital, 2014

Uma Passagem para Mário, de Eric Laurence. PE, 77', Cor, Digital, 2013

## 17h20 Competitiva Internacional I

Xenos, de Mahdi Fleifel. Reino Unido/Dinamarca, 13', Cor, Digital, 2013.

8 Bullets (8 Balas), de Frank Ternier. França, 13', Cor, Digital, 2014

Something Must Break (Algo a Romper), de Ester Martin Bergsmark. Suécia, 85', Cor, Digital, 2014

## 19h30 Competitiva Nacional I

O Clube, de Allan Ribeiro. RJ, 17', Cor, Digital, 2014

O Rei, de Larissa Figueiredo. DF/PR, 25', Cor, Digital, 2014

A História da Eternidade, de Camilo Cavalcante. PE, 120', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

## 13h Retrospectiva Mia Hansen-Løve I

Tudo Perdoado, de Mia Hansen-Løve. França, 105', Cor, 35mm, 2007

## 15h Panorama Italiano I

In Grazia di Dio (Com a Graça de Deus), de Edoardo Winspeare. Itália, 130', Cor, Digital, 2014

## 17h35 Retrospectiva Stanley Kubrick II

Lolita, de Stanley Kubrick. Reino Unido/EUA, 152', P&B, Digital, 1962

## 20h30 Panorama Alemão I

Jack, de Edward Berger. Alemanha, 103', Cor, Digital, 2014

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

## 13h30 Debate: O Cinema de Stanley Kubrick

Com a participação de Victor Guimarães (Cinética), Rafael Saraiva (Coisa de Cinema) e Adriano Oliveira (professor da UFRB)

## 14h50 Panorama Brasil III

O Porto, de Clarissa Campolina, Julia de Simone, Luiz Pretti e Ricardo Pretti. MG, 21', Cor, Digital, 2013

Com os Punhos Cerrados, de Luiz Pretti, Pedro Diogenes e Ricardo Pretti. CE, 74', Cor, Digital, 2014

Conversa com o diretor Luiz Pretti após a sessão

## 17h15 Retrospectiva Mia Hansen-Løve II

Adeus, Primeiro Amor, de Mia Hansen-Løve. França, 110', Cor, Digital, 2011

## 19h25 Retrospectiva Sergei Eisenstein I

O Encouraçado Potemkin, de Sergei Eisenstein. União Soviética, 75', P&B, 35mm, 1925

## 21h Panorama Brasil IV

O Arquipélago, de Gustavo Beck. RJ, 28', Cor, Digital, 2014

A Gente, de Aly Muritiba. PR, 89', Cor, Digital, 2013

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

## 10h Competitiva Baiana

Menino da Gamboa, de Pedro Perazzo e Rodrigo Luna. BA, 14', Cor, Digital, 2014

O Filme de Carlinhos, de Henrique Filho. BA, 20', Cor, Digital, 2014

O Velho Rei, de Ceci Alves. BA, 10', Cor, Digital, 2013

Materno, de Arlequine Sampaio e Ruy Dutra. BA, 18', Cor, Digital, 2014

Antiok, de Dario Vetere. BA, 15', Cor, Digital, 2014

10-5-2012, de Álvaro Andrade. BA, 20', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão.

15h Panorama Brasil

My Name is Now, Elza Soares, de Elizabete Martins Campos. MG, 71', Cor, Digital, 2014

17h Competitiva Nacional

Castanha, de Davi Pretto. RS, 95', Cor, Digital, 2014

Conversa com o diretor após a sessão.

### **31/10 SEXTA**

#### **ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h45 Panorama Italiano I

In Grazia di Dio (Com a Graça de Deus), de Edoardo Winspeare. Itália, 130', Cor, Digital, 2014

16h15 Panorama Alemão II

Beltracchi - Die Kunst der Fälschung (Beltracchi – A Arte da Falsificação), de Arne Birkenstock. Alemanha, 96', Cor, Digital, 2014

18h10 Panorama Alemão III

Vergiss Mein Ich (Não me Esqueça), de Jan Schomburg. Alemanha, 93', Cor, Digital, 2014

20h Competitiva Nacional II

Camila, de Clarissa Rebouças e Virginie Dubois. BA/Canadá, 6', Cor, Digital, 2014

A Era de Ouro, de Leonardo Mouramateus e Miguel Antunes Ramos. SP, 24', Cor, Digital, 2014

Ela Volta na Quinta, de André Novais. MG, 108', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão

#### **ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h30 Competitiva Nacional I

O Clube, de Allan Ribeiro. RJ, 17', Cor, Digital, 2014

O Rei, de Larissa Figueiredo. DF/PR, 25', Cor, Digital, 2014

A História da Eternidade, de Camilo Cavalcante. PE, 120', Cor, Digital, 2014

16h35 Retrospectiva Stanley Kubrick III

Glória Feita de Sangue, de Stanley Kubrick. EUA, 88', P&B, Digital, 1957

18h20 Competitiva Internacional II

February (Fevereiro), de Ruslan Magomadov. Rússia, 26', Cor, Digital, 2014

The Chicken (A Galinha), de Una Gunjak. Alemanha/Croácia, 15', Cor, Digital, 2014

How to Disappear Completely (Como Desaparecer Completamente), de Raya Martin.

Filipinas, 80' Cor, Digital, 2013

20h40 Retrospectiva Stanley Kubrick IV

Dr. Fantástico, de Stanley Kubrick. EUA/Reino Unido, 95', P&B, Digital, 1964

#### **ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

14h Debate: Preservação da Memória Audiovisual: interfaces regionais de preservação

Com a participação Hernani Heffner (MAM/ RJ), Laura Bezerra (ABPA), Adolfo Gomes (DIMAS) e Milene Gusmão (UESB)

15h20 Retrospectiva Sergei Eisenstein II

Que Viva México!, de Sergei Eisenstein. EUA/México, 90', P&B, 35mm, 1932

17h10 Panorama Brasil V

CLAUN – Os Dias Aventurosos de Ayana, de Felipe Bragança, Web-Série em 3 episódios.



RJ, 69', Cor, Digital, 2013  
 Conversa com o diretor após a sessão  
 19h10 Retrospectiva Mia Hansen-Løve III  
 O Pai dos Meus Filhos, de Mia Hansen-Løve. França, 110', Cor, 35mm, 2009  
 21h20 Animage – Mostra Erótica  
 Eveready Harton in Buried Treasure, de vários diretores. EUA, 7', P&B, Digital, 1929  
 Tempête Dans une Chambre a Coucher, de Laurence Arcadias e Juliette Marchand. França, 11', Cor, Digital, 2012  
 Boobies, de Rug Burn. EUA, 2', Cor, Digital, 2014  
 Pixel Joy, de Florentine Grelier. França, 2', Cor, Digital, 2012  
 Long Live the Sexual Revolution, de Monique Renault e Ellen Meske. Holanda, 6', Cor, Digital, 1983  
 Meat Love, de Jan Svankmajer. República Tcheca, 2', Cor, Digital, 1989  
 La Bête, Vladimir Mavounia-Kouka. França, 8', Cor, P&B, Digital, 2013  
 Futon, de Yoriko Mizushiri. Japão, 6', Cor, Digital, 2012  
 Eros, de Vaiana Gauthier. França, 2', Cor, Digital, 2012  
 Pornotopia III, de Mariana Torres. Colômbia, 5', Cor, Digital, 2013  
 Pilots on the Way Home, de Priit e Olga Pärn. Canadá/Estônia, 16', Cor, Digital, 2014

#### **CAHL- CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

10h Competitiva Nacional  
 O Clube, de Allan Ribeiro. RJ, 17', Cor, Digital, 2014  
 A História da Eternidade, de Camilo Cavalcanti. PE, 120', Cor, Digital, 2014  
 Conversa com os diretores após a sessão  
 14h Panorama Brasil  
 Com os Punhos Cerrados, de Luiz Pretti, Pedro Diogenes e Ricardo Pretti. CE, 74', Cor, Digital, 2014  
 Conversa com Luiz Pretti após a sessão  
 16h Competitiva Baiana  
 Revoada, de José Umberto. BA, 80', Cor, Digital, 2014  
 Conversa com o diretor após a sessão  
 17h45 Mesa de Debate: O Cangaço no Cinema  
 Com a participação de José Umberto Dias (cineasta), Guilherme Sarmiento (professor da UFRB) e Cyntia Nogueira (professora da UFRB)  
 19h Panorama Brasil  
 Tejo Mar, de Bernard Lessa. RJ, 20', P&B, Digital, 2013  
 Permanência, de Leonardo Lacca. PE, 90', Cor, Digital, 2014

#### **01/11 SÁBADO**

##### **ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h30 Animage – Mostra Premiados  
 Mi ne Mozhem Zhit Bez Kosmosa, de Konstantin Bronzit. Rússia, 15', Cor, Digital, 2014  
 The Bigger Picture, de Daisy Jacobs. Reino Unido, 8', Cor, Digital, 2014  
 Laznia, de Tomek Ducki. Polônia, 4', Cor, Digital, 2013  
 La Petite Casserole D'Anatole, de Eric Montchaud. França, 6', Cor, Digital, 2014  
 Viagem na Chuva, de Wesley Rodrigues. Brasil. 13', Cor, Digital, 2014  
 Somewhere, de Nicolas Ménard. Reino Unido, 7', Cor, Digital, 2013  
 Pilots on the Way Home, de Priit e Olga Pärn. Canadá/Estônia, 16', Cor, Digital, 2014  
 Conversa com Nara Normande, curadora do Animage, após a sessão

## 15h Competitiva Internacional III

La Reina (A Rainha), de Manuel Abramovich. Argentina, 19', Cor, Digital, 2013  
 Three Stones for Jean Genet (Três Pedras para Jean Genet), de Frieder Schlaich. Alemanha, 7', P&B, Digital, 2014

Violet (Violeta), de Bas Devos. Bélgica/Holanda, 82', Cor, Digital, 2014

## 17h Competitiva Nacional III

## 17h - Competitiva Nacional III

Sem Coração, de Nara Normande e Tião. PE, 25', Cor, Digital, 2014

O Bom Comportamento, de Eva Randolph. SP, 19', Cor, Digital, 2014

Casa Grande, de Fellipe Barbosa. RJ, 115', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão

## 20h15 Competitiva Nacional IV

Quinze, de Maurílio Martins. MG, 25', Cor, Digital, 2014

La Llamada, de Gustavo Vinagre. SP, 20', P&B, Digital, 2014

Castanha, de Davi Pretto. RS, 95', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

## 13h Panorama Alemão IV – Programa de Curtas

Sonntag 3 (Domingo 3), de Jochen Kuhn. Alemanha, 14', Cor, Digital, 2012

Sunny, de Barbara Ott. Alemanha, 29', Cor, Digital, 2013

Pai (Father), de Moritz Mayerhofer, Asparuh Petrov, Rositsa Raleva, Veljko Popović, Dim Yagodin. Alemanha, 15', Cor, Digital, 2012

Nashorn im Galopp (Rinoceronte a Galope), de Erik Schmitt. Alemanha, 15', Cor, Digital, 2012

Realidade 2.0 (Reality 2.0), de Victor Orozco Ramirez. Alemanha, 11', Cor, Digital, 2012

Forst (Floresta), de Ulu Braun. Alemanha, 11', Cor, Digital, 2013

Short film (Curta-metragem), de Olaf Held. Alemanha, 3', Cor, Digital, 2013

## 15h Panorama Brasil VI

Tejo Mar, de Bernard Lessa. RJ, 20', P&B, Digital, 2013

Permanência, de Leonardo Lacca. PE, 90', Cor, Digital, 2014

## 17h10 Retrospectiva Stanley Kubrick IV

Dr. Fantástico, de Stanley Kubrick. EUA/Reino Unido, 95', P&B, Digital, 1964

## 19h Retrospectiva Stanley Kubrick V

Barry Lyndon, de Stanley Kubrick. Reino Unido/EUA, 184', Cor, Digital, 1975

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

## 13h30 Debate: Distribuição do Cinema Independente

Com a participação de Adhemar Oliveira (Espaço Filmes) e Cláudio Marques (cineasta e exibidor).

## 14h50 Panorama Alemão V

Love Steaks, de Jakob Lass. Alemanha, 89', Cor, Digital, 2013

## 16h40 Panorama Italiano II

Belluscone, de Franco Maresco. Itália, 95', Cor/P&B, Digital, 2014

## 19h05 Competitiva Baiana I

Exculturas, de Emerson Santos. BA, 5', Cor, Digital, 2014

No Seu Giro, Corpo Leve, de Camila Camila, Letícia Ribeiro e Ohana Sousa. BA, 5', Cor, Digital, 2014

Samba Lumière, de Pedro Abib. BA, 52', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão

## 21h Competitiva Internacional IV

Darker Than Midnight (Mais Sombrio Que A Meia-Noite), de Sebastiano Riso. Itália, 94', Cor, Digital, 2014

Conversa com o diretor após a sessão

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

17h Retrospectiva Sergei Eisenstein III

A Greve, de Sergei Eisenstein. União Soviética, 82', P&B, Digital, 1925

19h Programa Kubrick I

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

14h Retrospectiva Mia Hansen-Løve

O Pai dos Meus Filhos, de Mia Hansen-Løve. França, 110', Cor, Digital, 2009

16h Competitiva Baiana

A Doce Flauta de Liberdade, de George Neri. BA, 71', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão.

18h Competitiva Nacional

Parque Soviético, de Karen Black. RJ, 10', P&B, Digital, 2013

Estátua!, de Gabriela Amaral. SP, 24', Cor, Digital, 2014

Carranca, de Marcelo Matos e Wallace Nogueira. BA, 11', Cor, Digital, 2014

Ventos de Agosto, de Gabriel Mascaro. PE, 77', Cor, Digital, 2014

Conversa com a atriz Maeve Jinkings (Estátua!) e com os diretores Karen Black, Marcelo Matos e Wallace Nogueira após a sessão.

**02/11 DOMINGO****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h Panorama Brasil VII

Malha, de Paulo Roberto. PB, 14', Cor, Digital, 2013

Jogo de Campo, de Eryk Rocha. RJ, 71', Cor, Digital, 2014

14h35 Retrospectiva Stanley Kubrick VI

Spartacus, de Stanley Kubrick. EUA, 197', Cor, Digital, 1960

18h Competitiva Nacional V

Estátua!, de Gabriela Amaral. SP, 24', Cor, Digital, 2014

Carranca, de Marcelo Matos e Wallace Nogueira. BA, 11', Cor, Digital, 2014

Ventos de Agosto, de Gabriel Mascaro. PE, 77', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão

20h30 Competitiva Nacional VI

Parque Soviético, de Karen Black. RJ, 10', P&B, Digital, 2013

Mater Dolorosa, de Daniel Caetano e Tamur Aimara. RJ, 12', Cor, Digital, 2014

Branco Sai, Preto Fica, de Adirley Queirós. DF, 93', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h Competitiva Nacional II

Camila, de Clarissa Rebouças e Virginie Dubois. BA/Canadá, 6', Cor, Digital, 2014

A Era de Ouro, de Leonardo Mouramateus e Miguel Antunes Ramos. SP, 24', Cor, Digital, 2014

Ela Volta na Quinta, de André Novais. MG, 108', Cor, Digital, 2014

15h30 Competitiva Internacional V  
 Substanz (Substância), de Sebastian Mez. Alemanha, 14', Cor, Digital, 2014  
 Last Trip Home (Última Viagem para Casa), de Han Fengyu. Singapura, 26', Cor, Digital, 2013  
 Nagima, de Zhanna Issabayeva. Cazaquistão, 80', Cor, Digital, 2013  
 17h40 Retrospectiva Mia Hansen-Løve IV  
 Éden, de Mia Hansen-Løve. França, 131', Cor, Digital, 2014  
 20h30 Retrospectiva Stanley Kubrick II  
 Lolita, de Stanley Kubrick. Reino Unido/EUA, 152', P&B, Digital, 1962

### **ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

13h30 Panorama Alemão VI  
 Auf das Leben! (Um Brinde à Vida), de Uwe Janson. Alemanha, 85', Cor, Digital, 2014  
 15h10 Panorama Italiano III  
 Vinodentro, de Ferdinando Vicentini Orgnani. Itália, 106', Cor, Digital, 2013  
 Conversa com o diretor após a sessão  
 17h45 Competitiva Baiana II  
 10-5-2012, de Álvaro Andrade. BA, 20', Cor, Digital, 2014  
 A Doce Flauta de Liberdade, de George Neri. BA, 71', Cor, Digital, 2014  
 Conversa com os diretores após a sessão  
 20h10 Panorama Alemão VII  
 Mittsommernachtstango (Tango de uma Noite de Verão), de Viviane Blumenschein.  
 Alemanha, 82', Cor, Digital, 2013  
 Conversa com a diretora após a sessão

### **SALA WALTER DA SILVEIRA**

17h Retrospectiva Sergei Eisenstein I  
 O Encouraçado Potemkin, de Sergei Eisenstein. União Soviética, 75', P&B, Digital, 1925  
 19h Programa Kubrick II

### **CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

14h Competitiva Nacional  
 O Completo Estranho, de Leonardo Mouramateus. CE, 24', Cor, Digital, 2014  
 Tenho um Dragão que Mora Comigo, de Wislan Esmeraldo. CE, 18', Cor, Digital, 2014  
 Sem Coração, de Nara Normande e Tião. PE, 25', Cor, Digital, 2014  
 O Bom Comportamento, de Eva Randolph. SP, 19', Cor, Digital, 2014  
 Quinze, de Maurílio Martins. MG, 25', Cor, Digital, 2014  
 Conversa com os diretores após a sessão.  
 17h Panorama Brasil  
 Nua por Dentro do Couro, de Lucas Sá. RS/MA, 21', Cor, Digital, 2014  
 Sinfonia da Necrópole, de Juliana Rojas. SP, 85', Cor, Digital, 2014  
 Conversa com a diretora Juliana Rojas após a sessão.  
 19h Competitiva Nacional  
 Com Fome no Fim do Mundo, de Marcus Curvelo. BA, 30', Cor, Digital, 2014  
 Brasil S/A, de Marcelo Pedroso. PE, 70', Cor, Digital, 2014  
 Conversa com Marcus Curvelo após a sessão.

### **03/11 SEGUNDA**

### **ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

## 13h Competitiva Nacional V

Estátua!, de Gabriela Amaral. SP, 24', Cor, Digital, 2014

Carranca, de Marcelo Matos e Wallace Nogueira. BA, 11', Cor, Digital, 2014

Ventos de Agosto, de Gabriel Mascaro. PE, 77', Cor, Digital, 2014

## 15h Panorama Brasil VIII

Nua por Dentro do Couro, de Lucas Sá. RS/MA, 21', Cor, Digital, 2014

Sinfonia da Necrópole, de Juliana Rojas. SP, 85', Cor, Digital, 2014

Conversa com Juliana Rojas após a sessão.

## 17h30 Retrospectiva Stanley Kubrick I

2001 – Uma Odisseia no Espaço, de Stanley Kubrick. EUA/Reino Unido, 160', Cor, Digital, 1968

## 20h20 Competitiva Nacional VII

Tenho um Dragão que Mora Comigo, de Wislan Esmeraldo. CE, 18', Cor, Digital, 2014

O Completo Estranho, de Leonardo Mouramateus. CE, 24', Cor, Digital, 2014

Homem Comum, de Carlos Nader. SP, 103', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão.

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

## 13h Retrospectiva Mia Hansen-Løve I

Tudo Perdoado, de Mia Hansen-Løve. França, 105', Cor, 35mm, 2007

## 16h05 Competitiva Nacional VI

Parque Soviético, de Karen Black. RJ, 10', P&B, Digital, 2013

Mater Dolorosa, de Daniel Caetano e Tamur Aimara. RJ, 12', Cor, Digital, 2014

Branco Sai, Preto Fica, de Adirley Queirós. DF, 93', Cor, Digital, 2014

## 18h10 Competitiva Internacional VI

Cabezón (Cabeção), de Jairo Boisier. Chile, 25', Cor, Digital, 2014

A Caça Revoluções, de Margarida Rêgo. Portugal, 11', P&B, Digital, 2013

El Lugar del Hijo (O Lugar do Filho), de Manolo Nieto. Uruguai/Argentina, 120', Cor, Digital, 2013

Conversa com a diretora de A Caça Revoluções, Margarida Rêgo, após a sessão

## 21h20 Competitiva Baiana III

O Filme de Carlinhos, de Henrique Filho. BA, 20', Cor, Digital, 2014

Menino da Gamboa, de Pedro Perazzo e Rodrigo Luna. BA, 14', Cor, Digital, 2014

O Velho Rei, de Ceci Alves. BA, 10', Cor, Digital, 2013

Materno, de Alequine Sampaio e Ruy Dutra. BA, 18', Cor, Digital, 2014

Antiok, de Dario Vetere. BA, 15', Cor, Digital, 2014

Repúblico, de Jefferson Parreira, Keu Andrade e Raquel Vasconcelos. BA, 16', Cor, Digital, 2013

Conversa com os diretores após a sessão.

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

## 14h Panorama Alemão VIII

Fack Ju Göhte (Dane-se Goethe), de Bora Dagtekin. Alemanha, 118', Cor, Digital 2013

## 16h20 Retrospectiva Sergei Eisenstein III

A Greve, de Sergei Eisenstein. União Soviética, 82', P&B, 35mm, 1925

## 18h Panorama Alemão VII

Mittsommernachtstango (Tango de uma Noite de Verão), de Viviane Blumenschein.

Alemanha, 82', Cor, Digital, 2013

Conversa com a diretora após a sessão

20h15 Panorama Italiano II  
Belluscone, de Franco Maresco. Itália, 95', Cor/P&B, Digital, 2014

### **SALA WALTER DA SILVEIRA**

17h Retrospectiva Sergei Eisenstein IV  
Outubro, de Sergei Eisenstein. União Soviética, 85', P&B, Digital, 1927  
19h Competitiva Nacional IV  
Quinze, de Maurílio Martins. MG, 25', Cor, Digital, 2014  
La Llamada, de Gustavo Vinagre. SP, 20', P&B, Digital, 2014  
Castanha, de Davi Pretto. RS, 95', Cor, Digital, 2014

### **04/11 TERÇA**

#### **ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h Competitiva Nacional VII  
Tenho um Dragão que Mora Comigo, de Wislan Esmeraldo. CE, 18', Cor, Digital, 2014  
O Completo Estranho, de Leonardo Mouramateus. CE, 24', Cor, Digital, 2014  
Homem Comum, de Carlos Nader. SP, 103', Cor, Digital, 2014  
15h35 Retrospectiva Stanley Kubrick III  
Glória Feita de Sangue, de Stanley Kubrick. EUA, 88', P&B, Digital, 1957  
17h15 Retrospectiva Mia Hansen-Løve IV  
Éden, de Mia Hansen-Løve. França, 131', Cor, Digital, 2014  
20h40 Competitiva Nacional VIII  
Com Fome no Fim do Mundo, de Marcus Curvelo. BA, 30', Cor, Digital, 2014  
E, de Alexandre Wahrhaftig, Helena Ungaretti e Miguel Antunes Ramos. SP, 17', Cor, Digital, 2013  
Brasil S/A, de Marcelo Pedroso. PE, 70', Cor, Digital, 2014  
Conversa com os diretores após a sessão

#### **ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h15 Panorama Alemão IX  
Die Geliebten Schwestern (Duas Irmãs, Uma Paixão), de Dominik Graf. Alemanha, 140', Cor, Digital, 2014  
15h55 Panorama Italiano III  
Vinodentro, de Ferdinando Vicentini Orgnani. Itália, 106', Cor, Digital, 2013  
Conversa com o diretor após a sessão  
18h30 Competitiva Internacional IV  
Auntie Maam Had Never has a Passport (Tia Maam Nunca Teve Um Passaporte), de Sorayos Prapapan. Tailândia, 14', Cor, Digital, 2014  
En Août (Em Agosto), de Jenna Hasse. Suíça, 9', Cor, Digital, 2014  
Darker Than Midnight (Mais Sombrio Que A Meia-Noite), de Sebastiano Riso. Itália, 94', Cor, Digital, 2014  
Conversa com Sebastiano Riso após a sessão  
20h50 Competitiva Baiana IV  
Revoada, de José Umberto Dias. BA, 80', Cor, Digital, 2014  
Conversa com o diretor após a sessão

#### **ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

14h Retrospectiva Mia Hansen-Løve III  
O Pai dos Meus Filhos, de Mia Hansen-Løve. França, 110', Cor, 35mm, 2009

**16h10 Panorama Brasil IX**

Nossos Traços, de Rafael Spínola. RJ, 5', Cor, Digital, 2013

A Vizinhança do Tigre, de Affonso Uchoa. MG, 95', Cor, Digital, 2014

**18h10 Retrospectiva Mia Hansen-Løve I**

Tudo Perdoado, de Mia Hansen-Løve. França, 105', Cor, 35mm, 2007

**20h20 Panorama Alemão X**

Der Samurai (O Samurai), de Till Kleinert. Alemanha, 80', Cor, Digital, 2014

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 4**

19h Retrospectiva Mia Hansen-Løve II

Adeus, Primeiro Amor, de Mia Hansen-Løve. França, 110', Cor, Digital, 2011

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

17h Retrospectiva Sergei Eiseinstein V

Ivan, O Terrível – Parte 1, de Sergei Eisenstein. União Soviética, 103', P&B, Digital, 1944

19h Retrospectiva Sergei Eiseinstein VI

Ivan, O Terrível – Parte 2, de Sergei Eisenstein. União Soviética, 88', P&B, Digital, 1958

**CINE-TEATRO DO ICBA**

20h Panorama Alemão

Unter Schnee (Debaixo da Neve). de Ulrike Ottinger. Alemanha, 106', Cor, Digital, 2011

Entrada franca

**05/11 QUARTA****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h Competitiva Nacional VIII

Com Fome no Fim do Mundo, de Marcus Curvelo. BA, 30', Cor, Digital, 2014

E, de Alexandre Wahrhaftig, Helena Ungaretti e Miguel Antunes Ramos. SP, 17', Cor, Digital, 2013

Brasil S/A, de Marcelo Pedroso. PE, 70', Cor, Digital, 2014

15h20 Retrospectiva Stanley Kubrick V

Barry Lyndon, de Stanley Kubrick. Reino Unido/EUA, 184', Cor, Digital, 1975

18h40 Sessão de Encerramento/Panorama Brasil XI

Sangue Azul, de Lírio Ferreira. PE, 114', Cor, Digital, 2014

Conversa com o diretor Lírio Ferreira e o produtor Renato Ciasca após a sessão

21h30 Premiação

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h30 Panorama Alemão XI

The Green Prince, de Nadav Schirman. Alemanha, 95', Cor, Digital, 2014

15h25 Panorama Alemão XII

Die Andere Heimat (A Outra Pátria), de Edgar Reitz. Alemanha, 230', Cor, Digital, 2013

19h35 Panorama Brasil XII

A Vida Privada dos Hipopótamos, de Matias Mariani e Maíra Bühler. SP, 90', Cor, Digital, 2014

Conversa com os diretores após a sessão

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

14h Panorama Brasil X

Pausas Silenciosas, de Mariana Lacerda Gonçalves. PE, 18', Cor, Digital, 2013

Eduardo Coutinho, 7 de Outubro, de Carlos Nader. SP, 93', Cor, Digital, 2013

16h10 Retrospectiva Sergei Eiseinstein V

Ivan, O Terrível – Parte 1, de Sergei Eisenstein. União Soviética, 103', P&amp;B, 35mm, 1944

18h10 Retrospectiva Sergei Eiseinstein VI

Ivan, O Terrível – Parte 2, de Sergei Eisenstein. União Soviética, 88', P&amp;B, 35mm, 1958

19h50 Panorama Brasil XIII

Eva Maria, de Rafael Todeschini. RJ, 12', Cor, Digital, 2013

Casa Forte, de Rodrigo Almeida. PE, 11', Cor, Digital, 2013

Batguano, de Tavinho Teixeira. PB, 73', Cor, Digital, 2014

Conversa com Rafael Todeschini e Tavinho Teixeira após a sessão

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

17h Sergei Eisenstein II

Que Viva México!, de Sergei Eisenstein. EUA/México, 90', P&amp;B, Digital, 1932

19h Panorama Brasil XIV

Hospedeira, de Rita Carelli. SP, 15', Cor, Digital, 2014

Nova Dubai, de Gustavo Vinagre. SP, 53', Cor, Digital, 2013

**OFICINA 1**

PanLab II – Laboratório de Roteiro, com Aleksei Wrobel; Fábio Meira; Felipe Bragança

**OFICINA 2**

Assistência de Direção, com Marcelo Caetano

**OFICINA 3**

Crítica, com Rafael Carvalho

**PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA – 9ª EDIÇÃO****Ano 09: 31 de outubro a 07 de novembro de 2013****ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA GLAUBER ROCHA****Endereço: Praça Castro Alves s/n – Centro****SALA WALTER DA SILVEIRA****Endereço: Rua General Labatut, 27, Barris (Prédio da Biblioteca Pública Estadual)  
Salvador – Bahia****CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB****Endereço: Rua Maestro Irineu Sacramento, S/N, Centro,  
Cachoeira - Bahia****QUINTA-FEIRA (31/10)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

20h30 - Sessão de Abertura/Panorama Internacional I

L'Inconnu du Lac (Um Estranho no Lago), de Alain Guiraudie. França, 97', Cor, Digital, 2013



**QUINTA-FEIRA (31/10)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

20h30 - Sessão de Abertura/Panorama Alemão I

Zwei Leben (Two Lives), de Georg Maas. Alemanha/Noruega, 100', Cor, Digital, 2012  
*Conversa com o diretor após a sessão.*

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

20h30 - Sessão de Abertura/Homenagem a Carlos Reinchenbach I  
 Alma Corsária, de Carlos Reichenbach. SP, 111', Cor, 35mm, 1993  
*Conversa com Bertrand Duarte e Sara Silveira após a sessão.*

**PRAÇA DA ACLAMAÇÃO – CENTRO – CACHOEIRA**

19h30 – Sessão de Abertura/Homenagem a Roberto Pires I  
 Memorando - A Grande Feira, de Paulo Hermida. BA, 25', Cor e P&B, Digital, 2013  
 A Grande Feira, de Roberto Pires. BA, 94', P&B, 35mm, 1961

**SEXTA-FEIRA (01/11)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h10 – Panorama Internacional II

I Used To Be Darker (Quando Eu Era Sombrio), de Matt Porerfield. EUA, 90', Cor, Digital, 2012

14h50 - Panorama Internacional III

The Act of Killing (O Ato de Matar), de Joshua Oppenheimer. Dinamarca, 159', Cor, Digital, 2012

17h40 – Mostra Hitchcock I

Janela Indiscreta, de Alfred Hitchcock. EUA, 112', Cor, Digital, 1954

19h45 - Competitiva Nacional I

Lição de Esqui, de Leonardo Mouramateus e Samuel Brasileiro. CE, 23', Cor, Digital, 2013  
 Pouco Mais de Um Mês, de André Novais. MG, 23', Cor, Digital, 2013  
 Tatuagem, de Hilton Lacerda. PE, 110', Cor, Digital, 2013  
*Conversa com os diretores após a sessão.*

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h – Panorama Alemão II

Die Prinzessin, der Prinz und der Drache Mit den Grünen Augen (A Princesa, o Príncipe e o Dragão de Olhos Verdes), de Jakob Schuh. Alemanha, 7', Digital

Die Schaukel des Sargmachers (O Balanço do Fabricante de Caixões), de Elmár Imánov. Alemanha, 29', Digital

Olgastraße nº 18, de Liv Scharbatke. Alemanha, 4', Digital

Erntefaktor Null (A Central Nuclear Mais Segura do Mundo), de Helena Hufnagel.

Alemanha, 28', Digital

Zu Hause (Em Casa), de Nenad Mikalacki. Alemanha, 20', Digital

The Centrifuge Brain Project (O Projeto da Centrífuga de Cérebros), de Till Nowak. Alemanha, 7', Digital

14h45 – Panorama Alemão III

**SEXTA-FEIRA (01/11)**

Draussen Ist Sommer (Verão Lá Fora), de Friederike Jehn. Alemanha / Suíça, 96', Cor, Digital, 2012

16h35 – Panorama IndieLisboa I

Barba, de Paulo Abreu. Portugal, 22', P&B, Digital, 2011

O Barão, de Edgar Pêra. Portugal, 95', P&B, Digital, 2011

18h45 – Homenagem a Roberto Pires I

Memorando - A Grande Feira, de Paulo Hermida. BA, 25', Cor e P&B, Digital, 2013

A Grande Feira, de Roberto Pires. BA, 94', P&B, 35mm, 1961

*Conversa com Petrus Pires e Walter Webb após a sessão.*

21h25 – Panorama Alemão IV

Finsterworld, de Frauke Finsterwalder. Alemanha, 91', Cor, digital, 2013

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

13h20 - Mostra Bruno Dumont I

L'Humanité (A Humanidade), de Bruno Dumont. França, 148', Cor, 35mm, 1999

16h – Panorama Mexicano I

Fogo, de Yulene Olaizola. México/Canadá, 61', Cor, Digital, 2012

17h10 – Panorama Brasil I

Da Alegria, do Mar e de Outras Coisas, de Ceci Alves. BA, 13', Cor, Digital, 2012

Via Crisis, de Leon Sampaio. BA, 9', P&B, Digital, 2013

Breviário do Horror (Work in Progresss), de Fábio Rocha e Flávio Lopes. BA, 80', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.*

19h35 – Mostra Bruno Dumont II

La Vie de Jésus (A Vida de Jesus), de Bruno Dumont. França, 96', Cor, 35mm, 1997

21h25 – Panorama Mexicano II

Los Ultimos Cristeros (Os Últimos Cristeros), de Matías Meyer. México/ Holanda, 90', Cor, Digital, 2012

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

15h – Panorama Brasil II

Em Busca de Um Lugar Comum, de Felipe Schultz. RJ, 80', Cor, Digital, 2012

17h – Panorama Brasil III

Cidade de Deus- 10 Anos Depois, de Cavi Borges e Luciano Vidigal. RJ, 90', Cor, Digital, 2012

19h – Panorama Brasil IV

Os Dias com Ele, de Maria Clara Escobar. SP, 107', Cor, Digital, 2013

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

10h - Mesa Redonda - Roberto Pires, o Artesão dos Sonhos

**SEXTA-FEIRA (01/11)**

Petrus Pires (Cineasta)

Walter Webb (Cineasta)

Mediadora: Cyntia Nogueira (Professora de Cinema da UFRB)

## 14h – Competitiva Internacional de Curtas I

Los Animales (Os Animais), Paola Buontempo. Argentina, 9', Cor, Digital, 2012

Pandy (Pandas), de Matus Vizar. Eslováquia, 12', Cor, Digital, 2013

Gambozinos, de João Nicolau. Portugal/França, 20', Cor, Digital, 2013

Straight With You (Direto Com Você), de Daan Bol. Holanda, 19', Cor, Digital, 2012

Whale Valley (Vale das Baleias), de Gudmundur Arnar Gudmundsson. Dinamarca/Islândia, 15', Cor, Digital, 2013

## 16h30 – Homenagem a Carlos Reichenbach I

Alma Corsária, de Carlos Reichenbach. SP, 111', Cor, 35mm, 1993

## 19h – Sessão Animage I (Curtas Premiados)

The Kiosk, de Anete Melece. Suíça, 7', 2013

Sangre de Unicornio, de Alberto Vasquez. Espanha, 9', 2013

Fight, de Steven Subtonick. Estados Unidos, 4', 2012

Choir Tour, de Edmunds Jansons. Letônia, 5', 2012

Plug & Play, de Michel Frei. Suíça, 6', 2013

Rabbitland, de Ana Nedeljkovic e Nikola Majdak Jr. Sérvia, 7', 2013

Faroeste, Um Autêntico Western, de Wesley Rodrigues. Brasil, 19', 2013

Autor du Lac, de Carlos Roosens. Bélgica, 6', 2013

Moya Mama Samolet, de Julia Aronova. Rússia, 7', 2012

Drifters, de Ethan Clarke. Estados Unidos, 8', 2012

**SÁBADO (02/11)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

## 14h – Panorama Mexicano I

Fogo, de Yulene Olaizola. México/Canadá, 61', Cor, Digital, 2012

## 15h10 – Mostra Hitchcock II

Os Pássaros, de Alfred Hitchcock. EUA, 119', Cor, Digital, 1963

## 17h20 – Competitiva Nacional II

Au Revoir, de Milena Times. PE, 20', Cor, Digital, 2013

Deixem Diana Em Paz, de Júlio Cavani. PE, 10', P&B, Digital, 2013

O Homem das Multidões, de Cao Guimarães e Marcelo Gomes. MG/PE, 95', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.*

## 20h05 – Competitiva Nacional III

Não Estamos Sonhando, Luiz Pretti. CE, 12', Cor, Digital, 2012

Em Trânsito, de Marcelo Pedroso. PE, 20', Cor, Digital, 2013

Morro dos Prazeres, de Maria Augusta Ramos. RJ, 90', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.*

**SÁBADO (02/11)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h15 – Panorama Brasil V

Doce Amianto, de Guto Parente e Uirá dos Reis. CE, 70', Cor, Digital, 2013

14h35 – Panorama Alemão V

Tore Tanzt (Nothing Bad Can Happen), de Katrin Gebbe. Alemanha, 110', Cor, Digital, 2013

16h35 – Panorama Brasil VI

É Proibido Menino Descalço Entrar Na Escola, de Edson Bastos e Henrique Filho. BA, 5', Cor, Digital, 2013

Procurando Rita, de Evandro Silva de Freitas. BA, 7', Cor, Digital, 2013

Aprender a Ler Pra Ensinar Meus Camaradas, de João Guerra. BA, 84', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.*

18h55 – Mostra Hitchcock III

Psicose, de Alfred Hitchcock. EUA, 109', P&amp;B, Digital, 1960

20h55 – Panorama Alemão IV

Finsterworld, de Frauke Finsterwalder. Alemanha, 91', Cor, digital, 2013

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

13h – Panorama Mexicano III

Los Mejores Temas (Os Melhores Temas), de Nicolás Pereda. México/ Canadá/Holanda, 103', Cor, Digital, 2012

14h55 – Mostra Bruno Dumont III

29 Palms (29 Palms), de Bruno Dumont. França/Alemanha/EUA, 130', Cor, 35mm, 2003

17h15 – Panorama Italiano I

Salvo, de Fabio Grassadonia e Antonio Piazza. Itália/França, 104', Cor, 2013

19h10 – Panorama Italiano II

Io e Te (Eu e Você), de Bernardo Bertolucci. Itália, 103', Cor, 2012

*Conversa com Silvia Morais (desenho de som) após a sessão.*

21h35 – Homenagem a Carlos Reichenbach II

Lilian M.: Relatório Confidencial, de Carlos Reichenbach. SP, 90', Cor, 35mm, 1975

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

15h – Panorama Brasil VII

O Sol nos Meus Olhos, de Flora Dias e Juruna Mallon. SP, 65', Cor, Digital, 2013

17h – Homenagem a Roberto Pires II

Tocaia no Asfalto, de Roberto Pires. BA, 100', P&amp;B, Digital, 1962

19h – Panorama IndieLisboa I

Barba, de Paulo Abreu. Portugal, 22', P&amp;B, Digital, 2011

O Barão, de Edgar Pêra. Portugal, 95', P&amp;B, Digital, 2011

**SÁBADO (02/11)****CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

14h – Competitiva Internacional de Curtas II

More Than Two Hours (Mais de Duas Horas), de Ali Asgari. Irã, 15', Cor, Digital, 2013

Kein Porno (Pornô Não), de Jela Hasler. Suíça, 12', Cor, Digital, 2013

Sonntag 3 (Domingo 3), de Jochen Kuhn. Alemanha, 14', Cor, Digital, 2012

Asunción, de Camila Luna Toledo. Chile, 20', Cor, Digital, 2013

Land of My Dreams (Terra dos Meus Sonhos), de Yann Gonzalez. Portugal/França, 20', Cor, Digital, 2012

16h – Sessão Animage II (Curtas Eróticos)

Hammam, de Florence Miailhe. França, 8', 1992

Laska, de Michel Socha. Polônia, 5', 2008

Crow's Nest, de Robert Milne. Reino Unido, 2', 2013

How to Make Love to a Woman, de Bill Plympton. EUA, 5', 1995

Teat Beat of Sex – Hair, de Signe Baumann. Rússia, 2', 2008

Deu no Jornal, de Yanko Del Pino. Brasil, 3', 2005

Im Rahmen, de Evgenia Gostreer. Alemanha, 5', 2013

La Vie Sexuelle des Dinosaures, de Delphine Hermans. Bélgica, 3', 2012

Teat Beat of Sex – Trouble, de Signe Baumann. Rússia, 2', 2008

Peach Juice, de Brian Lye. Canadá, 8', 2012

Rosette, de Romain Borrel, Gaël Falzowski, Benjamin Rabaste e Vincent Tonelli. França, 5', 2011

Tram, de Michaela Pavlatova. França, 7', 2012

18h – Competitiva Nacional I

Lição de Esqui, de Leonardo Mouramateus e Samuel Brasileiro. CE, 23', Cor, Digital, 2013

Pouco Mais de Um Mês, de André Novais. MG, 23', Cor, Digital, 2013

Tatuagem, de Hilton Lacerda. PE, 110', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.***DOMINGO (03/11)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h – Panorama Mexicano IV

El Alcade (O Prefeito), de Carlos Rossini, Emiliano Altuna e Diego Enrique Osorno. México, 81', Cor, Digital, 2012

14h30 – Mostra Hitchcock IV

Disque M Para Matar, de Alfred Hitchcock. EUA, 105', Cor, 3D, 1954

*Conversa com o professor e crítico de cinema André Setaro.*

16h55 – Competitiva Nacional IV

Sanã, de Marcos Pimentel. MG, 18', Cor, Digital, 2013

Tremor, de Ricardo Alves Jr. MG, 14', Cor, Digital, 2013

Exilados do Vulcão, de Paula Gaitán. RJ, 125', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.*

20h15 – Competitiva Nacional V

Colostro, de Cainan Baladez e Fernanda Chicolet. SP, 15', Cor, Digital, 2013

**DOMINGO (03/11)**

Todos Esses Dias Em Que Sou Estrangeiro, de Eduardo Morotó. RJ, 20', P&B, Digital, 2013

O Lobo Atrás da Porta, de Fernando Coimbra. SP, 100', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão*

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h– Panorama Alemão V

Tore Tanzt (Nothing Bad Can Happen), de Katrin Gebbe. Alemanha, 110', Cor, Digital, 2013

15h – Panorama Italiano II

Io e Te (Eu e Você), de Bernardo Bertolucci. Itália, 103', Cor, 2012

16h55 – Panorama Internacional IV

Leviathan (Leviatã), de Lucien Castaing-Taylor e Véréna Paravel. França/EUA/UK, 87', Cor, Digital, 2012

18h35 – Panorama Italiano I

Salvo, de Fabio Grassadonia e Antonio Piazza. Itália/França, 104', Cor, 2013

*Debate com os diretores após a sessão.*

21h – Panorama Alemão I

Zwei Leben (Two Lives), de Georg Mass. Alemanha/Noruega, 100', Cor, Digital, 2012

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

13h30 – Panorama Mexicano V

Jean Gentil, de Laura Amelia Guzmán e Israel Cárdenas. México/Alemanha /República Dominicana, 87', Cor, Digital, 2010

15h10 – Panorama Internacional II

I Used To Be Darker (Quando Eu Era Sombrio), de Matt Porerfield. EUA, 90', Cor, Digital, 2012

16h50 – Mostra Bruno Dumont IV

Hors Satan (Fora de Satã), de Bruno Dumont. França, 110', Cor, 35mm, 2011

18h50 – Panorama IndieLisboa III

Arena, de João Salaviza. Portugal, 15', Cor, Digital, 2009

Lacrau, de João Vladimiro. Portugal, 99', Cor, Digital, 2013

20h55 – Panorama Mexicano III

Los Mejores Temas (Os Melhores Temas), de Nicolás Pereda. México/ Canadá/Holanda, 103', Cor, Digital, 2012

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

15h – Panorama IndieLisboa II

Incêndio, de Karen Akerman e Miguel Seabra Lopes. Portugal, 23', Cor, Digital, 2011

Balaou, de Gonçalo Tocha. Portugal, 77', Cor, Digital, 2007

17h – Panorama Brasil III

Cidade de Deus- 10 Anos Depois, de Cavi Borges e Luciano Vidigal. RJ, 90', Cor, Digital,

**DOMINGO (03/11)**

2012

19h – Homenagem a Roberto Pires III

Redenção, de Roberto Pires. BA, 56', P&amp;B, 35mm, 1957

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

14h – Homenagem a Carlos Reinchenbach III

Filme Demência, de Carlos Reinchenbach. SP, 90', Cor, 35mm, 1986

*Conversa com os críticos de cinema João Carlos Sampaio (BA), Francis Vogner (SP) e Marcelo Miranda (BH) após a sessão.*

17h – Competitiva Nacional III

Não Estamos Sonhando, Luiz Pretti. CE, 12', Cor, Digital, 2012

Em Trânsito, de Marcelo Pedroso. PE, 20', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.*

18h30 – Competitiva Nacional II

Au Revoir, de Milena Times. PE, 20', Cor, Digital, 2013

Deixem Diana Em Paz, de Júlio Cavani. PE, 10', P&amp;B, Digital, 2013

O Homem das Multidões, de Cao Guimarães e Marcelo Gomes. MG/PE, 95', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.***SEGUNDA-FEIRA (04/11)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h – Panorama Internacional III

The Act of Killing (O Ato de Matar), de Joshua Oppenheimer. Dinamarca, 159', Cor, Digital, 2012

15h50 – Mostra Hitchcock II

Os Pássaros, de Alfred Hitchcock. EUA, 119', Cor, Digital, 1963

18h – Mostra Hitchcock V

Um Corpo Que Cai, de Alfred Hitchcock. EUA, 128', Cor, Digital, 1958

20h20 – Competitiva Nacional VI

A que Deve a Honra da Ilustre Visita Este Simples Marquês?, de Rafael Urban e Terence Keller. PR, 25', Cor, Digital, 2013

Memória da Memória, de Paula Gaitán. RJ, 25', Cor, Digital, 2013

Avanti Popolo, de Michael Wahrman. SP, 72', Cor, Digital, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.***ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h15 – Panorama Alemão VI

Meeres Stille (Mar Silencioso), de Juliane Fezer. Alemanha, 142', Cor, Digital, 2013

15h50 – Panorama Alemão VII

**SEGUNDA-FEIRA (04/11)**

Exit Marrakesh (Saída Marrakesh), de Caroline Link. Alemanha, 122', Cor, Digital, 2013

18h05 – Competitiva Baiana I

Testemunho, de Rafael Raedys. BA, 8', Cor, Digital, 2013

O Menino Invisível, de Murilo Deolino. BA, 9', Cor, Digital, 2013

Hereros Angola, de Sérgio Guerra. BA, 99', Cor, Digital, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

20h45 – Panorama Alemão VIII

Heute Bin Ich Blond (A Garota das Nove Perucas), de Marc Rothmund. Alemanha, 117', Cor, Digital, 2013

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

13h30 – Colóquio Carlos Reichenbach I

“Um Homem apaixonado pelo cinema”

Adolfo Gomes (Jornalista, cineclubista e membro da Abraccine, BA)

Bertrand Duarte (Ator e Protagonista de “Alma Corsária”, BA)

Luiz Zanin Oricchio (Crítico e Presidente da Abraccine, SP)

Mediador: João Carlos Sampaio (Crítico e membro da Abraccine, BA)

15h20 – Homenagem a Carlos Reichenbach IV

Dois Córregos – Verdades Submersas no Tempo, de Carlos Reichenbach. SP, 112', Cor, 35mm, 1999

17h25 – Competitiva Internacional de Curtas I

Los Animales (Os Animais), Paola Buontempo. Argentina, 9', Cor, Digital, 2012

Pandy (Pandas), de Matus Vizar. Eslováquia, 12', Cor, Digital, 2013

Gambozinos, de João Nicolau. Portugal/França, 20', Cor, Digital, 2013

Straight With You (Direto Com Você), de Daan Bol. Holanda, 19', Cor, Digital, 2012

Whale Valley (Vale das Baleias), de Gudmundur Arnar Gudmundsson. Dinamarca/Islândia, 15', Cor, Digital, 2013

18h50 – Homenagem a Roberto Pires II

Tocaia no Asfalto, de Roberto Pires. BA, 100', P&B, Digital, 1962

20h40 – Mostra Bruno Dumont II

La Vie de Jésus (A Vida de Jesus), de Bruno Dumont. França, 96', Cor, 35mm, 1997

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

15h – Panorama IndieLisboa IV

Quatro Horas Descalço, de Ico Costa. Portugal/França, 15', Cor, Digital, 2012

Ruínas, de Manuel Mozos. Portugal, 60', Cor, Digital, 2009

17h – Panorama Brasil VIII

O Exercício do Caos, de Frederico Machado. MA, 71', Cor, Digital, 2013

19h – Panorama Brasil II



**SEGUNDA-FEIRA (04/11)**

Em Busca de Um Lugar Comum, de Felipe Schultz. RJ, 80', Cor, Digital, 2012

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

13h – Competitiva Internacional de Curtas III

Tabatô, de João Viana. Portugal, 13', Cor, Digital, 2013

Exil (Exilado), de Vladilen Vierny. França, 16', Cor, Digital, 2013

The Verdict (O Veredito), de Duro Gavran. Croácia, 11', Cor, Digital, 2013

O Facínora, de Paulo Abreu. Portugal, 26', P&B, Digital, 2012

The Mass of Men (O Peso dos Homens), de Gabriel Gauchet. Reino Unido, 16', Cor, Digital, 2012

Boonrerm, de Sorayos Prapapan. Tailândia, 17', Cor, Digital, 2013

15h – Competitiva Nacional V

Colostro, de Cainan Baladez e Fernanda Chicolet. SP, 15', Cor, Digital, 2013

Todos Esses Dias Em Que Sou Estrangeiro, de Eduardo Morotó. RJ, 20', P&B, Digital, 2013

O Lobo Atrás da Porta, de Fernando Coimbra. SP, 100', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.*

18h – Competitiva Nacional VII

Jessy, de Paula Lice, Rodrigo Luna e Ronei Jorge. BA, 15', Cor, Digital, 2013

Verona, de Marcelo Caetano. SP, 34', Cor, Digital, 2013

Educação Sentimental, de Julio Bressane. RJ, 84', Cor, 35mm, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.*

21h – Sessão Cinema do Desbunde – Tomada Única

Amor e outras construções ou uma boca/que abarcasse/tanto cu, Gustavo Vinagre. 3', Cor, Digital, 2013

Delete Deleite, de Karen Black e Ana Izabel Aguiar. 3', Cor, Digital, 2013

Falos e Badalos, de Anita Rocha da Silveira. 3', Cor, Digital, 2013

Lagoa Remix, de Leonardo Mouramateus. 3', Cor, Digital, 2013

Mata Adentro, de Claudia Priscilla, Hilton Lacerda e Rodrigo Bueno. 3', Cor, Digital, 2013

O sangue de Jesus tem Dendê, de Daniel Lisboa. 3', Cor, Digital, 2013

Sem Título, de Nino Cais. 3', Cor, Digital, 2013

Y, de Dácio Pinheiro e Stefan Fähler. 3', Cor, Digital, 2013

**TERÇA-FEIRA (05/11)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

14h – Panorama Italiano III

Hotel Transeuropa, de Luigi Cinque. Itália/Brasil, 100', Cor, 2012

15h50 – Mostra Hitchcock III

Psicose, de Alfred Hitchcock. EUA, 109', P&B, Digital, 1960

17h50 – Mostra Hitchcock I

Janela Indiscreta, de Alfred Hitchcock. EUA, 112', Cor, Digital, 1954

**TERÇA-FEIRA (05/11)**

19h55 – Competitiva Nacional VII

Jessy, de Paula Lice, Rodrigo Luna e Ronei Jorge. BA, 15', Cor, Digital, 2013

Verona, de Marcelo Caetano. SP, 34', Cor, Digital, 2013

Educação Sentimental, de Julio Bressane. RJ, 84', Cor, 35mm, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.***ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h30 – Panorama Alemão VII

Exit Marrakesh (Saída Marrakesh), de Caroline Link. Alemanha, 122', Cor, Digital, 2013.

15h45 – Panorama Brasil IX

Eles Voltam, de Marcelo Lordello. PE, 100', Cor, Digital, 2012

*Conversa com o diretor após a sessão.*

18h05 – Competitiva Baiana II

Maria Vai Ca's Vaca, de Luara De. BA, 7', Cor, Digital, 2013

Veraneio, de Leon Sampaio. BA, 12', Cor, Digital, 2013

Rabeca, de Caetano Dias. BA, 71', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.*

20h15 – Panorama Alemão XI

Freier Fall (Queda Livre), de Stephan Lacant. Alemanha, 100', Cor, Digital, 2013

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

13h45 – Colóquio Carlos Reichenbach II

“Carlos Reinchebach a partir de seus filmes”

Fábio Andrade (Crítico, Roteirista, Montador e Editor de Som, RJ)

Francis Vogner (Crítico, Roteirista e membro da Abraccine, SP)

Marcelo Miranda (Jornalista, Crítico e membro da Abraccine, MG)

Mediador: João Carlos Sampaio (Crítico e membro da Abraccine, BA)

15h35 – Homenagem a Carlos Reichenbach III

Filme Demência, de Carlos Reinchenbach. SP, 90', Cor, 35mm, 1986

17h15 – Competitiva Internacional de Curtas II

More Than Two Hours (Mais de Duas Horas), de Ali Asgari. Irã, 15', Cor, Digital, 2013

Kein Porno (Pornô Não), de Jela Hasler. Suíça, 12', Cor, Digital, 2013

Sonntag 3 (Domingo 3), de Jochen Kuhn. Alemanha, 14', Cor, Digital, 2012

Asunción, de Camila Luna Toledo. Chile, 20', Cor, Digital, 2013

Land of My Dreams (Terra dos Meus Sonhos), de Yann Gonzalez. Portugal/França, 20', Cor, Digital, 2012

18h50 – Mostra Bruno Dumont IV

Hors Satan (Fora de Satã), de Bruno Dumont. França, 110', Cor, 35mm, 2011

20h50 – Panorama Mexicano IV

El Alcade (O Prefeito), de Carlos Rossini, Emiliano Altuna e Diego Enrique Osorno. México, 81', Cor, Digital, 2012

**TERÇA-FEIRA (05/11)****SALA WALTER DA SILVEIRA**

15h – Panorama Brasil IV

Os Dias com Ele, de Maria Clara Escobar. SP, 107', Cor, Digital, 2013

17h – Panorama Brasil VII

O Sol nos Meus Olhos, de Flora Dias e Juruna Mallon. SP, 65', Cor, Digital, 2013

19h – Competitiva Baiana I

Testemunho, de Rafael Ruedys. BA, 8', Cor, Digital, 2013

O Menino Invisível, de Murilo Deolino. BA, 9', Cor, Digital, 2013

Hereros Angola, de Sérgio Guerra. BA, 99', Cor, Digital, 2012

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS / UFRB**

14h – Competitiva Nacional VI

Avanti Popolo, de Michael Wahrman. SP, 72', Cor, Digital, 2012

16h – Competitiva Nacional VIII

Fernando que Ganhou um Pássaro do Mar, de Felipe Bragança e Helvécio Marins Jr. Portugal/Brasil, 20', Cor, Digital, 2013

Pinta, de Jorge Alencar. BA, 72', Cor, Digital, 2013

18h30 – Competitiva Nacional IV

Sanã, de Marcos Pimentel. MG, 18', Cor, Digital, 2013

Tremor, de Ricardo Alves Jr. MG, 14', Cor, Digital, 2013

Exilados do Vulcão, de Paula Gaitán. RJ, 125', Cor, Digital, 2013

**QUARTA-FEIRA (06/11)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h - Panorama IndieLisboa V

Mupepy Munatim, de Pedro Peralta. Portugal, 18', Cor, Digital, 2012

Linha Vermelha, de José Filipe Costa. Portugal, 80', Cor, Digital, 2011

14h50 – Sessão Animage I (Curtas Premiados)

The Kiosk, de Anete Melece. Suíça, 7', 2013

Sangre de Unicornio, de Alberto Vasquez. Espanha, 9', 2013

Fight, de Steven Subtonick. Estados Unidos, 4', 2012

Choir Tour, de Edmunds Jansons. Letônia, 5', 2012

Plug &amp; Play, de Michel Frei. Suíça, 6', 2013

Rabbitland, de Ana Nedeljkovic e Nikola Majdak Jr. Sérvia, 7', 2013

Faroeste, Um Autêntico Western, de Wesley Rodrigues. Brasil, 19', 2013

Autor du Lac, de Carlos Roosens. Bélgica, 6', 2013

Moya Mama Samolet, de Julia Aronova. Rússia, 7', 2012

Drifters, de Ethan Clarke. Estados Unidos, 8', 2012

*Conversa com Nara Normande, curadora do Animage, após a sessão.*

16h50 – Mostra Hitchcock IV

Disque M Para Matar, de Alfred Hitchcock. EUA, 105', Cor, 3D, 1954

**QUARTA-FEIRA (06/11)**

18h45 – Panorama Internacional IV

Leviathan (Leviatã), de Lucien Castaing-Taylor e Véréna Paravel. França/EUA/UK, 87', Cor, Digital, 2012

20h25 – Competitiva Nacional VIII

Contos da Maré, de Douglas Soares. RJ, 18', Cor, Digital, 2013

Fernando que Ganhou um Pássaro do Mar, de Felipe Bragança e Helvécio Marins Jr. Portugal/Brasil, 20', Cor, Digital, 2013

Pinta, de Jorge Alencar. BA, 72', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.***ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h – Panorama Alemão X

Vergiss Mein Nicht (Não me Esqueça), de David Sieveking. Alemanha, 88', Cor, Digital, 2012

14h40 – Homenagem a Roberto Pires III

Redenção, de Roberto Pires. BA, 56', P&amp;B, 35mm, 1957

15h50 – Panorama Alemão IX

Houston, de Bastian Günther. Alemanha/EUA, 107', Cor, Digital, 2013

*Conversa com o diretor após a sessão.*

18h20 – Competitiva Baiana III

Braseiro, de Thiago Gomes. BA, 23', Cor, Digital, 2013

28, de Luciana Rodrigues. BA, 24', Cor, Digital, 2013

Um Filme Para Michal, de Violeta Martinez. BA, 72', Cor, Digital, 2013

*Conversa com os diretores após a sessão.*

21h – Panorama Italiano III

Hotel Transeuropa, de Luigi Cinque. Itália/Brasil, 100', Cor, 2012

*Conversa com o diretor após a sessão.***ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

13h15 – Panorama Mexicano II

Los Ultimos Cristeros (Os Últimos Cristeros), de Matías Meyer. México/ Holanda, 90', Cor, Digital, 2012

14h55 – Mostra Bruno Dumont III

29 Palms (29 Palmos), de Bruno Dumont. França/Alemanha/EUA, 130', Cor, 35mm, 2003

17h15 – Competitiva Internacional de Curtas III

Tabatô, de João Viana. Portugal, 13', Cor, Digital, 2013

Exil (Exilado), de Vladilen Vierny. França, 16', Cor, Digital, 2013

The Verdict (O Veredito), de Duro Gavran. Croácia, 11', Cor, Digital, 2013

**QUARTA-FEIRA (06/11)**

O Facínora, de Paulo Abreu. Portugal, 26', P&B, Digital, 2012

The Mass of Men (O Peso dos Homens), de Gabriel Gauchet. Reino Unido, 16', Cor, Digital, 2012

Boonrerm, de Sorayos Prapapan. Tailândia, 17', Cor, Digital, 2013

19h05 – Panorama Brasil IX

Eles Voltam, de Marcelo Lordello. PE, 100', Cor, Digital, 2012

21h20 – Panorama Mexicano V

Jean Gentil, de Laura Amelia Guzmán e Israel Cárdenas. México/Alemanha /República Dominicana, 87', Cor, Digital, 2010

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

15h – Panorama Brasil VIII

O Exercício do Caos, de Frederico Machado. MA, 71', Cor, Digital, 2013

17h – Panorama Brasil V

Doce Amianto, de Guto Parente e Uirá dos Reis. CE, 70', Cor, Digital, 2013

19h – Competitiva Baiana II

Maria Vai Ca's Vaca, de Luara De. BA, 7', Cor, Digital, 2013

Veraneio, de Leon Sampaio. BA, 12', Cor, Digital, 2013

Rabeca, de Caetano Dias. BA, 71', Cor, Digital, 2013

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

16h – Panorama Brasil IX

Trabalhar Cansa, de Juliana Rojas e Marco Dutra. SP, 99', cor, Digital, 2011

*Conversa com a diretora Juliana Rojas após a sessão.*

**PRAÇA TEIXEIRA DE FREITAS – CENTRO CACHOEIRA**

19h30 – Encerramento do Panorama em Cachoeira

Sessão Cineclube Mário Gusmão na Quarta dos Tambores

*Exibição de documentário produzido pelo Cineclube sobre o ator negro cachoeirano Mário Gusmão e debate após a sessão.*

**QUINTA-FEIRA (07/11)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h – Competitiva Nacional III, VI e VIII

A que Deve a Honra da Ilustre Visita Este Simples Marquês?, de Rafael Urban e Terence Keller. PR, 25', Cor, Digital, 2013

Contos da Maré, de Douglas Soares. RJ, 18', Cor, Digital, 2013

Morro dos Prazeres, de Maria Augusta Ramos. RJ, 90', Cor, Digital, 2013

15h25 – Mostra Hitchcock V

Um Corpo Que Cai, de Alfred Hitchcock. EUA, 128', Cor, Digital, 1958

**QUINTA-FEIRA (07/11)**

17h45 – Sessão Cineclube Mário Gusmão

Anil, de Fernando Bérens. 8', 1990

Brabeza, de José Umberto Dias e Robinson Roberto Sales Barreto, 22', 1978

Silent Star, de Alexandre Guena. 13', 2009

Agosto, Wallace Nogueira, 13', 2011

Sensações Contrárias, de Amadeu Alban, Jorge Alencar e Matheus Rocha, 5', 2007

O Pátio, de Glauber Rocha, 13', 1959

*Debate com os diretores após a sessão.*

19h25 – Sessão Cinema do Desbunde – Tomada Única

Amor e outras construções ou uma boca/que abarcasse/tanto cu, Gustavo Vinagre. 3', Cor, Digital, 2013

Delete Deleite, de Karen Black e Ana Izabel Aguiar. 3', Cor, Digital, 2013

Falos e Badalos, de Anita Rocha da Silveira. 3', Cor, Digital, 2013

Lagoa Remix, de Leonardo Mouramateus. 3', Cor, Digital, 2013

Mata Adentro, de Claudia Priscilla, Hilton Lacerda e Rodrigo Bueno. 3', Cor, Digital, 2013

O sangue de Jesus tem Dendê, de Daniel Lisboa. 3', Cor, Digital, 2013

Sem Título, de Nino Cais. 3', Cor, Digital, 2013

Y, de Dácio Pinheiro e Stefan Fähler. 3', Cor, Digital, 2013

20h - Premiação

20h35 – Sessão de Encerramento

Claun (Cap. 3 – A Reunião das Máscaras), de Felipe Bragança. RJ, 26', Cor, Digital, 2013

Depois da Chuva, de Cláudio Marques e Marília Hughes. BA, 90', Cor, Digital, 2013

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

13h30 – Panorama Alemão VIII

Heute Bin Ich Blond (A Garota das Nove Perucas), de Marc Rothemund. Alemanha, 117', Cor, Digital, 2013

15h40 – Panorama Alemão VI

Meeres Stille (Mar Silencioso), de Juliane Fezer. Alemanha, 142', Cor, Digital, 2013

18h15 – Panorama Alemão IX

Houston, de Bastian Günther. Alemanha/EUA, 107', Cor, Digital, 2013

20h35 – Sessão de Encerramento

Claun (Cap. 3 – A Reunião das Máscaras), de Felipe Bragança. RJ, 26', Cor, Digital, 2013

Depois da Chuva, de Cláudio Marques e Marília Hughes. BA, 90', Cor, Digital, 2013

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 3**

13h – Homenagem a Carlos Reichenbach V

Garotas do ABC, de Carlos Reichenbach. SP, 125', Cor, 35mm, 2004

15h – Mostra Bruno Dumont I

**QUINTA-FEIRA (07/11)**

L'Humanité (A Humanidade), de Bruno Dumont. França, 148', Cor, 35mm, 1999

17h40 – Sessão Animage II (Curtas Eróticos)

Hammam, de Florence Miailhe. França, 8', 1992

Laska, de Michel Socha. Polônia, 5', 2008

Crow's Nest, de Robert Milne. Reino Unido, 2', 2013

How to Make Love to a Woman, de Bill Plympton. EUA, 5', 1995

Teat Beat of Sex – Hair, de Signe Baumane. Rússia, 2', 2008

Deu no Jornal, de Yanko Del Pino. Brasil, 3', 2005

Im Rahmen, de Evgenia Gostrer. Alemanha, 5', 2013

La Vie Sexuelle des Dinosaures, de Delphine Hermans. Bélgica, 3', 2012

Teat Beat of Sex – Trouble, de Signe Baumane. Rússia, 2', 2008

Peach Juice, de Brian Lye. Canadá, 8', 2012

Rosette, de Romain Borrel, Gaël Falzowski, Benjamin Rabaste e Vincent Tonelli. França, 5', 2011

Tram, de Michaela Pavlatova. França, 7', 2012

*Conversa com Nara Normande, curadora do Animage, após a sessão.*

19h25 – Panorama IndieLisboa IV

Quatro Horas Descalço, de Ico Costa. Portugal/França, 15', Cor, Digital, 2012

Ruínas, de Manuel Mozos. Portugal, 60', Cor, Digital, 2009

20h50 – Panorama IndieLisboa II

Incêndio, de Karen Akerman e Miguel Seabra Lopes. Portugal, 23', Cor, Digital, 2011

Balaou, de Gonçalo Tocha. Portugal, 77', Cor, Digital, 2007

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

15h – Panorama IndieLisboa V

Mupepy Munatim, de Pedro Peralta. Portugal, 18', Cor, Digital, 2012

Linha Vermelha, de José Filipe Costa. Portugal, 80', Cor, Digital, 2011

17h – Competitiva Baiana III

Braseiro, de Thiago Gomes. BA, 23', Cor, Digital, 2013

28, de Luciana Rodrigues. BA, 24', Cor, Digital, 2013

Um Filme Para Michal, de Violeta Martinez. BA, 72', Cor, Digital, 2013

19h – Panorama Brasil VII

O Sol nos Meus Olhos, de Flora Dias e Juruna Mallon. SP, 65', Cor, Digital, 2013

**LANÇAMENTO DE LIVRO**

Foyer do Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha

**05/11 (Terça-feira)**

17h - Lançamento do livro “Leis de Incentivo Para o Audiovisual”, de Marcelo Ikeda

**FOYER - LOUNGE**

Todos os dias DJs convidados no Foyer do Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha, a partir das 22h.

**OFICINA 1**

Direção, com Juliana Rojas

**OFICINA 2**

Fruição e Crítica Cinematográfica, com João Carlos Sampaio

**OFICINA 3**

Laboratório de Roteiro, com Aleksei Wrobel; Fabio Meira e Marcelo Lordello

**PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA – 8ª EDIÇÃO**

**Ano 08: 25 de outubro a 01 de novembro de 2012**

**ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA GLAUBER ROCHA**

**Endereço: Praça Castro Alves s/n – Centro**

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

**Endereço: Rua General Labatut, 27, Barris (Prédio da Biblioteca Pública Estadual)  
Salvador – Bahia**

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/ UFRB**

**Endereço: Rua Maestro Irineu Sacramento, S/N, Centro,  
Cachoeira - Bahia**

**QUINTA-FEIRA (25/10)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

20h - Sessão de Abertura

Pietà, de Kim-Ki-Duk. Coréia do Sul, 104', Cor, Digital, 2012

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

20h - Sessão de Abertura/ Panorama Brasil I

Jards, de Eryk Rocha. RJ, 90', Cor e P&B, Digital, 2012

Conversa com Eryk Rocha e Jards Macalé após a sessão

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/UFRB**

20h30 – Sessão de Abertura – Comp. Nacional de Curtas

Pra eu dormir tranquilo, de Juliana Rojas. SP, 15', Cor, 35mm, 2011

Dizem que os cães vêem coisas, de Guto Parente. CE, 12'20", Cor, Digital, 2012

A Mão Que Afaga, de Gabriela Amaral. SP, 19', Cor, Digital, 2012

Menino do Cinco, de Marcelo Matos e Wallace Nogueira. BA, 20', Cor, Digital, 2012

Conversa com Gabriela Amaral, Marcelo Matos, Wallace Nogueira e Victor de Melo após a sessão.

**SEXTA-FEIRA (26/10)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

14h – Homenagem à Pornochanchada I

Karina, objeto de prazer, de Jean Garret. SP, 84', DVD, Cor, 1982

Classificação: 18 anos



**SEXTA-FEIRA (26/10)**

15h40 - Panorama Internacional I

Crazy Horse, de Frederick Wiseman. França/ EUA, 130', Cor, 2011

18h10 – Panorama Internacional II

A Caverna dos Sonhos Perdidos (Cave of Forgotten Dreams), de Werner Herzog. EUA, 90', Cor, 3D, 2010

20h - Competitiva Nacional I

Porcos Raivosos, de Isabel Penoni e Leonardo Sette. PE, 10', Cor, Digital, 2012

A Anti-Performance, de Daniel Lisboa. BA, 11', Cor, Digital, 2012

Esse Amor Que Nos Consome, de Allan Ribeiro. RJ, 80', Cor, Digital, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

18h30 – Panorama Brasil II

Histórias Que Só Existem Quando Lembradas, de Julia Murat.

Brasil / Argentina / França, 98', Cor, 35mm, Cinemascope, 2011

20h30 – Homenagem à Pornochanchada II

Volúpia de Mulher, de John Doo. SP, 85', Cor, 35mm, 1984

Classificação: 18 anos

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/UFRB**

18h30 – Competitiva Baiana I

Rua dos Bobos, de Ohana Almeida, 7', P&B, Digital, 2012

O Velho e os Três Meninos, de Henrique Filho, 18', Cor, Digital, 2012

A Descoberta, de Ernesto Molinero, 15'08", P&B, 35mm, 2012

Menino do Cinco, de Marcelo Matos e Wallace Nogueira. BA, 20', Cor, Digital, 2012

O Cadeado, de Leon Sampaio, 12', Cor, Digital, 2012

Premonição, de Pedro Abib, 13', Cor, Digital, 2012

Arremate, de Rodrigo Luna, 8', Cor, Digital, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

20h30 – Panorama Brasil II

Histórias que só existem quando lembradas, de Julia Murat. Brasil / Argentina / França, 98', Cor, 35mm, Cinemascope, 2011

**SÁBADO (27/10)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h30 – Homenagem à Pornochanchada III

O Império do Desejo, de Carlos Reichenbach. SP, 95', Cor, 35mm, 1980

Classificação: 18 anos

15h30– Panorama Internacional III

Violência e Paixão, de Luchino Visconti. Itália, 120', 35mm, 1974

17h45 – Competitiva Nacional II

**SÁBADO (27/10)**

A Mão Que Afaga, de Gabriela Amaral. SP, 19', Cor, Digital, 2012

O Duplo, de Juliana Rojas. SP, 25', Cor, 35mm, 2012

As Hiper Mulheres, de Carlos Fausto, Leonardo Sette, Takumã Kuikuro. PE, 80', Cor, Digital, 2011

*Conversa com os diretores após a sessão.*

20h35 – Competitiva Nacional III

Dizem que os cães vêem coisas, de Guto Parente. CE, 12'20", Cor, Digital, 2012

Menino do Cinco, de Marcelo Matos e Wallace Nogueira. BA, 20', Cor, Digital, 2012

O som ao redor, de Kleber Mendonça Filho. PE, 131', Cor, 35mm, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

18h30 – Panorama Brasil III

A Febre do Rato, de Cláudio Assis. PE, 90', P&B, 35mm, 2011

*Conversa com o diretor após a sessão.*

20h30 – Homenagem à Pornochanchada IV

Fuk, Fuk à Brasileira, de Jean Garrett. SP, 80', Cor, 35mm, 1986

Classificação: 18 anos

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/UFRB**

18h30 – Competitiva Baiana II

Entre Passos, de Elen Linth, 10', Cor, Digital, 2012

Desvelo, de Clarissa Rebouças, 15'10", Cor, Digital, 2012

Joelma, de Edson Bastos, 20', Cor, Digital, 2012

Isso não é o Fim, de João Gabriel, 15'30", Cor, Digital, 2012

Es4escape, de Alexandre Guena, 20', Cor, Digital, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

20h20 – Competitiva Nacional I

Porcos Raivosos, de Isabel Penoni e Leonardo Sette. PE, 10', Cor, Digital, 2012

Esse Amor Que Nos Consome, de Allan Ribeiro. RJ, 80', Cor, Digital, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

**DOMINGO (28/10)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

14h – Panorama Brasil I

Jards, de Eryk Rocha. RJ, 90', Cor e P&B, Digital, 2012

15h45 – Panorama Internacional II

A Caverna dos Sonhos Perdidos (Cave of Forgotten Dreams), de Werner Herzog. EUA, 90', Cor, 3D, 2010

17h30 – Competitiva Nacional IV

Pra eu dormir tranquilo, de Juliana Rojas. SP, 15', Cor, 35mm, 2011

Luna e Cinara, de Clara Linhart. RJ, 13', Cor, Digital, 2012

Doméstica, de Gabriel Mascaro. PE, 76', Cor, Digital, 2012

**DOMINGO (28/10)**

*Conversa com os diretores após a sessão.*

20h – Panorama Internacional IV

Os Barcos, de Caetano Gotardo e Thais de Almeida Prado. SP, 23' Cor, Digital, 2012

Tabu, de Miguel Gomes. Portugal, 118', P&B, Digital, 2012

*Após a sessão, conversa com Caetano Gotardo, diretor de Os Barcos, e com Fabiano Gullane e Ivo Muller, produtor e ator de Tabu, respectivamente.*

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

17h30– Panorama Internacional III

Violência e Paixão, de Luchino Visconti. Itália, 120', 35mm, 1974

19h45 – Competitiva Nacional V

Os Mortos-Vivos, de Anita da Silveira. RJ, 20', Cor, 35mm, 2012

Na Sua Companhia, de Marcelo Caetano. SP, 21', Cor, 35mm, 2011

Boa Sorte, Meu Amor, de Daniel Aragão. PE, 95', PB, 35mm, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/UFRB**

18h10 - Homenagem à Pornochanchada I

Karina, objeto de prazer, de Jean Garret. SP, 84', DVD, Cor, 1982

Classificação: 18 anos

20h20 – Panorama Brasil III

A Febre do Rato, de Cláudio Assis. PE, 90', P&B, 35mm, 2011

**SEGUNDA-FEIRA (29/10)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h30 – Competitiva Nacional IV

Luna e Cinara, de Clara Linhart. RJ, 13', Cor, Digital, 2012

Doméstica, de Gabriel Mascaro. PE, 76', Cor, Digital, 2012

15h15– Competitiva Nacional III

O som ao redor, de Kleber Mendonça Filho. PE, 131', Cor, 35mm, 2012

18h15 – Competitiva Baiana I

Rua dos Bobos, de Ohana Almeida, 7', P&B, Digital, 2012

O Velho e os Três Meninos, de Henrique Filho, 18', Cor, Digital, 2012

A Descoberta, de Ernesto Molinero, 15'08", P&B, 35mm, 2012

O Cadeado, de Leon Sampaio, 12', Cor, Digital, 2012

Premonição, de Pedro Abib, 13', Cor, Digital, 2012

Amém, de Marcus Curvelus, 5', Cor, Digital, 2012

Arremate, de Rodrigo Luna, 8', Cor, Digital, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

20h20 – Competitiva Nacional VI

Laje do Céu, de Leonardo França. BA, 15', Cor, Digital, 2012

A Onda Traz, O Vento Leva, de Gabriel Mascaro. PE, 25', Cor, Digital, 2012

**DOMINGO (28/10)**

Otto, de Cao Guimarães. MG, 70', Cor e P&B, Digital, 2012  
 Conversa com os diretores após a sessão

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

18h – Homenagem à Pornochanchada V

Ninfas Diabólicas, de John Doo. SP, 85', Cor, 35mm, 1978

Classificação: 18 anos

19h40 – Homenagem à Pornochanchada VI

Senta no meu que eu entro na tua, de Ody Fraga. SP, 90', Cor, 35mm, 1985

Classificação: 18 anos

Na Sua Companhia, de Marcelo Caetano. SP, 21', Cor, 35mm, 2011

Boa Sorte, Meu Amor, de Daniel Aragão. PE, 95', PB, 35mm, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/UFRB**

17h30 – Competitiva Nacional V

Os Mortos-Vivos, de Anita da Silveira. RJ, 20', Cor, 35mm, 2012

Na Sua Companhia, de Marcelo Caetano. SP, 21', Cor, 35mm, 2011

Boa Sorte, Meu Amor, de Daniel Aragão. PE, 95', P&B, 35mm, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

20h30 – Competitiva Nacional VII

Odete, de Ivo Lopes Araújo, Luiz Pretti, Clarissa Campolina. CE, 16', Cor, Digital, 2012

O Que Se Move, de Caetano Gotardo, SP, 97', Cor, 35mm, 2012

*Conversa com Caetano Gotardo após a sessão.*

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

14h – Panorama Brasil IV

Orwo Foma, de Karen Black e Lia Letícia. RJ, 4', PB, 16mm, 2012

Meu amigo mineiro, de Victor Furtado e Gabriel Martins. CE/ MG, 23', Cor, Digital, 2012.

Ardor Irresistível, de Ava Rocha. RJ, 72', Cor, Digital, 2012

16h – Panorama Brasil V

Piove, Il Film di Pio, de Thiago Brandimarte Mendonça. SP, 15', Cor, Digital, 2012

A Vida Noturna das Igrejas de Olinda, de Mariana Lacerda. PE, 19', Cor, Digital, 2012

Água de Meninos, de Fabíola Aquino. BA, 52', Cor, Digital, 2012

17h40 – Panorama Brasil VI

Epifânio, de Glaucia Barbosa. CE, 23', Cor, Digital, 2012

Versão Francesa, de Maya Da-Rin. RJ, 19', Cor, Digital, 2012

As Horas Vulgares, de Rodrigo de Oliveira e Vitor Graize. ES, 123', P&B, Digital, 2011

**TERÇA-FEIRA (30/10)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

13h30 – Competitiva Nacional VI

Laje do Céu, de Leonardo França. BA, 15', Cor, Digital, 2012

A Onda Traz, O Vento Leva, de Gabriel Mascaro. PE, 25', Cor, Digital, 2012

**TERÇA-FEIRA (30/10)**

Otto, de Cao Guimarães. MG, 70', Cor e P&B, Digital, 2012

15h35 – Panorama Internacional II

Crazy Horse, de Frederick Wiseman, França/ EUA, 130', Cor, 2011

18h – Panorama Internacional V

Da Maré, de Annie Eastman. EUA, 74', Cor, Digital, 2012

*Conversa com a diretora após a sessão.*

20h – Panorama Internacional IV

Os Barcos, de Caetano Gotardo e Thais de Almeida Prado, SP, 23', Cor, Digital, 2012

Tabu, de Miguel Gomes. Portugal, 118', P&B, Digital, 2012

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

18h30 – Homenagem à Pornochanchada II

Volúpia de Mulher, de John Doo. SP, 85', Cor, 35mm, 1984

Classificação: 18 anos

20h10 – Competitiva Nacional VII

Ausência, de Jardel Tambani. SP, 8', Cor, Digital, 2012

Odete, de Ivo Lopes Araújo, Luiz Pretti, Clarissa Campolina. CE, 16', Cor, Digital, 2012

O Que Se Move, de Caetano Gotardo. SP, 97', Cor, 35mm, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

**CAHL - CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS/UFRB**

18h – Animage – Festival Internacional de Animação de Pernambuco

OH WILLY...

Emma De Swaef e Marc James Roels, Bélgica, 16', 2012

Prêmio de melhor direção e fotografia.

VILLA ANTROPOFF

Kaspar Jancis e Vladimir Leschiov, Estônia, 13'04", 2012

Prêmio de melhor roteiro.

LINEAR

Amir Admoni, Brasil, 6', 2012

Prêmio de melhor curta brasileiro.

THE BANKER

Phil Mulloy, Reino Unido, 3', 2012

NAK-TA-DEUL

Park Jee-youn, Coréia do Sul, 10'30", 2011

UNA FURTIVA LAGRIMA

Carlo Vogele, França, 3'08", 2012

LE GRAND AILLEURS ET LE PETIT ICI

Michèle Lemieux, Canadá, 14'25", 2012

Prêmio de melhor curta.

*Conversa com Nara Normande, curadora do Animage, após a sessão.*

20h – Competitiva Nacional de Curtas

Dia Estrelado, de Nara Normande. PE, 17', Cor, 35mm, 2012

Dona Sônia pediu uma arma para seu vizinho Alcides, de Gabriel Martins. MG, 18', Cor,

**TERÇA-FEIRA (30/10)**

Digital, 2012

O Duplo, de Juliana Rojas. SP, 25', Cor, 35mm, 2012

*Conversa com os diretores após a sessão.*

21h45 – Sessão de Encerramento

Viagem à Lua (Voyage dans La lune), de George Méliès, França, 12', 1902

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

14h - Panorama Brasil VII

Barbeiros, de Luiz Ferraz e Guilherme Aguilar. SP, 16', Cor, Digital, 2012

Pátria, de Fábio Meira. SP, 26', Cor, Digital, 2012

HU, de Pedro Urano e Joana Traub Cseko. RJ, 78', Cor, Digital, 2012

16h15 - Panorama Brasil VIII

Adorável Criatura, de Dellani Lima. MG, 9', Digital, 2012

Serra do Mar, de Iris Junges. SP, 15', Cor, Digital, 2012

Corpo Presente, de Marcelo Toledo e Paolo Gregori. SP, 75', Cor, Digital, 2012

18h10 Panorama Brasil IX

Di Melo – O Imorrível, de Alan Oliveira e Rubens Pássaro. PE, 24', Cor, Digital, 2012

Licuri Surf, de Guile Martins. SP, 15', Cor, Digital, 2012

Estradeiros, de Sergio Oliveira e Renata Pinheiro. PE, 79', Cor, Digital, 2012

**QUARTA-FEIRA (31/10)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

14h – Competitiva Nacional II

As Hiper Mulheres, de Carlos Fausto, Leonardo Sette, Takumã Kuikuro. PE, 80', Cor, Digital, 2011

15h35 – Homenagem à Pornochanchada V

Ninfas Diabólicas, de John Doo. SP, 85', Cor, 35mm, 1978'

Classificação: 18 anos

17h15 – Homenagem à Pornochanchada III

O Império do Desejo, de Carlos Reichenbach. SP, 95', Cor, 35mm, 1980

Classificação: 18 anos

19h30 – Competitiva Nacional VIII

Dia Estrelado, de Nara Normande. PE, 17', Cor, 35mm, 2012

Dona Sônia pediu uma arma para seu vizinho Alcides, de Gabriel Martins. MG, 18', Cor, Digital, 2012

A cidade é uma só?, de Adirley Queirós, DF, 80', Cor, Digital, 2011

*Conversa com os diretores após a sessão.*

**ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

18h30– Competitiva Baiana II

Entre Passos, de Elen Linth, 10', Cor, Digital, 2012

Desvelo, de Clarissa Rebouças, 15'10, Cor, Digital, 2012

**QUARTA-FEIRA (31/10)**

Joelma, de Edson Bastos , 20', Cor, Digital, 2012  
 Isso não é o Fim, de João Gabriel, 15'30", Cor, Digital, 2012  
 Es4escape, de Alexandre Guena, 20', Cor, Digital, 2012  
*Conversa com os diretores após a sessão.*

20h40 – Panorama Brasil X  
 Ritos de Passagem, de Chico Liberato. BA, 90', Digital, 2011  
*Conversa com o diretor após a sessão.*

**SALA WALTER DA SILVEIRA****14h - Panorama Brasil VI**

Epifânio, de Gláucia Barbosa. CE, 23', Cor, Digital, 2012  
 Versão Francesa, de Maya Da-Rin. RJ, 19', Cor, Digital, 2012  
 As Horas Vulgares, de Rodrigo de Oliveira e Vitor Graize. ES, 123', PB, Digital, 2011

**17h – Panorama Brasil V**

Piove, Il Film Di Pio, de Thiago Brandimarte Mendonça. SP, 15', Cor, Digital, 2012  
 A Vida Noturna das Igrejas de Olinda, de Mariana Lacerda. PE, 19', Cor, Digital, 2012  
 Água de Meninos, de Fabíola Aquino. BA, 52', Cor, Digital, 2012

**18h40 – Panorama Brasil IV**

Orwo Foma, Karen Black e Lia Letícia. RJ, 4', PB, Digital, 2012  
 Meu amigo mineiro, de Victor Furtado e Gabriel Martins. CE, 23', Cor, Digital, 2012  
 Ardor Irresistível, de Ava Rocha. RJ, 72', Cor, Digital, 2012

**QUINTA-FEIRA (01/11)****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1**

14h30 - Competitiva Nacional I/ VIII  
 A Anti-Performance, de Daniel Lisboa. BA, 11', Cor, Digital, 2012  
 A Cidade é uma só?, de Adirley Queirós. DF, 80', Cor, Digital, 2012

16h20 – Panorama Internacional V  
 Da Maré, de Annie Eastman. EUA, 74', Cor, Digital, 2012  
*Conversa com a diretora após a sessão.*

18h20 – Animage – Festival Internacional de Animação de Pernambuco  
 OH WILLY...

Emma De Swaef e Marc James Roels, Bélgica, 16', 2012  
 Prêmio de melhor direção e fotografia.

**VILLA ANTROPOFF**

Kaspar Jancis e Vladimir Leschiov, Estônia, 13'04", 2012  
 Prêmio de melhor roteiro.

**LINEAR**

Amir Admoni, Brasil, 6', 2012  
 Prêmio de melhor curta brasileiro.

**THE BANKER**

Phil Mulloy, Reino Unido, 3', 2012

**NAK-TA-DEUL**

Park Jee-youn, Coréia do Sul, 10'30", 2011

**QUARTA-FEIRA (31/10)**

UNA FURTIVA LAGRIMA

Carlo Vogele, França, 3'08", 2012

LE GRAND AILLEURS ET LE PETIT ICI

Michèle Lemieux, Canadá, 14'25", 2012

Prêmio de melhor curta.

*Conversa com Nara Normande, curadora do Animage, após a sessão.*

20h30 – Sessão de Encerramento

Viagem à Lua (Voyage dans La lune), de George Méliès, França, 12', 1902.

*Com acompanhamento musical da banda BaianaSystem.***21h - PREMIAÇÃO****ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 2**

18h – Homenagem à Pornochanchada VI

Senta no meu que eu entro na tua, de Ody Fraga. SP, 90', Cor, 35mm, 1985

Classificação: 18 anos

19h45 – Homenagem à Pornochanchada IV

Fuk, Fuk à Brasileira, de Jean Garrett. SP, 80', Cor, 35mm, 1986

Classificação: 18 anos

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

14h - Panorama Brasil IX

Di Melo – O Imorrível, de Alan Oliveira e Rubens Pássaro. PE, 24', Cor, Digital, 2012

Licuri Surf, de Guile Martins. SP, 15', Cor, Digital, 2012

Estradeiros, de Sergio Oliveira e Renata Pinheiro. PE, 79', Cor, Digital, 2012

16h15 - Panorama Brasil VIII

Adorável Criatura, de Dellani Lima. MG, 9', Digital, 2012

Serra do Mar, de Iris Junges. SP, 15', Cor, Digital, 2012

Corpo Presente, de Marcelo Toledo e Paolo Gregori. SP, 75', Cor, Digital, 2012

18h10 - Panorama Brasil VII

Barbeiros, de Luiz Ferraz e Guilherme Aguilar. SP, 16', Cor, Digital, 2012

Pátria, de Fábio Meira. SP, 26', Cor, Digital, 2012

HU, de Pedro Urano e Joana Traub Cseko. RJ, 78', Cor, Digital, 2012

**DEBATES****FESTAS e PONTOS DE ENCONTRO**

ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA – GLAUBER ROCHA SALA 1

Dia 25/10

Show "ArRede – TEMPO SEM NOME", Nancy Viégas com Radiola, no foyer do Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha, a partir das 22h30.

Dia 26/ 10

Grupo Botequim no Santo Antonio Além do Carmo, a partir das 21h.



**FESTAS e PONTOS DE ENCONTRO**

Dia 01/11

BaianaSystem, no foyer do Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha, a partir das 22h.

**OFICINA**

Pornoanchada, com Adolfo Gomes

**PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA – 7ª EDIÇÃO****Ano 07: 18 a 25 de agosto de 2011****ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA GLAUBER ROCHA****Endereço: Praça Castro Alves s/n – Centro****SALA WALTER DA SILVEIRA****Endereço: Rua General Labatut, 27, Barris (Prédio da Biblioteca Pública Estadual)  
Salvador - Bahia****QUINTA-FEIRA (18/08)****ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 1**

20h - Sessão de Abertura

Morrer como um homem, de João Pedro Rodrigues. Portugal, 133', cor, 35mm, 2009.  
Conversa com o diretor após a sessão.**SEXTA-FEIRA (19/08)****ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

19h – Panorama Internacional

A Vida Útil (La Vida Útil), de Federico Veiroj. Uruguai, 63', p&amp;b, digital, 2010.

20h20 – Competitiva Nacional I

Ela morava na frente do cinema, de Leonardo Lacca. PE, 30', cor, 35mm, 2011.

Uma Primavera, de Gabriela Amaral. SP, 15', cor, 35mm, 2011.

Trabalhar Cansa, de Juliana Rojas e Marco Dutra. SP, 99', cor, 35mm, 2011. Exibição fora de competição.

Conversa com os diretores após a sessão.

**ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

13h40 – Première Brasil

Os Monstros, de Guto Parente, Luiz Pretti, Pedro Diógenes, Ricardo Pretti. CE, 82', cor, digital, 2011.

15h20 - Panorama Internacional

Caminho Para o Nada (Road To Nowhere), de Monte Hellman. EUA, 121', cor, digital, 2010.

17h40 – Homenagem à Geraldo Sarno

Coronel Delmiro Gouveia, de Geraldo Sarno. RJ, 90', cor, digital, 1979.  
Conversa com o diretor após a sessão.

19h50 - Mostra João Pedro Rodrigues  
O Fantasma, de João Pedro Rodrigues. Portugal, 90', cor, 35mm, 2000.  
Conversa com o diretor após a sessão.

### **SALA WALTER DA SILVEIRA**

14h - Panorama Brasil  
Estado de Sítio, de André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Flávio C. Von Sperling, João Toledo, Leonardo Amaral, Leo Pyrata, Maurílio Martins, Samuel Marotta. MG, 91', cor, digital, 2011.  
16h - Panorama Brasil  
Mulher à Tarde, de Affonso Uchoa. MG, 82', cor, digital, 2010.

### **SÁBADO (20/08)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

18h – Competitiva Nacional II  
Mens Sana In Corpore Sano, de Juliano Dornelles. PE, 21', cor, 35mm, 2011.  
Permanências, de Ricardo Alves Júnior. MG, 34', cor, digital, 2011.  
O Céu Sobre Os Ombros, de Sérgio Borges. MG, 71', cor, 35mm, 2010.  
Conversa com os diretores após a sessão.

21h – Competitiva Nacional III  
Canoa Quebrada, de Guile Martins. SP, 13', cor, digital, 2010.  
Oma, de Michael Wahrmann. SP, 22', p&b, digital, 2010.  
Laura, de Felliipe Gamarano. SP, 52', cor, digital, 2010.  
Conversa com os diretores após a sessão.

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

13h – Competitiva Nacional I  
Ela morava na frente do cinema, de Leonardo Lacca. PE, 30', cor, 35mm, 2011.  
Uma Primavera, de Gabriela Amaral. SP, 15', cor, 35mm, 2011.  
Trabalhar Cansa, de Juliana Rojas e Marco Dutra. SP, 99', cor, 35mm, 2011. Exibição fora de competição.

15h40 – Mostra João Pedro Rodrigues  
Morrer como um homem, de João Pedro Rodrigues. Portugal, 133', cor, 35mm, 2009.  
18h10 – Sessão Cineclube  
O Sopro no Coração (Le Souffle au Coeur), de Louis Malle. França, Alemanha e Itália, 118', cor, digital, 1971.

20h20 – Première Brasil  
Os Monstros, de Guto parente, Luiz Pretti, Pedro Diógenes, Ricardo Pretti. CE, 82', cor, digital, 2011.  
Conversa com Luiz Pretti após a sessão.

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

14h – Panorama Brasil

Carnavale, de Carla Laudari. BA, 56', cor, digital, 2011.

16h – Competitiva Baiana I

Lemon Lips, de Marccela Vegah. BA, 10', cor, digital, 2010.

Dalva, de Filipe Wenceslau. BA, 15', cor, digital, 2010.

Chapeuzinho, de Rafael Jardim. BA, 8', cor, digital, 2011.

A morte de D.J em Paris, de Igor Penna. BA, 20', cor, digital, 2011.

Olho de Boi, de Diego Lisboa. BA, 18', cor, digital, 2011.

18h – Panorama Brasil

Morada, de Joana Oliveira. MG, 78', cor, digital, 2010.

**DOMINGO (21/08)****ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

18h – Competitiva Nacional IV

Cellphone, de Daniel Lisboa. BA, 15', cor, digital, 2011.

Adormecidos, de Clarissa Campolina. MG, 6', cor, digital, 2011.

Avenida Brasília Formosa, de Gabriel Mascaro. PE, 84', cor, digital, 2010.

Conversa com os diretores após a sessão.

20h30 – Competitiva Nacional V

O Menino Que Colhia Cascas, de Joacélio Batista. MG, 13', cor, digital, 2010.

A Amiga Americana, de Ivo Lopes e Ricardo Pretti. CE, 19', cor, digital, 2009.

A Alegria, de Felipe Bragança e Marina Meliande. RJ, 100', cor, 35mm, 2010.

Conversa com os diretores após a sessão.

**ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

14h – Competitiva Nacional II

Mens Sana in Corpore Sano, de Juliano Dornelles. PE, 21', cor, 35mm, 2011.

Permanências, de Ricardo Alves Júnior. MG, 34', cor, digital, 2011.

O Céu Sobre Os Ombros, de Sérgio Borges. MG, 71', cor, 35mm, 2010.

16h20 – Panorama Internacional

Verão de Golias (Verano de Goliah), de Nicolás Pereda. México, Canadá, Holanda, 76', cor, digital, 2010.

17h50 – Homenagem à Geraldo Sarno

Viramundo, de Geraldo Sarno. SP, 40', p&b, digital, 1964/65.

O Último Romance de Balzac, de Geraldo Sarno. RJ, 74', cor, digital, 2010.

Conversa com o diretor após a sessão.

20h30 – Sessão 5 Anos DocDoma Filmes

Na Terra do Sol, de Lula Oliveira. BA, 12', cor, 35mm, 2006.

Vermelho Rubro do Céu da Boca, de Sofia Federico. BA, 15', cor, 35mm, 2007.

Paralelos, de Alexandre Basso. BA, 15', cor, 35mm, 2008.

Cães, de Adler Paz e Moacyr Gramacho. BA, 15', cor, 35mm, 2008.  
 Premonição, de Pedro Abib. BA, 12', cor, 35mm, 2011.  
 Conversa com os diretores após a sessão.

### **SALA WALTER DA SILVEIRA**

14h - Panorama Brasil

Leite e Ferro, de Cláudia Priscilla. SP, 72', cor, digital, 2010.

16h – Competitiva Baiana II

Tragédia do Tamanduá, de George Neri. BA, 15', cor, digital, 2010.

Pérola do Semiárido, Igor Souto. BA, 26', cor, digital, 2011.

Os Martinez, Violeta Martines. BA, 11', cor, digital, 2010.

Corte Seco, Matheus Vianna. BA, 14', cor, digital, 2011.

Curandeiros do Jarê, Marcelo Abreu Góis. BA, 26', cor, digital, 2010.

17h10 – Mostra Coisa Linda de Cinema – Sessão Marcha

O Amor do Palhaço, de Armando Praça. CE, 15', cor, 35mm, 2005.

Sexo e Claustro, de Cláudia Priscilla. SP, 13', cor, digital, 2005.

Os Sapatos de Aristeu, de René Guerra. SP, 17', cor, 35mm, 2008.

Eu Não Quero Voltar Sozinho, de Daniel Ribeiro. SP, 17', cor, 35mm, 2010.

### **SEGUNDA-FEIRA (22/08)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

18h – Mostra João Pedro Rodrigues

Odete, de João Pedro Rodrigues. Portugal, 101', cor, 35mm, 2005.

Conversa com o diretor após a sessão.

20h30 – Competitiva Nacional VI

Número Zero, de Claudia Nunes. GO, 22', p&b, digital, 2010.

Raz, de André Lavaquial. RJ, 19', cor, 35mm, 2010.

Trampolim Do Forte, de João Rodrigo Mattos. BA, 90', cor, digital, 2010.

Conversa com os diretores após a sessão.

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

14h – Competitiva Nacional V

O Menino Que Colhia Cascas, de Joacélio Batista. MG, 13', cor, digital, 2010.

A Amiga Americana, de Ivo Lopes e Ricardo Pretti. CE, 19', cor, digital, 2009.

A Alegria, de Felipe Bragança e Marina Meliande. RJ, 100', cor, 35mm, 2010.

16h40 – Competitiva Nacional III

Canoa Quebrada, de Guile Martins. SP, 13', cor, digital, 2010.

Oma, de Michael Wahrman. SP, 22', p&b, digital, 2010.

Laura, de Fellipec Gamarano. SP, 52', cor, digital, 2010.

18h20 – Competitiva Baiana I

Lemon Lips, de Marccela Vegah. BA, 10', cor, digital, 2010.

Dalva, de Filipe Wenceslau. BA, 15', cor, digital, 2010.

Chapeuzinho, de Rafael Jardim. BA, 8', cor, digital, 2011.  
 A morte de D.J em Paris, de Igor Penna. BA, 20', cor, digital, 2011.  
 Olho de Boi, de Diego Lisboa. BA, 18', cor, digital, 2011.  
 Conversa com os diretores após a sessão.

20h10 – Panorama Internacional

A Vida Útil (La Vida Útil), de Federico Veiroj. Uruguai, 63', p&b, digital, 2010.

21h30 – Mostra Coisa Linda de Cinema – Sessão Marcha

O Amor do Palhaço, de Armando Praça, CE, 15', cor, 35mm, 2005.

Sexo e Claustro, de Cláudia Priscila. SP, 13', cor, digital, 2005.

Os Sapatos de Aristeu, de René Guerra. SP, 17', cor, 35mm, 2008.

Eu Não Quero Voltar Sozinho, de Daniel Ribeiro. SP, 17', cor, 35mm, 2010.

### **SALA WALTER DA SILVEIRA**

14h – Panorama Brasil

Futebol de Várzea, de Marc Dourdin. SP, 82', cor, digital, 2011.

16h – Mostra Coisa Linda de Cinema – Sessão Brilho

Homem Ave, de Rafael Saar. RJ, 7', p&b, digital, 2010.

Doce e Salgado, de Chico Lacerda. PE, 7', cor, digital, 2007.

Lua Verde, de Simon Paetau. SP, 20', cor, digital, 2011.

Rasga Minha Roupa, de Luffe Steffen. SP, 8', p&b, digital, 2002.

A Mona do Lotação, de Daniel Ribeiro e Eduardo Mattos. SP, 6', cor, digital, 2006.

Tá, de Felipe Sholl, RJ, 5', cor, digital, 2007.

### **TERÇA-FEIRA (23/08)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

18h – Mostra João Pedro Rodrigues

O Fantasma, de João Pedro Rodrigues. Portugal, 90', cor, 35mm, 2000.

Conversa com o diretor após a sessão.

20h15 – Competitiva Nacional VII

Lindeiras, de Bruno Saphira. BA, 21', cor, 35mm, 2011.

Náufragos, de Gabriela Amaral Almeida e Matheus Rocha. SP, 15', cor, 35mm, 2010.

Transeunte, de Eryk Rocha. RJ, 125', p&b, 35mm, 2011.

Conversa com os diretores após a sessão.

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

14h – Competitiva Nacional VI

Número Zero, de Cláudia Nunes. GO, 22', p&b, digital, 2010.

Raz, de André Lavaquial. RJ, 19', cor, 35mm, 2010.

Trampolim Do Forte, de João Rodrigo Mattos. BA, 90', cor, digital, 2010.

16h30 – Competitiva Nacional IV

Cellphone, de Daniel Lisboa. BA, 15', cor, digital, 2011.

Adormecidos, de Clarissa Campolina. MG, 6', cor, digital, 2011.

Avenida Brasília Formosa, de Gabriel Mascaro. PE, 84', cor, digital, 2010.

18h30 – Competitiva Baiana II

Tragédia do Tamanduá, de George Neri. BA, 15', cor, digital, 2010.

Pérola do Semiárido, Igor Souto. BA, 26', cor, digital, 2011.

Os Martinez, Violeta Martines. BA, 11', cor, digital, 2010.

Corte Seco, Matheus Vianna. BA, 14', cor, digital, 2011.

Curandeiros do Jarê, Marcelo Abreu Góis. BA, 26', cor, digital, 2010.

Conversa com os diretores após a sessão.

20h45 - Mostra Coisa Linda de Cinema - Sessão Brilho

Homem Ave, de Rafael Saar. RJ, 7', p&b, digital, 2010.

Doce e Salgado, de Chico Lacerda. PE, 7', cor, digital, 2007.

Lua Verde, de Simon Paetau e Thais Guisasola. SP, 20', cor, digital, 2011.

Rasga Minha Roupas, de Luffe Steffen. SP, 8', p&b, digital, 2002.

A Mona do Lotação, de Daniel Ribeiro e Eduardo Mattos. SP, 6', cor, digital, 2006.

Tá, de Felipe Sholl, RJ, 5', cor, digital, 2007.

## **SALA WALTER DA SILVEIRA**

14h Panorama Brasil

Luzeiro Volante, de Tavinho Teixeira. PB, 67', cor, digital, 2011.

15h20 Homenagem à Geraldo Sarno

Coronel Delmiro Gouveia, de Geraldo Sarno. RJ, 90', cor, digital, 1978.

## **QUARTA-FEIRA (24/08)**

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

18h - Competitiva Nacional VIII

Praça Walt Disney, de Renata Pinheiro e Sergio Oliveira. PE, 21', cor, 35mm, 2010.

A Dama Do Peixoto, de Douglas Soares e Allan Ribeiro. RJ, 11', cor, 35mm, 2011.

Vigias, de Marcelo Lordello. PE, 70', cor, 35mm, 2010.

Conversa com os diretores após a sessão.

20h30 – Première Brasil

Jardim Das Folhas Sagradas, de Pola Ribeiro. BA, 97', cor, 35mm, 2010.

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

14h – Competitiva Nacional VII

Lindeiras, de Bruno Saphira. BA, 21', cor, 35mm, 2011.

Náufragos, de Gabriela Amaral Almeida e Matheus Rocha. SP, 15', cor, 35mm, 2010.

Transeunte, de Eryk Rocha. RJ, 125', p&b, 35mm, 2011.

17h – Mostra João Pedro Rodrigues

Odete, de João Pedro Rodrigues. Portugal, 101', cor, 35mm, 2005.

19h – Première Brasil

Além da estrada, de Charly Braun. RJ, 85', cor, 35mm, 2011.  
Conversa com o diretor após a sessão.

21h10 – Mostra Coisa Linda de Cinema – Sessão Brilho  
Homem Ave, de Rafael Saar. RJ, 7', p&b, digital, 2010.  
Doce e Salgado, de Chico Lacerda. PE, 7', cor, digital, 2007.  
Lua Verde, de Simon Paetau. SP, 20', cor, digital, 2011.  
Rasga Minha Roupa, de Luffe Steffen. SP, 8', p&b, digital, 2002.  
A Mona do Lotação, de Daniel Ribeiro e Eduardo Mattos. SP, 6', cor, digital, 2006.  
Tá, de Felipe Sholl. RJ, 5', cor, digital, 2007.

### **QUINTA-FEIRA (25/08)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

18h – Sessão Cineclube  
Após a reconciliação (Après la réconciliation), de Anne-Marie Mieville. França e Suíça. 74', cor, digital, 2001.

19h30 – Première Brasil  
Contagem, de Gabriel Martins e Maurílio Martins. MG, 18', cor, 35mm, 2010.  
Riscado, de Gustavo Pizzi. RJ, 85', cor, digital, 2010.  
Conversa com os diretores após a sessão.

21h45 – Premiação.

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

13h - Competitiva Nacional VIII  
Praça Walt Disney, de Renata Pinheiro e Sergio Oliveira. PE, 21', cor, 35mm, 2010.  
A Dama Do Peixoto, de Douglas Soares e Allan Ribeiro. RJ, 11', cor, 35mm, 2011.  
Vigias, de Marcelo Lordello. PE, 70', cor, 35mm, 2010.

15h - Homenagem à Geraldo Sarno  
Viramundo, de Geraldo Sarno. SP, 40', p&b, 35mm, 1964/6.  
O Último Romance de Balzac, de Geraldo Sarno. RJ, 74', cor, digital, 2010.

17h10 – Panorama Internacional  
Verão de Golias (Verano de Goliah), de Nicolás Pereda. México, Canadá, Holanda, 76', cor, digital, 2010.

18h40 - Panorama Internacional  
Caminho Para o Nada (Road To Nowhere), de Monte Hellman. EUA, 121', cor, digital, 2010.

21h10 - Mostra Coisa Linda de Cinema - Sessão Marcha  
O Amor do Palhaço, de Armando Praça, CE, 15', cor, 35mm, 2005.  
Sexo e Claustro, de Cláudia Priscila. SP, 13', cor, digital, 2005.  
Os Sapatos de Aristeu, de René Guerra. SP, 17', cor, 35mm, 2008.  
Eu Não Quero Voltar Sozinho, de Daniel Ribeiro. SP, 17', cor, 35mm, 2010.

## ENCONTROS E DEBATES

Como todo ano, o resultado desses encontros e debates se transformarão em um livro a ser publicado e distribuído para escolas, cineclubes e pontos de cultura por todo o Brasil.

O cinema de João Pedro Rodrigues

Dia 19/08, sexta-feira, 11h, Sala 3 do Espaço Unibanco de Cinema - Glauber Rocha.

Conversa com o cineasta português João Pedro Rodrigues, convidado do VII Panorama Internacional Coisa de Cinema, que exhibe os três longas do diretor: O Fantasma, Odete e Morrer como um Homem, filmes que partem do real para atingir o fantástico, numa busca por colocar o corpo e o desejo no cinema.

Mediação: Cláudio Marques.

A trajetória de Sara Silveira

Dia 20/08, sábado, 11h, Sala 3 do Espaço Unibanco de Cinema - Glauber Rocha.

Bate papo com Sara Silveira, uma das mais atuantes produtoras brasileiras. Fundadora, em parceria com Carlos Reichenbach, da Dezenove Som e Imagens, Sara investe num cinema autoral e independente. Produziu, entre outros, Cinema Aspirinas e Urubus, de Marcelo Gomes, Durval Discos e É Proibido Fumar, de Anna Muylaert e, recentemente, Trabalhar Cansa, o primeiro longa de Juliana Rojas e Marco Dutra.

Mediação: Cláudio Marques

Quando a relação diretor x personagem vira filme

Dia 21/08, domingo, 10h, Sala 3 do Espaço Unibanco de Cinema - Glauber Rocha.

O documentário contemporâneo vem incorporando as negociações, desejos e intenções entre diretor e personagens aos filmes.

Convidados: Fellipe Gamarano (Diretor de Laura) e Michael Wahrmann (diretor de Oma).

Mediação: Mohamed Bamba, professor de cinema da UFBA.

O cinema de gênero no Brasil

Dia 21/08, domingo, 11h, Sala 3 do Espaço Unibanco de Cinema - Glauber Rocha.

Novas produções apontam um caminho até então pouco explorado no cinema brasileiro. Trata-se de filmes que desafiam as convenções do realismo e flertam com o suspense, o terror e o sobrenatural.

Convidados: Marco Dutra (diretor de Trabalhar Cansa) e Gabriela Amaral (diretora de Naufragos e Uma Primavera).

Mediação: Marília Hughes

O Coletivo no Cinema

Dia 22/08, segunda-feira, 11h, Sala 3 do Espaço Unibanco de Cinema - Glauber Rocha.

Mesa de debate com realizadores, de diferentes estados, que viabilizam suas produções através dos coletivos de cinema.

Convidados: Clarissa Campolina (Teia, MG), Sérgio Borges (Teia, MG), João Rodrigo (Docdoma Filmes, BA), Leonardo Lacca (Trincheira, PE) e Luiz Pretti (Alumbramento, CE).

Mediação: João Carlos Sampaio, jornalista e crítico de cinema.

Cinema de Ator

Dia 23/08, terça-feira, 11h, Sala 3 do Espaço Unibanco de Cinema - Glauber Rocha.

Bate-papo com o ator pernambucano Irandhir Santos, que destaca-se em inúmeros filmes brasileiros, entre eles Tropa de Elite 2 e Cinema, Aspirinas e Urubus. Recentemente, Irandhir



ganhou o prêmio de melhor ator no Festival de Cinema de Paulínia, 2011, com Febre do Rato, de Cláudio Assis.

Mediação: Cláudio Marques.

O lugar da Política no Cinema

Dia 24/03, quarta-feira, 11h, Sala 3 do Espaço Unibanco de Cinema Glauber Rocha.

Uma conversa sobre política e cinema, com Geraldo Sarno e Eryk Rocha.

Mediação: Cláudio Marques.

### **FOYER DO ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA**

Dias 18, 19 e 24/08, Parafhernalia Social Club – Música sem fronteiras, às 22h30, no foyer do Espaço Unibanco de Cinema – Glauber Rocha.

Dia 21/08, Grupo Botequim, às 22h10, no foyer do Espaço Unibanco de Cinema – Glauber Rocha.

### **FESTA DE ENCERRAMENTO DO PANORAMA**

Dia 25/08, Carlos Under Gomes – QUINTA TRASH. Festa de encerramento do VII Panorama Internacional Coisa de Cinema, a partir das 22h30.

Endereço: Rua Carlos Gomes, Ed. Bariloche, no. 133, Centro.

#### **OFICINA 1:**

Direção de Documentários, com Geraldo Sarno

#### **OFICINA 2:**

Fruição de Cinema e Crítica, com João Carlos Sampaio

#### **OFICINA 3:**

Cinema Corsário, com Adolfo Gomes

## **PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA – 6ª EDIÇÃO**

**Ano 06: 27 de maio a 03 de junho de 2010**

**ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA GLAUBER ROCHA**

**Endereço: Praça Castro Alves s/n – Centro**

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

**Endereço: Rua General Labatut, 27, Barris (Prédio da Biblioteca Pública Estadual)  
Salvador - Bahia**

### **QUINTA-FEIRA (27/05)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

20hs - Sessão de Abertura

Longa: Corumbiara, de Vincent Carelli. Documentário, Digital, 117min, 2009. Filme vencedor de Gramado/ 2009.

Conversa com o diretor após a sessão.

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

20hs30 - Sessão de Abertura

Longa: Trem de Sombras (Tren de Sombras), de José Luis Guerín. Experimental, 35mm, 88min, Espanha, 1997.

Conversa com o diretor após a sessão.

### **SEXTA-FEIRA (28/05)**

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

13hs30 - Homenagem 100 Anos de Akira Kurosawa

Madadayo, de Akira Kurosawa. Ficção, 35mm, 134min, Japão, 1993.

16hs - Panorama Bahia I

A Eternidade, de Leon Sampaio. Ficção, Digital, 17min, 2009.

O Fim do Mundo, de Davi Ramos. Ficção, Digital, 5min, 2009.

Três Palavras, de Gabriela Leite. Ficção, Digital, 17min, 2010.

Politic, de Alexandre Guena. Experimental, Digital, 3min, 2009.

Álbum de Família, de Wallace Nogueira. Documentário, Digital, 52min, 2009.

Conversa com os diretores após a sessão.

18hs30 - Homenagem Orlando Senna

Iracema, de Orlando Senna e Jorge Bodanzky. Ficção, 35mm, 90min, Brasil, 1974. Filme preservado e cedido pela Cinemateca Brasileira.

Sessão Especial de Homenagem a Orlando Senna com a entrega do troféu Igluscope.

20hs45 - Competitiva Nacional I

Curta: Zigurate, de Carlos Eduardo Nogueira. Ficção, 35mm, 19min, SP, 2009.

Curta: Recife Frio, de Kleber Mendonça Filho. Ficção, 35mm, 24min, PE, 2009.

Longa: Um Lugar ao Sol, de Gabriel Mascaro. Documentário, Digital, 71min, PE, 2009.

Conversa com os diretores após a sessão.

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

14hs00 - Debate

Debate: Política para o audiovisual: balanço e perspectivas.

Convidados: Silvio Da-Rin (ex-secretário do audiovisual/MINC), Márcio Meirelles (secretário de cultura/BAHIA), Orlando Senna (cineasta) e Pola Ribeiro (diretor IRDEB).

Mediador: Cláudio Marques (crítico e cineasta)

16hs00 – Filmes Restaurados do Cinema Brasileiro

O Homem que Virou Suco, de João Batista de Andrade. Ficção, 35mm, 90min, SP, 1979.

17hs45 - Panorama Internacional

Em Construção (En Construcción), de José Luis Guerín. Documentário, Digital, 125min, Espanha, 2001.

Conversa com o diretor após a sessão.

20hs40 - Panorama Internacional

O Inferno de Henri-Georges Clouzot (L'Enfer d'Henri-Georges Clouzot), de Serge Bromberg e Ruxandra Medrea. Documentário, Digital, 94min, França, 2009.

### **SALA WALTER DA SILVEIRA**

15hs - Homenagem 100 Anos de Akira Kurosawa

Juventude sem arrependimentos, de Akira Kurosawa. Ficção, 16mm, 110min, Japão, 1946.

17hs - Homenagem Orlando Senna

Gitirana, de Orlando Senna e Jorge Bodanzky. Ficção, Digital, 90 min, Brasil/RJ, 1976.

19hs - Panorama Internacional

Khamsa, de Karim Dridi. Ficção, 35mm, 95min, França, 2008. O filme foi recém legendado em português e será apresentado em cópia nova.

### **SÁBADO (29/05)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

13hs30 - Competitiva Nacional I

Curta: Zigarette, de Carlos Eduardo Nogueira. Ficção, 35mm, 19min, SP, 2009.

Curta: Recife Frio, de Kleber Mendonça Filho. Ficção, 35mm, 24min, PE, 2009.

Longa: Um Lugar ao Sol, de Gabriel Mascaro. Documentário, Digital, 71min, PE, 2009.

15hs40 – Homenagem Eric Rohmer

O Joelho de Claire (Le Genou de Claire), de Eric Rohmer. Ficção, 35mm, 105min, França, 1970.

17hs40 - Panorama Internacional

Brilho de uma paixão (Bright Star), de Jane Campion. Ficção, Digital, 119min, Austrália/França/Reino Unido, 2009.

19hs55 - Competitiva Nacional II

Curta: A Casa dos Mortos, de Débora Diniz. Documentário, Digital, 24min, DF, 2009.

Curta: O Sarcófago, de Daniel Lisboa. Documentário, 35mm, 20min, BA, 2010.

Longa: Pau Brasil, de Fernando Bérens. Ficção, 35mm, 98min, BA, 2009.

Conversa com os diretores após a sessão.

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

14hs30 - Debate

Tema: Cinema e Cidade.

Convidados: Kleber Mendonça Filho (crítico e cineasta), Gabriel Mascaro (cineasta), Daniel Lisboa (cineasta).

Mediadora: Silvana Olivieri (pesquisadora).

16hs00 - Panorama Brasil

A Alma do Osso, de Cao Guimarães. Documentário, Digital 74min, MG, 2004/2010.

Conversa com o diretor após a sessão.

18hs00 - Panorama Internacional

Na Cidade de Sylvia (En la Ciudad de Sylvia), de José Luís Guerín. Ficção, Digital, 90min, Espanha, 2007.

Conversa com o diretor após a sessão.

20hs15 - Homenagem Orlando Senna

Gitirana, de Orlando Senna e Jorge Bodanzky. Ficção, Digital, 90min, RJ, 1976.

### **SALA WALTER DA SILVEIRA**

15hs - Homenagem 100 Anos de Akira Kurosawa

A Luta Solitária, de Akira Kurosawa. Ficção, 16mm, 95min, Japão, 1949.

17hs - Panorama Bahia I

A Eternidade, de Leon Sampaio. Ficção, Digital, 17min, 2009.

O Fim do Mundo, de Davi Ramos. Ficção, Digital, 5min, 2009.

Três Palavras, de Gabriela Leite. Ficção, Digital, 17min, 2010.

Politic, de Alexandre Guena. Experimental, Digital, 3min, 2009.

Álbum de Família, de Wallace Nogueira. Documentário, Digital, 52min, 2009.

19hs00 - Panorama Internacional

Khamsa, de Karim Dridi. Ficção, 35mm, 95min, França, 2008.

### **DOMINGO (30/05)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

14hs00 - Homenagem Orlando Senna

Diamante Bruto, de Orlando Senna. Ficção, 35mm, Cor, 103min, RJ, 1977.

16hs00 - Filmes Restaurados do Cinema Brasileiro

A Hora da Estrela, de Suzana Amaral. Ficção, 35mm, 96min, SP, 1985.

17hs50 - Panorama Brasil

Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo, de Marcelo Gomes e Karin Ainoz. Ficção, Digital, 75min, Brasil, 2009.

Conversa com o diretor Marcelo Gomes e o ator Irandhir Santos após a sessão.

19hs50 - Competitiva Nacional III

Curta: Flash Happy Society, de Guto Parente. Experimental, Digital, 8min, CE, 2009.

Curta: Silent Star, de Alexandre Guena. Experimental, Digital, 13min, BA, 2009.

Curta: Fantasmas, de André Novais. Ficção, Digital, 11min, MG, 2009.

Longa: A Fuga, a Raiva, a Bunda, a Boca, a Calma, a Vida da Mulher Gorila, de Felipe Bragança e Marina Meliande. Ficção, Digital, 82min, RJ, 2009.

Conversa com os diretores após a sessão.

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

14hs00 - Debate

Tema: A relação diretor-ator na criação cinematográfica.

Convidados: Cao Guimarães (cineasta), Marcelo Gomes (cineasta), João Miguel (ator), Irandhir Santos (ator) e Luís Carlos Vasconcellos (ator).

Mediador: Cláudio Marques (crítico e cineasta)

16hs10 - Competitiva Nacional IV

Curta: Perto de Casa, de Sérgio Borges. Documentário, Digital, 9min, MG, 2009.

Curta: Ensaio de Cinema, de Allan Ribeiro. Ficção, 35mm, 15min, RJ, 2009.

Longa: O Sol do Meio Dia, de Eliane Caffé. Ficção, 35mm, 106min, SP, 2009.

Conversa com os diretores após a sessão e com o ator Luis Carlos Vasconcelos.

19hs00 - Panorama Internacional

Tom Zé - Astronauta Libertado (Tom Zé – Astronauta Libertado), de Igor Iglesias Gonzáles.

Documentário, Digital, 90 min, Espanha, 2009.

20hs45 - Homenagem Eric Rohmer

O Signo do Leão (Le Signe Du Lion), de Eric Rohmer. Ficção, 35mm, 103min, França, 1959.

## **SALA WALTER DA SILVEIRA**

15hs - Homenagem 100 Anos de Akira Kurosawa

Dora-heita, de Kon Ichikawa (Roteiro de Akira Kurosawa). Ficção, 16mm, 111min, Japão, 2000.

17hs – Homenagem 100 Anos de Akira Kurosawa

Juventude sem arrependimentos, de Akira Kurosawa. Ficção, 16mm, 110min, Japão, 1946.

19hs - Panorama Internacional

Khamsa, de Karim Dridi. Ficção, 35mm, 95min, França, 2008.

## **SEGUNDA-FEIRA (31/05)**

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

14hs00 – Competitiva Nacional III

Curta: Flash Happy Society, de Guto Parente. Experimental, Digital, 8min, CE, 2009.

Curta: Silent Star, de Alexandre Guena. Experimental, Digital, 13min, BA, 2009.

Curta: Fantasmas, de André Novais. Ficção, Digital, 11min, MG, 2009.

Longa: A Fuga, a Raiva, a Bunda, a Boca, a Calma, a Vida da Mulher Gorila, de Felipe Bragança e Marina Meliande. Ficção, Digital, Cor, 82min, RJ, 2009.

16hs10 – Panorama Brasil

Negros, de Mônica Simões. Documentário, Digital, 52min, BA, 2009.

Conversa com a diretora após a sessão.

17hs50 – Competitiva Nacional V

Curta: Supermemórias, de Danilo Carvalho. Documentário, 35mm, 20min, CE, 2010.

Curta: Avós, de Michael Wahrman. Ficção, Digital, 12min, SP, 2009.

Curta: Querida Mãe, de Patrícia Cornils. Documentário, Digital, 25min, SP, 2009.

Longa: Pacific, de Marcelo Pedroso, Documentário, Digital, 71min, PE, 2009.

Conversa com os diretores após a sessão.

20hs45 - Panorama Internacional  
 Godard, Truffaut e a Nouvelle Vague (Les Deux de La Vague), de Emmanuel Laurent.  
 Documentário, Digital, 91min, França, 2009. Seleção de Cannes, 2009  
 Conversa com o diretor após a sessão.

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

14hs30 - Competitiva Nacional II  
 Curta: A Casa dos Mortos, de Débora Diniz. Documentário, Digital, 24min, DF, 2009.  
 Curta: O Sarcófago, de Daniel Lisboa. Documentário, 35mm, 20min, BA, 2010.  
 Longa: Pau Brasil, de Fernando Bélen. Ficção, 35mm, 98min, BA, 2009.

17hs10 - Filmes Restaurados do Cinema Brasileiro  
 Macunaíma, de Joaquim Pedro de Andrade. Ficção, 35mm, 108min, RJ, 1969.

19hs15 – Panorama Internacional  
 Outros Pampas (Otras Pampas), de Diego Haase. Documentário, Digital, 70min, Argentina, 2010.  
 Conversa com o diretor após a sessão.

21hs10 - Homenagem Eric Rohmer  
 A Carreira de Suzane (Le Carriere de Suzane), de Eric Rohmer. Ficção, 35mm, 54min, França, 1963.

### **SALA WALTER DA SILVEIRA**

15hs - Homenagem Orlando Senna  
 Diamante Bruto, de Orlando Senna. Ficção, 35mm, 103 min, RJ, 1977.

17hs – Homenagem 100 Anos de Akira Kurosawa  
 A Luta Solitária, de Akira Kurosawa. Ficção, 16mm, 95min, Japão, 1949.

19hs - Panorama Internacional  
 Khamsa, de Karim Dridi. Ficção, 35mm, 95min, França, 2008

### **TERÇA-FEIRA (01/06)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

13hs30 – Competitiva Nacional V  
 Curta: Supermemórias, de Danilo Carvalho. Documentário, 35mm, 20 min, CE, 2010.  
 Curta: Avós, de Michael Wahrman. Ficção, Digital, 12 min, SP, 2009.  
 Curta: Querida Mãe, de Patrícia Cornils. Documentário, Digital, 25min, SP, 2009.  
 Longa: Pacific, de Marcelo Pedroso. Documentário, Digital, 71 min, PE, 2009.

15hs55 – Homenagem Orlando Senna  
 Iracema, de Orlando Senna e Jorge Bodanzky. Ficção, 35mm, 90min, Brasil, 1974. Filme preservado e cedido pela Cinemateca Brasileira.

17hs45 - Filmes Restaurados do Cinema Brasileiro  
 Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha. Ficção, Digital, 115min, Brasil, 1964.

20hs30 – Competitiva Nacional VI

Curta: Faço de Mim o Que Quero, de Sérgio Oliveira e Petrônio Lorena. Documentário, 35mm, 20min, PE, 2010.

Curta: Bailão, de Marcelo Caetano. Documentário, 35mm, 17min, SP, 2009.

Longa: Filhos de João, de Henrique Dantas. Documentário, 35mm, 75min, BA, 2009.

Conversa com os diretores após a sessão.

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

14hs – Debate

Tema: Diferentes estratégias de realizar documentários: o relato em primeira pessoa e a construção da narrativa a partir de imagens feitas por outros.

Convidados: Wallace Nogueira (cineasta), Marcelo Pedroso (cineasta) e Patrícia Cornils (cineasta).

Mediador: Mahomed Bamba (Pesquisador e Professor da UFBA)

15hs30 - Competitiva Nacional IV

Curta: Perto de Casa, de Sérgio Borges. Documentário, Digital, 9min, MG, 2009.

Curta: Ensaio de Cinema, de Allan Ribeiro. Ficção, 35mm, 15min, RJ, 2009.

Longa: O Sol do Meio Dia, de Eliane Caffé. Ficção, 35mm, 106min, SP, 2009.

18hs – Sessão Comemorativa 100 anos de Cinema da Bahia

Redenção, de Roberto Pires. Ficção, 35mm, 54min, BA, 1959.

19hs – Debate

Tema: 100 anos de Cinema da Bahia

Convidados: Pola Ribeiro (Diretor IRDEB), Sophia Federico (Diretora DIMAS), Laura Bezerra (professora da UFBA e pesquisadora).

Mediador: Cláudio Marques (crítico e cineasta)

20hs30 – Competitiva Nacional VI

Curta: Faço de Mim o Que Quero, de Sérgio Oliveira e Petrônio Lorena. Documentário, 35mm, 20min, PE, 2010.

Curta: Bailão, de Marcelo Caetano. Documentário, 35mm, 17min, SP, 2009.

Longa: Filhos de João, de Henrique Dantas. Documentário, 35mm, 75min, BA, 2009.

### **SALA WALTER DA SILVEIRA**

15hs - Homenagem Orlando Senna

Brilhante, de Conceição Senna. Documentário, 35mm, 75min, 2005.

17hs – Homenagem 100 anos de Akira Kurosawa

Dora-heita, de Kon Ichikawa (Roteiro de Akira Kurosawa). Ficção, 16mm, 111min, Japão, 2000.

19hs - Panorama Internacional

Khamsa, de Karim Dridi. Ficção, 35mm, 95min, França, 2008.

### **QUARTA-FEIRA (02/06)**

**ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

13hs30 – Filmes Restaurados do Cinema Brasileiro

Macunaíma, de Joaquim Pedro de Andrade. Ficção, 35mm, 108 min, RJ, 1969.

15hs35 - Panorama Bahia II

Rodando a Moenda, de Sara Oliveira e Liliane Sena. Documentário, Digital, 7min, 2009.

Apreço, de Gabriel Trajano. Ficção, Digital, 18min, 2009.

Doido Lelé, de Ceci Alves. Ficção, 35mm, 17min, 2009.

Profissão Palhaço, de Paula Gomes. Documentário, Digital, 65min, 2009.

Conversa com os diretores após a sessão.

18hs10 – Competitiva Nacional VII

Curta: Handebol, de Anita Rocha da Silveira, Ficção, 35mm, 19 min, RJ, 2010.

Curta: Dias de Greve, de Adirley Queirós. Ficção, 35mm, 25min, DF, 2009.

Longa: Terras, de Maya Da-Rin. Documentário, Digital, 75min, RJ, 2009.

Conversa com os diretores após a sessão.

20hs55 - Homenagem Eric Rohmer

O Signo do Leão (Le Signe Du Lion), de Eric Rohmer. Ficção, 35mm, 103min, França, 1959.

**ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

14hs30 – Homenagem Eric Rohmer

O Joelho de Claire (Le Genou de Claire), de Eric Rohmer. Ficção, 35mm, 105min, França, 1970.

16hs30 – Filmes Restaurados do Cinema Brasileiro

A Hora da Estrela, de Suzana Amaral. Ficção, 35mm, 96min, SP, 1985.

18hs30 – Panorama Bahia III

Encontro com o Mestre, de Marcelo Góis. Documentário, Digital, 5min, 2009.

Imagine in Bahia, de Caó Cruz. Ficção, Digital, 5min, 2009.

Escutando Tom Zé, de Jorge Alfredo. Documentário, Digital, 78min, 2010.

Conversa com os diretores após a sessão.

20hs40 - Panorama Brasil

Segredos da Tribo, de José Padilha. Documentário, Digital, 94min, Brasil, 2010.

**SALA WALTER DA SILVEIRA**

15hs – Homenagem Orlando Senna

Gitirana, de Orlando Senna e Jorge Bodanzky. Ficção, Digital, 90 min, RJ, 1976.

17hs – Homenagem Eric Rohmer

A Carreira de Suzane (Le Carriere de Suzane), de Eric Rohmer. Ficção, 35mm, 54min, França, 1963.

19hs - Panorama Internacional



Khamsa, de Karim Dridi. Ficção, 35mm, 95min, França, 2008.

### **QUINTA-FEIRA (03/06)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

13hs30 - Competitiva Nacional VII

Curta: Handebol, de Anita Rocha da Silveira, Ficção, 35mm, 19 min, RJ, 2010.

Curta: Dias de Greve, de Adirley Queirós. Ficção, 35mm, 25min, DF, 2009.

Longa: Terras, de Maya Da-Rin. Documentário, Digital, 75min, RJ, 2009.

15hs45 - Homenagem Orlando Senna

Brilhante, de Conceição Senna. Documentário, 35mm, 75min, 2005.

17hs15 - Homenagem Eric Rohmer

A Marquesa D'O (La Marquise D'O), de Eric Rohmer. Ficção, 35mm, França/Alemanha, 100 min, 1976.

19hs10 - Sessão Comemorativa 15 anos do Coisa de Cinema

Curta: Bike Ride, de Bernard Attal. Ficção, Digital, 13min, Brasil, 2009.

Longa: Terra Estrangeira, de Walter Salles. Ficção, 100min, Brasil, 1995.

Conversa com o diretor Bernard Attal após a sessão.

22hs00 – Premiação

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

15hs - Debate

Tema: Educação do olhar: o audiovisual na escola.

Convidados: Marcelo Matos (Coord. Pedagógico do Proj. Lanterninha), Israel Mendonça (professor e coordenador dos grupos Coesão e Gato de Botas) e Gisela Tapioca (psicóloga e educadora).

Mediador: Marília Hughes (cineasta)

16hs30 - Filmes Restaurados do Cinema Brasileiro

O Homem que Virou Suco, de João Batista de Andrade. Ficção, 35mm, PB, 90 min, SP, 1979.

18hs15 – Sessão Especial em parceria com o festival CINEFoot

Paixão Nacional, de Gabriela Leite e Marcio Nonato. Videodança, Digital, 8min, BA, 2010.

Mauro Shampoo: jogador, cabeleleiro e homem, de Leonardo Cunha Lima e Paulo Henrique Fontenelle. Documentário, Digital, 20min, PE, 2005.

Fora de Campo, de Adirley Queirós. Documentário, Digital, 52min, DF, 2009.

Conversa com os diretores após a sessão.

20hs30 - Homenagem 100 Anos Akira Kurosawa

Madadayo, de Akira Kurosawa. Ficção, 35mm, 134 min, Japão, 1993.

#### **SALA WALTER DA SILVEIRA**

15hs – Panorama Bahia II

Rodando a Moenda, de Sara Oliveira e Liliane Sena. Documentário, Digital, 7min, 2009.

Apreço, de Gabriel Trajano. Ficção, Digital, 18min, 2009.  
 Doido Lelé, de Ceci Alves. Ficção, 35mm, 17min, 2009.  
 Profissão Palhaço, de Paula Gomes. Documentário, Digital, 65min, 2009.  
 17hs - Panorama Bahia III  
 Encontro com o Mestre, de Marcelo Góis. Documentário, Digital, 5min, 2009.  
 Imagine in Bahia, de Caó Cruz. Ficção, Digital, 5min, 2009.  
 Escutando Tom Zé, de Jorge Alfredo. Documentário, Digital, 78min, 2010.

19hs - Panorama Internacional  
 Khamsa, de Karim Dridi. Ficção, 35mm, 95min, França, 2008.

## **CINEMA EM FOCO**

O olhar do outro e o cinema de Vincent Carelli  
 Bate papo com Vincent Carelli, diretor do longa Corumbiara, melhor filme do Festival de Gramado de 2009, idealizador e coordenador do projeto Vídeo nas Aldeias.  
 Mediação: Francisco Serafim, professor e pesquisador da UFBA.

Dia 28/05, sexta-feira, 11hs, Sala 1 do Espaço Unibanco de Cinema Glauber Rocha.  
 Ficção e documentário: a trajetória de Orlando Senna.  
 Bate papo com Orlando Senna, diretor e roteirista de filmes marcantes da cinematografia nacional, entre eles Iracema – Uma Transa Amazônica e Gitirana, ambos selecionados para o festival de Cannes.

Dia 29/05, sábado, 11hs, Sala 1 do Espaço Unibanco de Cinema Glauber Rocha.

O tempo e a memória no cinema de José Luís Guerín  
 Bate papo com José Luís Guerín, professor e cineasta espanhol, autor de Na Cidade de Sylvia (Seleção Oficial do Festival de Veneza/ 2007), Em Construção (Prêmio Goya Melhor Documentário/ 2002, Prêmio Especial do Júri San Sebastian/ 2002) e Trem de Sombras (Melho Filme Fanstasporto/ 1997).  
 Dia 30/05, domingo, 11hs, Sala 1 do Espaço Unibanco de Cinema Glauber Rocha.

## **ESCADARIA DA IGREJA DO PAÇO**

Exibição do filme O Pagador de Promessas na Escadaria do Paço, onde foram filmadas as principais seqüências do longa. Desde então, a igreja passou a ser conhecida como “Igreja do Pagador de Promessas”.

O Pagador de Promessas, de Anselmo Duarte. Ficção, 35mm, 95min, Brasil, 1962. Palma de ouro no Festival de Cannes (1962). Filme preservado e cedido pela Cinemateca Brasileira.

Dia 02/06, quarta-feira, 20hs00

Local: Escadaria da Igreja do Paço – Pelourinho

## **LANÇAMENTO DE LIVRO**

Lançamento da coleção de livros A Indústria Cinematográfica e Audiovisual Brasileira, composta por três volumes que reúnem artigos de pesquisadores, gestores e profissionais do mercado. São eles: Vol I. Cinema e Políticas de Estado, Vol. II Cinema e Economia e Vol. III Cinema e Mercado.

Dia: 31/05, segunda-feira, 18hs

Local: Galeria do Livro, no Espaço Unibanco de Cinema Glauber Rocha.

### **FOYER DO ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA**

De 27/05 a 03/06, a partir das 22:30hrs, lounge no foyer do Espaço Unibanco de Cinema Glauber Rocha.

#### **OFICINA 1:**

Fruição de Cinema e Crítica, com João Carlos Sampaio

#### **OFICINA 2:**

O Cinema de Cao Guimarães, com Cao Guimarães

## **PANORAMA INTERNACIONAL COISA DE CINEMA – 5ª EDIÇÃO**

**Ano 05: 19 a 26 de março de 2009**

**ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA GLAUBER ROCHA**

**Endereço: Praça Castro Alves s/n – Centro**

### **QUINTA-FEIRA (19/03)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

20hs30 - Curta: Blackout, de Daniel Rezende, Brasil, 10 min., 2008. Melhor Curta de Ficção segundo o Júri Oficial do Festival do Rio 2008. (Panorama Brasil)

Bela Noite para Voar, de Zelito Viana, com Mariana Ximenes, José de Abreu e Marcos Palmeira, Brasil, 87 min., 2005. (Panorama Brasil)

### **SEXTA-FEIRA (20/03)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

14hs - 3 Macacos (Üç maymun/Three Monkeys), de Nuri Bilge Ceylan, Turquia, França, Itália, 109 min., 2008. Prêmio de Melhor Direção em Cannes/2008 (Panorama Internacional)

16hs - Táxi para a Escuridão (Taxi to the Dark Side), de Alex Gibney, EUA, 106 min., 2007. Melhor Documentário no Oscar 2008. (Panorama Internacional)

19hs - Curta: Necessidade, de Igor Souto, Bahia, 8 min, 2008. (Panorama Brasil)

Curta: Clemência, de Rita de Cássia, Bahia, 20 min, 2008. (Panorama Brasil)

Superoutro, de Edgard Navarro, Bahia, 48 min., 1989. Melhor Média-Metragem, Prêmio Especial do Júri e Melhor Diretor do Festival de Gramado 1989. (Homenagem)

21hs - Curta: Corpo Presente Beatriz, de Marcelo Toledo e Paolo Gregori, São Paulo, 20 min., 2008. Menção honrosa no 18o Festival Internacional de Curtas Metragens do Rio de Janeiro. (Mostra Competitiva)

O Grão, de Petrus Cariry, Ceará, 88 minutos, 2007. Melhor filme no 3.º Festival de Cinema do Paraná. (Mostra Competitiva)

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

18Hs30 - Alexandra (Aleksandra), de Alexander Sokurov, Rússia / França, Drama – Guerra, 95min, 2007. Indicado para Palma de Ouro no Festival de Cannes. (Panorama Internacional)

20Hs30 - Desonra (Bashing), de Masahiro Kobayashi, Japão, Drama, 82 min., 2005. Indicação de melhor diretor no Festival de Cannes 2005. (Panorama Internacional)

### **SÁBADO (21/03)**

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

14Hs - Violência em Família (Suburban mayhem), de Paul Goldman, Austrália, 95 minutos, 2006. Prêmio de Melhor atriz para Emily Barclay no Inside Film Awards e no Australian Film Institute. (Panorama Internacional)

16hs - Curta: Um certo esquecimento, de André Carvalheira, Distrito Federal, 17min, 2008. (Mostra Competitiva)

Simples Mortais, de Mauro Giuntini, Distrito Federal, 80 min, 2007. (Mostra Competitiva)

Conversa com o diretor, Mauro Giuntini, após a sessão

18hs - Curta: Ocidente, de Leonardo Sette, Pernambuco, 6 min, 2008. Melhor curta do Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro de 2008. (Mostra Competitiva)

Pan Cnema Permanente, de Carlos Nader, São Paulo, 83 min, 2007. Melhor documentário de longa-metragem do 13o Festival É Tudo Verdade. (Mostra Competitiva)

Conversa com o diretor Carlos Nader após a sessão

20Hs - Curta: Dagoberto vai ao Paraíso, de Raul Moreira, Bahia, 20 min, 2008. (Panorama Brasil)

Meteorango Kid, Héroi Intergalático, de André Luiz Oliveira, Bahia, 80 min., 1969. Prêmio de público no Festival de Brasília e Margarida de Prata da CNBB em 1969. (Homenagem)

Conversa com o diretor, André Luiz Oliveira, após a sessão

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

18Hs30 - Simplesmente Feliz (Happy-Go-Lucky), de Mike Leigh, Reino Unido, Comédia-Drama/ 118 min., 2008. (Panorama Internacional)

20Hs30 - Curta: Cães, de Adler Paz e Moacyr Gramacho, Bahia, Ficção, 16min, 2008. Prêmio de crítica, ator e fotografia no 41o. Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. (Mostra Competitiva)

Amigos de Risco, de Daniel Bandeira, Pernambuco, 35mm, 85 min., 2007. (Mostra Competitiva)

Conversa com o diretores, Daniel Bandeira, Adler Paz e Moacyr Gramacho após a sessão

### **DOMINGO (22/03)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

14Hs - Climas (Iklimler), de Nuri Bilge Ceylan, Turquia / França, 101 min., 2006. Prêmio da crítica em Cannes/2006. (Panorama Internacional)

16Hs - O Sol (Solntse), de Alexander Sokurov, Rússia, Drama, 115 min., 2005. Melhor filme no Festival Internacional Yerevan. (Panorama Internacional)

18Hs - Curta: Dez Elefantes, de Eva Randolph, Ficção, 35mm, 15 min., 2008. Vencedor do Leopardino de Ouro do Festival de Locarno, em 2008. (Mostra Competitiva)

Curta: Noite de Sexta, Manhã de Sábado, de Kleber Mendonça Filho Pernambuco, 15min, 2006. Prêmio do Público no Festival Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira e Prêmio da Crítica no Festival de Brasília/ 2006. (Mostra Competitiva)

Batatinha, Poeta do Samba, de Marcelo Rabelo, Bahia, Digital, 62 min., 2008. (Mostra Competitiva)

Conversa com o diretor, Marcelo Rabelo, após a sessão

20Hs - Curta: Décimo Segundo, de Leonardo Lacca, Pernambuco, 20 min., 2007. Melhor direção no 40º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. (Mostra Competitiva)

Se Nada Mais der Certo, de José Eduardo Belmonte, Distrito Federal, Ficção, 120 min., 2008. Melhor Filme Festival do Rio/2008 (Mostra Competitiva)

Conversa com o diretor, José Eduardo Belmonte e o produtor, Ronaldo D'oxum, após a sessão.

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

18hs30 - Glória ao Cineasta (Kantoku · Banzai!), de Takeshi Kitano, Japão, Ação-Comédia, 104 min, 2007. (Panorama Internacional)

20Hs30 - Sympathy for the Devil, de Jean-Luc Godard, Reino Unido, Doc., 100', 1968. (Panorama Internacional)

**SEGUNA-FEIRA (23/03)****ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

14hs - Mataram Irmã Doroty (They killed Sister Dorothy), de Daniel Junge, EUA, Doc., 94 min., 2008 Prêmio do Público e Grande Prêmio do Júri no Festival South by Southwest 2008. (Panorama Internacional)

16hs - Táxi para a Escuridão (Taxi to the Dark Side), de Alex Gibney, EUA, Documentário, 106 min, 2007. Melhor Documentário Oscar 2008. (Panorama Internacional)

18hs - Curta: Ismar, de Gustavo Beck, Rio de Janeiro, Doc, 12 min, 2007. Prêmio ABD de Melhor Curta Digital no Festival 12ª Edição do Cine PE. (Mostra Competitiva)

Muro, de Tião, Pernambuco, 18 min, 2007. Vencedor do Prêmio 'Regard Neuf' (Novo Olhar), da Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes de 2008. (Mostra Competitiva)

Lampião, Sonhos de Bandido, de Damien Chemin e Nicodème de Renesse, Sergipe e Bélgica, Doc, 60 min, 2007. (Mostra Competitiva)

Conversa com o diretores, Damien Chemin e Tião, após a sessão

20hs30 - Curta: O Príncipe Encantado, de Sérgio Machado e Fátima Toledo, 16 min, 2007. (Panorama Brasil). Pré-estréia mundial!

Mistérios, de Beto Carminatti e Pedro Merege, Paraná, Ficção, 82 min, 2008. Melhor longa-metragem no Prêmio Estadual de Cinema e Vídeo do Paraná. (Panorama Brasil)

Conversa com o diretores Pedro Merege e Sérgio Machado após a sessão

**ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

18Hs30 - Alexandra (Aleksandra), de Alexander Sokurov, Rússia / França, Drama – Guerra, 95min, 2007. Indicado para Palma de Ouro no Festival de Cannes. (Panorama Internacional)

20Hs30 - Serras da Desordem, de Andrea Tonacci, Ficção, 35mm, 135 min., 2006. Prêmio de melhor filme e diretor do Festival de Gramado. (Mostra Andrea Tonacci)

**TERÇA-FEIRA (24/03)****ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

14Hs - Desonra (Bashing), de Masahiro Kobayashi, Japão, Drama, 82 min., 2005. Indicação de melhor diretor no Festival de Cannes 2005. (Panorama Internacional)

16Hs - Simplesmente Feliz (Happy-Go-Lucky), de Mike Leigh, Reino Unido, Comédia-Drama/ 118 min., 2008. Globo de Ouro de Melhor Atriz 2009. (Panorama Internacional)

18Hs30 - Curta: Artesão dos Sonhos, de Petrus Pires e Paulo Hermida, Bahia, Doc., 23 min., 2007. (Homenagem)

Redenção, de Roberto Pires, Policial, 56 min., 1959. (Homenagem)

20Hs - Curta: Pornográfico, de Paula Gomes e Haroldo Borges, Bahia, HDV, 17 min., 2007. Vencedor do Prêmio de Melhor Curta-Metragem no 2º Festival Internacional San Luís Cine. (Mostra Competitiva)

Trópico das Cabras, de Fernando Coimbra, São Paulo, 35mm, 23min., 2007. Melhor curta do 40º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. (Mostra Competitiva)

Todo Mundo Tem Problemas Sexuais, de Domingos Oliveira, Rio de Janeiro, Digital, 80 min., 2008 (Mostra Competitiva)

Conversa com as atrizes Priscilla Rozenbaum e Paloma Riani após a sessão

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

18Hs - Todos Contra Zucker (Alles auf Zucker!), de Dani Levy, 35mm, 93 min., 2004. (Panorama Internacional)

20hs15 - Violência em Família (Suburban mayhem), de Paul Goldman, Austrália, Drama – Comédia, 95 minutos, (Panorama Internacional)

### **QUARTA-FEIRA (25/03)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

13Hs30 - O Sol (Solntse), de Alexander Sokurov, Rússia, Drama, 115 min., 2005. Melhor filme no Festival Internacional Yerevan. (Panorama Internacional)

15Hs30 - Se Nada Mais der Certo, de Distrito Federal, ficção, 35mm, 120 min., 2008 Melhor Filme do Festival do Rio/2008. (Mostra Competitiva)

18Hs - A Erva do Rato, de Julio Bressane, Brasil, 35mm, 80 min., 2008. Exibido no 65º Festival de Veneza. (Panorama Brasil).  
Conversa com o produtor Marcello Maia

20Hs - Anabazys, de Joel Pizzini e Paloma Rocha, Documentário, 35 mm, 99 min., 2008. Prêmio Especial do Júri 40º Festival de Cinema de Brasília (Homenagem)  
Conversa com os diretores, Joel Pizzini e Paloma Rocha, após a sessão

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

18hs30 - 30 Quadros por Segundo (The Speed of Life), de Ed Radtke, Drama, 85 min., 2007. Queer Lion na Mostra de Veneza em 2007. (Panorama Internacional)

20hs30 - Glória ao Cineasta (Kantoku · Banzai!), de Takeshi Kitano, Japão, Ação-Comédia, 104 min, 2007. (Panorama Internacional)

### **QUINTA-FEIRA (26/03)**

#### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 2**

14Hs - A Erva do Rato, de Julio Bressane, Brasil, 35mm, 80 min., 2008. Exibido no 65º Festival de Veneza. (Panorama Brasil)

16Hs - Climas (Iklimler), de Nuri Bilge Ceylan, Turquia / França, 101 min., 2006. Prêmio da crítica em Cannes/2006. (Panorama Internacional)

18Hs - Curta: Convite para Jantar com o Camarada Stalin, de Ricardo Alves Júnior, Brasil-Argentina, 16mm – 35mm, 10min, 2007. (Mostra Competitiva)

Curta: Cocais, de Inês Cardoso, 35mm, 15 min., 2008. Prêmio Especial do Júri no 6o Curta Santos. (Mostra Competitiva)

Agostinho da Silva – Um Pensamento Vivo, de João Rodrigo Mattos, Portugal-Brasil, Digital, 80 min., 2006. (Panorama Brasil)

Conversa com o diretor, João Rodrigo Mattos, após a sessão

20Hs30 - Divulgação dos premiados do festival

Curta: Nº 27, de Marcelo Lordello, Drama, 35mm, 19 min., 2008. (Panorama Brasil)

Filmefobia, de Kiko Goifman, São Paulo, ficção, 35mm, 80min, 2008. Melhor Filme no Festival de Brasília. (Panorama Brasil)

### **ESPAÇO UNIBANCO DE CINEMA – SALA 3**

18hs30 - Desonra (Bashing), de Masahiro Kobayashi, Japão, Drama, 82 min., 2005. Indicação de melhor diretor no Festival de Cannes 2005. (Panorama Internacional)

20hs30 - 3 Macacos (Üç maymun/Three Monkeys), de Nuri Bilge Ceylan, Turquia, França, Itália, 109 min., 2008. Prêmio de Melhor Direção em Cannes/2008. (Panorama Internacional)